

A Mata Atlântica na Ilha de Santa Catarina

María Victoria Bisheimer
Cristina Santos
Victor Emmanuel Carlson



A Mata Atlântica na Ilha de Santa Catarina

2ª edição revisada

Texto

Cristina Santos
María Victoria Bisheimer

Fotografia

Victor Emmanuel Carlson



LAGOA
EDITORA

2013

Copyright © 2013: Todos os direitos reservados desta edição à Lagoa Editora Ltda. Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida ou gravada, por qualquer meio eletrônico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Editora e dos Autores.

Capa: Rio do Peri, Parque Municipal da Lagoa do Peri (Victor Emmanuel Carlson)

Textos: Cristina Santos e María Victoria Bisheimer

Edição, Fotografias e Projeto Gráfico: Victor Emmanuel Carlson

Revisão: José Renato de Faria e Patrícia Regina da Costa (Apresentação)

Apoio: Annye Cristiny Tessaro

Gráfica: Gráfica Copiart (Tubarão/SC)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B622m Bisheimer, María Victoria
A Mata Atlântica na ilha de Santa Catarina / María Victoria Bisheimer,
Cristina Santos, Victor Emmanuel Carlson. – 2.ed. – Florianópolis : Lagoa,
2013.
272p. : il. ; 22 cm.

Inclui bibliografia.
ISBN 978-85-8879-374-3

1. Plantas da Ilha de Santa Catarina. 2. Animais da Ilha de Santa
Catarina. 3. Mata Atlântica. I. Santos, Cristina. II. Carlson, Victor Emmanuel.
III. Título.

CDU 502.4(816.4)
CDD 574.5

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 10/1507)

Todos os direitos reservados:



LAGOA
EDITORA

Rua das Cerejeiras, 103
88040-510 Florianópolis/SC
Fones (48) 3025 4236 e 9960 2311
www.lagoaeditora.com.br
victor@lagoaeditora.com.br

Sumário

Apresentação.....	6
Espécie nativa e espécie exótica.....	10
Status de conservação.....	12
Manguezal.....	13
Dunas.....	16
Unidades de Conservação.....	17
Lagoas e banhados.....	33
Restinga.....	35
Florestas de Planícies Quaternárias.....	36
Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.....	37
lagarto, <i>Tupinambis merianae</i>	40
caninana, <i>Spilotes pullatus</i>	41
jararaca, <i>Bothrops jararaca</i>	42
cobra-coral, <i>Micrurus corallinus</i>	44
jacaré-de-papo-amarelo, <i>Caiman latirostris</i>	44
atobá, <i>Sula leucogaster</i>	47
biguá, <i>Phalacrocorax brasilianus</i>	65
fragata, <i>Fregata magnificens</i>	66
garça-moura, <i>Ardea cocoi</i>	68
garça-branca-pequena, <i>Egretta thula</i>	69
garça-branca-grande, <i>Ardea alba</i> , <i>Egretta alba</i>	70
socozinho, <i>Butorides striatus</i>	71
savacu, <i>Nycticorax nycticorax</i>	73
colhereiro, <i>Ajaia ajaja</i>	74
garça-azul, <i>Egretta caerulea</i>	75
gavião-tesoura, <i>Elanoides forficatus</i>	76
chimango, <i>Milvago chimango</i>	78
gavião-carrapateiro, <i>Milvago chimachima</i>	79
caracará, <i>Polyborus plancus</i>	80
aracuã, <i>Ortalis guttata</i>	97
jaçanã, <i>Jacana jacana</i>	98
talha-mar, <i>Rynchops niger</i>	99
maçarico-grande-de-perna-amarela, <i>Tringa melanoleuca</i>	100
pernilongo-de-costas-brancas, <i>Himantopus melanurus</i>	101
gaiivota, <i>Larus dominicanus</i>	102
trinta-réis-de-bico-vermelho, <i>Sterna hirundinacea</i>	103
trinta-réis-real, <i>Sterna maxima</i>	104

quero-quero, <i>Vanellus chilensis</i>	104
tiriba-da-testa-vermelha, <i>Pyrrhura frontalis</i>	105
coruja-buraqueira, <i>Speotyto cunicularia</i>	106
alma-de-gato, <i>Piaya cayana</i>	108
anu-preto, <i>Crotophaga ani</i>	109
anu-branco, <i>Guira guira</i>	109
martim-pescador-grande, <i>Ceryle torquata</i>	110
pica-pau-do-campo, <i>Colaptes campestris</i>	111
galinha-do-mato, <i>Formicarius colma ruficeps</i>	129
tesourinha, <i>Tyrannus savana</i>	130
joão-de-barro, <i>Furnarius rufus</i>	130
sabiá-poca, <i>Turdus amaurochalinus</i>	131
gralha-azul, <i>Cyanocorax caeruleus</i>	132
tangará-dançador, <i>Chiroxiphia caudata</i>	133
cambacica, <i>Coereba flaveola</i>	135
tico-tico, <i>Zonotrichia capensis</i>	135
bico-de-lacre, <i>Estrilda astrild</i>	136
sanhaço-cinzento, <i>Thraupis sayaca</i>	137
mariquita, <i>Parula pitiayumi</i>	138
tié-preto, <i>Tachyphonus coronatus</i>	139
saí-azul, <i>Dacnis cayana</i>	139
canário-da-terra, <i>Sicalis flaveola</i>	140
sagui, <i>Callithrix geoffroyi</i> , <i>Callithrix penicillata</i> e <i>Callithrix jacchus</i> ..	141
macaco-prego, <i>Cebus nigritus</i>	144
coati, <i>Nasua nasua</i>	162
lontra, <i>Lontra longicaudis</i>	163
jerivá, <i>Arecastrum romanzoffianum</i>	165
palmito, <i>Euterpe edulis</i>	166
Família Bromeliaceae.....	168
<i>Tillandsia</i>	168
<i>Aechmea</i>	169
<i>Vriesea</i>	169
cravo-do-mato, <i>Tillandsia stricta</i>	169
barba-de-velho, <i>Tillandsia usneides</i>	170
<i>Aechmea nudicaulis</i>	171
<i>Aechmea lindenii lindenii</i>	171
<i>Vriesea rodigasiana</i>	172
<i>Vriesea friburgensis</i>	172
Orchidaceae.....	172

<i>Epidendrum fulgens</i>	173
Laelia.....	174
Lélia, <i>Laelia purpurata</i>	174
<i>Vanilla</i> spp.....	175
bananeira-do-mato, <i>Heliconia velloziana</i>	176
embaúba, <i>Cecropia glaziovi</i>	193
flamboyant, <i>Delonix regia</i>	194
garapuvu, <i>Schizolobium parahyba</i>	195
ingá-feijão, <i>Inga marginata</i>	197
espinheiro, <i>Mimosa bimucronata</i>	198
pau-jacarê, <i>Piptadenia gonoacantha</i>	199
cedro, <i>Cedrela fissilis</i>	200
aroeira, <i>Schinus terebinthifolia</i>	201
paineira-rosa, <i>Chorisia speciosa</i>	202
vassoura-vermelha, <i>Dodonaea viscosa</i>	204
olandi, <i>Calophyllum brasiliense</i>	205
mangue-vermelho, <i>Rizophora mangle</i>	207
amendoeira, <i>Terminalia catappa</i>	208
mangue-branco, <i>Laguncularia racemosa</i>	225
araçá, <i>Psidium cattleianum</i>	226
pitangueira, <i>Eugenia uniflora</i>	227
jacatirão, <i>Miconia cinnamomifolia</i>	228
quaresmeira, <i>Tibouchina urvilleana</i>	229
capororoca, <i>Rapanea ferruginea</i>	230
lantana, <i>Lantana camara</i>	230
mangue-preto, <i>Avicennia schaueriana</i>	231
espatódia, <i>Spathodea campanulata</i>	232
ipê-amarelo, <i>Tabebuia chrysotricha</i>	232
jacarandá, <i>Jacaranda mimosifolia</i>	233
batateira-da-praia, <i>Ipomea pes-caprae</i>	234
bre-do-da-praia, <i>Scaevola plumiere</i>	235
Glossário.....	236
Índice de nomes científicos.....	240
Localização das fotografias na Ilha de Santa Catarina.....	256
Índice de nomes comuns em português.....	261
Bibliografia.....	266
Agradecimentos.....	271
Identificação das fotografias da contracapa.....	272

Apresentação

Descrever as ciências naturais para o grande público torna-se um desafio, já que elaborar um texto ideal que traduza o conhecimento científico para uma linguagem acessível e atraente não é tarefa tão fácil. Nosso objetivo é divulgar e aproximar as pessoas das informações sobre o mundo natural, principalmente as não especialistas. Assim, a simplificação dos termos científicos ajuda a aproximar o público geral com os temas abordados nesta obra.

Ao organizar este livro, fugimos da tradicional divisão em capítulos. Na primeira parte, apresentamos breves conceitos de espécie nativa e exótica. Essa explicação é importante, pois o enfoque deste trabalho diz respeito às espécies de fauna e flora endêmicas na Mata Atlântica, no entanto, a ampla utilização de algumas espécies de árvores no paisagismo e a presença de alguns animais trazidos para a Ilha fornecem a falsa informação de que são espécies nativas. Por isso, decidimos chamar a atenção para algumas espécies exóticas, muito comuns na Ilha de Santa Catarina, que são apresentadas na segunda parte do livro. Em contraposição, também, apresentamos breves conceitos sobre o status de conservação das espécies, seguindo parâmetros e critérios de instituições federais e internacionais de conservação.

Na sequência, mostramos a riqueza dos ambientes, característica marcante da Ilha, em que a Mata Atlântica se revela por meio de diferentes tipos de formações florestais - floresta pluvial da encosta atlântica, floresta das planícies quaternárias, restingas e manguezais. As lagoas, as dunas, as praias e os costões completam essa rica paisagem. No texto, em relação a cada ambiente, são descritos a composição da vegetação, as principais espécies de fauna encontradas, o tipo de solo, a situação de preservação atual e, são mostrados ainda, em que locais são encontrados na Ilha.

A segunda parte do livro está dividida em 91 textos nos quais são apresentadas 55 espécies de animais e 36 espécies de plantas, com destaque para as aves em função de sua maior diversidade na Ilha. Revelar e descrever algumas das espécies de animais e plantas representativas dos vários ambientes foi a principal motivação da organização deste livro. Nesse panorama, algumas poucas espécies selecionadas são de rara visualização, como é o caso da lontra, do jacaré-de-papo-amarelo ou da bela orquídea *Laelia purpurata*, flor que é símbolo da Ilha. Isso se deve à pequena população ou à atividade limitada nos períodos crepusculares. Aves como o quero-quero, o anu-branco e a coruja-buraqueira são observadas com frequência, pois pertencem a um grupo de espécies capaz de se adaptar e de manter seu potencial reprodutivo, mesmo diante das mudanças no ambiente causadas pelo homem. Cada espécie ganhou um pequeno quadro no qual são descri-

minados: a classe, a ordem, a família, o nome científico e os nomes comuns em português, espanhol e em inglês. O texto que descreve as diferentes espécies de animais está dividido em pequenos tópicos, iniciando-se com a descrição, as características e o comportamento do animal. Em seguida, intitulados com a fonte em negrito, apresentamos os demais tópicos: alimentação (tipo de dieta e estratégias de obtenção), reprodução (estratégias de cortejamento, formas de acasalamento, construção do ninho e cuidado com os filhotes), ambiente (onde pode ser encontrado), distribuição (localização no mundo, no Brasil e em Santa Catarina) e Ilha (onde o animal pode ser encontrado na Ilha de Santa Catarina). Dependendo da espécie, a ordem dos tópicos foi trocada para evidenciar, no início do texto, o aspecto mais interessante do animal. Em algumas espécies, destacamos também o tema conservação (descrição do status de conservação).

O mesmo padrão foi utilizado na formatação dos textos das plantas, também constituídos por pequenos tópicos intitulados em negrito: utilização (seu uso no paisagismo e indicação para reflorestamento), distribuição, ambiente e Ilha. Conforme a espécie, a ordem dos tópicos também foi trocada para evidenciar o aspecto mais importante da planta. Na terceira parte organizamos o glossário e a bibliografia e ordenamos dois tipos de índice: por nome científico e por nome comum em português.

No glossário destacamos os termos científicos pouco conhecidos do público em geral, seguidos de uma acessível explicação. Na bibliografia relacionamos todas as fontes consultadas na coleta de informações para a elaboração dos textos e na identificação das espécies retratadas, como livros, artigos científicos e sítios na internet.

A construção dos textos foi realizada a partir de levantamentos bibliográficos em diversas bibliotecas e do envio de material impresso por vários colaboradores. É importante ressaltar que algumas fontes bibliográficas consultadas tiveram papel essencial para a elaboração dos textos, especialmente aquelas produzidas por pesquisadores catarinenses ou por pesquisas realizadas no Estado. Obras científicas também foram importantes na coleta de informações, destacando-se as obras *Árvores Brasileiras*, de Lorenzi (1992, 1998); e *Ornitologia Brasileira*, de Sick (1997).

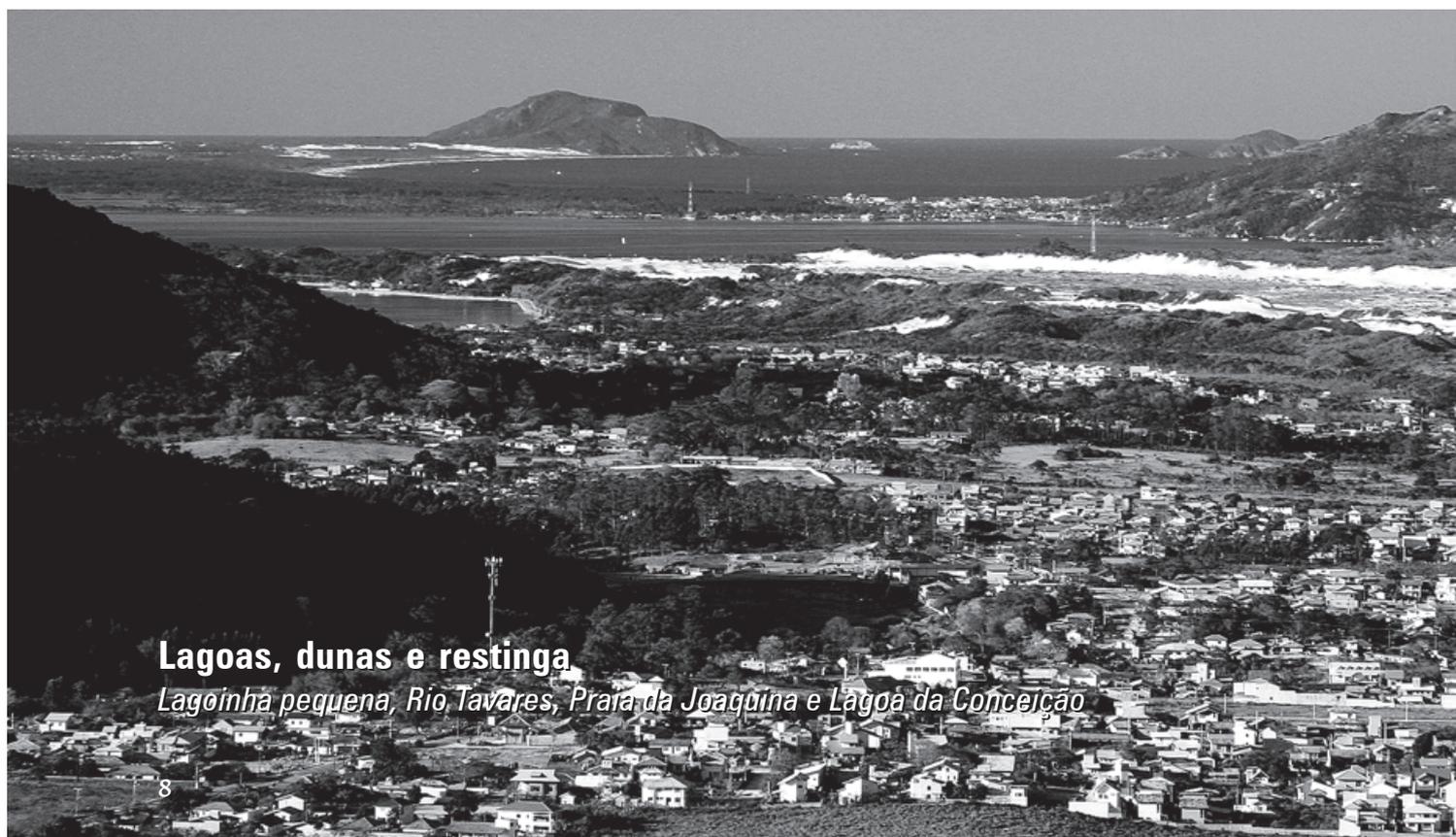
Esta pesquisa resultou em diversas versões de texto, que evoluíram a partir da contribuição de vários especialistas. Desse modo, os textos não englobam somente informações de fontes clássicas da literatura científica, mas também uma discussão com especialistas e, sobretudo, informações inéditas, específicas da Ilha de Santa Catarina, resultado do trabalho de observação de campo dos autores.

A nomenclatura científica utilizada para as aves é similar à de Helmut Sick (1997). Durante a organização do livro, optamos por um melhor aproveita-

mento da paginação e das fotografias, o que gerou, em alguns casos, a alternância da sequência de algumas espécies. Contudo, a ordenação das famílias foi mantida. As plantas seguem a sistemática de Engler & Diels (1936).

O objetivo inicial do trabalho era realizar todos os registros fotográficos na Ilha de Santa Catarina, todavia, para valorizar o detalhamento de cada espécie, 23 fotografias, de um total de 284, foram feitas em outras regiões do Estado e em zoológicos. Ainda assim, essas fotografias estão combinadas com imagens registradas na Ilha. São os casos da jaçanã (fotografada em Jaraguá do Sul), do bico-de-lacre (Criciúma), da tesourinha e do jacaré-de-papo-amarelo (Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, Palhoça), do coati (Ilha do Campeche) e da fragata (Ilha dos Ratores Grande) e, também, das fotografias tiradas no Parque Zoobotânico de Brusque (sagui-do-nordeste, jararaca e caninana) e no Zoológico de Pomerode (atobá e sagui-de-cara-branca).

O levantamento fotográfico realizou-se através da visita aos ambientes na busca de animais e de plantas característicos de cada local. Em apenas três oportunidades houve a necessidade de campanas para evitar a fuga dos animais e para obter maior aproximação do indivíduo. O registro fotográfico da maioria das espécies foi feito de forma exaustiva, o que resultou numa grande quantidade de imagens. Por isso, decidimos publicar também uma seleção incluindo espécies não descritas no livro, mas presentes na Ilha. A ocupação da Ilha pelo homem é antiga e a data da ocupação gira em torno de cinco mil anos, mas as primeiras populações provocaram alterações mínimas no ambiente.



Lagoas, dunas e restinga

Lagoinha pequena, Rio Tavares, Praia da Joaquina e Lagoa da Conceição

O marco das primeiras grandes alterações ambientais aconteceu durante o século XVIII com a mentalidade extrativista que resultou nos primeiros grandes desmatamentos para dar lugar à agricultura. Posteriormente, ocorreu um declínio da prática agrícola e o fortalecimento da atividade pesqueira, o que propiciou um longo e natural processo de regeneração da cobertura vegetal que hoje observamos nos morros. Mesmo assim, as atuais áreas com Floresta Pluvial da Encosta Atlântica estão longe de se igualar à exuberância original. Nos anos 1980, as restingas sofreram drástica ocupação para dar lugar à construção de casas de veraneio, estimuladas pelo crescimento da atividade de turismo. Estima-se que, desde a chegada dos colonizadores europeus até meados da década de 1980, houve uma perda de 76% da vegetação nativa.

Recentemente, na busca pela qualidade de vida, Florianópolis tem se tornado uma cidade cosmopolita, resultando no inevitável e preocupante crescimento populacional. Nesse contexto, a ocupação das áreas destinadas à preservação é o principal fator de fragmentação dos ambientes. Apesar das constantes perdas, a natureza da Ilha ainda é repleta de surpresas.

Através desta obra, esperamos contribuir com os constantes esforços de pesquisadores, de ambientalistas e de moradores para a preservação da Ilha. Para nós, é um prazer compartilhar toda essa riqueza de informação e de imagens da Mata Atlântica da Ilha de Santa Catarina depois de seis anos de trabalho.

Os Autores



Espécie nativa e espécie exótica

Uma rápida definição, proposta pela The World Conservation Union (IUCN), prediz que espécie nativa é aquela que ocorre ou já ocorreu em uma determinada área, em que a ocupação se deu de forma natural através do seu potencial de dispersão. Nesses locais, durante milênios, barreiras naturais, tais como montanhas, oceanos, rios ou desertos, contribuíram para o isolamento das espécies nativas e a evolução dos diferentes tipos de ecossistemas.

A introdução de animais e plantas em um novo habitat tem ocorrido há apenas poucas centenas de anos. A constante movimentação humana entre diferentes regiões do mundo tem contribuído para a dispersão acidental e intencional de muitas espécies. Nesses casos, as barreiras naturais que impediam o deslocamento das espécies tornaram-se ineficientes.

A Ilha de Santa Catarina já esteve ligada ao continente em tempos geológicos recentes, o que possibilitou semelhanças na distribuição de muitas espécies de animais e plantas entre as duas regiões. Mesmo após a separação física entre a Ilha e o continente, a integridade de seus ambientes foi mantida por longo tempo, o que, possivelmente, possibilitou durante muitos anos um natural intercâmbio entre a fauna e a flora. Assim, a introdução de forma acidental e intencional de novas espécies de plantas e animais, provenientes de outras regiões do país ou do mundo, teve início somente após a chegada dos colonizadores europeus.

Um exemplo de planta exótica invasora é o pinheiro (*Pinus elliottii*), originário do Hemisfério Norte, que, ao ser introduzido na área de Parque do Rio Vermelho, descaracterizou o ambiente de restinga. A rápida capacidade de propagação do *Pinus* ocorre pela fácil dispersão das sementes pelo vento, e pela espécie impedir o crescimento de plantas nativas. Tais características contribuem para que esta planta ocupe as áreas cobertas pela vegetação original. Outros exemplos de plantas exóticas são o capim-



Acima, a derrubada de *Pinus*, um exemplo de espécie exótica invasora, no Parque Florestal do Rio Vermelho, para permitir a recomposição da vegetação de restinga.



Acima, o bico-de-lacre, exemplo de animal exótico introduzido na Ilha.

melado (*Melinis minutiflora*), de origem africana; o eucalipto (*Eucalyptus* spp), cujas espécies são originárias da Austrália e da Tasmânia; a amendoeira (*Terminalia catappa*, pág 208), originária da África e de algumas ilhas da costa da Índia e da Malásia; a espatódia (*Spathodea campanulata*, pág 232), também de origem africana, e o flamboyant (*Delonix regia*, pág. 194), originário da Ilha de Madagascar. A fácil observação de algumas das várias espécies introduzidas pelo homem, como os saguis (*Callithrix* spp, pág 141), originários das regiões Nordeste, Sudeste e Centro-Oeste do Brasil, produz a falsa impressão de que são nativas da Ilha. Além dos saguis, eis alguns exemplos de animais exóticos na Ilha: o pardal (*Passer domesticus*), originário da Europa; o bico-de-lacre (*Estrilda astrild*, pág 136), nativo da África; o papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*), originário das regiões Nordeste e Centro-Oeste e de parte do Sudeste e Sul do Brasil (exceção às regiões próximas ao litoral).

Segundo a IUCN, **espécie introduzida** é definida como organismo vivo que sofreu dispersão pelo homem de forma intencional ou acidental, fora de sua área de ocupação nativa historicamente conhecida, seja outro país, seja dentro do mesmo país. **Espécie exótica** é aquela que ocorre fora do seu habitat natural e de sua potencial área de dispersão, ou seja, fora do limite da área de ocupação natural, sendo capaz de sobreviver e se reproduzir no ambiente no qual foi introduzida. As espécies exóticas podem estar incluídas em vários grupos taxonômicos (vírus, fungos, plantas terrestres e aquáticas, invertebrados e vertebrados). A espécie introduzida é considerada exótica se obtiver sucesso reprodutivo no novo habitat. E a espécie exótica torna-se **espécie invasora** quando, além de ser capaz de se estabelecer e de obter sucesso reprodutivo, passa a ser também agente de mudanças e ameaça à diversidade nativa. Muitas espécies invasoras têm sido responsáveis por quebrar o isolamento genético de comunidades de plantas e animais, causando prematura extinção e substituição das espécies nativas. Assim, o isolamento genético tem sido considerado essencial tanto para a evolução como para a manutenção da biodiversidade.

Status de conservação

Para identificar o status de conservação das espécies apresentadas, consultamos três fontes: IBAMA, IUCN e CITES. A Lista Nacional das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção, publicada em 2003 pelo IBAMA, foi elaborada por vários pesquisadores e contou com o apoio do Ministério do Meio Ambiente (MMA), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), Fundação Biodiversitas, Sociedade Brasileira de Zoologia e Conservation International. As espécies ameaçadas contidas nesta extensa lista foram agrupadas em três categorias – criticamente em perigo (ou seja, com risco extremamente alto de extinção), em perigo (com risco muito alto) e vulnerável (com risco alto de extinção). A inserção da espécie nas categorias acima citadas foi feita a partir de três avaliações – a redução do tamanho da população, a atual distribuição geográfica da espécie e o tamanho da população existente. Assim, quanto menores os valores obtidos em cada estimativa, maior era o risco de extinção. As categorias utilizadas pelo IBAMA seguiram os mesmos critérios internacionais utilizados pela IUCN. Enquanto a lista do IBAMA engloba as espécies da fauna brasileira, a lista das espécies ameaçadas da IUCN abrange a fauna e a flora mundial.

A terceira fonte de consulta foi o Convênio sobre o Comércio Internacional de Espécies Ameaçadas de Fauna e Flora Silvestre (CITES). A finalidade do CITES é proteger as espécies silvestres submetidas ao impacto da exploração pelo comércio internacional. Atualmente, 5.000 espécies de animais e 28.000 espécies de plantas encontram-se protegidas pelo CITES. Estas espécies estão organizadas em três diferentes apêndices: Apêndice I, II e III. O Apêndice I inclui as espécies ameaçadas de extinção, sendo o comércio das espécies aí listadas permitido somente em casos excepcionais, por exemplo, para a pesquisa científica. O Apêndice II engloba espécies que não se encontram necessariamente ameaçadas de extinção, mas o seu comércio deve ser controlado para evitar que entrem para o grupo de espécies ameaçadas. No Apêndice III são listadas as espécies protegidas em pelo menos um dos países nos quais elas se encontram dispersas. Neste caso, cada país integrante do convênio CITES que apresenta a espécie naturalmente dispersa compromete-se a protegê-la contra o comércio internacional.

Gralha-azul, listada na IUCN com status *Near Threatened species*, ou seja, perto de estar ameaçada de extinção.



Manguezal

Ecossistema litorâneo encontrado no Brasil desde o estado do Amapá até o município de Laguna (SC), limite de ocorrência na América do Sul. Os manguezais ocorrem em outros poucos lugares do mundo, nos quais o clima também é quente e úmido e onde há correntes de águas mais quentes, como por exemplo na Venezuela, Ásia (Malásia e Índia) e África Atlântica (Nigéria e Senegal). Na Ilha de Santa Catarina ocorrem ao longo da costa, protegidos pelas baías norte e sul, em locais em que o mar é mais calmo e o relevo plano e baixo.

A vegetação típica deste ambiente se espalha como um belo mosaico nas reentrâncias das baías e ao longo da foz dos rios. Os manguezais sofrem influência direta das marés, das correntes dos rios de água doce que ali desagüam e dos sedimentos carregados pelos cursos d'água, ficando inundados durante a maré alta e emersos na baixa-mar. O solo, caracteristicamente lodoso e salgado, é resultado do contato entre as partículas de argila e matéria orgânica em suspensão das águas dos rios e do mar. As particularidades deste ambiente favorecem a produção de grande quantidade de matéria orgânica (produtos vegetais produzidos pelo ambiente), com rica concentração de nutrientes, o que propicia a ocorrência de uma grande diversidade biológica. Assim, este ecossistema é considerado de grande importância para a alimentação, reprodução e refúgio para muitas espécies de ambiente estuarino, sendo considerado o berçário natural da vida marinha. Dentro de uma extensa cadeia alimentar, moluscos, camarões e caranguejos dependem dos recursos produzidos neste ambiente para se alimentarem. Esses invertebrados servem de alimento para os peixes e outros animais de pequeno porte, que por sua vez são consumidos pelos répteis, aves e mamíferos.

Na Ilha de Santa Catarina, os manguezais representam importantes locais de refúgio para nidificação e dormitório de aves de hábito colonial, como por exemplo várias espécies de garças e o biguá (*Phalacrocorax brasilianus*, pág. 65). Algumas aves, como o garça-moura (*Ardea cocoi*, pág. 68), o colhereiro (*Ajaia ajaja*, pág. 74) e a garça-azul (*Egretta caerulea*, pág. 75), são especialistas em ocupar este ambiente. Outras buscam os manguezais como local de alimentação, como o martim-pescador-grande (*Ceryle torquata*, pág. 110) e o sabiá-poca (*Turdus amaurochalinus*, pág. 131). A lontra (*Lontra longicaudis*, pág. 163) e o jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*, pág. 44), por exemplo, dependem diretamente deste ambiente para sobreviver, pois neles buscam refúgio para reprodução.

As áreas com manguezais na Ilha se caracterizam pela ocorrência de três espécies de árvores – o mangue-preto (*Avicennia schaueriana*, pág. 231), o mangue-branco (*Laguncularia racemosa*, pág. 225) e o mangue-vermelho (*Rhizophora mangle*, pág. 207). O mangue-preto compõe a vegetação mais comumente observada, ocupando 3/4 dos manguezais, sendo encontrado em áreas inundadas ou não pelo mar (pág. 28). O mangue-branco ocupa as áreas mais secas ou as partes mais internas, sendo inundável apenas nos períodos em que ocorrem as marés mais altas. O mangue-vermelho, árvore que caracteriza os mangues em outras regiões, aqui é encontrado em menor densidade e em pequenos agrupamentos (pág 28).

Existem duas explicações possíveis para que a *Rhizophora mangle*, tão comum em outros manguezais do país e do mundo, seja tão rara aqui. Primeiro, o nosso clima subtropical é pouco favorável ao desenvolvimento pleno de espécies tropicais – é aqui na Ilha de Santa Catarina que o mangue-vermelho apresenta seu limite austral de dispersão. Segundo, no passado esta planta sofreu uma forte exploração e extração em função das suas propriedades comerciais e industriais.

Nas áreas mais alagadas ocorre uma espécie de gramínea, o capim-praturá (*Spartina montividentis*, pág. 50), responsável por impedir a erosão e concentrar maiores quantidades de lodo, criando um ambiente propício à germinação das sementes das árvores de mangue, especialmente do mangue-preto. As raízes das árvores de mangue estão adaptadas às condições únicas deste ambiente. Por exemplo, as raízes do mangue-vermelho, chamadas de aéreas ou de suporte, são formadas por vários feixes encurvados, que saem do tronco, ficando parcialmente expostas (pág 28). Nos mangues preto e branco,

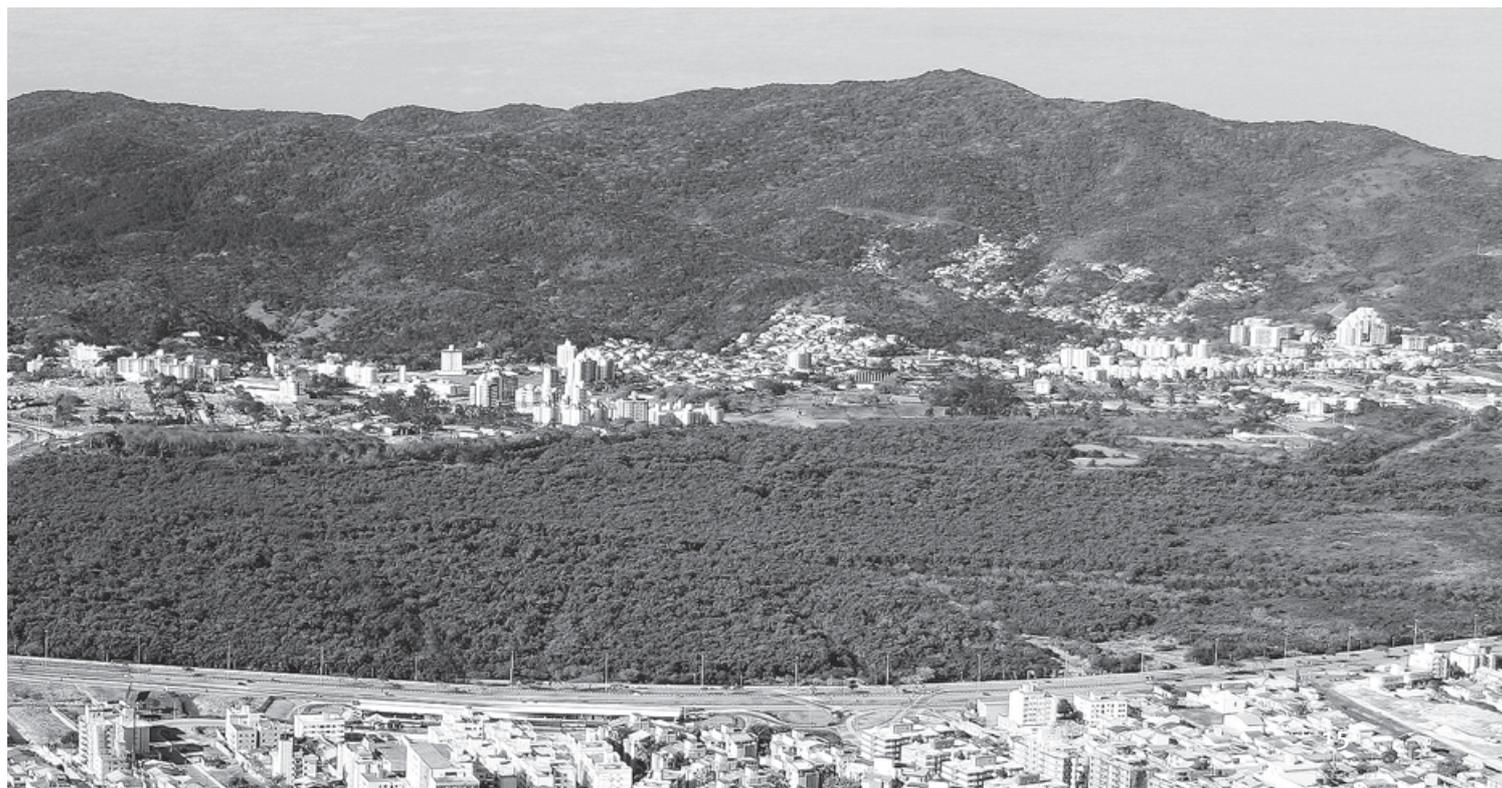


a porção final das raízes – pneumatóforos ou raízes de aeração – forma inúmeras protuberâncias verticais, que ficam expostas acima do solo (pág. 54). Estas protuberâncias também atuam na deposição e fixação dos sedimentos em suspensão nas águas, promovendo a sedimentação. Elas dão sustentação à planta, além de possibilitar a captação de oxigênio durante os períodos de maré baixa, uma vez que o solo no qual se encontram possui pouca drenagem e aeração.

Na Ilha de Santa Catarina os manguezais estão concentrados próximo da foz de rios, na Baía Norte – Manguezal do Ratores (incluindo Daniela e Jurerê), do Saco Grande e do Itacorubi – e na Baía Sul – a Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé e o Manguezal da Tapera. Estão incluídos em Unidades de Conservação os manguezais do Ratores e Saco Grande (Estação Ecológica de Carijós/ICMBio, pág 50), do Itacorubi (Área de Conservação/UFSC) e o maior manguezal da Ilha (Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé/ICMBio, pág 28). Desmatamentos e aterros, de



Acima, na Praia da Daniela, como resultado do avanço do mar, caules secos demarcam a área onde havia o mangue. Abaixo, uma vista panorâmica do manguezal do Itacorubi, contornado pelos bairros da Trindade, Santa Mônica e Itacorubi. O manguezal foi dividido pela rodovia SC-401, o que vem afetando a dinâmica das variações do ambiente estuarino.



forma legalizada ou não, para construção de casas e estradas, o despejo de esgotos sanitários e a abertura de canais para drenagem do solo já reduziram este frágil ecossistema a 45% do total daquele encontrado originalmente na Ilha. É importante ressaltar que várias pesquisas têm mostrado que, quando mantemos os manguezais, asseguramos o controle das marés, a manutenção da linha de costa e a coexistência de inúmeras cadeias alimentares.

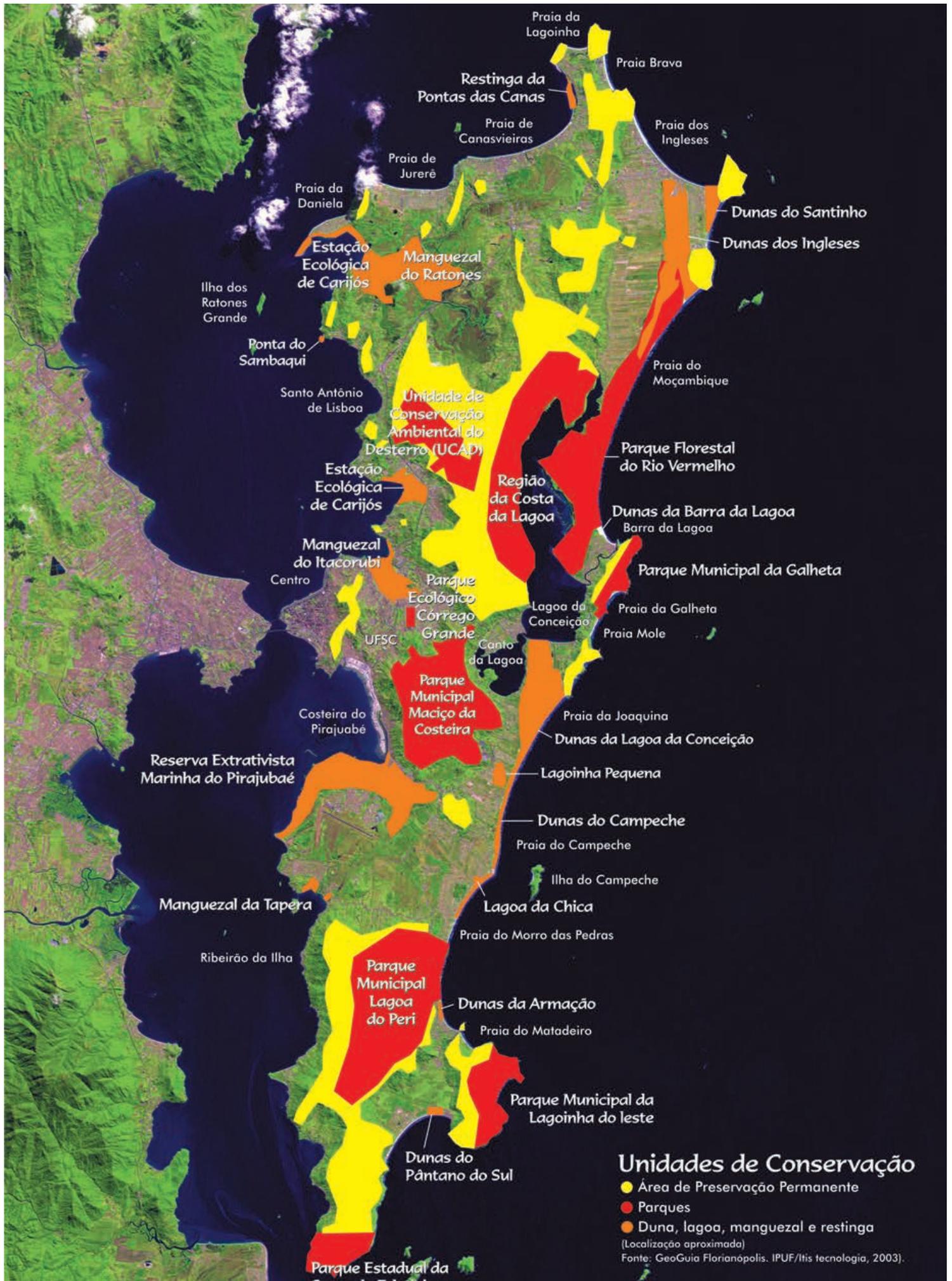
Dunas

A vegetação que recobre as dunas distribui-se entre a faixa de transição da praia e da restinga. As dunas são formadas pelos depósitos de areia transportados pelo vento, podendo ser móveis e semifixas. Entre a Lagoa da Conceição e as Praias da Joaquina e do Campeche, por exemplo, as dunas são móveis e mudam sua forma com a ação dos ventos, o que acarreta grande escassez de vegetação (págs. 82). As outras praias com presença de dunas são Ingleses, Santinho, Moçambique, Lagoinha do Leste e Pântano do Sul, onde são semifixas (págs. 56 e 152).

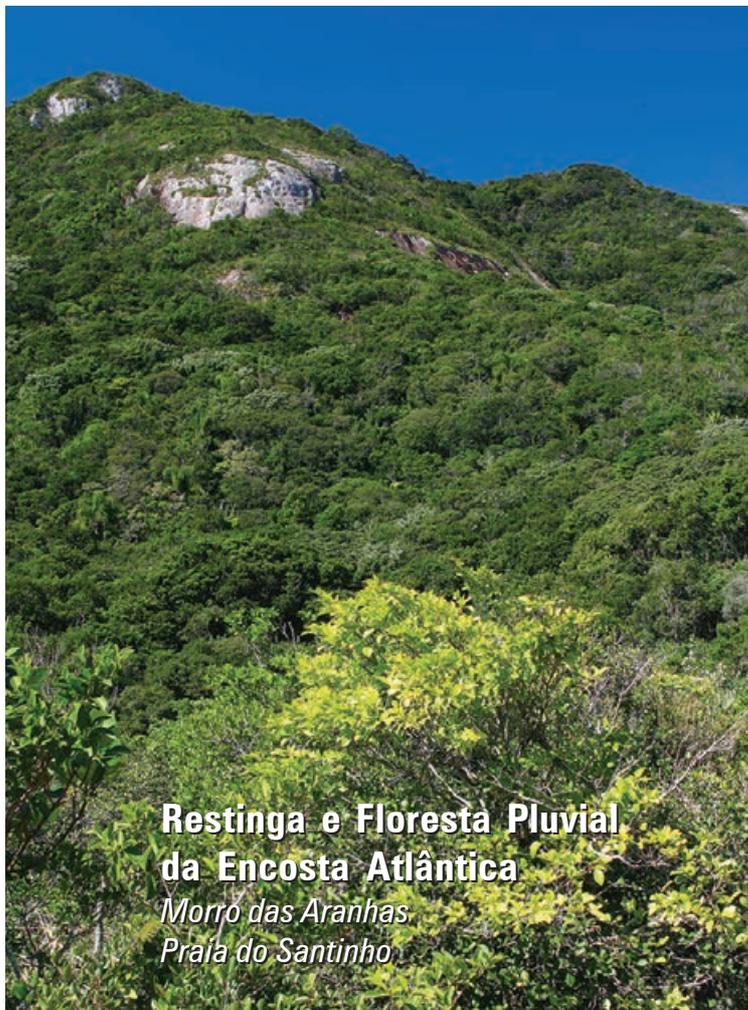
A vegetação das dunas está adaptada para resistir às condições adversas do ambiente, como sol intenso, escassez de água, ventos que constantemente a soterram, e solo pobre em nutrientes e com alta salinidade. As raízes são extensas e ramificadas, importantes para auxiliar as plantas na busca pela água e fixação no solo arenoso. A *Spartina ciliata*, uma gramínea capaz de fixar as areias das dunas, é a espécie vegetal mais dominante neste ambiente. Na maioria das plantas as folhas podem ser pequenas ou estreitas e duras para resistir ao vento e à insolação. Para diminuir os efeitos da ação do sol e reduzir a perda de água, as folhas de muitas plantas apresentam pêlos, que retardam a transpiração, ou são grossas e brilhosas para auxiliar na reflexão da luz solar. Importante também para a sobrevivência da planta é a formação de agrupamentos e manutenção do porte reduzido, tornando menor o impacto do vento. Por exemplo, a aroeira (*Schinus terebinthifolia*, pág. 201), que pode atingir 10 metros



No primeiro plano, as dunas entre as Praias dos Ingleses e do Santinho, e no segundo plano as dunas que seguem da Praia dos Ingleses até a Praia do Moçambique.

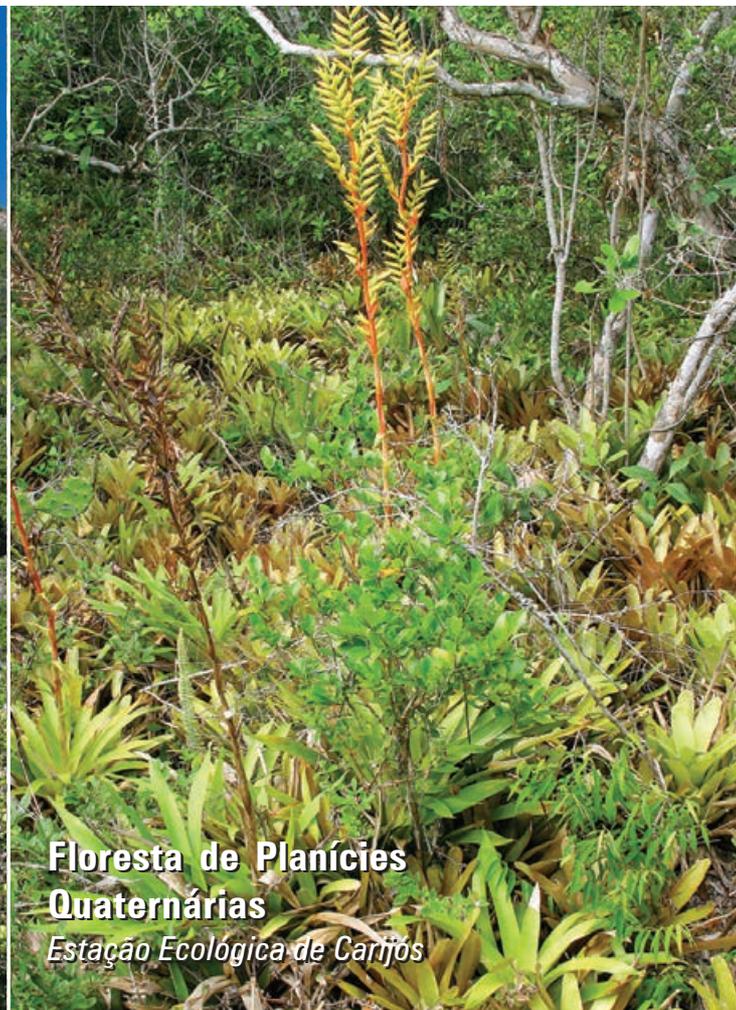


Mapa das Unidades de Conservação em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil. O mapa mostra a distribuição geográfica de diversas áreas protegidas, incluindo parques municipais, estaduais e federais, além de áreas de preservação permanente e unidades de conservação específicas como manguezais, lagoas e dunas.



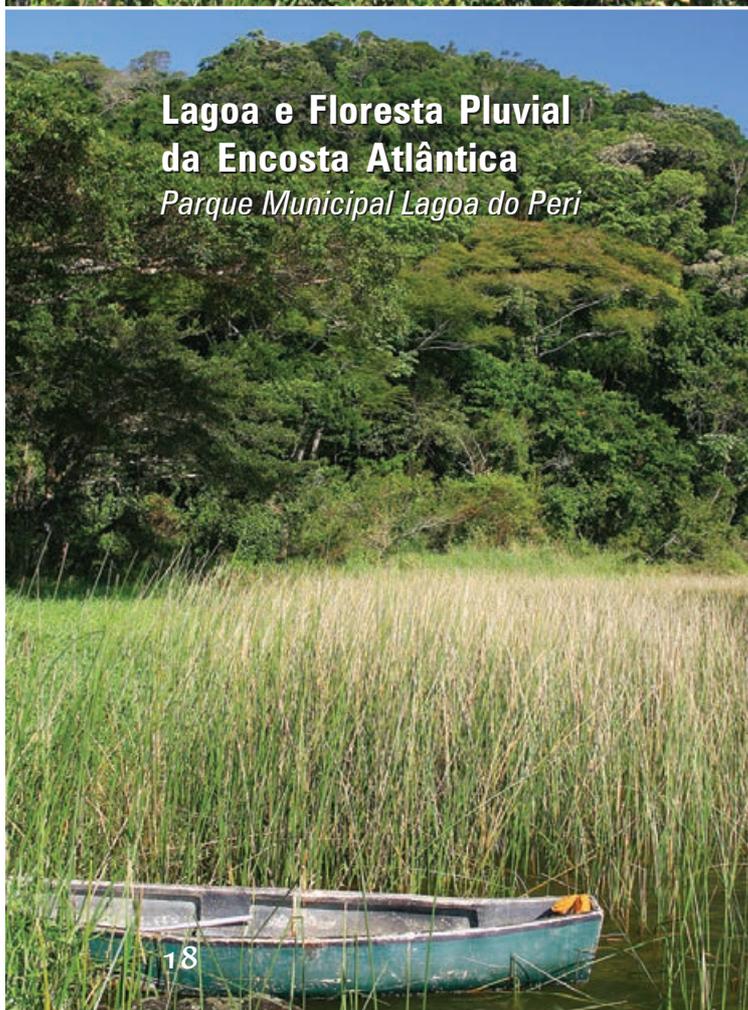
**Restinga e Floresta Pluvial
da Encosta Atlântica**

*Morro das Aranhas
Praia do Santinho*



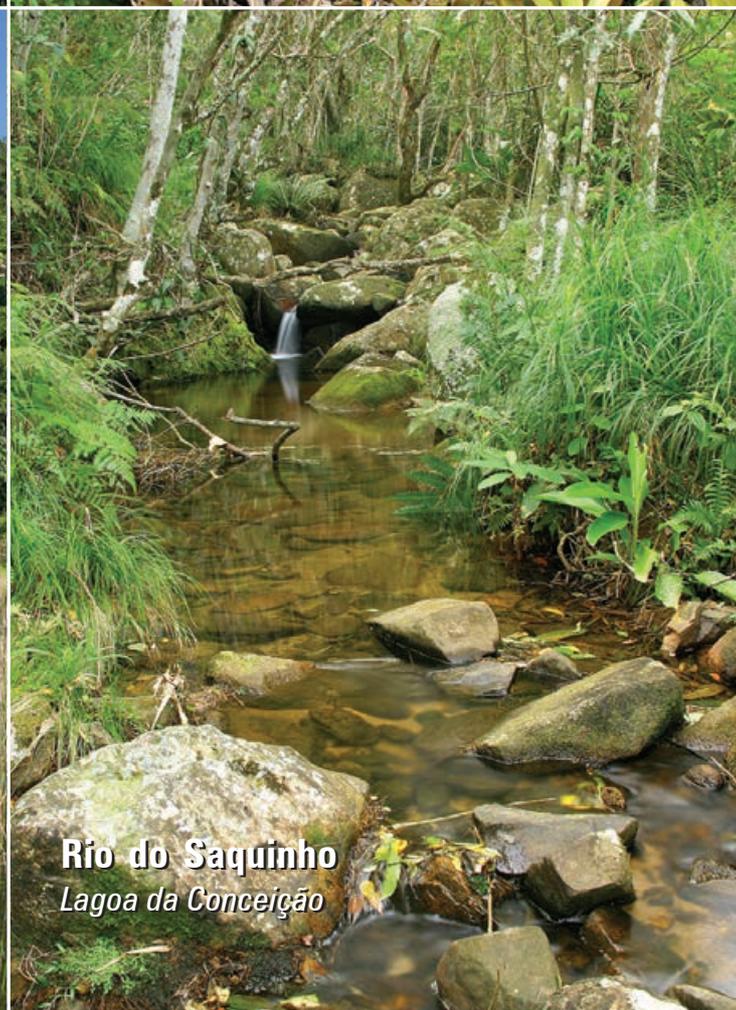
**Floresta de Planícies
Quaternárias**

Estação Ecológica de Carijós



**Lagoa e Floresta Pluvial
da Encosta Atlântica**

Parque Municipal Lagoa do Peri



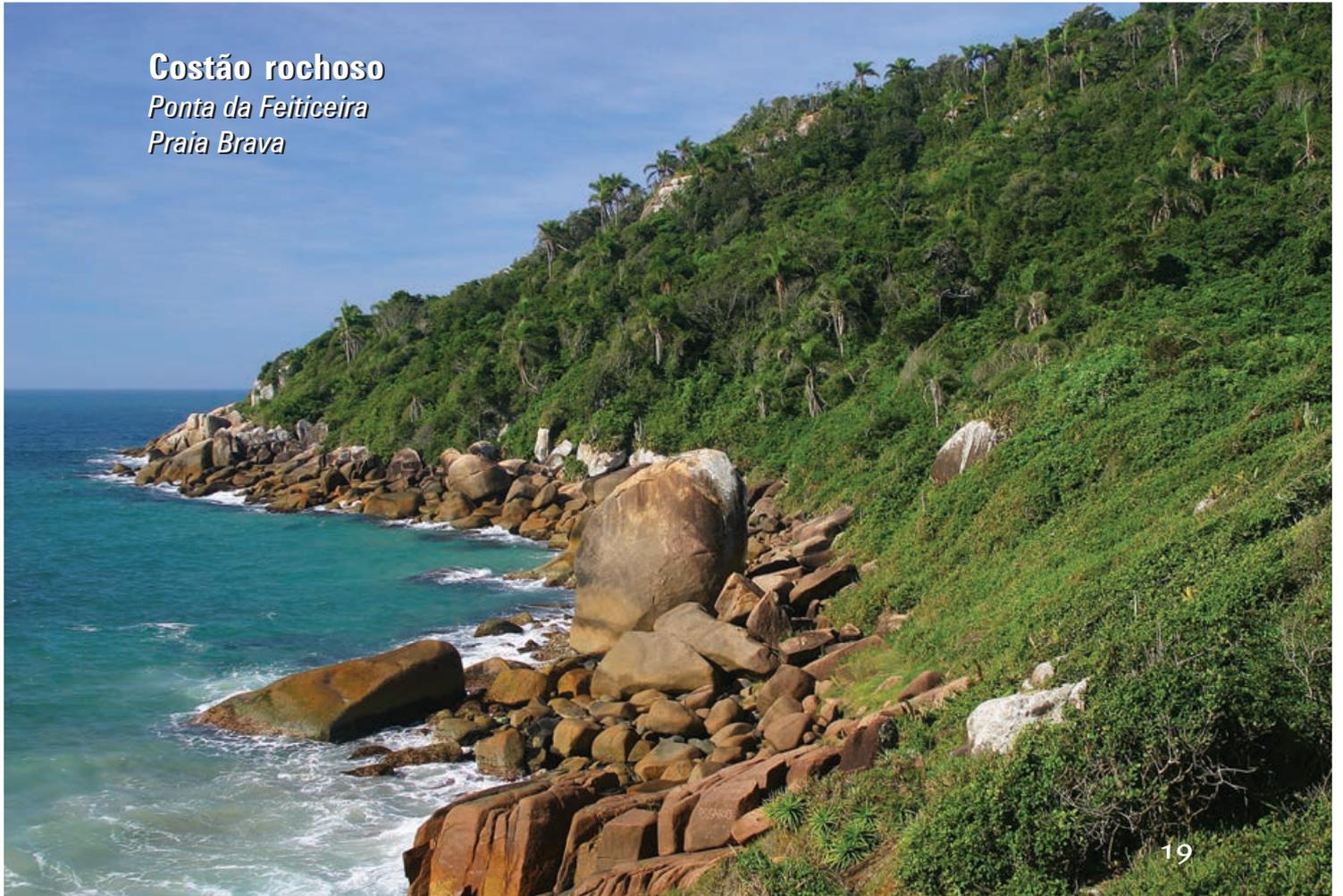
Rio do Saquinho

Lagoa da Conceição



Bromeliário

*Morro dos Ingleses
Praia do Santinho*



Costão rochoso

*Ponta da Feiticeira
Praia Brava*



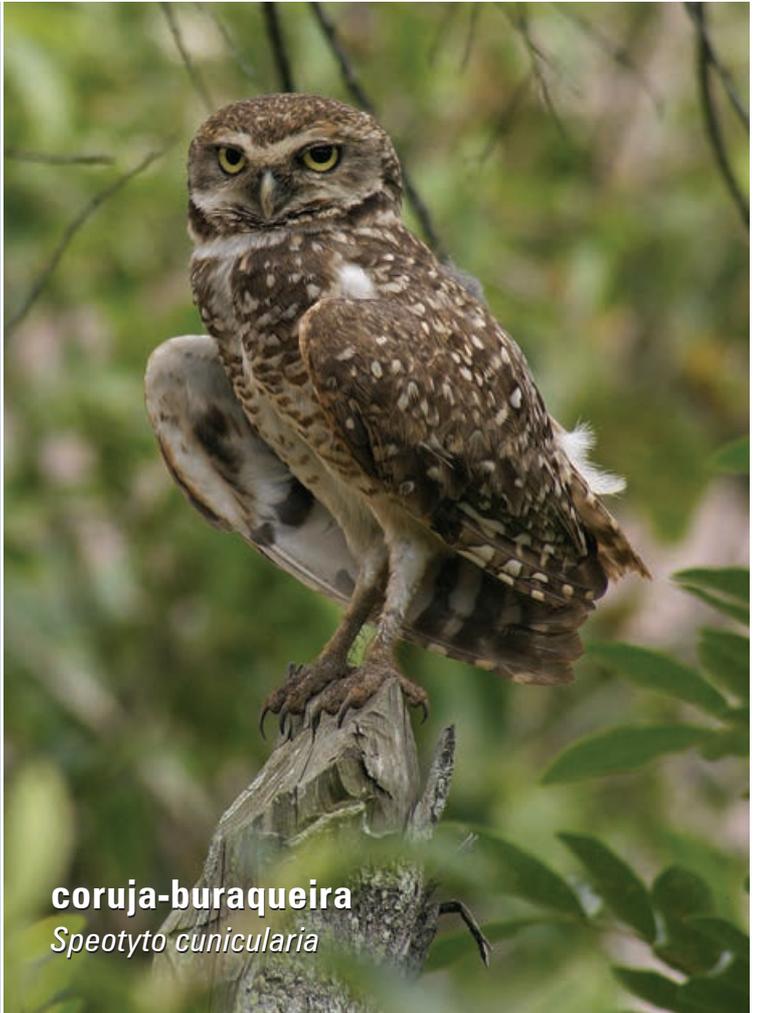
caracar
Polyborus plancus



garça-branca-pequena
Egretta thula



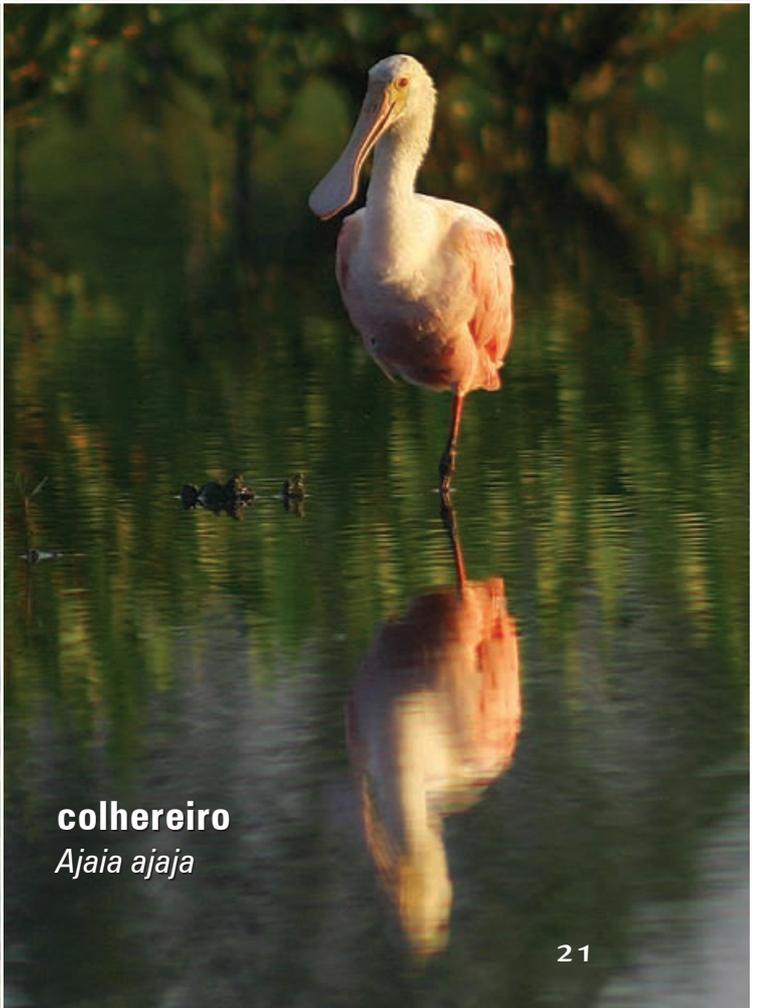
gavião-tesoura
Elanoides forficatus



coruja-buraqueira
Speotyto cunicularia



quero-quero
Vanellus chilensis



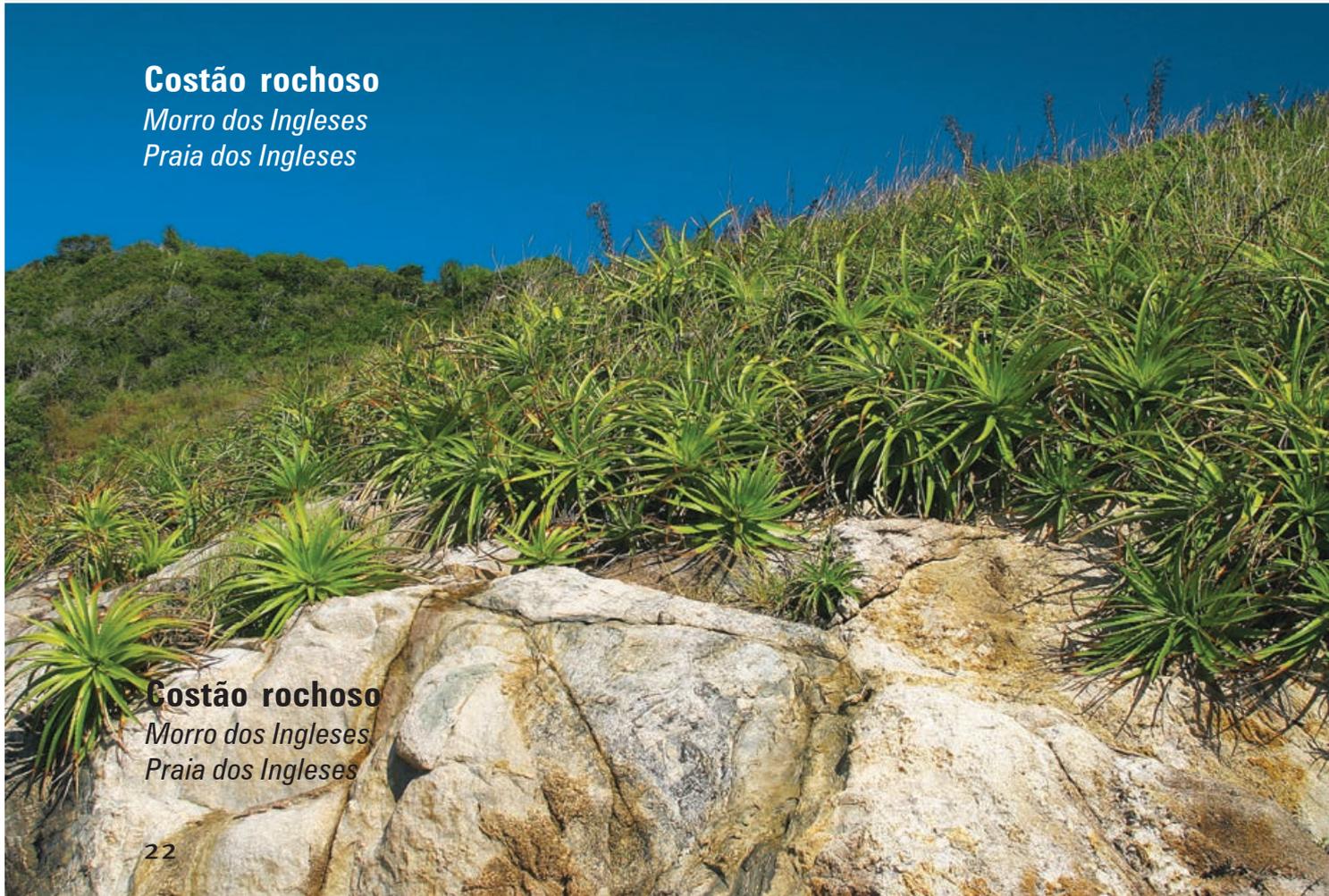
colhereiro
Ajaia ajaja



Restinga e Floresta Pluvial da Encosta Atlântica

Praia dos Naufragados

Parque Estadual da Serra do Tabuleiro



Costão rochoso

Morro dos Ingleses

Praia dos Ingleses

Costão rochoso

Morro dos Ingleses

Praia dos Ingleses



Banhado e dunas
Lagoa da Conceição



Manguezal
Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé



socozinho
Butorides striatus





bre-do-da-praia

Scaevola plumiere
Praia do Campeche

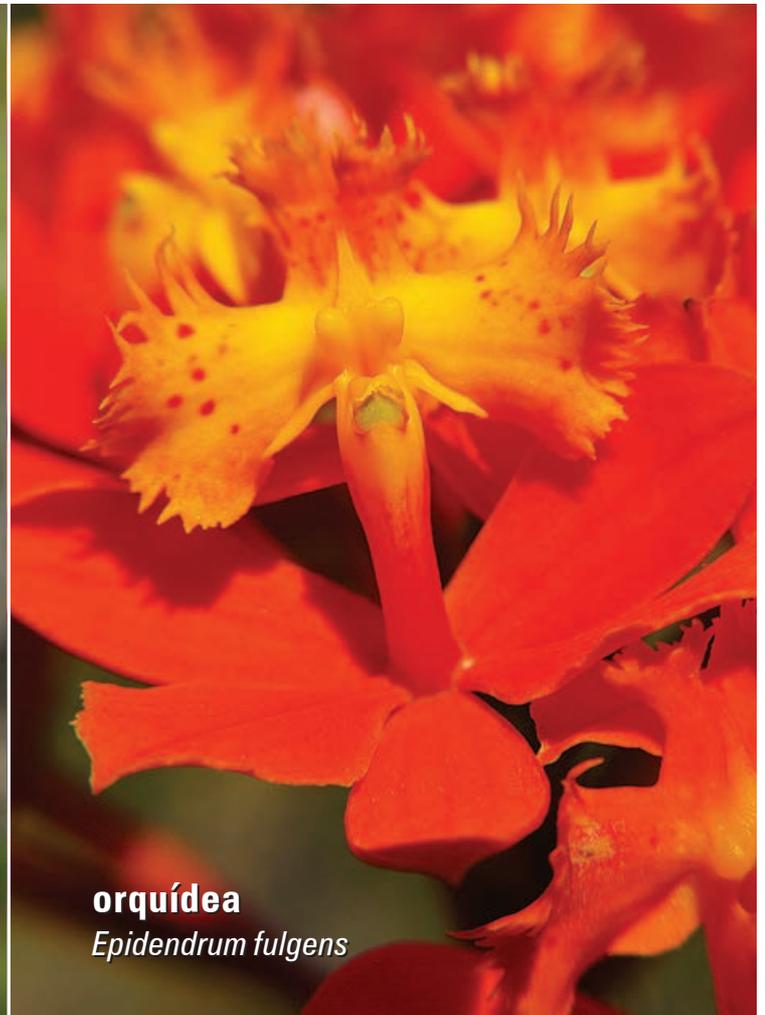


espinheiro

Mimosa bimucronata



orquídea
Epidendrum fulgens



orquídea
Epidendrum fulgens



bananeira-do-mato
Heliconia velloziana



Manguezal

Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé



Manguezal

Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé



"riozinho"
Praia do Campeche



Restinga e dunas
Lagoa da Conceição



talha-mar
Rynchops niger



alma-de-gato
Piaya cayana



gavião-carrapateiro
Milvago chimachima



maçarico-grande-de-perna-amarela
Tringa melanoleuca



bromélia
Aechmea nudicaulis



bromélia
Aechmea ornata

de altura na capoeirinha, quando encontrada nas dunas não chega a 1 metro. As espécies com porte arbustivo normalmente são vistas em depressões ou locais mais protegidos da ação dos ventos.

Neste ambiente, em associação com a *Spartina ciliata*, existem outras espécies de plantas herbáceas, ou seja, de porte pequeno e rasteiro, como por exemplo a grama-da-praia (*Paspalum vaginatum*), batateira-da-praia (*Ipomea pes-caprae*, pág. 234), acariçoba (*Hydrocotyle bonariensis*), pinheirinho-da-praia (*Remirea maritima*), *Panicum racemosum*, *Sporobolus virginicus*, *Polygala cyparissias*, rosetão (*Acicarpa spathulata*), capim-roseta (*Cenchrus* spp.), feijão-da-praia (*Vigna longifolia*) e cipó-leiteiro (*Oxypetalum* spp).

Diversas espécies de aves ocupam este ambiente, principalmente aquelas que preferem as áreas mais abertas e com vegetação rasteira, como é o caso da coruja-buraqueira (*Speotyto cunicularia*, pág. 106), do chimango (*Milvago chimango*, pág. 78) e do quero-quero (*Vanellus chilensis*, pág. 104).

Diferentes dos demais ambientes da Ilha, que têm sido rapidamente ocupados pelo homem, as áreas com formação de dunas encontram-se relativamente resguardadas em função do tipo de terreno impróprio à construção, mas ainda assim existem ocupações irregulares como a favela do siri nas dunas da Praia dos Ingleses. Entre as dunas encontradas na Ilha, as dos Ingleses, Santinho, Lagoa da Conceição, Campeche, Armação e Pântano do Sul foram tombadas como Patrimônio Natural e Paisagístico do município. Além disso, as áreas com formação de dunas móveis, semifixas e fixas são consideradas Áreas de Preservação Permanente (APP).

Lagoas e banhados

As **lagoas** originaram-se a partir do represamento de água provocado pelas formações das restingas ao longo da costa leste da Ilha de Santa Catarina. As três maiores lagoas da Ilha – Lagoa do Peri (pág. 248), Lagoa da Conceição (págs. 60 e 216) e Lagoinha do Leste (págs. 51 e 152) – caracterizam-se por possuir um recorte montanhoso na face oeste e uma extensa faixa de restinga no lado leste.

A Lagoa do Peri (pág. 248), localizada no sul da Ilha e inserida em uma rica bacia hidrográfica, cujo espelho d'água é resultado de vários rios que nela deságuam. A área é de 5,2 km² e os trechos mais profundos alcançam 11 metros. Em 1975, o canal sinuoso que promovia o deságue das águas da Lagoa Peri na Praia da Armação foi retelinizado, o que resultou em um grande escoamento de água da Lagoa para o mar. Posteriormente, este canal foi fechado para impedir o rápido extravasamento das águas. Por estar a sete metros acima do nível do mar, a Lagoa não recebe a entrada de águas marinhas no seu corpo d'água, tornando-se, assim, a maior superfí-

cie de água doce da Ilha, especialmente importante no abastecimento de água daquela região.

É baixa a diversidade de plantas aquáticas na Lagoa do Peri. A espécie mais comum é a soldanela-da-água (*Nymphoides indica*), que possui compridos talos acima da superfície da água e folhas flutuantes com formato ovalado. Sua distribuição é mais comum na parte oeste e nas áreas em que a Lagoa apresenta maior profundidade. Nas áreas mais rasas esta planta se encontra em associação com o junco (*Scirpus californicus*), a tiririca (*Heliocharis geniculata*), o aguapé (*Eichornia crassipes*), o pinheirinho-d'água (*Myriophyllum brasiliense*) e o peri (*Fuirena robusta*), planta que deu o nome à lagoa em função da sua abundância. A Lagoa do Peri possui, em quase todo o seu entorno, grandes áreas recobertas pela Floresta Pluvial da Encosta Atlântica (pág. 55), representando um dos mais bem preservados trechos de floresta da Ilha e oferecendo importante habitat para inúmeras espécies de mamíferos.

A Lagoa da Conceição (pág. 216) possui área aproximada de 17,6 km². A forma alongada lhe confere 15 km de comprimento norte-sul, com a largura variando entre 0,7 km e 2,5 km. A profundidade média é de 2,8 m, e a máxima de aproximadamente 7 m. Liga-se com o mar através de um sinuoso canal que desemboca na Praia da Barra da Lagoa. A água salobra é resultado do intercâmbio entre o mar e o deságue de água doce dos rios. Nos últimos anos, a crescente urbanização no seu entorno tem provocado aumento progressivo do lançamento de esgoto doméstico nas suas águas. Consequentemente, toda a vida marinha da Lagoa da Conceição tem sido drasticamente afetada.

Ainda há outras pequenas lagoas na Praia de Ponta das Canas (pág. 83), na Praia da Lagoinha da Ponta das Canas (pág. 249), a Lagoinha Pequena (pág. 9) no Rio Tavares, a Lagoinha da Chica (pág. 158) e o “Riozinho” (pág. 29) na Praia do Campeche, e a Lagoa das Lavadeiras (pág. 57) na Praia do Santinho.

Na Ilha de Santa Catarina, os **banhados** estão principalmente localizados nas regiões mais baixas, entremeados nas áreas de restinga e dunas, sendo formados a partir do acúmulo das águas das chuvas (pág. 96). Na região entre-dunas da Lagoa da Conceição os banhados dependem dos períodos longos de chuva para se manterem inundados (pág. 23). A vegetação típica é formada por inúmeros representantes da família das ciperáceas, que tipicamente crescem em terrenos brejosos e alagadiços. As espécies adaptadas a este ambiente se caracterizam pela formação de densos agrupamentos, sendo o caule ereto e rígido, com formato triangular, e as folhas estreitas e compridas.

Exemplos de locais onde os banhados ocorrem são na Costa de Dentro (pág. 159) na Praia do Santinho (pág. 254), e entre as dunas da Lagoa da Conceição e a Praia do Campeche (pág. 60). Algumas vezes impenetrável para o homem, a vegetação dos banhados – paludícola – oferece refúgio e alimento

para inúmeras espécies de aves típicas deste ambiente, como por exemplo o jacanã (*Jacana jacana*, pág. 98), a garça-branca-pequena (*Egretta thula*, pág. 69), a garça-branca-grande (*Ardea alba*, pág. 70), o socozinho (*Butorides striatus*, pág. 71) e a marreca-de-pé-vermelho (*Amazonetta brasiliensis*).

Restinga

A vegetação de restinga típica é aquela que cobre as dunas fixas e as áreas arenosas planas. Também pode ocorrer após a vegetação de mangue (restinga arbórea), formando uma faixa de transição. A vegetação próxima ao mar, presente em algumas praias, também é chamada de restinga. Esta estreita faixa apresenta extrema limitação de diversidade de espécies, normalmete rasteiras, resultado das condições adversas – alta salinidade, solo arenoso, grande insolação e fortes ventos.

O solo é mais compacto que o da duna, a areia possui granulação mais fina, maior teor de argila e presença de matéria orgânica proveniente de partes de plantas mortas. A diversidade biológica da restinga é maior que aquela encontrada nas dunas. Entretanto, as condições ambientais, especialmente do solo, ainda são adversas à formação de uma vegetação bem desenvolvida. As plantas deste ambiente também exibem adaptações importantes, possibilitando redução da transpiração. As folhas são pequenas, podendo apresentar pêlos ou uma superfície lisa e brilhante. Há grande predomínio de plantas arbustivas, várias espécies de bromélias e cactus.

Nos locais com solo mais rico em *humus*, há a presença de árvores de pequeno porte e em seus galhos estão afixadas várias espécies de bromélias epífitas. Podem ser citadas como comuns deste ambiente as plantas maria-mole (*Guappira opposita*), mangue-de-formiga (*Clusia criuva*), guamirim-de-folhas-miúdas (*Gomidesia palustris*), capororoca-da-praia (*Rapanea venosa*), pau-amargo (*Aeschrion crenata*), aroeira (*Schinus terebinthifolia*, pág. 201), aroeira-brava (*Lythraea brasiliensis*), ipê-da-praia (*Tabebuia pulcherrima*), baguaçu (*Eugenia umbeliflora*), guamirim (*Eugenia catharinae*), pitangueira (*Eugenia uniflora*, pág. 227), cambuí (*Myrcia multiflora*), vassoura-vermelha (*Dodonaea viscosa*, pág. 204), lantana (*Lantana camara*, pág. 230), marcela (*Achyrocline* spp.), vassourinha (*Eupatorium casarettoi*), margaridinha (*Noticastrum* spp.), quaresmeira (*Tibouchina urvilleana*, pág. 229), bromélias (*Aechmea lindenii lindenii*, pág. 171, e *Vriesea friburgensis*, pág. 172) e orquídeas (*Epidendrum fulgens*, pág. 173, e *Cyrtopodium polyphyllum*).

Nas áreas de restinga com vegetação arbustiva e arbórea é comum serem encontradas diversas espécies de aves, entre as quais a cambacica (*Coereba flaveola*, pág. 135), o saí-azul (*Dacnis cayana*, pág. 139), a tesourinha (*Tyrannus*

savana, pág. 130), o João-teneném (*Synalaxis spixi*) e o bacurau-tesoura (*Hydropsalis torquata*). É importante destacar que a capacidade de fixação dos solos criada pela vegetação de restinga resultou na atual forma da Ilha de Santa Catarina. Assim, a lenta formação das restingas atuou na união de várias pequenas ilhas, sendo as mais antigas representadas pelos morros. Este processo também propiciou a formação das principais lagoas: Lagoa do Peri, Lagoa da Conceição e Lagoinha do Leste. As restingas ocorrem predominantemente nas regiões ao longo da face leste da Ilha, como no Pântano do Sul, Lagoinha do Leste, Morro das Pedras, Praia do Campeche (pág. 60), Lagoa da Conceição (págs. 29, 152 e 248), Praia da Galheta (pág. 254 e 255), Rio Vermelho, Aranhas (pág. 18) e Ingleses (pág. 93), mas também na face oeste, em Canasvieiras e Jurerê.

A maioria das áreas deste ambiente encontra-se bastante alterada em função dos desmatamentos, da introdução de espécies exóticas (como o pinheiro – *Pinus elliottii* – no Rio Vermelho) e da crescente ocupação imobiliária em áreas que deveriam ser preservadas. Apesar desta interferência do homem, algumas áreas de restinga encontram-se protegidas por Unidades de Conservação, como por exemplo o Parque Estadual do Rio Vermelho, o Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (Praia dos Naufragados), o Parque Municipal da Lagoa do Peri, o Parque Municipal da Lagoinha do Leste e a Estação Ecológica de Carijós.

Floresta de Planícies Quartenárias

A Floresta de Planícies Quartenárias está presente nas áreas mais planas da Ilha e recebem este nome porque se localizam nas áreas formadas durante o período quartenário (há pelo menos cinco mil anos). A sedimentação e a união de diversas pequenas ilhas resultou no formato atual da Ilha de Santa Catarina. Os solos desta formação florestal apresentam maior quantidade de matéria orgânica e umidade, resultado de um contínuo processo de evolução, a partir de um ambiente antes ocupado pela restinga. Trata-se de um ambiente florestal com vegetação de transição entre a restinga e a Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, possuindo maior diversidade de espécies que as áreas com vegetação de restinga e menor diversidade que a Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

O estrato superior atinge em média 15 m de altura. Podem ser destacadas algumas espécies que caracterizam este ambiente: olandi (*Calophyllum brasiliense*, pág. 205), principal espécie que ocupa este estrato; copiúva (*Tapirira guianensis*); figueira-da-folha-miúda (*Ficus organensis*); figueira-do-

brejo (*Coussapoa schottii*), ipê-da-várzea (*Tabebuia umbellata*). No estrato médio destacam-se o guamirim-de-facho (*Myrcia dichrophylla*) e o cambuí (*M. multiflora*), e na vegetação arbustiva são frequentes as palmeiras guaricana (*Geonoma schottiana*) e o tucum (*Bactris lindmaniana*). A vegetação mais rarefeita deste ambiente propicia a chegada da luz solar ao solo, o que permite o crescimento de um grande número de bromélias no chão (pág. 18), formando assim um tapete. Nas árvores pode ser observada grande diversidade de espécies epífitas: aráceas, orquidáceas, bromeliáceas e piperáceas.

Os locais com esta formação florestal, por estarem nas áreas mais planas, foram quase totalmente ocupados pela agricultura e pasto no período de colonização.

Atualmente, fragmentos, em bom estado de conservação, de Floresta de Planícies Quartenárias podem ser encontrados no Norte da Ilha, entre as Praias de Jurerê e Daniela (pág. 83), e na região entre a SC-401 e a baixada da Barra do Sambaqui. No Sul da Ilha, existe uma faixa de floresta em pleno desenvolvimento localizada na Costa de Dentro, próximo ao Pântano do Sul. Curiosamente, essas áreas não se encontram protegidas por nenhuma Unidade de Conservação e estão ameaçadas pela exploração imobiliária.

Floresta Pluvial da Encosta Atlântica

Também conhecida como Floresta Ombrófila Densa, originalmente distribuía-se de forma contínua ao longo da costa atlântica brasileira, desde o Rio Grande do Norte até a região de Osório, no Rio Grande do Sul. Caracteriza-se pela diversidade e densidade de árvores e arbustos, além da abundância de plantas epífitas (como bromélias e orquídeas) e lianas (cipós). Apesar de ser a vegetação mais abundante da Ilha, a Floresta Pluvial da Encosta Atlântica não se encontra no seu estado original. Após intenso desflorestamento durante o período de colonização, o que observamos hoje nos morros é uma floresta em diferentes estágios de sucessão, resultado de anos de regeneração. Alguns locais, como o noroeste e o sudeste da Lagoa do Peri, Ponta dos Naufragados, noroeste (pág. 92) e centro (pág. 60) da Lagoa da Conceição e a parte sul do Morro da Costa da Lagoa, representam os melhores trechos de mata secundária existentes. Um lento processo de regeneração pode resultar na formação de uma exuberante floresta. Entretanto, em função das alterações das características iniciais do solo e da ausência de várias espécies da composição original, a floresta em regeneração será diferente daquela que anteriormente ocorreu um dia na Ilha.

Nos vários estágios de regeneração das florestas, existe uma sequência no surgimento de diferentes espécies. O início da sucessão ocorre após o desmatamento total e pelo estabelecimento das plantas pioneiras, com alto poder de germinação e resistentes às pobres condições do solo e ao sol intenso. O capim-melado (*Melinis minutiflora* – espécie exótica proveniente da África) e a samambaia-das-taperas (*Pteridium aquilinum*) são exemplos de plantas colonizadoras. Após cerca de cinco anos, o primeiro estágio de sucessão – a capoeirinha – começa a se formar através do brotamento de uma vegetação de pequeno porte, como, por exemplo, a vassoura-vermelha (*Dodonaea viscosa*, pág. 204).

Após aproximadamente dez anos, o próximo estágio de transição tem início – a capoeira –, quando o solo dá lugar às plantas que necessitam de sombra para que as sementes germinem. São as pequenas arvoretas que podem medir até sete metros de altura, como o mangue-de-formiga (*Clusia criuva*), cafezeiro-do-mato (*Casearia silvestris*), capororoca (*Rapanea ferruginea*, pág. 230), ingá-de-quatro-quinas (*Inga estriata*) e o guamirim-araçá (*Gomidesia schaueriana*).

No estágio seguinte – capoeirão – as árvores são de maior porte, chegando a 20 metros de altura. Nesta fase as plantas pioneiras de pequeno porte do estágio inicial já desapareceram por completo, dando lugar primeiramente a espécies como o jacatirão (*Miconia cinnamomifolia*, pág. 228), que, pela alta densidade e promoção do sombreamento, propicia o surgimento de outras espécies arbustivas mais exigentes que necessitam de mais umidade para seu desenvolvimento. Em um capoeirão mais desenvolvido há diminuição da densidade do jacatirão e maior presença de várias espécies, como o pixiricão (*Miconia cabuçu*), a embaúba (*Cecropia adenopus*, pág. 193), a copiúva (*Tapirira guianensis*), o palmito (*Euterpe edulis* – cada vez mais raro na Ilha em função da extração predatória) (pág. 166), o rabo-de-macaco (*Lonchocarpus guillemianus*), o ingabaú (*Myrcia richardiana*), a canela-garuva (*Nectandra rigida*), entre outras.

As árvores e arbustos que compõem a Floresta Pluvial da Encosta Atlântica formam três estratos: o superior (macrofanerófitas), o intermediário (mesofanerófitas) e o inferior (nanofanerófitas). No estrato superior são encontradas as árvores com maior porte – 20 a 30 metros de altura ou mais. Podem ser citadas como exemplo a canela-papagaio ou garuva (*Cinnamomum glaziovii*), o garapuvu ou guapuruvu (*Schizolobium parahyba*) (pág. 195), a caxeta-amarela ou aguai (*Chrysophyllum viride*), a copiúva ou guapiruba (*Tapirira guianensis*), o camboatá-vermelho (*Matayba guianensis*) e o ingá-macaco (*Inga sessilis*). No estrato médio, as árvores encontram-se abaixo do estrato superior e a estatura é em torno de 6 a 10 metros. Nele são encontrados o palmito (*Euterpe edulis*), o bacopari (*Rheedia gardneriana*), o guamirim-de-folhas-

miúda (*Eugenia kleinii*), a canela-pimenta (*Ocotea teleiandra*) e o ipê-amarelo (*Tabebuia umbellata*). O terceiro estrato ocorre em ambientes mais sombrios e úmidos, alcançando suas árvores em média 2 a 3 metros de altura. Próximo ao solo encontra-se o estrato herbáceo, composto pelas pteridófitas (samambaias) e gramíneas.

A vegetação de floresta oferece habitat aos mamíferos de médio e pequeno portes que ainda ocorrem na Ilha, como o macaco-prego (*Cebus nigritus*, pág. 144), o coati (*Nasua nasua*, pág. 162) e a irara (*Eira barbara*). Marsupiais como a cuíca-de-cauda-grossa (*Lutreolina crassicaudata*) e o cuíca-d'água (*Chironectes minimus*) dependem da interação entre floresta e cursos d'água para alimentação e refúgio. Há também uma grande diversidade de aves especialistas deste ambiente, por exemplo aquelas que ocorrem basicamente no chão da floresta, como a saracura-do-mato (*Aramides saracura*), o inhambuagaçu (*Crypturellus obsoletus*), a galinha-do-mato (*Formicarius colma ruficeps*, pág. 129) e as que vivem nas copas das árvores, como a aracuã (*Ortalis guttata*, pág. 97), o beija-flor-de-frente-violeta (*Thalurania glaucopis*), o tangará-dançador (*Chiroxiphia caudata*, pág. 133), o tiê-preto (*Tachyphonus coronatus*, pág. 139), o tucano-de-bico-preto (*Ramphastos vitellinus*) e o tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*).

Na Ilha de Santa Catarina existem vários mecanismos que visam resguardar as áreas cobertas pela Floresta Pluvial da Encosta Atlântica. De acordo com o Plano Diretor são consideradas Áreas de Preservação Permanente (APP) aquelas que se encontram acima de 100 m de altitude ou com declividade superior a 46,6%. As demais regiões com florestas fora desta especificação formam as Áreas de Preservação com uso Limitado (APL), cuja ocupação e retirada da vegetação só é permitida de maneira bastante restrita. Algumas Unidades de Conservação foram criadas como



Interior da Floresta Pluvial da Encosta Atlântica no Morro da Lagoa.

Na Ilha de Santa Catarina existem vários mecanismos que visam resguardar as áreas cobertas pela Floresta Pluvial da Encosta Atlântica. De acordo com o Plano Diretor são consideradas Áreas de Preservação Permanente (APP) aquelas que se encontram acima de 100 m de altitude ou com declividade superior a 46,6%. As demais regiões com florestas fora desta especificação formam as Áreas de Preservação com uso Limitado (APL), cuja ocupação e retirada da vegetação só é permitida de maneira bastante restrita. Algumas Unidades de Conservação foram criadas como

forma de resguardar este importante ecossistema – Parque Florestal do Rio Vermelho, Parque Estadual da Serra do Tabuleiro (na Ilha é representado pela área da Praia dos Naufragados) (pág. 22), Parque Municipal da Lagoa do Peri, Parque Municipal da Galheta, Parque Municipal da Lagoinha do Leste, Parque Municipal do Maciço da Costeira, Unidade de Conservação Ambiental do Desterro (UFSC). Apesar das restrições e regras para o avanço das zonas urbanas, diariamente ocorrem ocupações regulares e irregulares, que causam impacto direto nas áreas remanescentes de Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

lagarto

Tupinambis merianae

Também conhecido como teiú. Utiliza as fontes de calor disponíveis no ambiente, obtendo energia para realizar as funções metabólicas do corpo e regular a temperatura, sendo assim chamado de ectodérmico. A temperatura do corpo é regulada através da alternância de exposição entre áreas quentes e frias do ambiente, característica geral dos répteis. Quando inativo fica exposto ao sol em áreas abertas. O macho é maior que a fêmea, alcançando cerca de 45 cm de comprimento quando adulto (excluindo-se a cauda). Os filhotes tem coloração esverdeada que termina por desaparecer na fase adulta (pág. 58). A cauda é mais comprida que o corpo, podendo chegar a 95 cm.



A língua bifurcada é capaz de captar informações químicas do ambiente, tais como a presença de um parceiro reprodutivo, alimento ou predador (ver também na pág. 58).

É equivocadamente perseguido pela população local, por acreditar que é ofensivo. Contudo, o lagarto é arisco, exibindo comportamento de fuga quando ameaçado.

Na parte dorsal se alternam longas faixas negras e claras que atravessam o corpo. O ventre é mais claro, com faixas escuras irregulares.

Comportamento

Tem hábito diurno e vive em terra firme (terricola). Durante o período de atividade está sempre à procura de alimento. Quando ameaçado realiza duas estratégias de defesa. A primeira consiste em ficar parado e se

camuflar no ambiente, reduzindo assim a possibilidade de ser localizado. A segunda é realizar uma fuga com rápido deslocamento.

Alimentação Muda conforme a idade – quando jovem alimenta-se de aranhas, vermes e insetos, o que é incrementado mais tarde com frutos e, por fim, quando adulto, com pequenos vertebrados.

Reprodução A estação reprodutiva ocorre durante o verão. Após a cópula a fêmea faz uma cavidade no chão ou utiliza uma já existente no local, na qual desova de 15 a 30 ovos. A fêmea cuida do ninho até a eclosão dos ovos, que ocorre em aproximadamente 60 dias. Ao nascer, os filhotes medem cerca de 20 cm.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica nas áreas de borda e matas abertas, e nas áreas urbanas próximas.

Conservação Todas as espécies do gênero *Tupinambis* estão listadas no apêndice II do CITES, e não se encontram na lista da fauna brasileira ameaçada de extinção do IBAMA. Na América do Sul, os lagartos em geral são utilizados como fonte de alimento e o seu couro é exportado para confecção de diferentes produtos.

Distribuição No Brasil ocorrem nove famílias de lagartos. O gênero *Tupinambis* é composto por seis espécies, todas com presença no país. O *Tupinambis merianae* está disperso desde o sul do Amazonas até o Rio Grande do Sul. Também está presente no Uruguai e norte da Argentina.

Ilha Pode ser facilmente observado em toda a Ilha nas áreas próximas de floresta, como a Praia da Lagoinha do Leste, Praia do Naufragados, Cacupé, entre outros locais.

Classe Répteis. **Ordem** Squamata. **Família** Teiidae. **Nome científico** *Tupinambis merianae*. **Nome comum em português** teiú, lagarto. **Espanhol** iguana. **Inglês** Common tegu.

caninana

Spilotes pullatus

A caninana é uma serpente de grande porte que apresenta coloração predominantemente negra, com belas manchas em amarelo-vivo. Seu comprimento médio é de 2,5 m e o peso pode superar 1 kg. Esta espécie possui uma série de dentes sem especialização para a inoculação de veneno, denominado dentição áglifa. Apesar de possuir uma aparência que impressiona as pessoas, os acidentes com a caninana são raros em razão da pouca abertura do maxilar.

Comportamento Realiza grande parte das suas atividades no período diurno. Apresenta vários comportamentos de defesa que resultam no afastamento dos predadores e intrusos. Por exemplo, a caninana pode

provocar o achatamento lateral da parte anterior do corpo, inflando a ponto de separar as escamas (pág. 62). No momento do ataque, ela se apóia na parte posterior do corpo, que funciona como base, o que permite a projeção para a frente, podendo alcançar uma distância superior a 3 m. A caninana, em geral, passa longos períodos descansando em cima de troncos caídos ou sobre a vegetação arbustiva.

Alimentação A caninana vive e busca alimento nas árvores e no chão, sendo portanto arborícola e terrícola. A dieta é composta basicamente por roedores e marsupiais (como os gambás), além de ovos e filhotes de aves.

Reprodução É ovípara e a cada período reprodutivo põe em média 12 ovos. A eclosão ocorre em 85 dias.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Distribuição Ocorre em toda a América do Sul. No Brasil está amplamente distribuída.

Ilha Está presente nas áreas com Floresta Pluvial da Encosta Atlântica com bom estado de conservação, como na área da Unidade de Conservação Ambiental do Desterro (UCAD), próximo aos bairros Saco Grande e Cacupé, e na Lagoa do Peri.

Classe Répteis. **Ordem** Squamata. **Família** Colubridae. **Nome Científico** *Spilotes pullatus*. **Nome comum em português** caninana, papa-pinto, cobra-tigre. **Espanhol** ñacaniño negra, tigre cazadora. **Inglês** Tiger rat Snake.

jararaca

Bothrops jararaca

A coloração é predominantemente marrom, indo de um tom mais escuro até o bege-claro. Observando os desenhos em forma de “V” invertido na pele da jararaca podemos identificá-la com rapidez (pág. 63). O comprimento desta serpente varia entre meio metro e um metro, com peso que pode alcançar 250 gramas. Possui um longo par de dentes anteriores na arcada superior especializados em injetar o veneno na presa. O interior destes dentes é oco, permitindo que o veneno escorra no ato da mordida. Este tipo de dentição é denominada solenóglifa. O osso maxilar é móvel, o que possibilita uma grande abertura da boca, que chega a 180°, projetando os dentes inoculadores para a frente. Esta característica torna alto o risco de acidentes com pessoas e animais domésticos. Além disso, o envenenamento é considerado grave, o que exige um rápido tratamento, e, se não bastasse, os filhotes possuem uma alta concentração de veneno. Na parte lateral da cabeça, entre o

olho e a narina, existe um orifício denominado fosseta loreal. É um órgão sensorial que possibilita a percepção de mínimas variações de temperatura, auxiliando na detecção dos predadores e das presas. Outro órgão sensorial importante na jararaca, e nas demais serpentes, é a língua bifurcada, que atua na detecção de pistas químicas do ambiente, por exemplo, fornecendo-lhe informações sobre a presença de outras espécies ou parceiro sexual.

Alimentação A dieta é carnívora, composta basicamente de pequenos roedores e marsupiais (como gambás). A estratégia para a captura da presa consiste em aguardar a sua aproximação para dar o bote e envenenar a vítima, imobilizando-a. As presas são engolidas inteiras e a forte musculatura se encarrega de realizar o esmagamento.

Comportamento O período de maior atividade ocorre à noite. Caça e se abriga tanto no chão quanto na vegetação, sendo, portanto, terrícola e arborícola. Quando ameaçada, a defesa consiste em vibrar a cauda, esconder a cabeça entre o corpo ou dar o bote. Outro mecanismo de defesa é o padrão de coloração, que faz com que se confunda com o ambiente.

Reprodução A fêmea dá à luz filhotes, sem realizar a postura de ovos, ou seja, é vivípara. Os filhotes possuem tamanho aproximado de 20 cm ao nascer.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica e áreas com interferência humana como zonas rurais.

Distribuição Comum nas regiões Sudeste e Sul, com ampla distribuição nas áreas com Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, desde o sul da Bahia até o norte do Rio Grande do Sul, incluindo o leste de Minas Gerais.

Ilha Está presente em toda a Ilha, como nos morros das praias da Galheta e Mole, e na Unidade de Conservação Ambiental do Desterro (UCAD).

Por causarem acidentes, as serpentes pertencem ao grupo de animais mais perseguidos pelo homem. Entretanto, apenas um quinto das espécies são capazes de inocular veneno nas suas vítimas. No Brasil, são registrados 18 a 20 mil casos de acidentes com cobras a cada ano, contudo menos de 1% desses casos (resultado da demora e da eficiência no tratamento) é letal. Na faixa de Mata Atlântica do Estado de Santa Catarina existem 38 espécies de serpentes, mas apenas 13 destas representam riscos de acidentes.

Classe Répteis. **Ordem** Squamata. **Família** Viperidae. **Nome Científico** *Bothrops jararaca*. **Nome comum em português** jararaca. **Espanhol** yarará. **Inglês** Pit viper.

cobra-coral

Micrurus corallinus

A coloração é vibrante. Embora a cor vermelha seja a que predomina, possui grande parte do corpo também em preto e branco. A cabeça é preta, seguida de anéis nas cores branca, preta, branca, com intervalos mais largos em vermelho. Na cobra-coral o padrão da coloração funciona como alerta para o predador, que tende a afastar-se ao invés de atacar (pág. 62). A cobra-coral possui um pequeno par de dentes anteriores injetores de veneno localizados na arcada superior, constituindo a chamada dentição proteróglifa, podendo atacar caso se sinta ameaçada. O risco de envenenamento é grave, mas, em função da pequena abertura da boca, os acidentes com as corais verdadeiras são raros. Quando ataca o homem ou animais domésticos, o mais comum é a mordida em alguma extremidade pequena do corpo, como dedos e focinho. No caso do homem, normalmente ela se afasta diante da sua presença. Tem porte pequeno, com comprimento que varia entre meio metro e um metro, e o peso, entre 100 e 120 gramas.

Comportamento Tem hábito diurno e passa a maior parte do tempo embaixo das folhas em decomposição, no interior de troncos apodrecidos e no meio das pedras. A rápida movimentação pelo solo contribui para confundir o predador, funcionando como mecanismo de defesa. Põe ovos, ou seja, é ovípara.

Alimentação Come pequenas serpentes e lagartos. Bastante ativa, locomove-se em busca de presas para se alimentar.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica e restinga.

Distribuição Nas áreas cobertas pela Mata Atlântica, é comumente encontrada desde o sul da Bahia até o norte do Rio Grande do Sul.

Ilha Habita ambientes de floresta, inclusive perto de áreas urbanas como o Córrego Grande, ou regiões de restinga, como, por exemplo, no Campeche.

Classe Répteis. **Ordem** Squamata. **Família** Elapidae. **Nome científico** *Micrurus corallinus*. **Nome comum em português** cobra coral, coral-verdadeira. **Espanhol** coral. **Inglês** South America Coral Snake.

jacaré-de-papo-amarelo

Caiman latirostris

O nome comum dado ao jacaré-de-papo-amarelo faz referência à cor creme na região ventral de seu corpo. Quanto ao nome da espécie, *Caiman*, vem do espanhol, e *latirostris*, do latim, significando jacaré do rosto largo. A colo-

ração predominante na região dorsal no adulto é marrom-escura. Animais mais jovens apresentam manchas escuras na mandíbula e na cauda. A mandíbula no adulto é larga, achatada e muito forte. Os dentes cônicos, são substituídos à medida que caem ou envelhecem. As pernas são robustas e curtas, e as patas apresentam membrana natatória entre os dedos. Apesar de não haver dimorfismo sexual evidente, o macho é maior do que a fêmea e pode atingir 3 m de comprimento, enquanto a fêmea alcança 2 m. Possui vários receptores sensoriais na pele que o auxiliam enquanto está submerso, complementando sua pobre capacidade visual debaixo d'água. Assim, receptores localizados em torno da mandíbula permitem a percepção de mudanças na pressão d'água, facilitando a localização de peixes nas proximidades. Depende do calor do ambiente para manutenção da temperatura do corpo, o que influencia tanto na busca como na digestão do alimento.

Alimentação É predador oportunista, com preferência pela utilização de alimentos conforme sua disponibilidade e abundância. É carnívoro, e os adultos possuem uma dieta variada, constituída de moluscos, peixes, tartarugas, pássaros e mamíferos, alimentando-se durante o fim de tarde e à noite. Quando o animal está submerso capturando uma presa, a válvula palatal, localizada no interior da mandíbula, impede a passagem da água pela garganta até o estômago. Os filhotes alimentam-se de insetos. Os jacarés capturam as presas preferencialmente nos meses de maior temperatura porque necessitam de calor para realizar as funções digestivas.



Acima, o cuidado dos filhotes é realizado principalmente pela fêmea, que permanece perto dos filhotes, protegendo-os. Utiliza o próprio corpo como plataforma para que eles descansem ao sol.

Comportamento O jacaré-de-papo-amarelo passa a maior parte do tempo fora d'água, descansando e realizando a digestão. Nos períodos em que passa na água, o corpo fica quase todo submerso; apenas partes da cabeça, narinas e dorso ficam fora d'água (pág. 59). A comunicação é realizada através de inúmeros sinais sociais: por exemplo, o macho pode indicar dominância ou territorialidade com posturas corporais específicas. Os sinais olfativos estão relacionados com a liberação de feromônios (pistas químicas cuja função é possibilitar a comunicação entre animais da mesma espécie), que servem ao macho para demarcar o território e atrair fêmeas. Os sinais acústicos, como vocalizações de baixa frequência, são emitidos pelo jacaré para se comunicar debaixo d'água, com a função de atrair as fêmeas durante o período de acasalamento e afastar outros machos concorrentes.

Reprodução Durante a época reprodutiva, o macho adulto defende o território e acasala-se com várias fêmeas. A construção do ninho é feita pela fêmea, que utiliza folhas mortas, gravetos e terra. O ninho é grande, podendo alcançar 1,30 m de diâmetro e 0,50 m de altura. A postura dos ovos ocorre nos períodos mais úmidos do ano. Em cada fase reprodutiva a fêmea deposita de 20 a 60 ovos no ninho, e as mais jovens produzem menos ovos que as mais velhas. O período de incubação varia entre 70 e 80 dias, quando os ovos ficam totalmente encobertos por matéria orgânica que, ao ser decomposta, mantém elevada a temperatura no interior do ninho, garantindo o desenvolvimento embrionário. O sexo do filhote é definido pelas variações de temperatura no interior do ninho. Temperaturas entre 28 e 30°C originam fêmeas; temperaturas entre 32 e 34°C originam machos; e temperaturas intermediárias entre 30 e 32°C promovem o nascimento de indivíduos de ambos os sexos. Aproximadamente dois dias antes de nascer, os filhotes vocalizam, o que constitui um sinal para a mãe abrir o ninho e favorecer a saída em conjunto da ninhada.

Ambiente Aquático, tais como manguezais, lagos, banhados, igarapés e rios.

Conservação Foi recentemente retirado da Lista da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção do IBAMA. Pela IUCN é considerada uma espécie de baixo risco de extinção, dependente de conservação. No Brasil, encontra-se no Apêndice I do CITES, e na Argentina no Apêndice II. A principal ameaça ao futuro desta espécie é a alteração dos ambientes que habita, como poluição da águas, urbanização e redirecionamento das vias fluviais.

Distribuição A subfamília Alligatorinae é composta por oito espécies, sendo cinco encontradas no Brasil. O jacaré-de-papo-amarelo é endêmico da América do Sul. Ocorre nas regiões próximas às bacias costeiras desde o Rio Grande do Norte até o Rio Grande do Sul. Também ocorre no oeste do Brasil,

nas bacias dos rios São Francisco e Paraná até o Rio Paraguai. Encontra-se disperso na Bolívia, Paraguai, norte da Argentina e Uruguai.

Ilha Ocorre em baixa frequência na Lagoa do Peri, podendo ser ocasionalmente observado na Estação Ecológica de Carijós, ao norte da Ilha entre a Praia da Daniela e Jurerê, ou em áreas mais urbanas, como no Manguezal do Itacorubi e no Rio do Sertão, no bairro Santa Mônica (pág. 59).

Classe Répteis. **Ordem** Crocodylia. **Família** Alligatoridae. **Subfamília** Alligatorinae. **Nome científico** *Caiman latirostris*. **Nome comum em português** jacaré-de-papo-amarelo. **Espanhol** yacare-de-hocico-ancho. **Inglês** Broad-snouted Caiman.

atobá

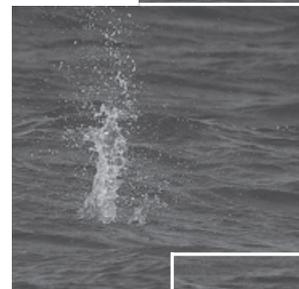
Sula leucogaster

O atobá (ver pág. 49) passa longos períodos planando e o voo é ondulado. Normalmente é observado voando em grupos enfileirados ou em pares ou trios. É fácil de ser identificado no ar, pois as asas são estreitas e muito compridas e o bico é comprido e largo. Os adultos apresentam comprimento ao redor de 65 a 75 cm da ponta do bico até o fim da cauda. A envergadura chega até 1,5 m, com peso oscilando entre 700 e 1.550 g. A coloração é negra e branca. Na cabeça, peito, dorso, cauda e em parte das

asas predomina o negro. O ventre é branco desde o peito até o começo da cauda, assim como na parte

Um dos comportamentos mais surpreendentes do atobá é a forma como realiza a captura de peixes.

Plana no ar até avistar uma presa, momento em que faz um giro abrupto com o corpo e se lança em vertical, em alta velocidade. Durante a queda, ajeita as asas em formato de "W", fechando-as antes de mergulhar, o que dá um grande impulso para capturar o peixe.



interna das asas. A face desnuda (sem presença de penas) é azul-escura no macho e amarelada na fêmea, configurando a forma mais simples de diferenciar os sexos. Além disso, a fêmea é um pouco maior que o macho. O atobá possui um bico de grande tamanho, forte, reto, pontudo e de coloração amarelo-clara. As patas são grossas, curtas e na cor amarela. Com a função de facilitar a natação, entre os dedos há uma membrana natatória interdigital. O juvenil apresenta coloração similar ao adulto, com ventre cinza.

Alimentação Captura peixes perto da costa, sobrevoando a uma altura de aproximadamente 30 m. Ao encontrar um peixe se lança como uma flecha, dobrando as asas e mergulhando até vários metros de profundidade. Debaxo d'água usa as asas e pernas para avançar até alcançar a presa. Para levantar voo novamente, corre sobre a superfície da água com o prêmio do mergulho preso no bico.

Reprodução Nidifica durante todo o ano nas ilhas costeiras de Santa Catarina, como as Ilhas Moleques do Sul. Mas o pico de nascimento de filhotes ocorre entre o final do inverno até o verão. Constrói o ninho nas rochas, nos atóis de coral, barrancos, árvores baixas e também no solo. A fêmea deposita de um a dois ovos num ninho feito com ramos, gravetos, pequenas pedras, ossos e penas de outras aves. A incubação dos ovos dura aproximadamente 42 dias e é realizada de forma alternada pelo casal. O macho e a fêmea protegem e alimentam o filhote até os seis meses de idade, o que exige um grande investimento. Um dos ovos é denominado "ovo de segurança", podendo ser eliminado após o nascimento do primeiro filhote. Assim, acredita-se que a criação de apenas um filhote corrobora na redução dos altos custos dos cuidados parentais. O primeiro voo ocorre entre o 85º e 105º dia de vida. A reprodução tem início a partir do segundo ano. Os principais predadores de ovos e filhotes é a gaviota (*Larus dominicanus*, pág. 102), o urubu (*Coragyps atratus*), o gavião-carijó (*Rupornis magnirostris*) e o gavião-carrapateiro (*Milvago chimachima*, pág. 79).

Ambiente Costeiro e oceânico.

Conservação Não se encontra globalmente ameaçado. No passado sofreu impacto da caça para consumo da carne e ovos. Atualmente, devido a sua

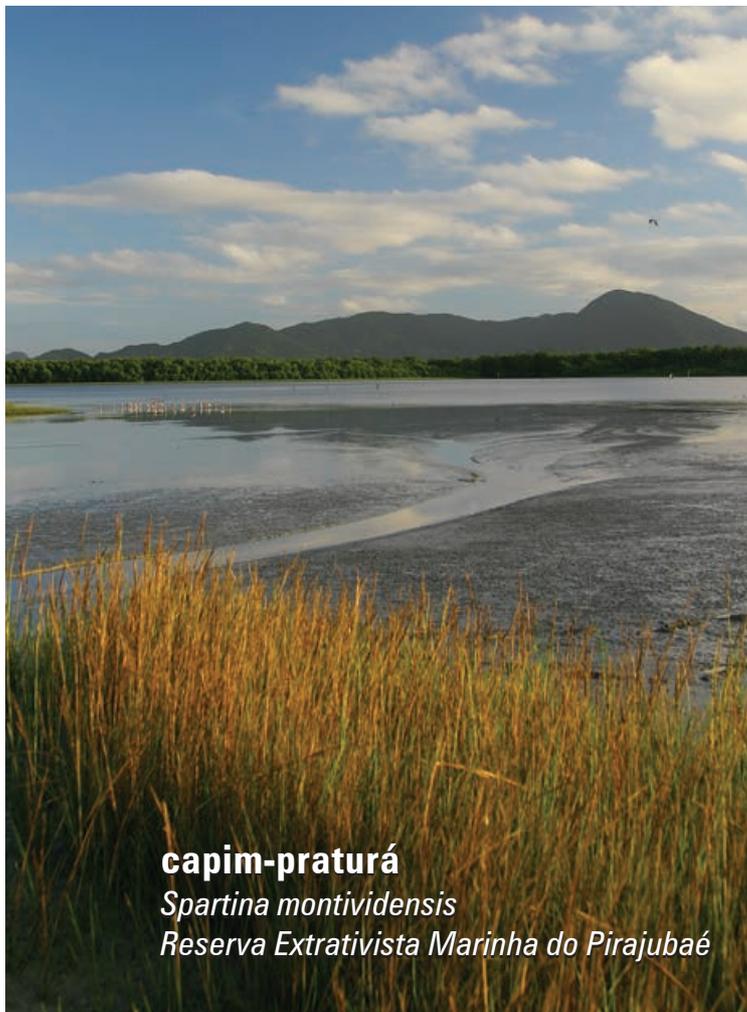




atobá
Sula leucogaster



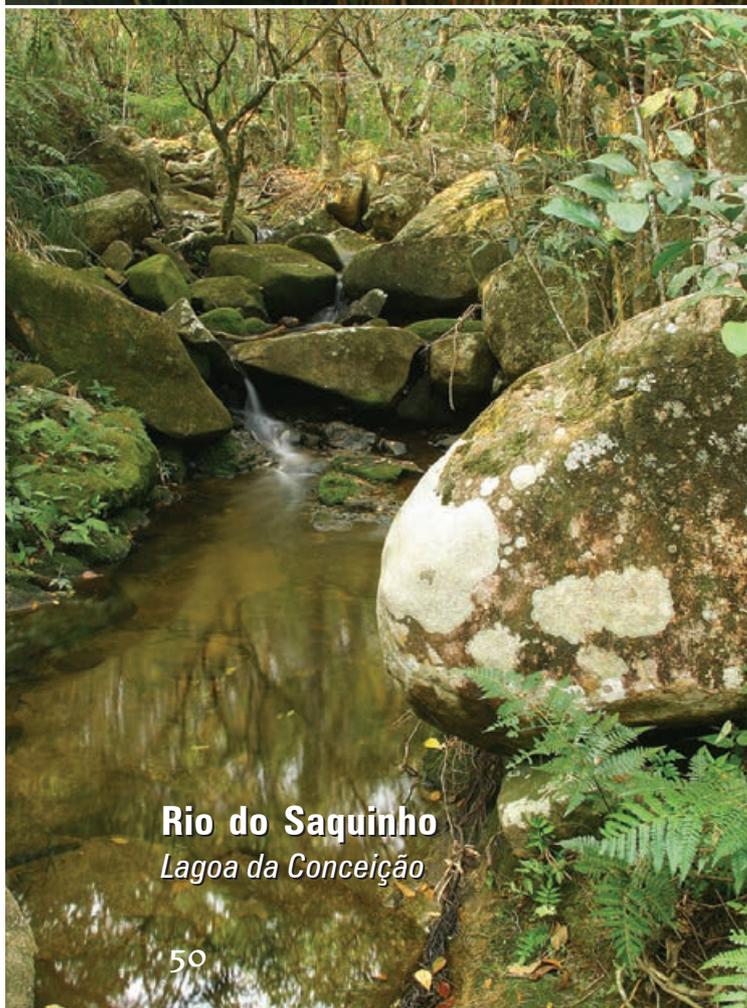
biguá
Phalacrocorax brasilianus



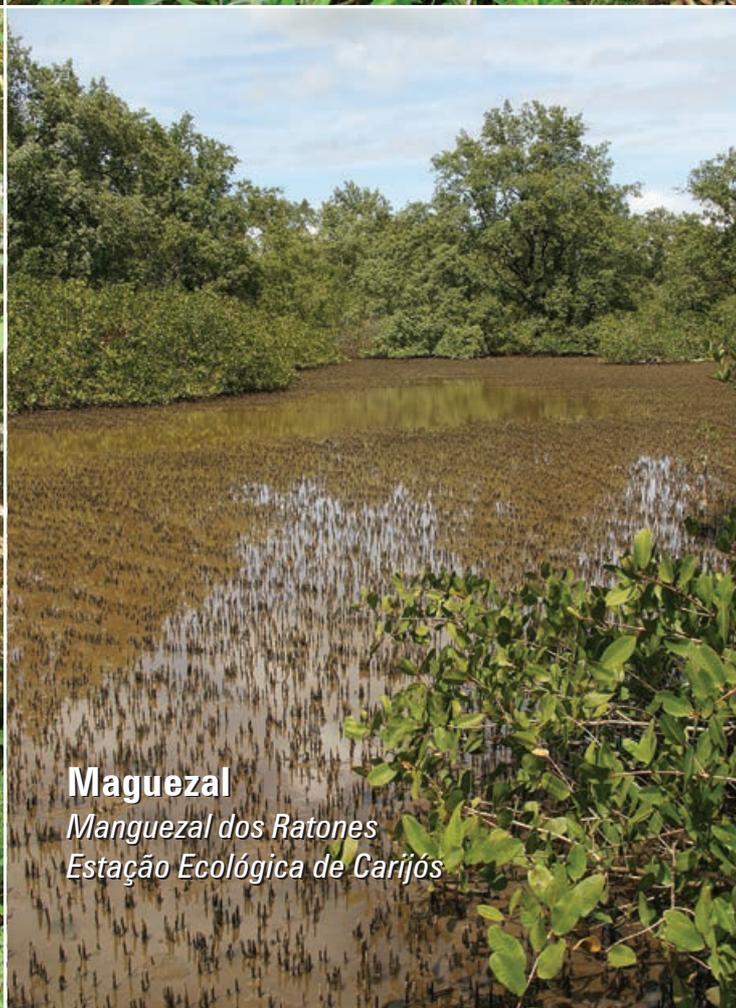
capim-praturá
Spartina montividentis
Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé



Rio do Peri
Parque Municipal da Lagoa do Peri



Rio do Saquinho
Lagoa da Conceição



Maguezal
Manguezal dos Ratores
Estação Ecológica de Carijós



Lagoa, dunas, restinga e floresta
Parque Municipal da Lagoinha do Leste



Dunas e restinga
Lagoa da Conceição



cravo-do-mato
Tillandsia stricta



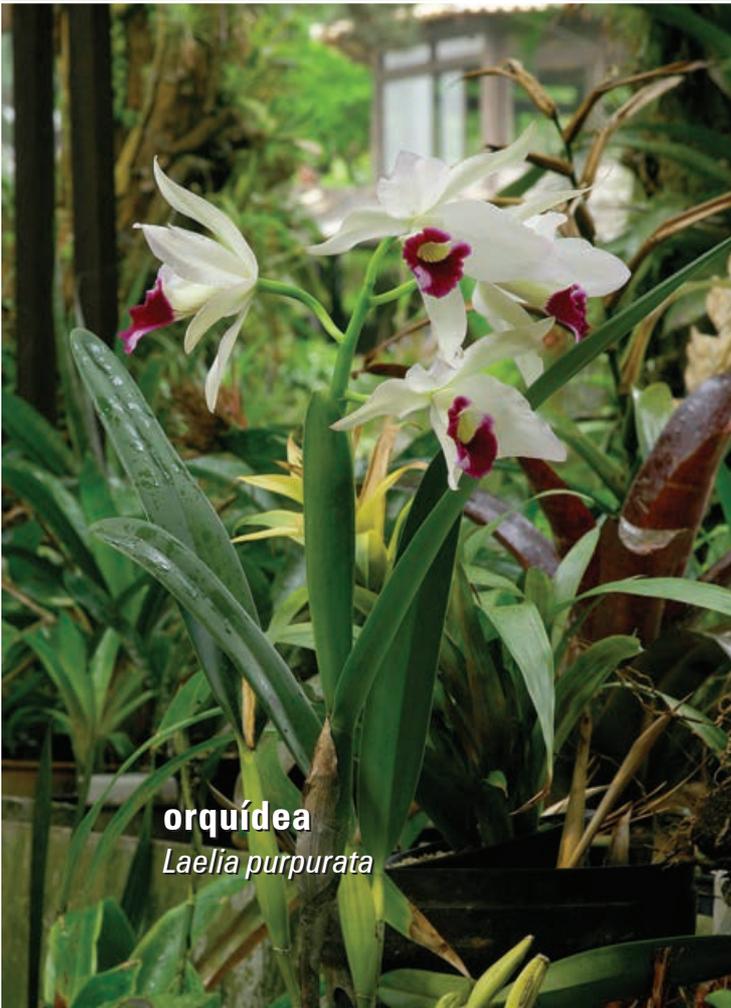
flamboyant
Delonix regia



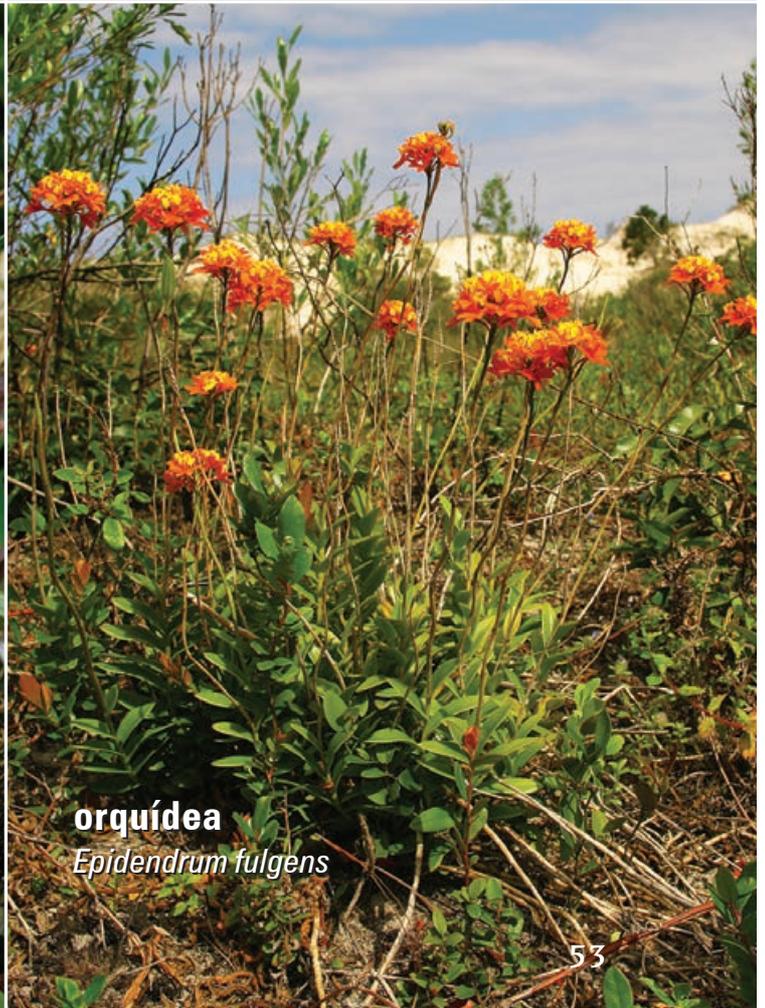
aroeira
Schinus terebinthifolia



bananeira-do-mato
Heliconia velloziana



orquídea
Laelia purpurata



orquídea
Epidendrum fulgens



Manguezal

Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé



Manguezal

*Manguezal do Ratores
Estação Ecológica de Carijós*



Dunas
Lagoa da Conceição



Lagoa e floresta
Parque Municipal da Lagoa do Peri



Dunas e restinga
Pântano do Sul



Rio dos Naufragados
Parque Estadual da Serra do Tabuleiro





lagarto

Tupinambis merianae
Adulto



lagarto

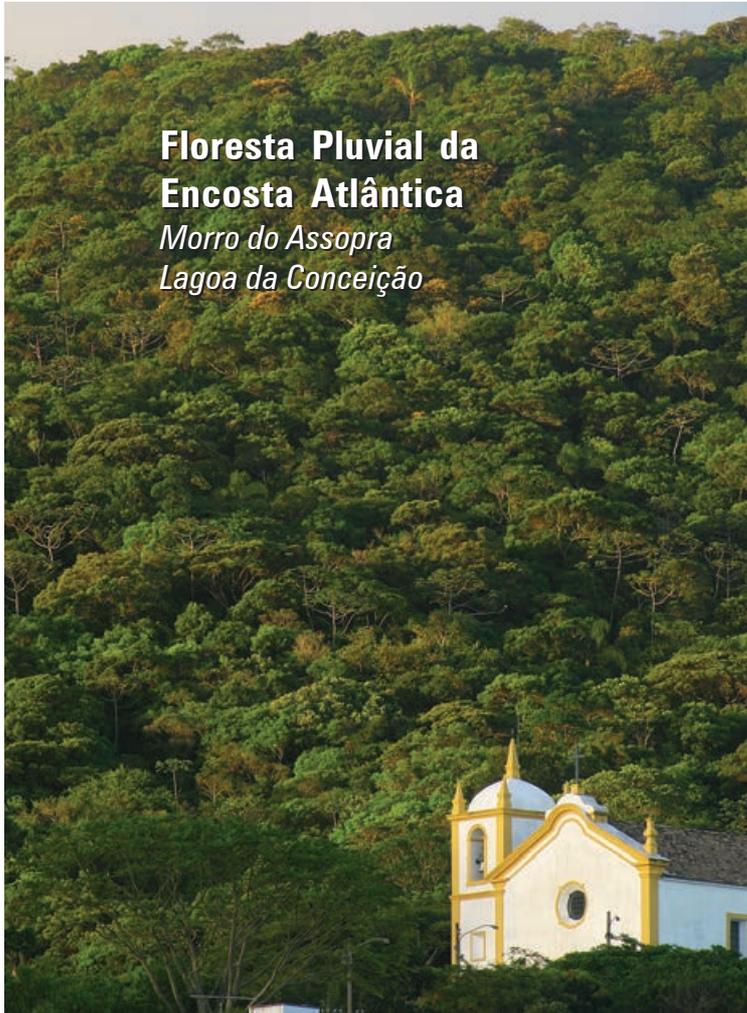
Tupinambis merianae
Jovem



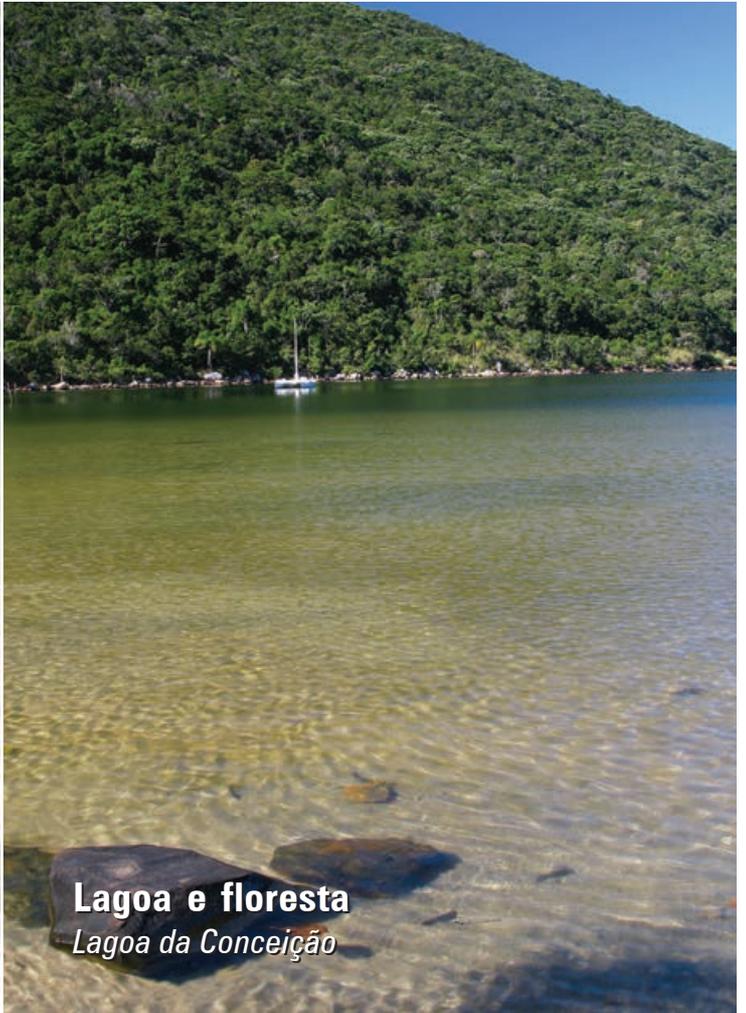
jacaré-de-papo-amarelo
Caiman latirostris



jacaré-de-papo-amarelo
Caiman latirostres



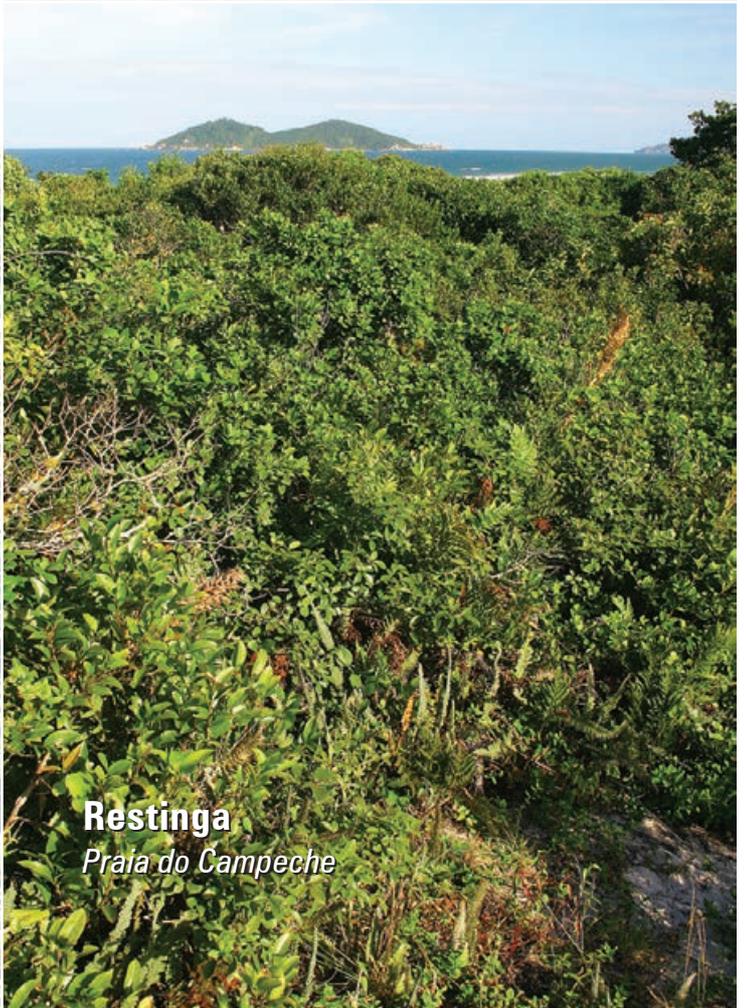
**Floresta Pluvial da
Encosta Atlântica**
*Morro do Assopra
Lagoa da Conceição*



Lagoa e floresta
Lagoa da Conceição



Banhado, duna e restinga
Lagoa da Conceição



Restinga
Praia do Campeche



Manguezal
Costeira do Pirajubaé



Dunas e restinga
Lagoa da Conceição



caninana
Spilotes pullatus



cobra-coral
Micrurus corallinus



jararaca
Bothrops jararaca
Adulto



jararaca
Bothrops jararaca
Jovem



garça-branca-pequena
Egretta thula

garça-branca-grande
Ardea alba, Egretta alba



abundância, são poucos os locais em que recebe proteção legal. A longo prazo, o incremento do turismo global pode causar impacto para essa espécie, sobretudo durante o período reprodutivo.

Distribuição A família Sulidae é pequena, possuindo apenas nove espécies no mundo inteiro. O atobá possui distribuição na região dos trópicos. Nas Américas, pelo lado do Pacífico, distribui-se a partir do México até a Colômbia. Pelo lado do Atlântico ocorre até o Uruguai, sendo ocasional na Argentina. Está disperso também ao longo de toda a costa brasileira. Em Santa Catarina, as principais colônias de reprodução se concentram nas Ilhas Tamboretas e Moleques do Sul, sendo esta última o limite austral em que esta espécie nidifica.

Ilha É abundante, sendo fácil observá-lo em voo em todas as praias como Moçambique, Barra de Lagoa e Jurerê. Ao cair da tarde, pequenos bandos podem ser vistos sobrevoando em fila bem próximo do mar, em busca de locais para passar a noite.

Classe Aves. **Ordem** Pelecaniformes. **Família** Sulidae. **Nome científico** *Sula leucogaster*. **Nome comum em português** atobá, mergulhão, atobá-marrom, atobá-pardo, alcatraz. **Espanhol** piquero pardo, piquero café. **Inglês** Brown Booby, White-bellied Booby.

biguá

Phalacrocorax brasilianus

Quando está pousado sobre pedras ou árvores o biguá é comumente observado com as asas abertas, hábito que facilita a secagem das penas (ver pág. 49). A coloração é de um marrom bem escuro, quase negro, e o bico é comprido e curvo na extremidade. Apresenta entre 60 e 75 cm de comprimento e 1,3 kg de peso. São aves mergulhadoras que para a natação utilizam a membrana natatória, que interliga os dedos, além da longa cauda usada como leme. Comumente observado pousado nas pedras, o biguá é eventualmente visto descansando em galhos, como no Parque do Córrego Grande, na fotografia da página 222.



As fezes das aves, por conterem uréia, apresentam coloração esbranquiçada. Assim, os locais frequentemente utilizados por elas podem ser facilmente identificados.

Alimentação Consomem peixes e mais raramente camarões de água doce. Como estratégia de forrageamento nadam em grupo, bloqueando a passagem dos peixes e facilitando assim a captura. Ao mergulhar alcançam mais de 20 m de profundidade.

Reprodução Durante a reprodução os machos desenvolvem um pequeno saco gular de cor amarela na garganta, que, inflado, é utilizado no cortejamento. Nidificam em grupo, juntamente com outras espécies coloniais. Os ninhos são construídos nas árvores próximas a baías. Os ovos são em azul-claro revestidos por uma crosta calcária, e a incubação dura cerca de 24 dias.

Ambiente Costeiro, manguezais, lagos, lagoas, áreas com interferência antrópica e áreas urbanas (lagos artificiais).

Distribuição Nas Américas o biguá encontra-se disperso do México até o Cabo de Horn (Sul da América do Sul), nos países tanto do lado do Atlântico quanto do lado do Pacífico. Pode ser encontrado em todo o Brasil. Em Santa Catarina está amplamente distribuído na costa litorânea e de forma mais escassa nas demais áreas do estado, onde ocupa as regiões próximas aos espelhos d'água naturais e artificiais.

Ilha Os biguás são abundantes e de fácil observação nos lagos e lagoas, como no Parque do Córrego Grande e na Lagoa da Conceição, e nas pedras da orla da Avenida Beira Mar Norte.

Classe Aves. **Ordem** Pelecaniformes. **Família** Phalacrocoracidae. **Nome científico** *Phalacrocorax brasilianus*. **Nome comum em português** biguá. **Espanhol** tijereta común, viqué común, poto cuervo, biguá. **Inglês** Neotropic Cormorant.

fragata

Fregata magnificens

A fragata passa muito tempo planando em grande altitude em um ágil e elegante voo. Apresenta uma silhueta que torna sua identificação inconfundível com as asas em forma de “W” e a cauda muitas vezes bifurcada em “V”. As asas são muito compridas e estreitas, chegando a atingir uma envergadura de até 2,4 m. Apesar do seu longo comprimento, é uma ave de baixo peso em relação ao seu porte, pois os ossos são extremamente leves e pneumáticos. As penas, por exemplo, possuem peso maior que os ossos. O corpo é negro-brilhante com a cabeça preta. O macho possui ao longo da garganta e peito uma bolsa vermelha (saco gular), que muitas vezes é pouco visível (pág. 120), ficando, porém, evidente durante a época reprodutiva, quando é inflada. As patas são pretas e o bico possui tom azulado. Já a fêmea apresenta o peito branco, o bico acinzentado e as patas vermelhas. A fêmea é maior que o macho e apresenta a cabeça preta e peito branco (ver fotografias da pág. 87: acima uma

fêmea e à esquerda um exemplar juvenil. Abaixo, dois subadultos. O juvenil se distingue do adulto por apresentar o ventre em branco-manchado). É uma ave de grande tamanho, cujo comprimento da cabeça à cauda varia de 90 cm até 115 cm. O pescoço é curto e o bico, grande e comprido, que acaba num gancho curvo muito marcado apontado para baixo. O peso varia de 1,1 kg a 1,5 kg. As fragatas não são nadadoras.

Alimentação Com o auxílio do bico captura pequenos peixes sobrevoando muito perto da superfície d'água. Também persegue em pleno voo outras aves marinhas para retirar-lhes do bico o peixe recém-capturado.

Reprodução Em Santa Catarina as colônias reprodutivas se concentram nas ilhas costeiras, como, por exemplo, Ilhas Moleques do Sul. Durante o acasalamento o macho corteja a fêmea inflando e balançando lateralmente a grande bolsa vermelha localizada na garganta (pág. 88). Vários machos se exibem simultaneamente para as fêmeas que sobrevoam o local de procriação. O período de nidificação ocorre principalmente entre junho e setembro, e o nascimento do ninhego vai de novembro a dezembro. É comum nidificarem em conjunto com outras espécies que também se reproduzem colonialmente, como, por exemplo, o atobá (*Sula leucogaster*, pág. 47), a gaivota (*Larus dominicanus*, pág. 102) e o trinta-réis (*Sterna* spp.). O ninho é construído pelo casal sobre árvores ou arbustos em áreas de manguezais. Nesse período alimentam-se nas águas adjacentes aos locais onde nidificam. O ninho se assemelha a uma plataforma de galhos, com cerca de 30 cm de diâmetro, sendo construído normalmente entre 2 e 5 m de altura. A fêmea coloca um único ovo branco e o casal o incuba por 40 a 45 dias. O filhote começa a voar quando atinge 4 a 5 meses de vida. Nesta etapa, o macho abandona o ninho e o cuidado pela fêmea continua até o final do primeiro ano de vida do filhote. Em função do prolongado período de cuidados parentais, é comum a fêmea nidificar somente a cada dois anos.

Ambiente Costeiro.

Conservação Não se encontra globalmente ameaçado. Entretanto, há pouca informação acerca do *status* da população global e das suas tendências. Em algumas regiões, como no Caribe, por exemplo, a população vem sofrendo constante diminuição. As principais causas de declínio desta espécie são a perda e alteração de habitat e a caça.



Distribuição A família Fragatidae é constituída por apenas cinco espécies de aves costeiras. Pelo lado do Pacífico, a fragata está presente desde a costa da Califórnia, alcançando a Colômbia, o Equador, incluindo as Ilhas Galápagos e o Peru. Pelo lado do Atlântico ocorre desde a Flórida até a Argentina. Encontra-se ao longo de toda a costa brasileira. Em Santa Catarina pode ser observada em toda a zona costeira, sendo as Ilhas Moleques do Sul o limite austral de colônias reprodutivas.

Ilha É residente anual e muito comum, sendo fácil observá-la em todas as regiões, em especial nas Ilhas de Ratonés (ver pág. 81) e Moleques do Sul. O constante desmatamento da vegetação nos manguezais tem contribuído para a diminuição das áreas de nidificação. Portanto, a preservação das ilhas costeiras é condição essencial para que as fragatas encontrem refúgio para nidificar e pernoitar.

Classe Aves. **Ordem** Pelecaniformes. **Família** Fregatidae. **Nome científico** *Fregata magnificens*. **Nome comum em português** fragata, tesourão, João-grande, calisto, grapira. **Espanhol** fragata, rabihorcado magnífico. **Inglês** Magnificent Frigatebird.

garça-moura

Ardea cocoi

A garça-moura é uma ave arisca que levanta voo a qualquer perturbação do ambiente. O voo é pesado e lento e o pescoço se encolhe durante o deslocamento. É comum observá-la solitária nas margens d'água, onde captura o alimento. Inconfundível pelo seu grande tamanho, o adulto possui cerca de 125 cm de comprimento (ver pág. 94). Não apresenta dimorfismo sexual. A parte dorsal do corpo é cinza-azulado, sendo branca parte do pescoço e do ventre. Os flancos do ventre são em negro. Grande parte da cabeça é preta com várias penas compridas que alcançam a nuca. O longo pescoço apresenta linhas pretas descontínuas. O bico, muito comprido, forte e pontiagudo, tem a parte superior preta e a inferior em amarelo intenso. Os olhos são amarelos circundados em azul-celeste. As longas pernas permitem que esta ave caminhe pelos corpos d'água sem molhar o corpo. Os juvenis possuem o ventre totalmente branco e menos plumagem negra na cabeça. Pelo porte e plumagem, a garça-moura é considerada uma das garças mais belas do litoral.

Alimentação A dieta é composta de peixes, anfíbios, pequenos crustáceos e insetos aquáticos. Alimenta-se de forma passiva e solitária, esperando e capturando a presa em pé em águas rasas, como na Lagoa da Conceição. Ocasionalmente pode se alimentar em grupo.

Reprodução O período reprodutivo se estende de agosto até novembro. Caracteriza-se pela formação de grupos coloniais, podendo ser mistos com outras espécies de garças. O ninho é uma grande plataforma formada por pequenos galhos, sendo muito aberto e exposto. Geralmente é construído em árvores baixas. O tamanho pode chegar até 90 cm de diâmetro, 50 cm de altura e 15 cm de profundidade, e nele são colocados até quatro ovos verde-azulados. A incubação dura em média 25 dias.

Ambiente Margens de lagoas, rios, banhados, manguezais e nas praias na zona de arrebentação.

Distribuição A família das garças é cosmopolita e congrega cerca de 60 espécies distribuídas pelo mundo. A garça-moura encontra-se nas regiões costeiras desde o Panamá até o sul do Chile. No lado do Atlântico ocorre até o norte da Argentina. Está dispersa em todo o Brasil. Em Santa Catarina é mais frequente no lado leste, sendo mais comum no sul do Estado.

Ilha A garça-moura ocorre em baixa densidade. É mais fácil observá-la no norte da Ilha, nos manguezais e na Lagoa da Conceição. É provável que utilize os manguezais para nidificar.

Classe Aves. **Ordem** Ciconiiformes. **Família** Ardeidae. **Nome científico** *Ardea cocoi*. **Nome comum em português** socó-grande, garça-parda, socói. **Espanhol** garza mora. **Inglês** White-necked Heron, Cocol Heron.

garça-branca-pequena

Egretta thula

A palavra *Egretta*, dada ao gênero, refere-se às penas compridas que crescem ao longo do pescoço e dorso durante a época do acasalamento. O corpo é totalmente branco, com bico e pernas pretas, e a íris e os pés são em amarelo (págs. 20 e 64). Possui cerca de 56 cm de comprimento. O macho e a fêmea são similares. Os juvenis possuem pernas e pés verde-amarelados.

Reprodução O casal constrói uma plataforma de galhos secos, geralmente em uma árvore baixa próxima à água (pág. 223). No ninho a fêmea deposita de três a sete ovos esverdeados ou verde-azulados. Durante 25 a 26 dias o casal participa da incubação dos ovos e depois conjuntamente alimenta os filhotes regurgitando alimento. Uma esvoaçante plumagem nupcial surge no dorso e no peito da garça-branca-pequena durante o período reprodutivo (ao lado e na pág 222).



Ambiente Margens de rios, lagoas, manguezais, na faixa de arrebentação das praias com águas calmas.

Distribuição Ocorre desde o sudoeste dos Estados Unidos, Antilhas e em quase toda a América do Sul. Distribui-se por todo o Brasil. Em Santa Catarina é mais comum ao longo do litoral.

Ilha Ave abundante, enquanto forrageia é facilmente observada solitária ou em associação com pequenos grupos de garças e aves aquáticas de várias espécies. Exemplos de locais onde pode ser observada são as praias do Matadeiro e dos Naufragados e a Lagoa da Conceição. Os pontos mais comuns para visualizar os ninhos são o canto direito do canal da Barra da Lagoa (próximo à foz) e na rodovia SC-402 (próxima ao trevo de Jurerê e Jurerê Internacional).

Classe Aves. **Ordem** Ciconiiformes. **Família** Ardeidae. **Nome científico** *Egretta thula*. **Nome comum em português** garça-branca-pequena. **Espanhol** garcita blanca, garza blanca, chica **Inglês** Snowy Egret.

garça-branca-grande

Ardea alba, Egretta alba

No século XIX houve um grande declínio desta ave, bem como da garça-branca-pequena, pois as longas penas nupciais foram intensamente utilizadas em diferentes países como adorno nos chapéus femininos. Passada a intensa procura da plumagem, por volta de 1900, as populações da espécie voltaram a crescer. Estas penas nupciais aparecem durante o período reprodutivo ao longo da região dorsal, onde surge uma comprida plumagem fina e delicada, que pode chegar a 50 cm de comprimento. A região próxima aos olhos se torna esverdeada (pág. 64). Ao final deste período esta plumagem naturalmente se perde e é substituída pela cobertura normal. Como as demais garças, durante o voo encolhe o comprido pescoço e estende as pernas para trás. Macho e fêmea são semelhantes. A plumagem é totalmente branca, o bico e a íris são em amarelo, as pernas e os pés, pretos (pág. 86). O comprimento varia entre 65 e 85 cm e o peso é de aproximadamente 900 g.

Alimentação Baseia-se em peixes, crustáceos, anfíbios e répteis, todos de pequeno porte. Uma das características desta ave é a capacidade em ajustar a dieta de acordo com as espécies de presas disponíveis no ambiente. Forrageia de forma passiva, olhando fixamente para a água e mantendo-se quase imóvel à espera da aproximação da presa. Pode alimentar-se sozinha ou em grupo com outras espécies de garças. Para as garças em geral, a formação de um grupo durante o forrageamento possibi-

lita a troca de informações acerca dos locais com maior abundância de alimento, além de aumentar a vigilância contra possíveis predadores.

Reprodução Um grupo de machos utiliza um mesmo território atraindo as fêmeas para o acasalamento e formando a colônia de nidificação. Exibições corporais específicas entre machos e fêmeas resultam na formação de pares monogâmicos. As longas penas nupciais se eriçam durante a exibição de cortejamento. Ninhos de diferentes casais são feitos em árvores de pequeno porte, perto ou sobre a água. O macho auxilia a fêmea na construção do ninho, trazendo ramos e galhos que ela utiliza para construir uma plataforma e depositar quatro a cinco ovos azuis. Esses ovos são incubados alternadamente pelo casal durante 22 a 24 dias. Os filhotes começam a voar com cerca de 45 dias, mas os cuidados parentais se estendem aproximadamente até a sexta semana de vida.

Ambiente Margens dos manguezais, nas praias, lagoas e nos pequenos lagos artificiais nas áreas urbanas e com interferência antrópica.

Distribuição Ocorre do sul do Canadá até a Patagônia, na Argentina. Em Santa Catarina encontra-se dispersa entre o leste até a região central, sendo mais comum ao longo da faixa litorânea.

Ilha É residente anual e utiliza a Ilha para nidificar. A garça-branca-grande é comum e pode ser facilmente observada sozinha em pequenos corpos d'água, como por exemplo no Parque do Córrego Grande.

Classe Aves. **Ordem** Ciconiiformes. **Família** Ardeidae. **Nome científico** *Ardea alba*, *Egretta alba*. **Nome comum em português** garça-branca-grande, garça-grande, garça-real, guira-tinga. **Espanhol** garza blanca real, garceta grande, garza grande, garza real, garzón. **Inglês** Great Egret, Common Egret, Large Egret, White Egret, Great White Egret.

socozinho

Butorides striatus

É uma ave inconfundível devido ao padrão e distribuição das cores, às pernas curtas e ao andar agachado (ver pág. 145). O socozinho é observado sozinho ou formando pares. O dorso é azul-acinzentado e a barriga, branca. As asas são em azul mais forte mesclado com branco, e a garganta e o peito, brancos com linhas longitudinais na cor canela. O topo da cabeça é azul-marinho com penachos na região posterior na mesma cor. O bico é comprido, pontiagudo e negro, e há uma estreita listra amarela bastante evidente que liga o bico ao olho. A íris e as pernas são em amarelo. Alcança até 40 cm de comprimento.

Alimentação A dieta do socozinho é composta de pequenos peixes e crustáceos. Alimenta-se na margem de rios, banhados e pequenas lagoas, aguardando a aproximação da presa e mergulhando para capturá-la.

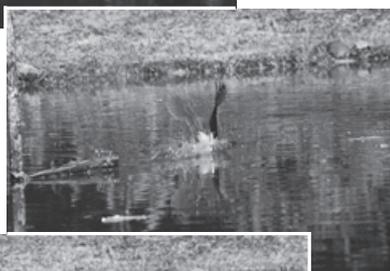
Reprodução O casal nidifica sozinho ou em pequenas colônias. O ninho possui formato de plataforma, sendo construído sobre as árvores localizadas próximo aos corpos d'água.

Ambiente Habita as margens das lagoas, rios, banhados e praias com águas calmas.

Distribuição Espécie cosmopolita. Nas Américas a distribuição tem início no Panamá, ocorrendo em todos os países da América do Sul (exceto Guianas). Também está disperso na África, Ásia, Austrália e nas ilhas ao oeste do Pacífico. Ocorre em todos os estados do Brasil. Em Santa Catarina é encontrada principalmente na vertente atlântica, em algumas regiões do planalto e no extremo oeste.

Ilha Espécie comum, podendo ser encontrada durante todo o ano nos banhados, manguezais, lagoas e espelhos d'água localizados nas áreas urbanas como o Parque do Córrego Grande (pág. 24).

Classe Aves. **Ordem** Ciconiiformes. **Família** Ardeidae. **Nome científico** *Butorides striatus*. **Nome comum em português** socozinho, socó-estudante, socó-tripa, socó-mijão. **Espanhol** garcita azulada, garcita estriada, garcita cuello gris, garcita verdosa, chiccuaco cuello gris, garza castaña. **Inglês** Green-backed Heron, Striated Heron, Little Heron.



**Parque Ecológico
do Córrego Grande**

savacu

Nycticorax nycticorax

Embora possa apresentar atividade diurna, esta ave possui hábitos predominantemente noturnos e crepusculares. O nome em espanhol – martinete – significa “corvo da noite” e define bem parte de seus hábitos, como voar durante a noite e emitir forte vocalização que lembra o corvo. Durante o dia o savacu permanece oculto, descansando entre os arbustos espessos ou nas árvores próximas a locais com água. Abandona o refúgio no final da tarde. Pode ser observado apenas o casal ou formando pequenos grupos de sua própria espécie ou em companhia com outras espécies de garças. O savacu adulto alcança 60 cm de tamanho e a envergadura das asas chega a 112 cm, e até 800 g de peso (pág. 209). Durante o período reprodutivo cresce um penacho branco na nuca do macho, podendo alcançar até 20 cm de comprimento. O jovem possui plumagem marrom, com pequenas manchas brancas no dorso e asas. A garganta e o peito possuem finas listras brancas. As pernas e os pés são em um belo verde-oliva (pág. 220). Já o adulto se destaca pelo contraste e clara definição das áreas em branco na região ventral e preto no topo da cabeça e dorso. Pode ser observado próximo dos pescadores na ponte da Lagoa da Conceição ou na Praia do Cacupé.

Alimentação Busca o alimento desde o entardecer até o nascer do sol. Durante os períodos com maior disponibilidade de recursos alimentares, passa a apresentar também atividade diurna. Forrageia de forma oportunista em locais com águas rasas à procura de peixes, larvas, insetos, crustáceos, anfíbios, cobras e roedores.

Reprodução Durante o verão um grupo de machos passa a defender um único território e inicia o cortejamento, fazendo uma série de exibições corporais com a finalidade de atrair as fêmeas para o acasalamento. Os casais formados nidificam colonialmente e os ninhos são construídos em árvores próximas aos manguezais, rios, lagos ou lagoas. O ninho é feito conjuntamente pelo casal, mas o macho é quem dá o início, trazendo pequenos galhos secos para a fêmea. Ao final da construção, o ninho se assemelha a uma plataforma e nele a fêmea deposita três a cinco ovos azul-esverdeados, que são incubados cerca de 21 dias pelo casal. O macho auxilia a fêmea na alimentação do ninhego, que com cerca de duas semanas começa a caminhar pelos galhos próximos ao ninho. Com sete semanas os filhotes voam até o solo e começam a buscar o alimento.

Ambiente Manguezais, lagos, lagoas, banhados e áreas costeiras.

Distribuição O savacu é cosmopolita, distribuindo-se do Canadá até o extremo sul da América do Sul – Terra do Fogo –, além da Europa, Ásia e

África. Está presente em quase todo o Brasil. A distribuição pode também ocorrer fora do nível do mar, alcançando os 4.000 m de altitude, como acontece no Chile. Apresenta pouca dispersão em Santa Catarina, mas é comum nos locais onde ocorre.

Ilha É uma espécie considerada comum, podendo ser observada ao anoitecer em ninhais, como na Barra da Lagoa.

Classe Aves. **Ordem** Ciconiiformes. **Família** Ardeidae. **Nome científico** *Nycticorax nycticorax*. **Nome comum em português** savacu, garça-noturna, socó, dorminhoco, taquiri. **Espanhol** martinete común, garza bruja, guanaba, huairavo, huadra. **Inglês** Black-crowned Night Heron.

colhereiro

Ajaia ajaja



O colhereiro apresenta uma característica única – um grande bico que termina no formato de uma colher –, o que confere o nome comum desta espécie. É uma ave que se destaca não somente pelo tamanho (87 cm), mas também pelo porte e beleza (pág. 21). Em destaque, o dorso, asas, pernas e patas são cor-de-rosa. Já o pescoço, o peito e a parte inicial do dorso são em branco. A cabeça é nua. Uma faixa em um rosa forte, quase vermelho, se destaca nas asas durante o período reprodutivo. A plumagem rosa também se torna mais evidente. Os juvenis possuem plumagem totalmente branca ou rosa desbotado, sendo a cabeça, diferente do adulto, também coberta pela plumagem. A coloração rosa escura só é adquirida após o terceiro ano de vida.

Alimentação Utiliza basicamente as áreas com águas mais rasas dos maguezais, beira de rios e lagoas para buscar o alimento. Com a cabeça abaixada e sempre balançando para os lados, o colhereiro mergulha o bico em forma de colher na lama e peneira a água em busca de pequenos peixes, moluscos e crustáceos (pág. 187).

Reprodução A nidificação é colonial e os ninhos são feitos nas árvores próximas aos manguezais, rios ou lagoas. É comum também a presença de ninhos da garça-branca-grande (*Ardea alba*) próximos aos do colhereiro. O casal monogâmico se forma a partir de

algumas exibições do macho, que inclui trazer pequenos galhos, bater o bico e manter-se próximo à fêmea. As cópulas só ocorrem após a construção do ninho, na qual o macho auxilia a fêmea trazendo ramos e pequenos galhos secos que ela utiliza para construir uma sólida plataforma. O ninho é forrado por fibras secas e nele a fêmea deposita de dois a quatro ovos, que são incubados alternadamente pelo casal durante 24 dias. Ao nascer o filhote tem o bico reto e pontiagudo, porém no nono dia começa a adquirir o formato de colher e por volta do 16º dia já se assemelha ao de uma ave adulta. Os filhotes começam a voar em torno da quinta semana, e durante o período que permanecem no ninho o casal se alterna para alimentá-los.

Ambiente Manguezais, lagoas e rios.

Conservação No início do século passado, o colhereiro foi muito caçado para obtenção da rosada plumagem, utilizada para decorar chapéus femininos. Nos últimos anos a população desta ave voltou a crescer em locais afastados, sem ocupação humana. Atualmente, a ameaça para esta espécie está na perda de habitat em consequência da destruição e ocupação das áreas alagadas.

Distribuição Ocorre basicamente nas zonas costeiras desde o sul dos Estados Unidos até a Argentina, estando disperso em grande parte do Brasil, especialmente no Pantanal Mato-Grossense e em toda a região Sul. Em Santa Catarina, porém, é uma ave rara, ocorrendo apenas durante o período migratório – primavera e verão.

Ilha É considerada uma ave escassa e migratória. Pode ser observada sozinha ou em pequenos grupos, juntamente com outras espécies de aves aquáticas, nos manguezais no norte da Ilha e em alguns trechos da Via Expressa Sul na Costeira do Pirajubaé. Por ocupar ambientes com boa qualidade ambiental, sua presença na Ilha pode indicar que os manguezais, por exemplo, ainda apresentam boas condições ecológicas.

Classe Aves. **Ordem** Ciconiformes. **Família** Threskiornithidae. **Nome científico** *Ajaia ajaja*. **Nome comum em português** colhereiro. **Espanhol** espátula rosada, espátula. **Inglês** Roseate Spoonbill.

garça-azul

Egretta caerulea

A cabeça e o pescoço possuem uma coloração violácea enferrujada, que só pode ser notada a curta distância. O dorso e o ventre são em cinza-azulado. O bico é grande, comprido e pontiagudo em azul com a ponta preta. As patas são levemente esverdeadas ou escuras. Na juventude ainda são notadas algumas penas brancas (pág. 217). Quando se encontra no período reprodutivo aparecem penachos na cabeça, no peito e no dorso.

O casal não apresenta dimorfismo sexual. O tamanho oscila entre 40 e 60 cm de comprimento. Com poucos meses de vida são brancos, e quando alcançam o primeiro ano a plumagem adulta se define. A garça-azul normalmente realiza movimentos muito lentos, quase não provocando ondulações na água. Caminha dois ou três passos e volta a ficar imóvel.

Alimentação A dieta se baseia em invertebrados, como besouros, insetos aquáticos, aranhas e crustáceos, e vertebrados, como anfíbios, pequenos peixes, pequenas cobras e até tartarugas (pág. 184).

Reprodução Na época reprodutiva forma colônias grandes ou pequenas, podendo ser mistas com outras espécies de garças. O ninho pode ser feito em árvores de até 12 m de altura, perto ou sobre a água, conforme o ambiente. A fêmea coloca de quatro a cinco ovos que são incubados por aproximadamente 23 dias. O filhote começa a voar com 30 dias de vida e continua sendo alimentado pelo casal por mais 20 dias.

Ambiente Margens dos manguezais, margens de rios e áreas lodosas na baixa-mar.

Distribuição Alcança toda a orla marítima desde o sul dos Estados Unidos, passando pela América Central. Na América do Sul, no lado do Pacífico ocorre até a Colômbia, e no lado do Atlântico até o Uruguai. No Brasil se distribui em duas grandes regiões: ao longo da faixa litorânea e no Pantanal Mato-Grossense. São poucos os registros em Santa Catarina, mas é considerada comum nos locais onde ocorre.

Ilha É comum, residente anual e provavelmente utiliza a Ilha para nidificar. Pode ser observada de forma solitária ou com outras espécies de garças nos manguezais da Estação Ecológica de Carijós (pág. 128) ou do Rio Tavares, e na Costeira do Pirajubaé e Praia do Cacupé.

Classe Aves. **Ordem** Ciconiiformes. **Família** Ardeidae. **Nome científico** *Egretta caerulea*. **Nome comum em português** garça-morena, garça-azul. **Espanhol** garza azul, garceta azul. **Inglês** Little Blue Heron.

gavião-tesoura

Elanoides forficatus

Pouco antes do inverno na América do Norte, o gavião-tesoura migra para a o Hemisfério Sul, ocupando o território brasileiro e aproveitando a nossa primavera e verão para a reprodução. Nessa época o gavião-tesoura é muito comum em todo o estado de Santa Catarina, sendo observado até nas áreas urbanas e agrícolas. Com a chegada do outono sul-americano retorna para o Hemisfério Norte. Alcança entre 56 e 66 cm de comprimento e envergadura de 120 cm. A parte dorsal é negra (pág. 90), e a cabeça e o pescoço inteiramente brancos. A parte ventral é branca, com exceção das

extremidades da cauda e das asas, que são pretas (pág. 21). O bico é curto, curvo, assemelhando-se a um gancho. As pernas e os dedos são curtos, e as garras, fortes, grossas e curvas. O casal não apresenta dimorfismo sexual. Os juvenis possuem o peito e a cabeça estriados. O gavião-tesoura possui uma grande cauda bifurcada, assemelhando-se a uma tesoura aberta, o que facilita sua identificação durante o voo. É uma ave gregária, sendo comum observar pequenos grupos voando lentamente em círculos, por longos períodos, sobretudo nas encostas dos morros.

Alimentação Em pleno voo captura com as garras insetos em revoada (formigas e cupins). Alimenta-se também de anfíbios, répteis, morcegos, aves e, menos frequentemente, de frutos, como por exemplo o murici (*Byrsonima* sp.) e o camboatá-vermelho (*Cupania vernalis*).

Reprodução Em Santa Catarina o período reprodutivo ocorre durante a primavera e parte do verão. Os voos de cortejamento são realizados em grupo, de três a cinco indivíduos, que voam em círculo, com exhibições de piruetas e giros de 360°. Essas exhibições podem durar várias horas e ocasionalmente um par se separa do grupo emitindo vocalizações. Os ninhos são construídos no alto das árvores sobre os galhos mais finos, o que provavelmente diminui o risco de serem atacados por mamíferos. Por outro lado, aumenta o risco de outras aves predatórias atacarem ou de o ninho cair com a ação do vento. O ninho consiste numa plataforma de galhos finos, podendo ser forrado por líquen (*Usnea* sp.) ou barba-de-velho (*Tillandsia usneoides*, pág. 170). Normalmente vários indivíduos fazem ninhos próximos uns aos outros. A fêmea coloca dois ovos claros com manchas pardas, sendo o primeiro maior que o segundo. A incubação e a alimentação do ninhego são feitas pelo casal. Normalmente a fêmea passa mais tempo no ninho, enquanto o macho alimenta com maior frequência os filhotes. A incubação dura entre 28 e 31 dias, e os filhotes começam a voar com aproximadamente dois meses de vida.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, restingas, bosques abertos e ambientes urbanos.

Conservação É uma espécie relativamente comum nos locais de ocorrência, mas algumas populações têm diminuído em função da captura e da perda de habitat. Está listada no Apêndice II do CITES, o que significa que é comercializada, podendo sua população atingir o *status* de ameaçada, caso esta situação não seja controlada.

Distribuição A família Accipitridae é cosmopolita, contando com cerca de 210 espécies no mundo inteiro. O gavião-tesoura é uma espécie de ampla distribuição em todas as Américas. É encontrado desde o sul dos Estados Unidos até a Argentina pelo lado do Atlântico e até o Peru pelo lado do Pacífico. Ocorre em todo o Brasil.

Ilha Sendo a Ilha um dos locais de nidificação desta ave migratória, é comum a observação do gavião-tesoura em voo em quase todas as suas regiões durante o período reprodutivo (primavera e verão), especialmente sobre as encostas da Lagoa da Conceição e do sul da Ilha entre a Praia do Pântano do Sul e a Praia dos Naufragados.

Classe Aves. **Ordem** Falconiformes. **Família** Accipitridae. **Nome científico** *Elanoides forficatus*. **Nome comum em português** gavião-tesoura, tesourão, tapema, itapema. **Espanhol** milano tijereta, gavilán tijera. **Inglês** American Swallow-tailed Kite.

chimango

Milvago chimango

Durante o dia pode ser observado solitário ou em pequenos grupos, normalmente no solo em áreas abertas ou em substratos de baixa altura. Ao entardecer, buscam em conjunto os locais de dormida. Nas praias é observado junto a gaivotas (*Larus dominicanus*, pág. 102) e quero-queros (*Vanellus chilensis*, pág. 104). O tamanho do macho varia entre 37 e 40 cm e a fêmea é maior, oscilando entre 40 e 44 cm. A fêmea também é um pouco mais pesada (300 g) que o macho (289 g). O corpo é marrom, o ventre um pouco mais claro, barrado com marrom-enferrujado, e o abdômen quase branco (pág. 91). A cauda é clara, com barras em marrom e com as pontas pretas. As asas são em marrom com uma grande área esbranquiçada na parte interna, visível somente durante o voo.

Alimentação O chimango é uma ave carnívora oportunista, podendo alimentar-se de animais mortos ou detritos de comunidades pesqueiras. Nas áreas de paisagem aberta pode alimentar-se de insetos, larvas e outros animais que ficam expostos. Também come ovos de aves e tartarugas, aves juvenis, pequenos roedores, anfíbios e moluscos. Ocasionalmente alimenta-se de frutos. Pode também ser observado alimentando-se de carapatos no gado.

Reprodução O período reprodutivo vai de setembro a dezembro. Os chimangos formam colônias, sendo o ninho aberto, normalmente exposto ou semiexposto, construído em árvores, arbustos ou no chão. Como base para construção, esta ave pode utilizar ninhos abandonados de outras aves de maior porte. Seus ninhos são construídos com pequenos galhos secos e o seu interior é forrado por finas fibras vegetais. São grandes e medem cerca de 25 cm de diâmetro, 15 cm de altura e profundidade de até 11 cm. As fêmeas colocam três ovos ligeiramente ovais, na cor creme com manchas castanhas e avermelhadas em toda a superfície. A incubação leva 26 dias a partir do primeiro ovo colocado. Com 33 dias de vida os filhotes iniciam a prática do voo.

Ambiente Bosques, restingas, dunas, zonas costeiras, áreas com interferência antrópica (pastos e campos) e áreas urbanas.

Conservação A população vai desde comum a abundante. É um pássaro associado ao homem, alimentando-se de lixo e detritos, o que favorece o crescimento das populações. Entretanto, encontra-se listado no Apêndice II do CITES.

Distribuição A família Falconidae, cosmopolita, é constituída por 57 espécies. O chimango ocorre no Brasil, Chile, Paraguai, Argentina e Uruguai. No Brasil está disperso nas regiões Centro-oeste, Sudeste e Sul. É encontrado em praticamente todo o estado de Santa Catarina.

Ilha Ave considerada comum, é regularmente observada em grande parte das regiões, como Lagoa da Conceição, Praia dos Ingleses e Praia do Moçambique. Nas dunas, restingas e campos agrícolas normalmente é vista pousada no solo. Também pode ser observada sobrevoando as regiões urbanas com fragmentos de mata. Utiliza a Ilha como local de nidificação.

Classe Aves. **Ordem** Falconiformes. **Família** Falconidae. **Nome científico** *Milvago chimango*. **Nome comum em português** chimango, chimango-do-campo, chimango-carrapateiro. **Espanhol** chimango, caracara chimango. **Inglês** Chimango Caracara.

gavião-carrapateiro

Milvago chimachima

No pasto é observado junto ao gado retirando carrapatos para alimentar-se, daí o nome comum – carrapateiro. Quando visto em voo, na parte superior, há uma larga região em branco que se destaca na negra plumagem das asas. Na parte interna o bege predomina e a ponta das asas é em negro. A cauda, bege barrada em marrom, tem uma característica faixa negra na extremidade. A cabeça, pescoço e partes inferiores são em bege e a garganta é mais clara. O dorso é marrom-escuro. Uma característica que facilita a identificação desta ave é a nítida faixa negra que se prolonga do olho em direção à nuca (pág. 90). É de grande envergadura (74 cm), sendo a fêmea um pouco maior (40 cm) que o macho (37 cm).

Alimentação A dieta, bastante generalista, inclui insetos, pequenos invertebrados e vertebrados, cobras, peixes e animais mortos nas praias ou na beira de estradas.

Reprodução O casal utiliza ninhos abandonados de outras aves, geralmente pequenas plataformas, para nidificar. A fêmea põe cerca de cinco ovos e os incuba sozinha. O macho participa indiretamente dos cuidados parentais trazendo alimento para a fêmea, que por sua vez alimenta os filhotes.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, manguezais, praia, dunas, restingas, bordas de florestas e áreas com interferência antrópica (pastos e campos).

Distribuição Distribui-se desde a América Central até o norte do Uruguai, Chile e norte da Argentina. Está amplamente disperso em todo o Brasil.

Ilha O gavião-carrapateiro e o chimango – os gaviões mais comuns da Ilha de Santa Catarina – podem ser facilmente observados nas paisagens abertas e menos frequentemente nas bordas das florestas, como no Parque Florestal do Rio Vermelho.

Classe Aves. **Ordem** Falconiformes. **Família** Falconidae. **Nome científico** *Milvago chimachima*. **Nome comum em português** gavião-carrapateiro, pinhé, cara-pinhé, caracará-i, caracará-branco, chimango-branco, papa-bicheira. **Espanhol** huarro, chimachima. **Inglês** Yellow-headed Caracara.

caracará

Polyborus plancus

Normalmente é observado no chão dando pequenos pulos ou sobre animais mortos, e nos galhos mais expostos de árvores baixas. É uma ave de rapina facilmente reconhecível por apresentar, entre os olhos e o bico, uma região alaranjada e nua. O topo da cabeça possui um pequeno penacho de cor negra. A garganta é clara, o dorso e o peito são em marrom-escuro com listras em bege, e as asas, marrons. Em voo é possível observar que as regiões internas das asas e da cauda possuem finas barras em marrom-escuro (pág. 20). As pernas são amarelas, altas e fortes. A fêmea mede de 58 a 60 cm e é um pouco maior que o macho, que possui de 54 a 56 cm. O peso oscila entre 830 e 1.590 g. É um gavião com grande envergadura, alcançando até 153 cm.

Alimentação É uma ave onívora que se alimenta de insetos, aranhas, minhocas e outros invertebrados, de pequenos vertebrados, como anfíbios, cobras, pássaros, mamíferos e animais mortos, além de frutos e grãos. É fácil observá-lo no solo se alimentando, principalmente nas praias e restingas.

Reprodução O ninho é uma plataforma pequena feita de gravetos construída no alto das árvores ou mesmo sobre o solo. O casal incuba de dois a três ovos de cor clara, mas densamente manchados, durante cerca de 28 dias.

Ambiente Restingas e áreas antrópicas (pastos e campos).

Conservação Encontra-se listado no Apêndice II do CITES.

Distribuição A família Falconidae, cosmopolita, é constituída de 57 espécies. O caracará ocorre da Flórida à Terra do Fogo, na Argentina,



fragata

Fregata magnificens

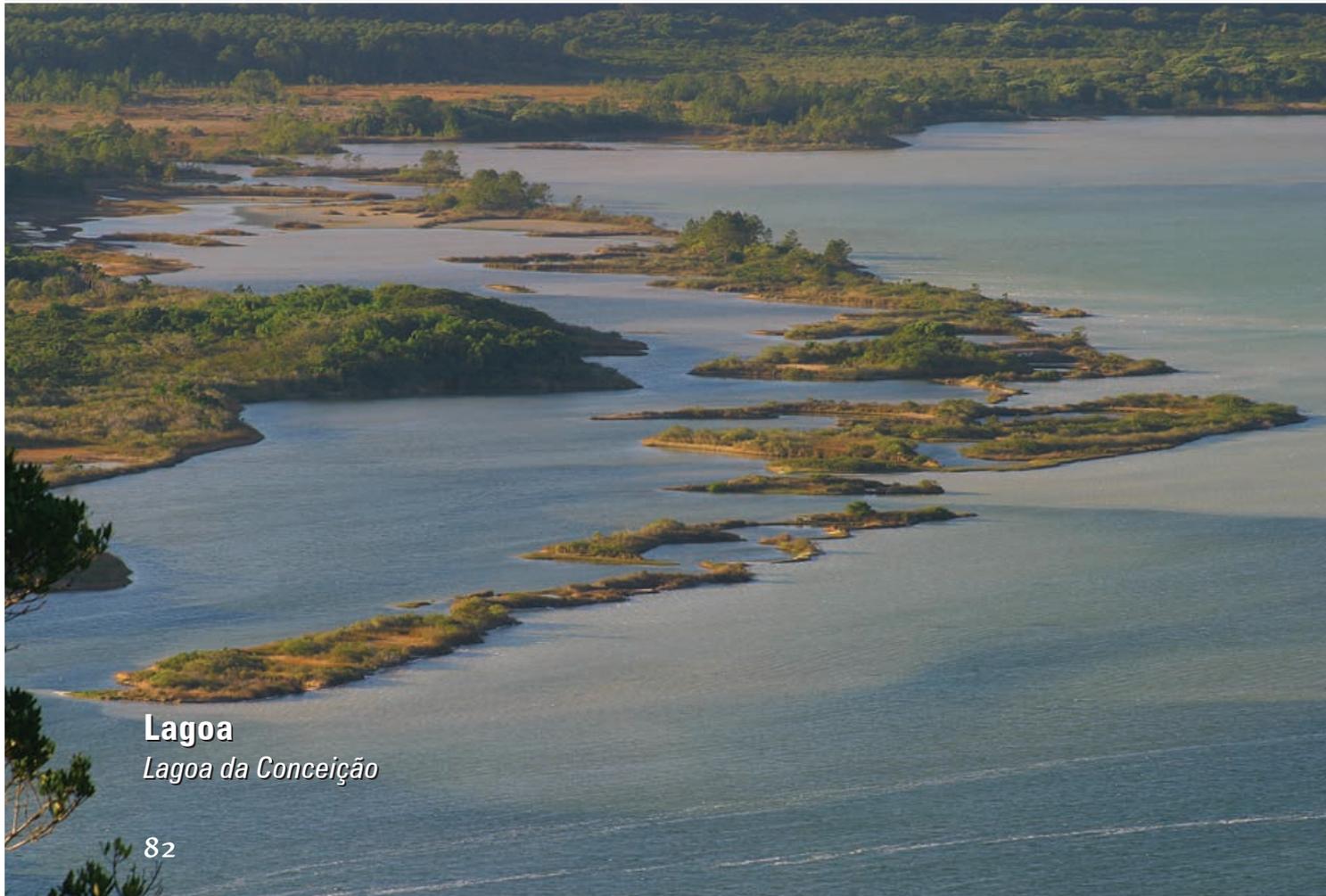
jerivá

Arecastrum romanzoffianum

Ilha dos Ratores Grande



Dunas
Lagoa da Conceição



Lagoa
Lagoa da Conceição



Restinga da Ponta das Canas
Praia da Ponta das Canas



Florestas de Planícies Quaternárias
Estação Ecológica dos Carijós



jerivá

Arecastrum romanzoffianum

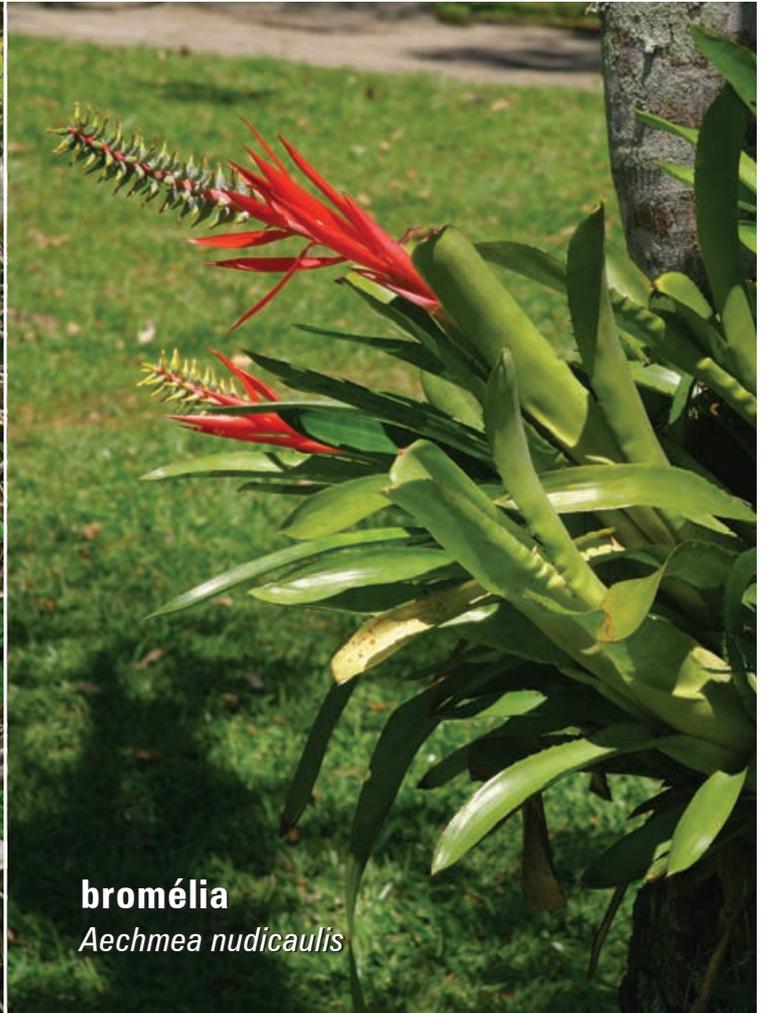


jerivá

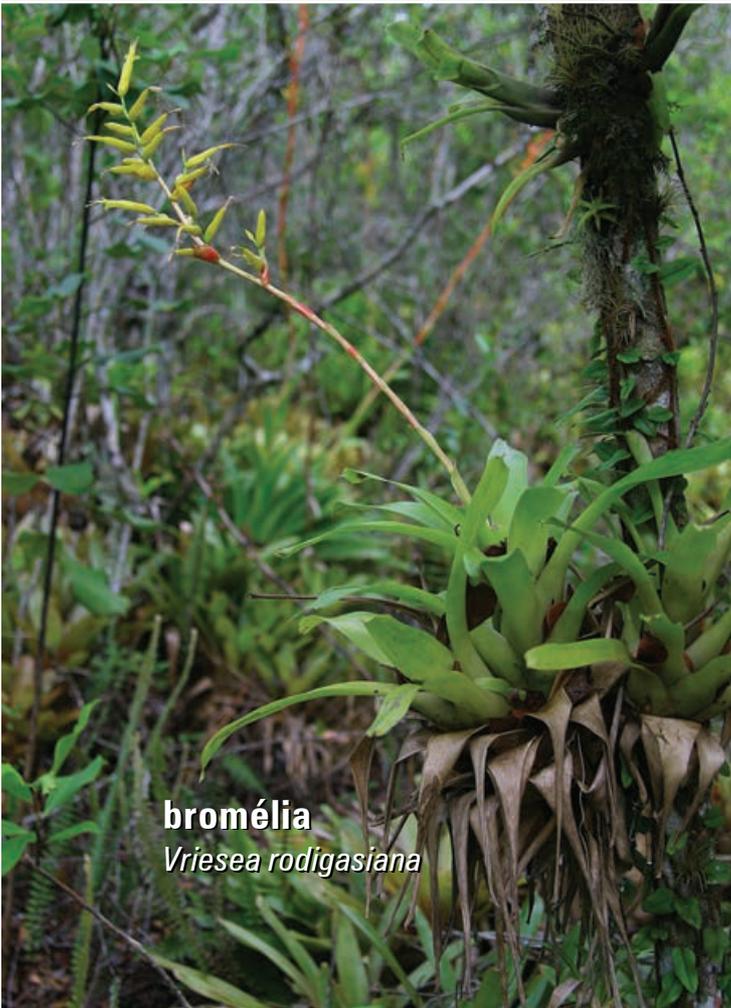
Arecastrum romanzoffianum



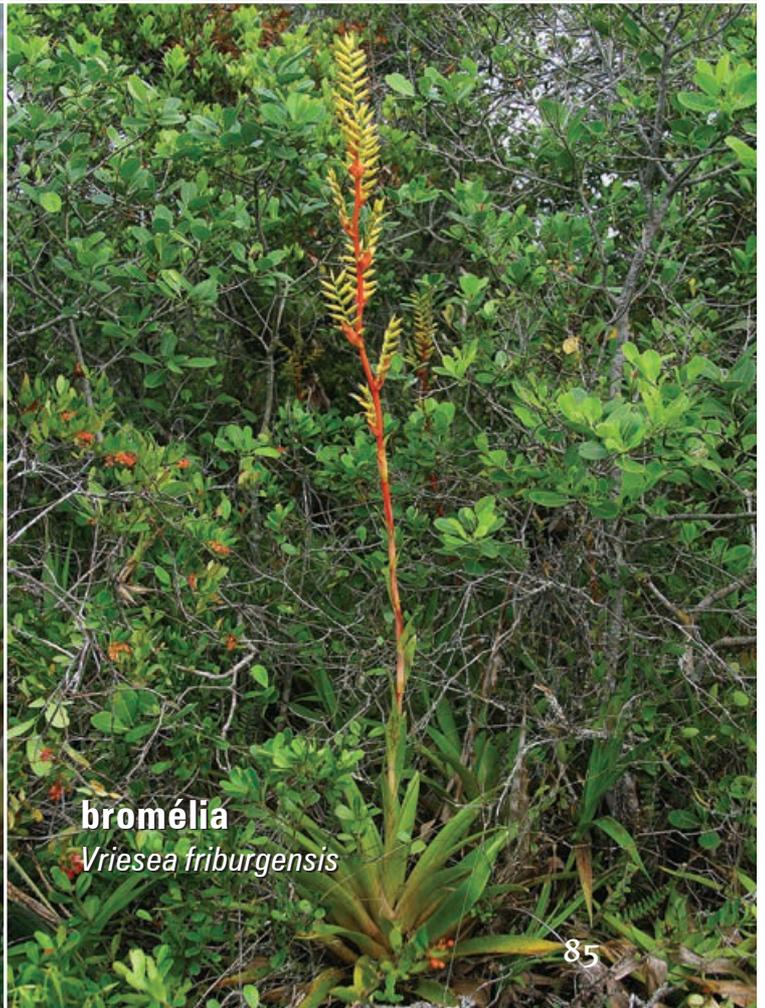
bromélia
Aechmea lindenii lindenii



bromélia
Aechmea nudicaulis



bromélia
Vriesea rodigasiana



bromélia
Vriesea friburgensis

A white egret with a long, yellow beak and long, dark legs is perched on a wooden post. The bird is facing left, and its neck is elegantly curved. The background is a soft, out-of-focus green, suggesting a natural habitat. The text 'garça-branca-grande' is written in a bold, sans-serif font, and 'Ardea alba, Egretta alba' is written in a smaller, italicized font below it.

garça-branca-grande
Ardea alba, Egretta alba



fragata
Fregata magnificens
Juvenil



fragata
Fregata magnificens
Fêmea



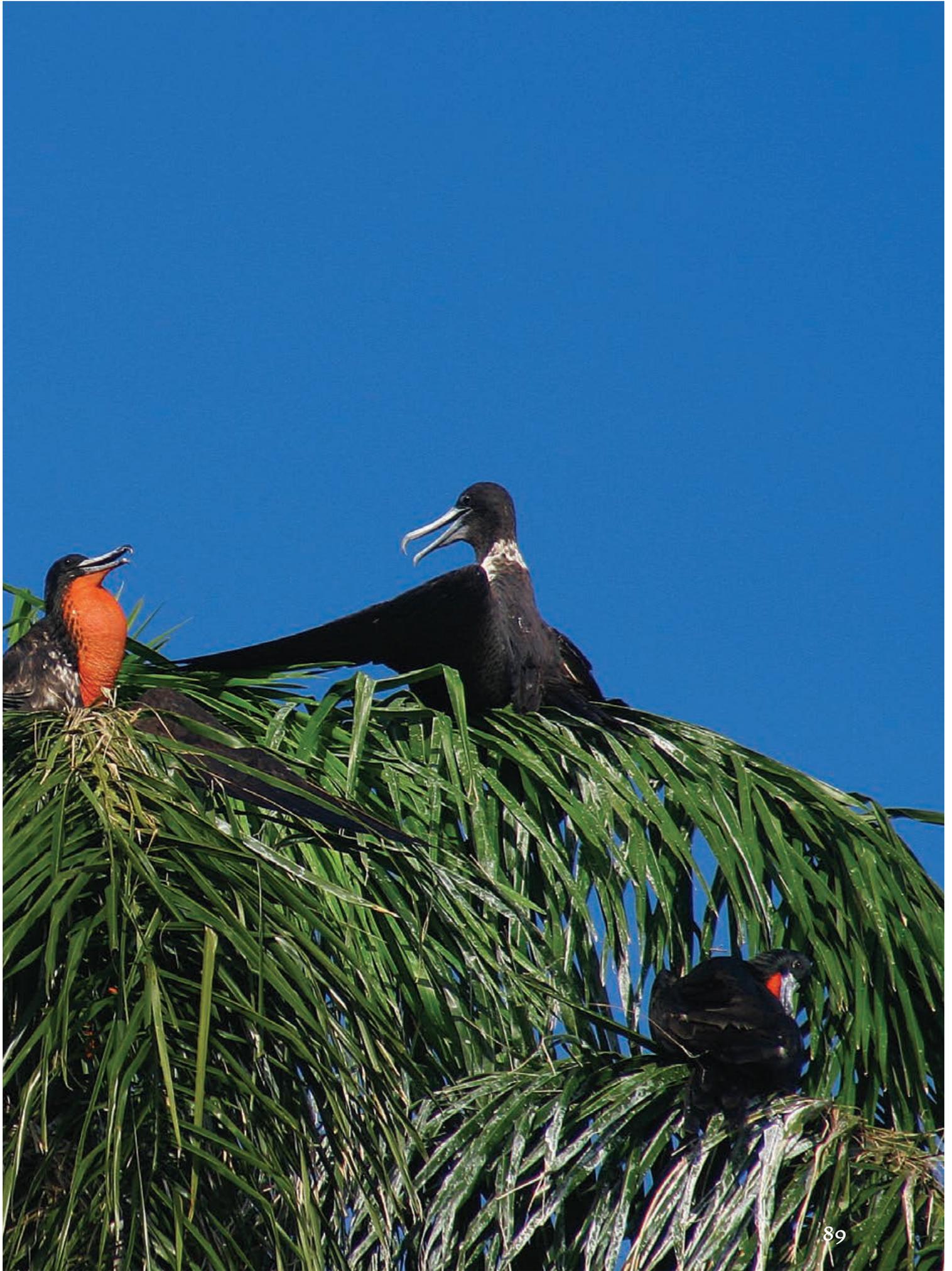
fragata
Fregata magnificens
Subadulto



fragata
Fregata magnificens
Subadulto



fragata
Fregata magnificens





gavião-tesoura
Elanoïdes forficatus



gavião-carrapateiro
Milvago chimachima



chimango
Milvago chimango
Joven



chimango
Milvago chimango



Floresta Pluvial da Encosta Atlântica

*Morro do Manoel Arcênio
Lagoa da Conceição*



Dunas, lagoa, restinga e floresta

Parque Municipal da Lagoinha do Leste



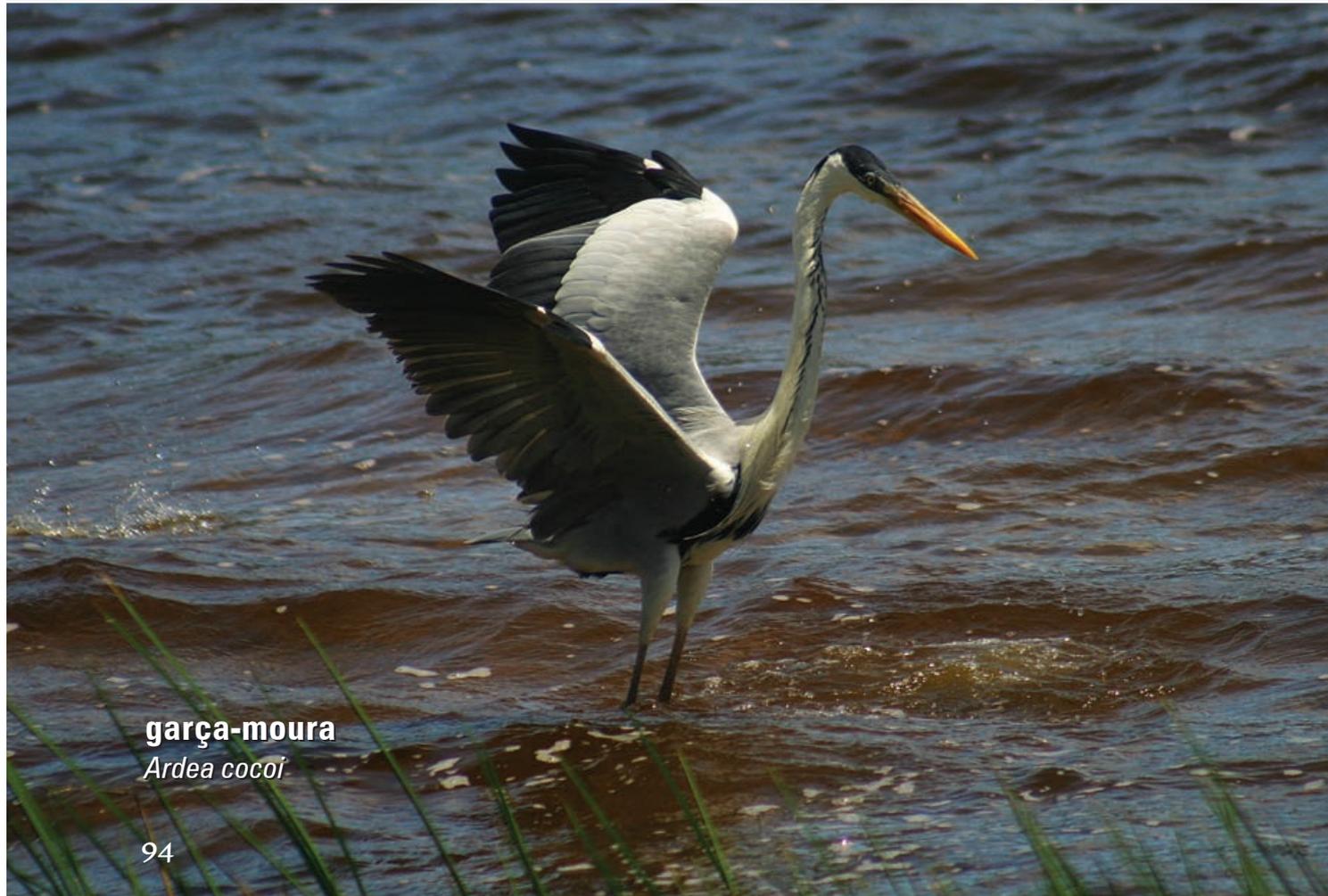
Banhado
Estação Ecológica dos Carijós



Dunas e restinga
Morro dos Ingleses
Praia do Santinho



martim-pescador-grande
Ceryle torquata



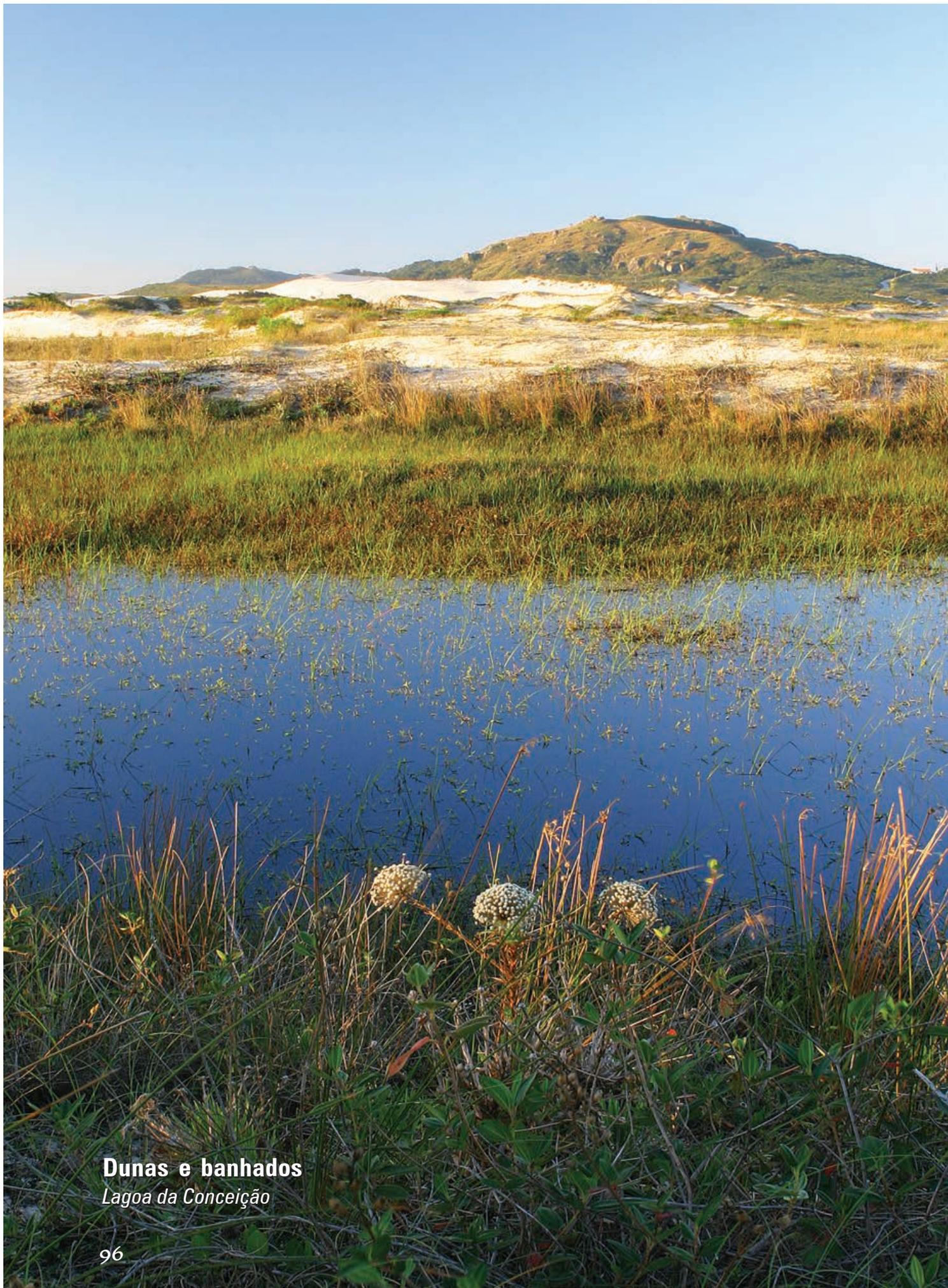
garça-moura
Ardea cocoi



cambacica
Coereba flaveola



trinta-réis-de-bico-amarelo
Sterna eurygnatha
Santo Antônio de Lisboa



Dunas e banhados
Lagoa da Conceição

e em todo o Brasil. Encontra-se disperso por toda Santa Catarina, com maior frequência na parte central.

Ilha É uma espécie que ocorre em baixa frequência. O caracará pode ser observado sozinho, em pares ou formando pequenos grupos nas paisagens abertas, como restingas e campos, por exemplo na Praia de Jurerê e na Praia de Ponta das Canas.

Classe Aves. **Ordem** Falconiformes. **Família** Falconidae. **Nome científico** *Polyborus plancus*. **Nome comum em português** caracará, carancho, caracarai, gavião-de-queimada. **Espanhol** carancho, traro, carcana. **Inglês** Crested caracara.

aracuã

Ortalis guttata

A característica mais comum da aracuã são as altas, estridentes e penetrantes vocalizações, emitidas especialmente no começo da manhã. Normalmente uma das aves dá início aos chamados e as demais acompanham. Como formam grupos territoriais, é comum escutar chamados entre dois grupos afastados no interior da mata. Apesar do grande porte desta ave (50 cm de comprimento), ela é bastante arisca, sendo mais fácil localizá-la através das vocalizações ou em grupo no alto de uma árvore ou no solo. A cabeça é pequena em relação ao tamanho do corpo, o que é uma característica de todas as espécies dos cracídeos. A cauda é larga e comprida. As asas, apesar de curtas, são largas. O dorso é marrom oliváceo, com o ventre mais claro. A garganta e o peito são estriados num marrom mais escuro, onde há uma mancha vermelha bem característica. O bico é médio, fino e curvo. O macho e a fêmea são muito similares (pág. 178). A aracuã tem o voo pesado e se desloca percorrendo distâncias médias.

Alimentação É onívora, alimentado-se de frutos da embaúba (*Cecropia* sp), aroeira (*Schinus terebinthifolia*, pág. 201), palmito (*Euterpe edulis*, pág. 166) e de insetos. Forrageia em grupo, utilizando tanto o ambiente arborícola como o terrestre (pág. 147).

Reprodução As aracuãs formam casais monogâmicos e a nidificação é colonial. O período de reprodução ocorre de outubro a novembro. O ninho grande, que chega aos 30 cm de diâmetro, 10 cm de altura e apenas 3 cm de profundidade, é feito nas copas das árvores numa altura entre três e quatro metros, formando uma plataforma com galhos, juncos, folhas e palha. A fêmea coloca até quatro ovos brancos, que são incubados durante 21 dias. Por formar pares monogâmicos, o macho participa ativamente nos cuidados parentais. O filhote já nasce de olhos abertos e apto a caminhar.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica e restinga.

Distribuição A família Cracidae apresenta cerca de 43 espécies, sendo todas distribuídas na América do Sul. Alguns autores consideram *Ortalis guttata squamata* uma subespécie de *Ortalis guttata*. Neste caso, *Ortalis g. squamata* se encontra distribuída exclusivamente no extremo sul do Brasil, especificamente em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, sendo endêmica da Floresta Pluvial da Encosta Atlântica. Em Santa Catarina se encontra dispersa na vertente atlântica. Entretanto, os constantes desmantamentos têm provocado crescentes perdas de habitat para a população desta ave.

Ilha A aracuã é abundante, podendo ser observada e escutada em qualquer época do ano. Ocorre em várias regiões, como no Morro da Lagoa da Conceição, sendo também comum nos fragmentos de mata próximos às regiões urbanas, como no Cacupé.

Classe Aves. **Ordem** Galliformes. **Família** Cracidae. **Nome científico** *Ortalis guttata*. **Nome comum em português** aracuã, araquã. **Espanhol** chachalaca moteada, guaraca manchada. **Inglês** Scaled Chachalaca.

jaçanã

Jacana jacana

É facilmente identificável pelas inconfundíveis características. No adulto o bico é amarelo, e próximo à base há um lobo frontal e lateral na cor vermelha e pequenos apêndices nas laterais, chamados de barbilhões. As pernas são longas e esverdeadas, e os dedos e as unhas, também longos, permitem caminhar sobre as folhas das plantas aquáticas (pág. 146). A cabeça, o pescoço, o peito e o ventre são negros. O dorso e as asas são em castanho-enferrujado. As penas da extremidade das asas apresentam internamente uma contrastante coloração verde-amarelada, e há um esporão em cada asa. Estas penas e o esporão ficam bastante visíveis durante o voo ou quando a ave, em pé, realiza o comportamento de abrir, fechar e levantar as asas. Esta exibição dura alguns segundos e tem a função de alertar o grupo sobre alguma alteração no ambiente. O corpo tem de 21 a 25 cm de comprimento.

A fêmea é bem maior que o macho, mas semelhante na coloração. O macho pesa 69 g e a fêmea, 159 g. Os filhotes são bem diferentes do adulto, com o dorso marrom-claro e ventre e sobranceiras brancos (pág 146).

Alimentação Revirando a vegetação aquática e as raízes, o jaçanã busca pequenos peixes, insetos, crustáceos e sementes.

Ao lado, um exemplar jovem forrageando.



Reprodução Ocorre nos meses de outubro a janeiro. A fêmea põe os ovos nos ninhos de dois a três machos em um mesmo território. Assim, o sistema de acasalamento é denominado poliândrico. Os ninhos são totalmente expostos e abertos entre as plantas flutuantes, acolhoados com folhas. A fêmea coopera com o macho na proteção do ninho, exibindo comportamento agressivo contra intrusos. Põe em média quatro ovos, de cor pardo-amarelo-brilhante, com linhas pretas. A incubação dura 28 dias e é realizada pelo macho, que, após o nascimento, também cuida dos filhotes. A fêmea, por outro lado, pode acasalar com outros machos poucos dias após a postura dos ovos. Ao nascer, o filhote já é capaz de caminhar e acompanhar o pai (nidífugo). É comum observá-los aninhados dentro da plumagem do ventre e das asas do pai, deixando aparecer somente as patas.

Ambiente Banhados, lagoas e ambientes aquáticos com vegetação típica.

Distribuição A família Jacanidae é cosmopolita e apresenta apenas sete espécies. O jaçanã é o único representante desta família na América do Sul, ocorrendo em toda a sua extensão, exceto no Chile. Em Santa Catarina a espécie está bem representada e distribuída.

Ilha É uma ave comum, observada formando pequenos grupos nos espelhos d'água com vegetação aquática, como por exemplo na Lagoinha Pequena no Campeche e áreas de banhado.

Classe Aves. **Ordem** Charadriiformes. **Família** Jacanidae. **Nome científico** *Jacana jacana*. **Nome comum em português** jaçanã, piaçoca, cafezinho, marrequinha, menininho-do-banhado. **Espanhol** jacana, gallito del água, gallereta. **Inglês** Wattled jacana.

talha-mar

Rynchops niger

É mais fácil observar o talha-mar nos momentos em que se dedica à procura do alimento, voando bem próximo ao mar com o bico aberto, com a mandíbula raspando a água (pág. 178). Esta estratégia o auxilia na obtenção de pequenos peixes e crustáceos que estejam próximos à superfície. Depois de capturar o alimento, engole a presa ainda em voo, e sem parar de voar volta a raspar a água em busca de novas presas. O enorme bico apresenta várias características únicas e marcantes. A primeira delas é que a mandíbula é mais longa que a maxila. A segunda é a grande irrigação sanguínea e nervosa que promove uma maior sensibilidade tátil, auxiliando-o na obtenção do alimento. Por fim, o formato do bico (torto para baixo) impede o talha-mar de se alimentar no solo, a não ser que vire a cabeça para o lado. São similares na coloração, mas o macho, que alcança 50 cm

de comprimento, é maior que a fêmea. Parte do bico e as patas se destacam em um vibrante vermelho (pág. 30). Todo o dorso, desde o topo da cabeça, incluindo as asas, tem a cor negra. Em contraste, a garganta e toda a parte ventral, inclusive as asas, são em branco. O talha-mar é ativo durante a noite e no período crepuscular. Durante o dia alterna o descanso com períodos de atividade.

Reprodução Nidifica colonialmente nas ilhas costeiras. Nos ninhos, escavados na areia, são depositados de dois a três ovos.

Ambiente Habita praias de águas calmas, baías, enseadas, lagoas, lagos e as margens ao longo de rios.

Distribuição Encontra-se disperso na Colômbia, Venezuela, Guianas, Peru, Argentina e Uruguai. No Brasil ocorre ao longo de toda a costa atlântica, na região amazônica e no Centro-Oeste.

Ilha Pode ser observado com facilidade de novembro a junho ao longo da Costeira do Pirajubaé (pág. 251).

Classe Aves. **Ordem** Charadriiformes. **Família** Rynchopidae. **Nome científico** *Rynchops niger*. **Nome comum em português** talha-mar, corta-mar, corta-água, bico-rasteiro, waurá, talha-mar-preto. **Espanhol** rayador. **Inglês** Black Skimmer.

maçarico-grande-de-perna-amarela

Tringa melanoleuca

Ave aquática sempre observada forrageando em bando nas partes mais rasas e lodosas dos manguezais e lagoas. Suas pernas são longas em amarelo-vivo, tem o ventre branco, e o peito é claro com riscos cinzentos (pág. 31 e 156). No dorso e nas asas predomina um marrom escamado. O bico é reto e pontiagudo e possui 5,5 cm de comprimento. O tamanho desta ave alcança 35 cm.

Alimentação Consome pequenos peixes, crustáceos e insetos, que captura na superfície d'água enquanto caminha nas partes mais rasas dos ambientes aquáticos.

Reprodução Nidifica em colônias, juntamente com outras aves marinhas. Forma casais monogâmicos, e a fêmea põe em média quatro ovos amarelados, mas o macho é o principal cuidador dos ovos e filhotes. Estes são nidífugos, ou seja, nascem cobertos por uma plumagem e são capazes de caminhar e acompanhar os pais.

Ambiente Ocupa sempre as partes rasas das praias, lagoas, manguezais, lagoas e rios.

Distribuição Ocorre desde o Hemifério Norte (Alaska e Canadá) até o Chile e Argentina (Terra do Fogo). No Brasil está presente tanto na costa

litorânea, como também a oeste. É uma ave migratória: durante o verão (boreal) nidifica no Hemisfério Norte (Canadá) e no verão (austral) nidifica no sul da América do Sul. Em Santa Catarina ocorre apenas ao longo da faixa leste, próximo ao litoral.

Ilha Pode ser observado, durante o outono e o inverno, formando grandes bandos, quando está em movimento migratório, por exemplo, no manguezal da Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé.

Classe Aves. **Ordem** Charadriiformes. **Família** Scolopacidae. **Nome científico** *Tringa melanoleuca*. **Nome comum em português** maçarico-grande-de-perna-amarela. **Espanhol** pitotoy grande. **Inglês** Greater Yellowlegs.

pernilongo-de-costas-brancas

Himantopus melanurus

No seu repertório vocal, apresenta uma vocalização alta e forte, assemelhando-se a um latido de um cachorro, o que lhe confere o nome em espanhol de “perrito” (cachorro pequeno). O pernilongo-de-costas-brancas é uma ave migratória procedente do Hemisfério Norte. Originalmente, o local de reprodução se dá no norte do Canadá e Estados Unidos, mas com a chegada do outono norte-americano (agosto e setembro) esta ave se desloca para o sul da América do Sul em busca de alimento e temperaturas mais elevadas. Assim, pode ser observada na Ilha de Santa Catarina, tanto durante a primavera brasileira, como durante o final do verão e outono, quando estão retornando ao local de origem. O corpo possui cerca de 40 cm de comprimento, e as compridas pernas são de um vivo vermelho, medindo 16 cm. As asas e o dorso são em negro, assim como uma faixa que liga o olho à parte posterior da cabeça. O topo da cabeça e toda a parte inferior do corpo são brancos. O bico é preto, comprido, fino e reto (pág. 147).

Alimentação O pernilongo-de-costas-brancas forma grandes bandos nas áreas de forrageamento. É frequentemente observado durante o verão e o outono, juntamente com outras espécies migratórias (pág. 123), nas partes rasas de banhados, onde se alimenta principalmente de peixes e crustáceos.

Ambiente Manguezal, lagoas, banhados, faixa de arrebentação nas praias de águas calmas.

Distribuição Está disperso desde os Estados Unidos até o sul da América do Sul. Em Santa Catarina ocorre apenas ao longo da faixa leste, próximo ao litoral.

Ilha Durante o final do verão pode ser facilmente observado nos manguezais e na Costeira do Pirajubaé.

Classe Aves. **Ordem** Charadriiformes. **Família** Recurvirostridae. **Nome científico** *Himantopus melanurus*. **Nome comum em português** pernilongo-de-costas-brancas. **Espanhol** tero-real. **Inglês** South American Stilt.

gaivota

Larus dominicanus

Em Santa Catarina ocupa apenas a região litorânea, sendo, entre as espécies de aves marinhas, a mais abundante do ambiente costeiro. A coloração é totalmente branca na parte ventral, topo da cabeça e cauda. O dorso e as asas são em negro. Ao longo de toda a extremidade das asas há uma fina faixa branca. O bico é amarelo com uma mancha arredondada em laranja na mandíbula (pág. 222). A visualização deste sinal, inicialmente, estimula o filhote recém-nascido a tocar o bico dos pais para receber o alimento. A repetição deste comportamento possibilita o reconhecimento dos pais e é parte importante na aquisição de outras informações, tais como características auditivas e visuais de indivíduos de sua própria espécie. As pernas são amarelas e os dedos, unidos pela membrana natatória. Possui entre 55 e 60 cm de comprimento. Não há dimorfismo sexual evidente, podendo, em alguns casos, o macho ser um pouco maior que a fêmea. Os juvenis são acinzentados, com pés e bico em cinza-escuro. O surgimento da plumagem adulta ocorre somente aos quatro anos de idade (pág. 181).

Alimentação Em voo captura pequenos peixes na superfície da água. Também vai ao solo para alimentar-se de peixes e animais mortos. Ataca ninhos de outras aves marinhas, como por exemplo do trinta-réis (*Sterna* spp.) e do atobá (*Sula leucogaster*, pág. 47), para consumir os ovos e o ninhego.

Reprodução As ilhas costeiras do litoral catarinense são um importante refúgio para a formação de colônias de nidificação das aves marinhas. Assim, entre junho e novembro as Ilhas Moleques do Sul, Ilhas Tamboretas, Ilha dos Lobos e a Ilha Deserta são as mais visitadas pelas gaivotas. O ninho construído sobre o solo é composto por gramíneas, penas e ossos de outras aves. Nele a fêmea deposita de um a três ovos.

Ambiente Costeiro.

Distribuição É uma ave marinha cosmopolita. Três espécies do gênero *Larus* podem ser encontradas no Brasil (*L. dominicanus*, *L. maculipennis* e *L. cirrocephalus*). Na América do Sul ocorre ao longo de toda a costa do Pacífico. No Brasil sua distribuição é restrita, com início na costa do estado do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul, e depois segue até o sul da Argentina. Ocorre também na África e na Nova Zelândia.

Ilha Por ser abundante, é facilmente observada nas praias da Ilha. Para pernoitar, grupos de gaivotas buscam os costões, como por exemplo

entre as Praias dos Ingleses e Brava, onde deixam as pedras marcadas por excrementos.

Classe Aves. **Ordem** Charadriiformes. **Família** Laridae. **Nome científico** *Larus dominicanus*. **Nome comum em português** gaivota, gaivotão. **Espanhol** gaviota cocinera, gaviota dominicana, gaviota, caucau. **Inglês** Kelp Gull.

trinta-réis-de-bico-vermelho

Sterna hirundinacea

A origem do nome “trinta-réis” é uma alusão à moeda brasileira “réis”, vigente desde a época do descobrimento do Brasil (séc. XVI) até o ano de 1942. Trata-se de uma ave geralmente avistada sozinha ou em bando voando sobre mar. Durante o voo é possível observar que as asas são longas e estreitas e a cauda, bifurcada. No período reprodutivo o bico e os pés se tornam vermelho-vivos e a plumagem da cabeça forma um capuz totalmente negro (pág. 180). Já no período não reprodutivo, também denominado de repouso nupcial, o vermelho das patas e bico fica apagado e a plumagem negra da cabeça permanece apenas na região ao redor da nuca. A plumagem característica do repouso nupcial torna a coloração dos adultos semelhante à dos indivíduos imaturos. O bico é reto e pontiagudo e fica apontado para baixo durante o voo. Quando adulto chega a 41 cm de comprimento.

Alimentação Em voo captura na superfície da água peixes e crustáceos.

Reprodução Entre abril a agosto bandos do trinta-réis-de-bico-vermelho ocupam as ilhas costeiras desde o Espírito Santo até Santa Catarina para formar as colônias de nidificação. Os ninhos desta ave, feitos sobre depressões no solo, são cobertos por ramagens e algas. Neles são colocados de um a três ovos, e a coloração da casca vai do verde ao marrom-claro pintado em tons mais escuros. A incubação dura cerca de 23 dias e após atingir 30 dias de vida, o filhote é capaz de dar pequenos voos. A gaivota (*Larus dominicanus*) é o principal predador de ovos desta ave.

Ambiente Costeiro.

Distribuição A espécie está dispersa na América do sul ao longo das costas do Atlântico e do Pacífico. A distribuição na costa atlântica vai da Bahia à Terra do Fogo. Em Santa Catarina está presente durante o outono e o inverno. Neste período migra para algumas ilhas costeiras (Deserta, Moleques do Sul, dos Cardos) em busca de refúgio para reprodução.

Ilha Ave comum, podendo ser observada durante poucos meses, em locais como a enseada de Santo Antônio de Lisboa e na Barra da Lagoa.

Classe Aves. **Ordem** Charadriiformes. **Família** Laridae. **Nome científico** *Sterna hirundinacea*. **Nome comum em português** trinta-réis-de-bico-vermelho. **Espanhol** gaviotín sudamericano. **Inglês** South American Tern.

trinta-réis-real

Sterna maxima

É o maior dos trinta-réis, alcançando 49 cm de comprimento. Durante o período reprodutivo o bico se torna vermelho vivo e a plumagem da cabeça forma um capuz totalmente negro. No período não reprodutivo, também denominado de repouso nupcial, o vermelho do bico fica apagado e a plumagem negra da cabeça diminui (pág. 180). Esta mudança torna a coloração dos adultos semelhante à dos indivíduos imaturos. A nuca, o pescoço e o ventre são brancos, e as asas, o dorso e a cauda, cinza-claros.

Ambiente Costeiro, lagunar e desembocadura de rios.

Conservação Encontra-se na lista do IBAMA da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção com *status* vulnerável.

Distribuição Ocorre da América do Norte à Patagônia. No Brasil está disperso ao longo de toda a costa. Pode ser observado na costa de Santa Catarina durante todo o ano.

Ilha Ave rara, mas que pode ser observada, por exemplo, durante quase todo o ano ao longo da Via Expressa Sul, pois o aterro da Baía Sul propiciou a ocorrência de grandes bandos. Também é observável nos marisqueiros em Santo Antônio de Lisboa.

Classe Aves. **Ordem** Charadriiformes. **Família** Laridae. **Nome científico** *Sterna maxima*. **Nome comum em português** trinta-réis-real. **Espanhol** gaviotín real. **Inglês** Royal Tern.

quero-quero

Vanellus chilensis

É facilmente identificado pela alta vocalização (“quero-quero”) emitida para sinalizar situações de perigo. Passa grande parte do período em atividade sobre o solo, inclusive na construção do ninho e cuidado dos filhotes. Em situação de ameaça aos ovos ou aos filhotes o casal emite insistente vocalização de alarme e se afasta do ninho, atraindo a atenção do invasor. Em resposta à vocalização dos pais, os filhotes se escondem na vegetação rasteira. Apresenta a cabeça, o dorso e as asas acinzentadas, a garganta e o peito são pretos, e o abdômen é branco. Na região posterior da cabeça possui um característico penacho preto. O corpo mede 35 cm (pág. 21).

Reprodução A fêmea nidifica em uma cavidade feita no solo recoberta por folhas secas, onde são depositados de dois a quatro ovos durante a primavera. Tanto o ovo quanto o filhote possuem o mesmo padrão de coloração (pág. 190). O pequeno tamanho dos filhotes e a coloração da plumagem contribuem para a camuflagem no meio da vegetação, mesmo entre gramíneas.

O quero-quero possui um esporão vermelho em cada asa, que ficam evidentes durante o voo. Sua exibição acontece em determinadas situações de ameaça, servindo como defesa contra indivíduos do próprio grupo ou animais de outras espécies.

O filhote já nasce capaz de se locomover (nidifugo) e o casal divide os cuidados parentais, tais como proteção e alimentação. O filhote fica independente por volta da sétima semana.

Ambiente Restingas, manguezais, banhados, áreas urbanas, como gramados e jardins, e áreas abertas com interferência antrópica – campos e pastos.

Distribuição Ocorre desde a América Central, com ampla distribuição na América do Sul. Encontra-se disperso por toda Santa Catarina.

Ilha É abundante e pequenos bandos são facilmente observados no solo buscando alimento nos ambientes que ocupam, como em gramados nas áreas urbanas em toda a Ilha.

Classe Aves. **Ordem** Charadriiformes. **Família** Charadriidae. **Nome científico** *Vanellus chilensis*. **Nome comum em português** quero-quero, teutêu, terem-terém. **Espanhol** tero, teru, teru teru, queltehue. **Inglês** Southern Lapwing.



tiriba-da-testa-vermelha

Pyrrhura frontalis

O Brasil foi chamado na época do descobrimento como o país dos papagaios. Ainda hoje é o país com maior diversidade de espécies desta família (Psittacidae), com cerca de 72 espécies. A tiriba-de-testa-vermelha vive em grupo, sendo mais facilmente localizada durante o vôo, pois enquanto se desloca, geralmente, emite altas vocalizações. O verde predomina na coloração desta ave (pág. 191). A frente, o abdômen e a face interna da longa cauda pontiguda são em vermelho. A região ao redor dos olhos é branca. Alcança 27 cm de comprimento. O pé é zigodáctilo, isto é, o primeiro e o último dedo são deslocados para trás e os demais para frente, conferindo-lhe força e habilidade, especialmente na escavação. Ambos os

sexos são semelhantes na coloração, entretanto, o macho pode ser mais pesado, com o bico e a cabeça um pouco maiores.

Alimentação O grupo forrageia muito quieto no estrato superior da floresta ou em pomares, em busca de flores e frutos de diversos tamanhos como aroeira e ingá (pág. 191). O forte bico encurvado possibilita a abertura de frutos duros, como os das palmeiras. Como trituram as sementes, não contribuem como dispersores de plantas.

Reprodução Formam pares monogâmicos e nidificam na maioria das vezes no interior de troncos ocos de árvores. A fim de evitar a ação de animais predadores de ovos, escava um túnel, que dificulta o acesso à câmara incubadora. A fêmea realiza a postura de cinco a oito ovos e é a principal responsável pela incubação, que dura cerca de 26 dias. Durante a incubação dos ovos o macho participa indiretamente, trazendo comida para a fêmea. Após o nascimento dos filhotes, o macho oferece comida regurgitada que se assemelha a um mingau. Com um mês e meio de vida os filhotes abandonam o ninho, mas continuam a acompanhar o casal até nova reprodução do par.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Conservação A espécie está incluída no Apêndice II do CITES.

Distribuição Ocorre apenas na América do Sul, – Paraguai, Argentina, Uruguai – e Brasil, onde está dispersa ao longo da costa leste, desde a Bahia até o Rio Grande do Sul e sul do Mato Grosso do Sul. Existem registros em diferentes áreas de Santa Catarina.

Ilha Pode ser vista em áreas com trechos de florestas contínuas, tais como nos morros da Lagoa da Conceição, onde é frequentemente observada. Também pode, ocasionalmente, visitar pomares, situados nas bordas das matas.

Classe Aves. **Ordem** Psittaciformes. **Família** Psittacidae. **Nome científico** *Pyrrhura frontalis*. **Nome comum em português** tiriba-da-testa-vermelha, tiriva, cara-suja. **Espanhol** chiripepé cabeça verde, perico de vientre rojo. **Inglês** Reddish-bellied Parakeet.

coruja-buraqueira

Speotyto cunicularia

Possui hábitos diurnos e noturnos, mas as atividades concentram-se ao entardecer e ao amanhecer. É uma ave de rapina de porte pequeno, possuindo cerca de 25 cm de comprimento e pesando 170 g (pág. 21). Quando em voo apresenta envergadura de 51 a 61 cm. Destaca-se pela cabeça arredondada, olhos amarelos com sobrancelhas brancas e pernas longas cobertas por plumagem branca (pág. 222). A plumagem é altamente críptica, sendo o

O grupo familiar ocupa tocas feitas no solo ou areia, podendo aproveitar antigas cavidades utilizadas por outros animais. Com o bico e os pés, o casal se reveza cavando e alargando uma galeria horizontal que chega a atingir 3 m de profundidade, sendo seu interior normalmente forrado com capim seco.



dorso marrom com pequenas manchas brancas e predominando no peito o branco com pequenas listras em marrom. A fêmea é um pouco mais escura e ligeiramente menor que o macho. Em pouso, a cabeça pode girar até 270°.

Alimentação A localização da presa é feita principalmente através da audição, sendo a coruja-buraqueira capaz de detectar os diferentes sons que ela emite. Alimenta-se de insetos, répteis, pequenos pássaros e roedores. Durante o voo é realizada a busca pelo alimento, que após a captura é consumido no solo ou levado para o alto de uma árvore. Nas proximidades da toca, regurgita pelotas que contêm os restos das presas que consome, tais como pedaços de ossos, pelos, unhas, bicos, partes de insetos, o que possibilita investigações acerca da sua dieta.

Reprodução A reprodução tem início em março ou abril. A fêmea deposita sete a nove ovos no interior de uma toca e os incuba por 28 a 30 dias. A participação do macho no cuidado parental envolve a proteção do ninho e alimentação do ninhego. Com aproximadamente 40 dias de vida, os juvenis podem ser observados próximo da abertura do ninho.

Ambiente Restingas e áreas com interferência antrópica (campos e pastos).

Distribuição É uma família cosmopolita. No Brasil são encontrados 11 gêneros desta família. A distribuição da coruja-buraqueira tem início no Canadá, indo até a Terra do Fogo, extremo sul da Argentina. Ocorre em quase todo o Brasil nas áreas formadas por campos e cerrados. Encontrada em toda Santa Catarina, pode ser facilmente observada em áreas abertas, como campos, pastos, restingas e áreas urbanizadas. Em consequência do crescente aumento das áreas desmatadas, a coruja-buraqueira tem encontrado habitat adequado à sua expansão.

Ilha É uma ave abundante, de fácil observação nas restingas e nas áreas desmatadas com vegetação baixa, como na restinga das Praias de Jurerê e do Campeche e nas dunas da Lagoa da Conceição.

Classe Aves. **Ordem** Strigiformes. **Família** Strigidae. **Nome científico** *Speotyto cunicularia*. **Nome comum em português** coruja-buraqueira, coruja-do-campo. **Espanhol** lechucita de las vizcacheras, lechuza vizcachera. **Inglês** Borrowing Owl.

alma-de-gato

Piaya cayana

A alma-de-gato é observada sozinha ou em pares. Quando vocaliza realiza uma série comprida e rápida de silvados, sendo capaz de emitir vocalizações semelhantes às de outras espécies de aves, como por exemplo bem-te-vi (*Pitangus sulphuratus*). É uma ave de grande porte, chegando aos 47 cm, e a comprida cauda alcança 30 cm, importante para o seu equilíbrio. A cabeça e o dorso são marrom-avermelhados, e a garganta e o peito, pardo-claros, destacando-se do ventre cinza. As asas são curtas. A cauda é escalonada, isto é, possui penas com tamanhos diferentes: marrom com pontas brancas. A íris é vermelha circundada por uma pele nua avermelhada. O bico é esverdeado, curvo e forte. As patas são curtas e negras e os dedos, zigodáctilos, ou seja, os dois dedos centrais são voltados para frente e os dois externos para trás. A fêmea e o macho são muito similares. É bastante silenciosa, tornando muitas vezes difícil a sua observação. Apesar do grande tamanho e da longa cauda, movimenta-se de forma discreta e cautelosa com curtos e ágeis pulos, que em associação com a vocalização lembram o movimento e o grito de um gato. Daí o nome comum “alma-de-gato”.

Alimentação Forrageia por insetos e pequenos invertebrados (pág. 30).

Reprodução Normalmente, como estratégia de acasalamento, o macho entrega algum alimento para a fêmea. O ninho, construído nas árvores, possui o formato de plataforma, sendo confeccionado com galhos e coberto por folhas. A fêmea põe de dois a três ovos de cor cinza, cobertos por uma fina capa branca calcária.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, restingas, áreas urbanas (parques e quintais) e áreas com interferência antrópica.

Distribuição A família Cuculidae é cosmopolita, totalizando 125 espécies. A alma-de-gato habita amplas regiões que vão do México à Argentina, inclusive todo o Brasil. Em Santa Catarina encontra-se distribuída desde a costa até o limite com o planalto, estando também dispersa no extremo oeste. Habita o estrato médio dos capoeirões, podendo ser encontrada tanto no interior como na borda.

Ilha A alma-de-gato é considerada uma ave comum, facilmente observada próxima das bordas de fragmentos de mata nas áreas urbanizadas, como no Parque Municipal do Córrego Grande.

Classe Aves. **Ordem** Cuculiformes. **Família** Cuculidae. **Nome científico** *Piaya cayana*. **Nome comum em português** alma-de-gato. **Espanhol** tingazú, gallo de monte, urraca canela. **Inglês** Squirrel Cuckoo.

anu-preto

Crotophaga ani

Possui 36 cm de comprimento, plumagem totalmente negra, e o bico chama a atenção por ser alto e encurvado (pág. 120). O anu-preto, assim como o anu-branco, são similares em alguns comportamentos. Vivem em bando e deslocam-se em locais abertos e em baixa altura. O movimento pelo território ocorre da seguinte forma: um dos indivíduos se desloca primeiro e logo em seguida, um a um, todos os indivíduos do grupo o seguem.

Alimentação Come basicamente insetos que captura no solo.

Reprodução Durante o período reprodutivo um grupo formado por vários casais coopera na construção de um único ninho e na defesa do território. De quatro a sete ovos são depositados por fêmea no ninho comunitário, onde a incubação e o cuidado dos filhotes realizam-se tanto pelo macho como pelas fêmeas. A competição pela sobrevivência da ninhada resulta, muitas vezes, no infanticídio realizado pelas fêmeas.

Ambiente Restingas, áreas urbanas (parques e quintais) e áreas com interferência antrópica – campos de cultura, paisagens abertas.

Distribuição O anu-preto ocorre da Flórida até o norte da Argentina. Possui ampla distribuição no Brasil. Encontra-se disperso nas faixas leste e oeste de Santa Catarina.

Ilha Ave abundante. Grupos de anu-pretos são facilmente observados, por exemplo, nas paisagens abertas e nas restingas da Praia do Moçambique e dos Ingleses.

Classe Aves. **Ordem** Cuculiformes. **Família** Cuculidae. **Nome científico** *Crotophaga ani*. **Nome comum em português** anu-preto. **Espanhol** anó, chico, pirincho negro chico. **Inglês** Smoth-billed Ani.

anu-branco

Guira guira

O anu-branco possui 40 cm de comprimento, corpo castanho-amarelado, cauda marrom e uma pequena crista, que vai desde a testa até o vertice da cabeça (pág. 121). É uma ave que vive em bando.

Alimentação Vai ao solo para se alimentar de pequenos vertebrados e insetos. Por exibir preferência por áreas abertas, esta ave tem se beneficiado dos desmatamentos.

Reprodução Durante o período reprodutivo, quatro a cinco fêmeas cooperam na construção de um único ninho e na defesa do território. Cerca de 20 ovos são depositados pelas fêmeas em um ninho comunitário, o que resulta no cuidado cooperativo do ninhego (pág. 186). Assim como

acontece com o anu-preto, existe competição entre as fêmeas pela sobrevivência da ninhada e, como consequência, ocorre a morte de alguns filhotes.

Ambiente Restingas, áreas urbanas – parques, quintais – e áreas com interferência antrópica – campos de cultura, paisagens abertas.

Distribuição Possui ampla distribuição no Brasil, ocorrendo desde o Amapá até o Rio Grande do Sul. Ocorre também na Bolívia, Paraguai, norte da Argentina e Uruguai. Encontra-se amplamente disperso em Santa Catarina.

Ilha Bandos de anu-branco podem ser observados com frequência nas paisagens abertas ou semiabertas, em todos os bairros, como, por exemplo, nas margens da Lagoa da Conceição.

Classe Aves. **Ordem** Cuculiformes. **Família** Cuculidae. **Nome científico** *Crotophaga ani*. **Nome comum em português** anu-branco, rabo-de-palha, pelincho. **Espanhol** pirincho, piririque. **Inglês** Guira Cuckoo.

martim-pescador-grande

Ceryle torquata

É uma ave de fácil observação em função do porte e da coloração, sendo comum escutar a forte vocalização do tipo “matraca” durante o voo. A cabeça e o bico do martim-pescador são notáveis pelo grande tamanho. O bico, reto, muito comprido, agudo e bem forte, é especializado para capturar peixes. Parte do peito, o dorso, as asas e a cabeça são em azul-cinza, e na região posterior da cabeça há um penacho da mesma cor. No pescoço há um grosso colar branco e o abdômen é ferrugem. Em voo é possível observar o ventre ferrugem e a cauda barrada em branco (pág. 157). Possui três dedos voltados para frente e um para trás (anisodáctilo). O corpo alcança 45 cm de comprimento. Pode-se comumente observá-lo solitário e pousado em paus, postes, galhos, pedras, arames e fios perto de locais com água (pág. 94). Quando em pouso faz um típico movimento levantando e baixando a cauda e a cabeça. Durante o voo, normalmente rápido, sobe e desce fazendo uma sequência de ondulações de grande distância.

Alimentação Realiza voos bem perto da água, quase a tocando, mergulhando apenas para capturar o peixe. Sua dieta se baseia em peixes, anfíbios, insetos e até aves de pequeno porte.

Ao capturar um peixe de maior porte, pousa em um galho e executa movimentos que consistem em bater e ajeitar o peixe no bico após cada batida.

A função deste comportamento é quebrar partes da presa, facilitando o consumo.



Reprodução O período reprodutivo vai de outubro até novembro. O casal de martim-pescador-grande constrói o ninho escavando galerias em barrancos de argila, próximo às margens dos cursos d'água. O trabalho de escavação é feito com o bico e com os três dedos anteriores. Esta atividade provoca grande desgaste do bico, cujo tecido se regenera em poucos dias. A abertura do ninho pode medir aproximadamente 10 cm de diâmetro. A partir da abertura há um túnel que forma uma pequena inclinação em declive. Na parte final do túnel, há uma câmara, na qual são depositados de dois a quatro ovos brancos diretamente sobre a terra. O casal se reveza na incubação dos ovos, e em aproximadamente 35 dias após o nascimento o ninhego abandona o ninho.

Ambiente Costeiro, manguezais, lagoas, banhados e outros corpos d'água em áreas que sofreram interferência antrópica e áreas urbanas.

Distribuição A família Alcedinidae possui 86 espécies distribuídas no mundo inteiro. O martim-pescador-grande ocorre desde o sul do México até a Argentina, podendo ser encontrado em todos os estados do Brasil. Em Santa Catarina é uma ave abundante com ampla distribuição, frequentemente registrada nas áreas costeiras.

Ilha É uma ave abundante que utiliza a Ilha como local de nidificação. Pode ser observada pousada em postes ou até em fios elétricos próximo às lagoas, como, por exemplo, a Lagoa do Peri, a Lagoinha Pequena e a Lagoa da Conceição, no manguezal da Daniela ou no Parque do Córrego Grande.

Classe Aves. **Ordem** Coraciiformes. **Família** Alcedinidae. **Nome científico** *Ceryle torquata*. **Nome comum em português** martim-pescador-grande, matraca. **Espanhol** martín pescador, martín pescador grande. **Inglês** Ringed Kingfisher.

pica-pau-do-campo

Colaptes campestris

Utiliza o forte bico na busca de insetos e larvas nos cupinzeiros e formigueiros, em troncos caídos e debaixo de pedras. Ao bater o bico no tronco, a ave é capaz de perceber trechos ocos sob a casca da árvore, revelando a presença de algum inseto. Além disso, possui uma glândula mandibular que produz uma secreção pegajosa que envolve a comprida língua, auxiliando o pica-pau-do-campo na captura de insetos. A cabeça é grande, com o vértice e a nuca em negro. O resto da cabeça, o pescoço e a parte inicial do peito são em amarelo escuro. O bico é reto e bastante agudo, a cor é preta e o comprimento chega a 3,5 cm. O ventre e o dorso apresentam barras transversais brancas e pretas (pág. 179). Os pés e a resistente cauda o auxiliam na movimentação vertical nos troncos, que normalmente

é feita em pequenos saltos. A cauda é um importante elemento de apoio, auxiliando-o nos deslocamentos verticais. É comumente observado pousado em postes, árvores ou em locais altos. Possui dois dedos centrais voltados para frente e os dois externos para trás, denominados zigodáctilos, o que garante firmeza nos pés. O macho apenas se distingue da fêmea por apresentar um “bigode” vermelho que surge no canto da boca. Durante o voo é comum se escutar a alta vocalização que emite. O tamanho oscila de 28 a 32 cm de comprimento e o peso varia de 145 e 192 g. Vive em grupos familiares, que pode chegar a sete indivíduos.

Alimentação Passa grande período no solo buscando por insetos, principalmente formigas e cupins.

Reprodução O período reprodutivo ocorre de agosto até novembro. Nesta época é comum observá-lo formando pequenos grupos de três a quatro indivíduos. Utilizando o bico e os pés, abre cavidades em barrancos ou em cupinzeiros para construção do ninho. A entrada é arredondada, com diâmetro de 8 a 15 cm. Após a entrada há um túnel que termina numa câmara mais ampla, na qual os ovos são depositados. Este túnel pode alcançar até 70 cm de profundidade. A fêmea coloca de quatro a cinco ovos brancos e ovais que são incubados pelo casal. O grupo familiar permanece junto mesmo após o término da época reprodutiva. Assim, o cuidado dos filhotes pode ser realizado de forma cooperativa pelos irmãos mais velhos.

Ambiente Restingas e áreas com interferência antrópica, tais como, áreas desmatadas, agrícolas e pastos.

Conservação Não se encontra globalmente ameaçado. Por ser uma espécie que habita locais abertos, o crescimento populacional tem sido correlacionado ao desmatamento.

Distribuição A família dos Piciformes é cosmopolita, reunindo um total de 210 espécies. No Brasil o pica-pau-do-campo é muito comum ao longo da faixa atlântica. É facilmente observado em outros países da América do Sul, como Paraguai, Argentina e Uruguai. Em Santa Catarina o *C. campestris* distribui-se principalmente na parte norte do estado. Há ainda a subespécie *C. campestris campestroides*, que se encontra amplamente distribuída no estado, inclusive na Ilha de Santa Catarina.

Ilha Reside e nidifica. Comum e observado sobre o solo nas áreas recém-desmatadas para expansão urbana, restingas e nos campos de gado no sul da Ilha, como no Campeche, e nas encostas entre as Praias do Matadeiro e Lagoinha do Leste.

Classe Aves. **Ordem** Piciformes. **Família** Picidae. **Nome científico** *Colaptes campestris*. **Nome comum em português** pica-pau-do-campo, chã-chã. **Espanhol** carpintero campestre, carpintero pitio. **Inglês** Campo Flicker.



sagui-do-cerrado
Callithrix penicillata



espinheiro
Mimosa bimucronata



espinheiro
Mimosa bimucronata



embaúba
Cecropia glaziovi



embaúba
Cecropia glaziovi



aroeira

Schinus terebinthifolia

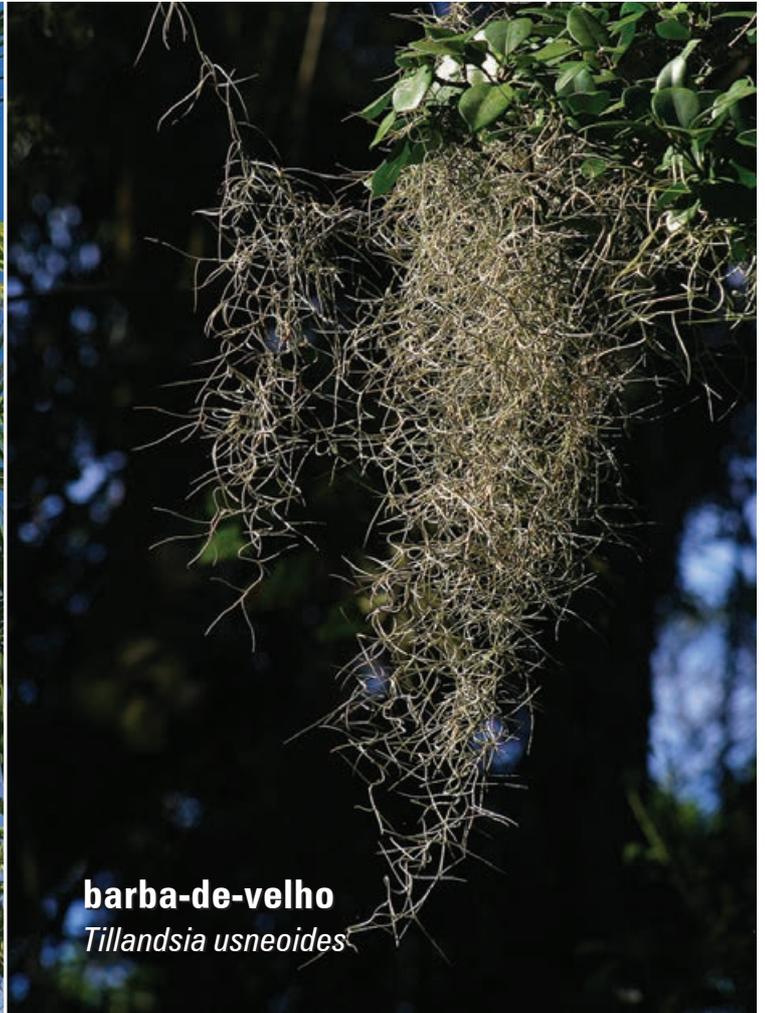


aroeira

Schinus terebinthifolia
Lagoa da Conceição



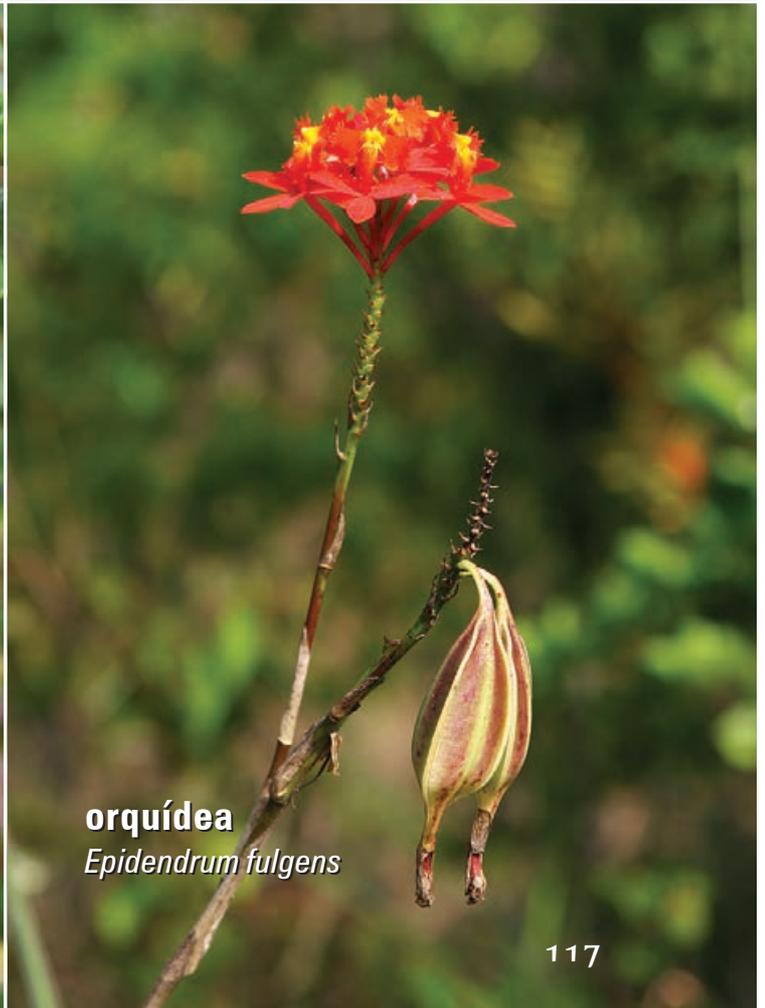
palmito
Euterpe edulis



barba-de-velho
Tillandsia usneoides



lantana
Lantana camara



orquídea
Epidendrum fulgens



saí-azul
Dacnis cayana
Macho



saí-azul
Dacnis cayana
Fêmea



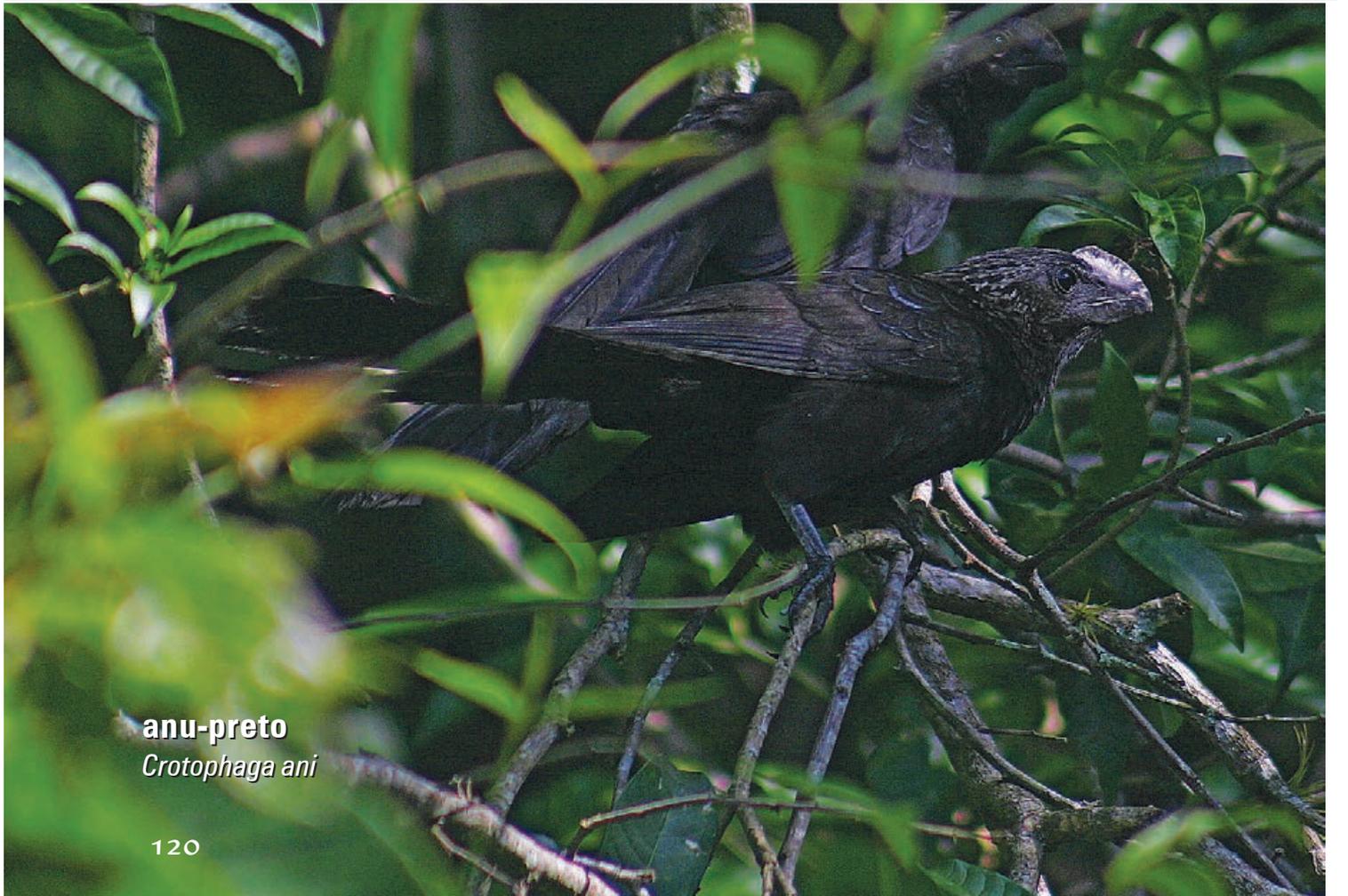
canário-da-terra
Sicalis flaveola
Macho



canário-da-terra
Sicalis flaveola



fragata
Fregata magnificens
Macho



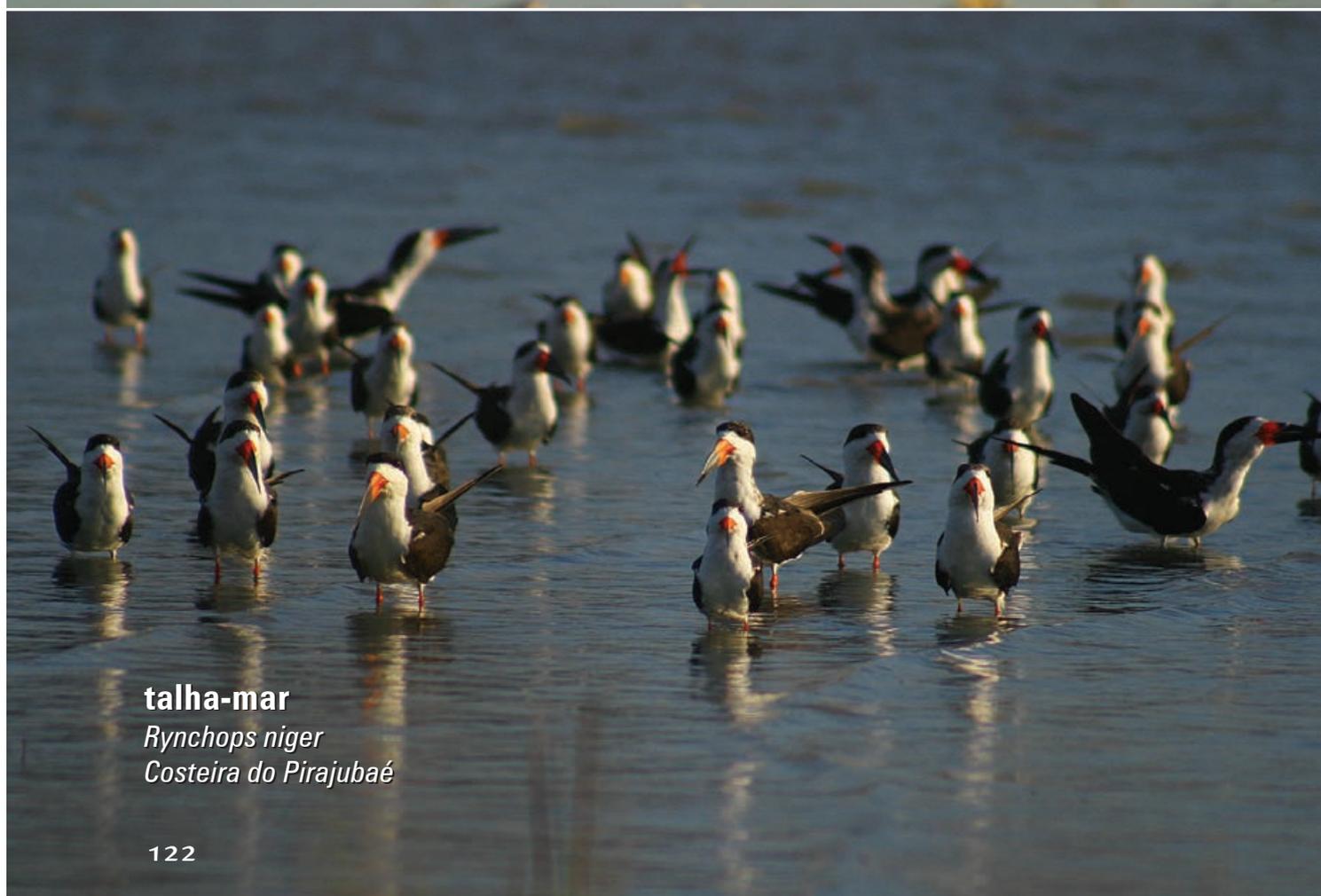
anu-preto
Crotophaga ani



anu-branco
Guira guira



**pernilongo-de-costas-brancas
e maçarico-de-perna-amarela**
Himantopus melanurus e Tringa flaviceps
Costeira do Pirajubaé



talha-mar
Rynchops niger
Costeira do Pirajubaé



**pernilongo-de-costas-brancas
e maçarico-de-perna-amarela**
Himantopus melanurus e Tringa flaviceps
Costeira do Pirajubaé



maçarico-de-perna-amarela
Tringa flaviceps
Costeira do Pirajubaé



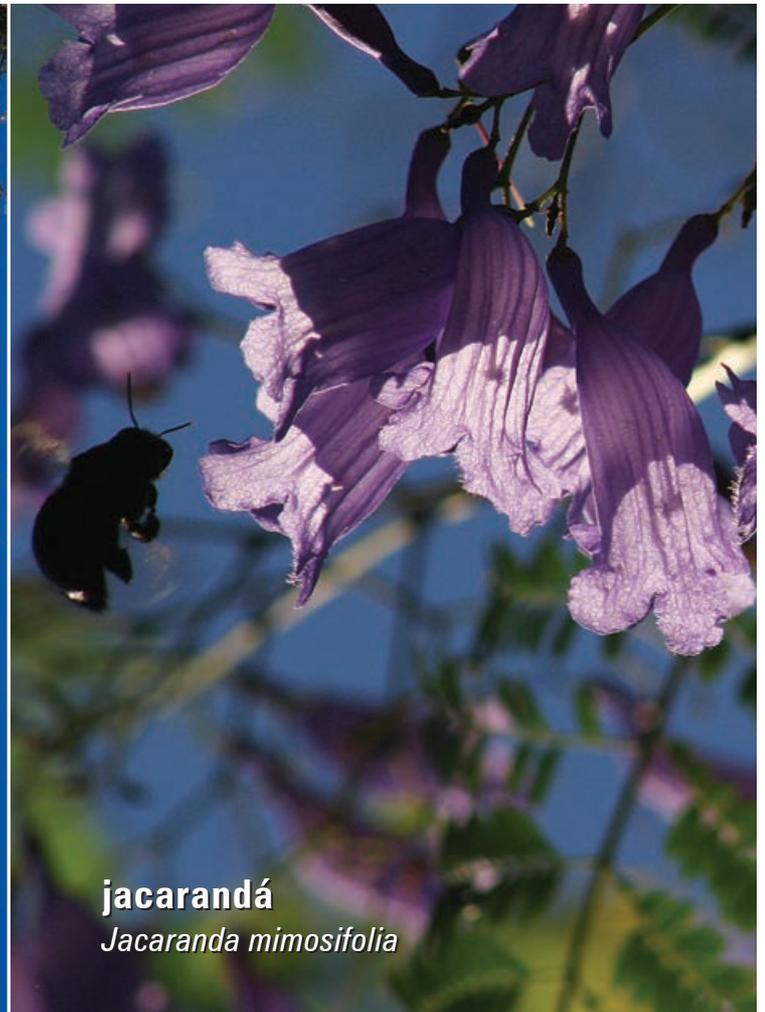
paineira-rosa
Chorisia speciosa



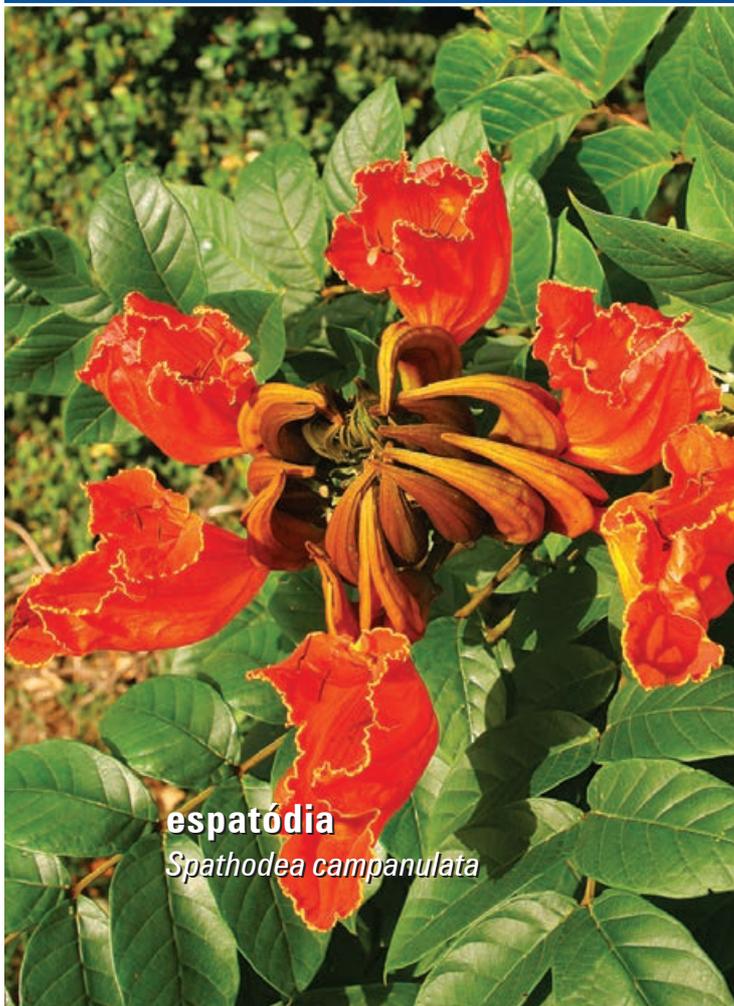
pitangueira
Eugenia uniflora



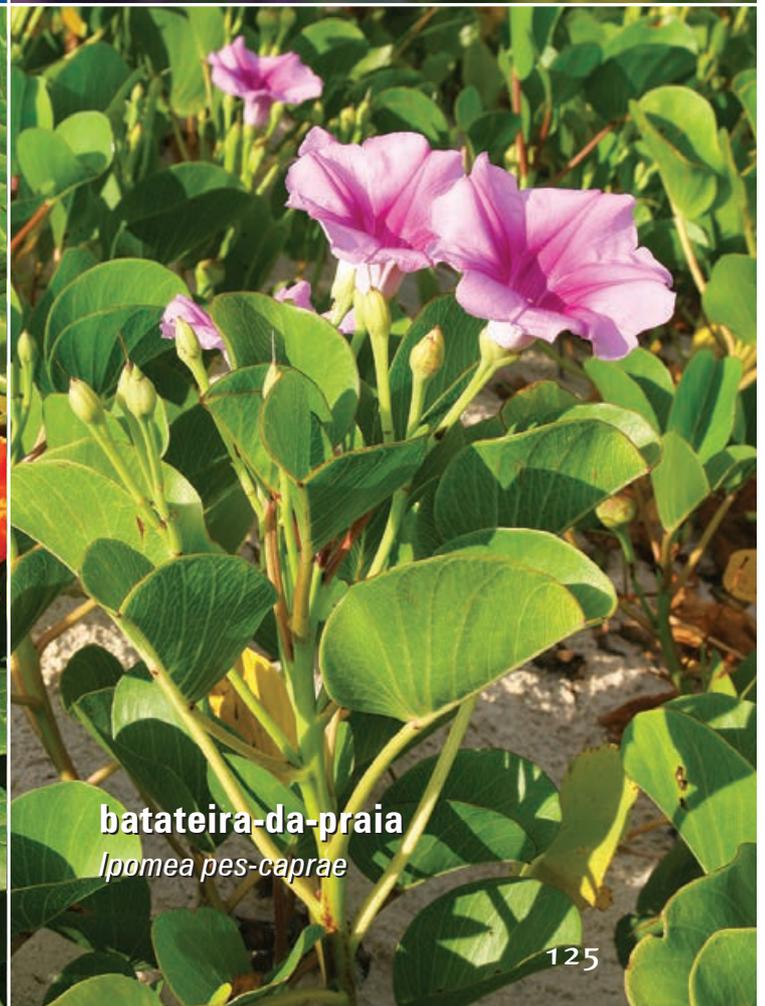
ipê-amarelo
Tabebuia chrysotricha



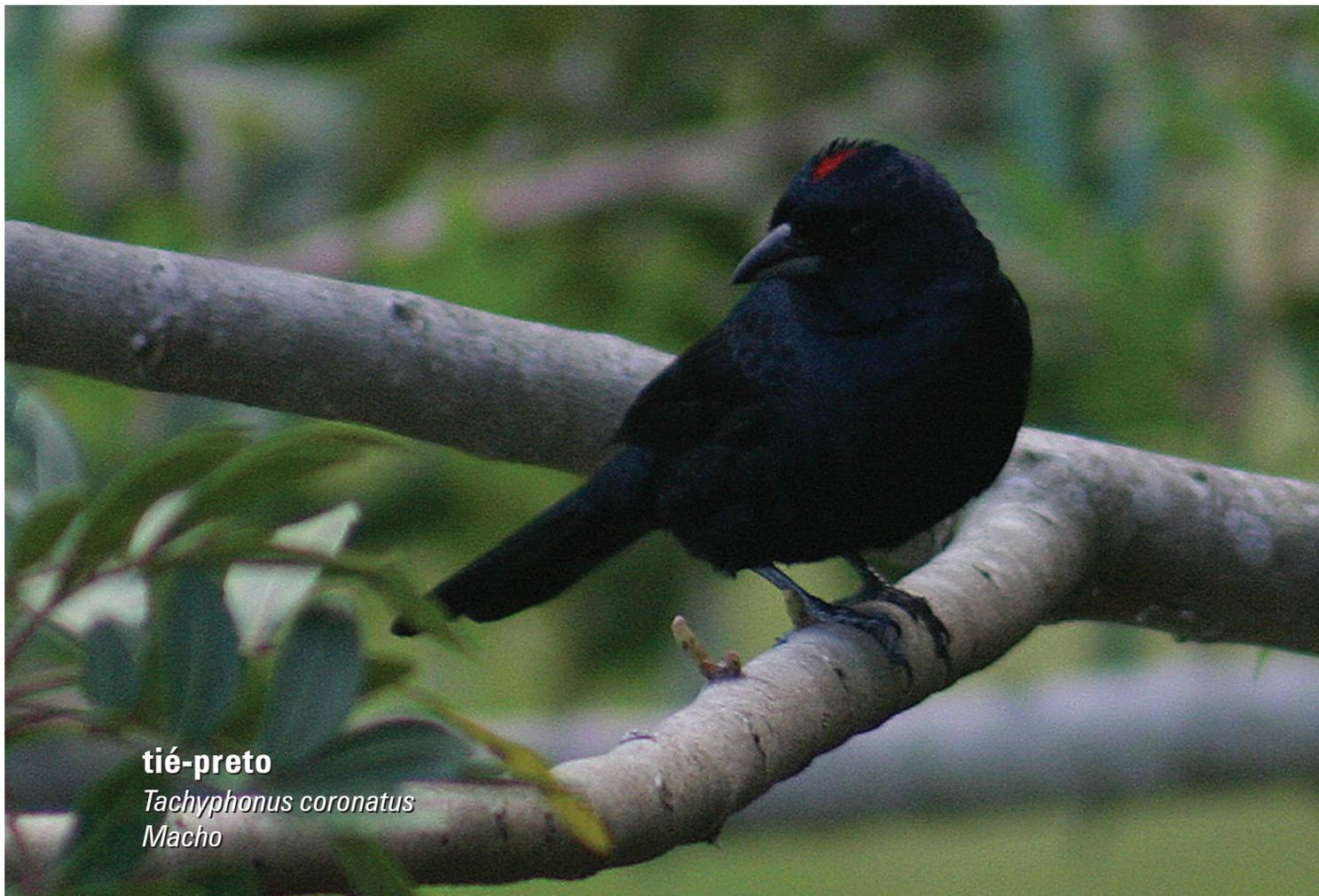
jacarandá
Jacaranda mimosifolia



espatódia
Spathodea campanulata



batateira-da-praia
Ipomea pes-caprae



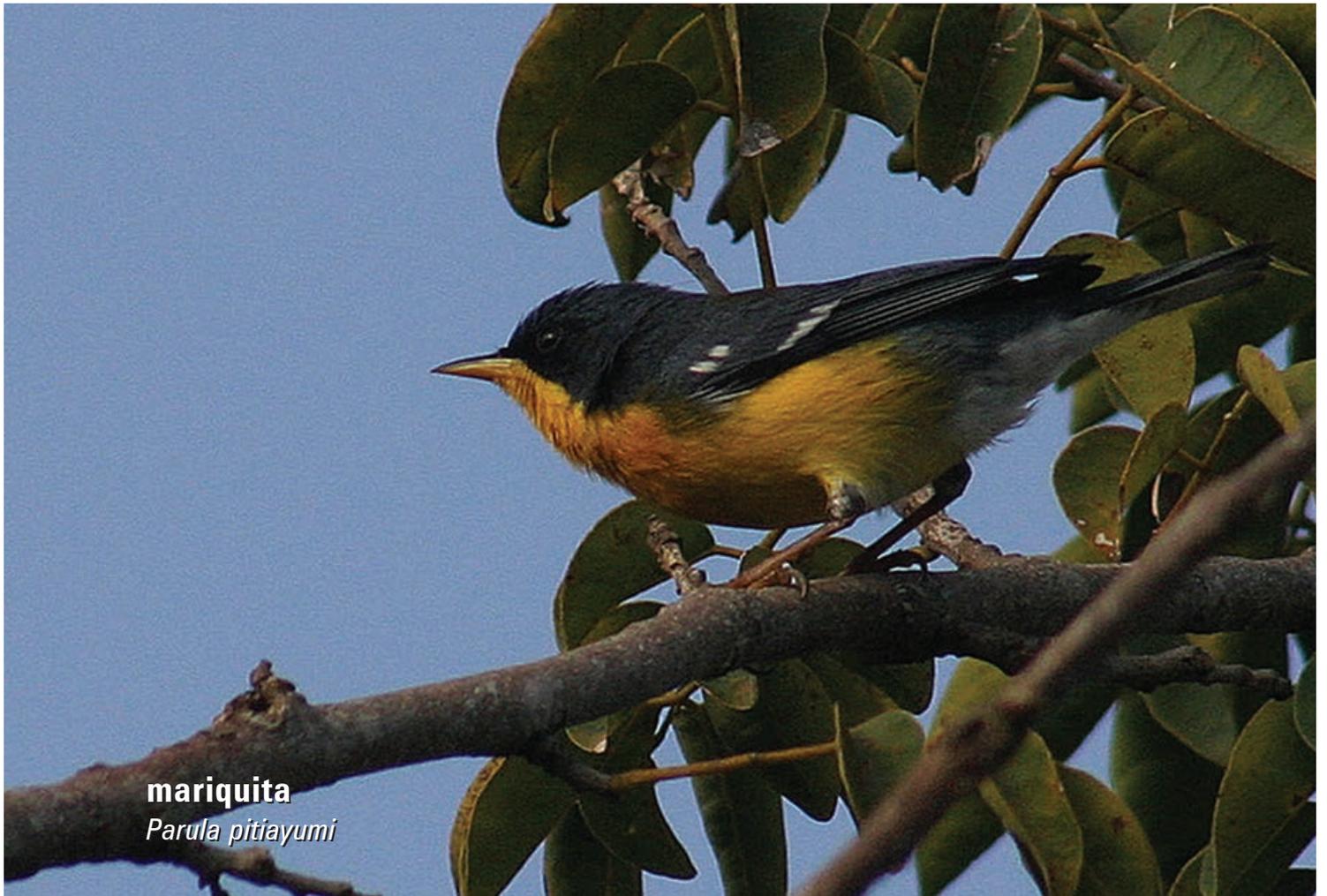
tié-preto

Tachyphonus coronatus
Macho

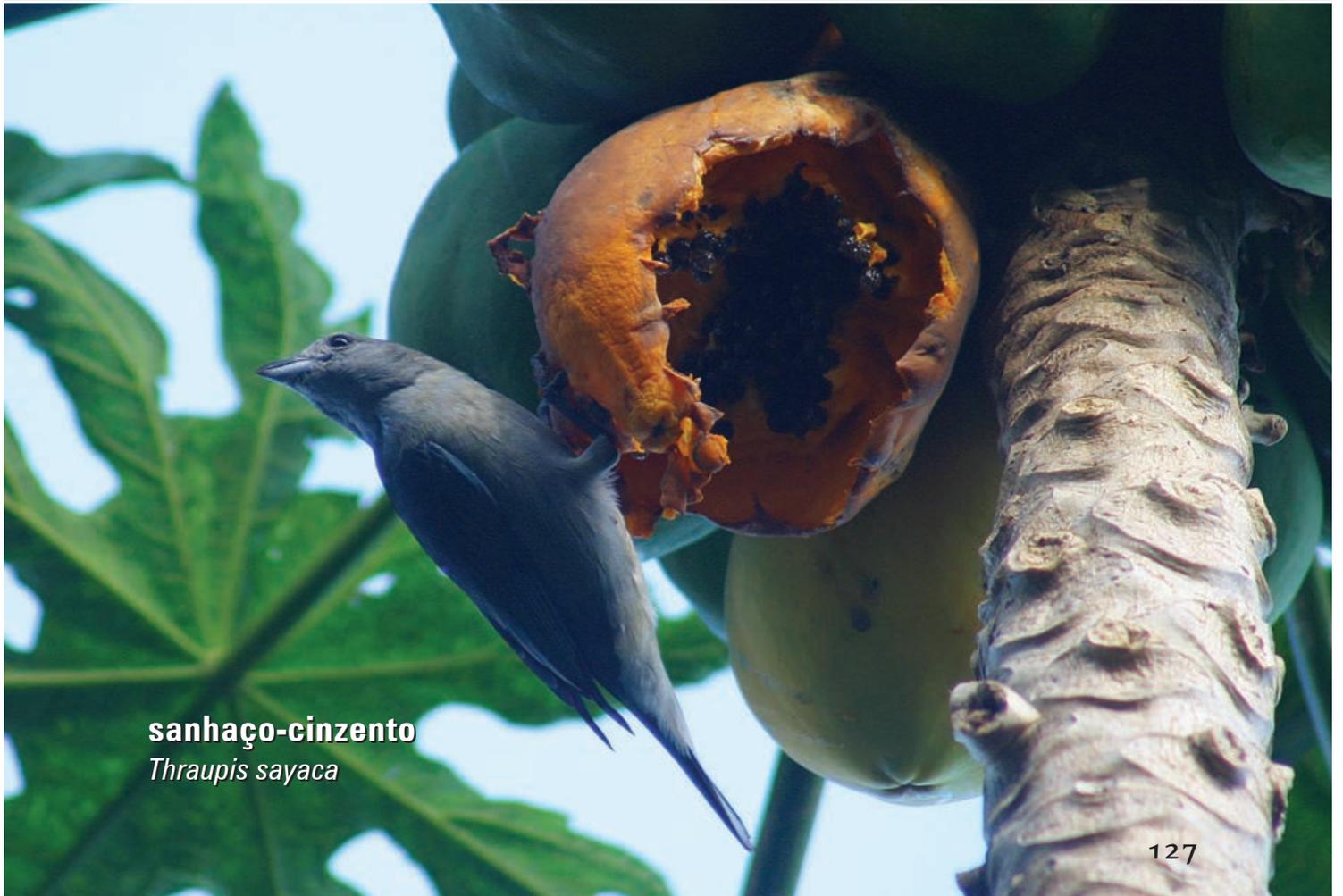


tié-preto

Tachyphonus coronatus
Fêmea



mariquita
Parula pitiayumi



sanhaço-cinzento
Thraupis sayaca



garça-azul
Egretta caerulea

galinha-do-mato

Formicarius colma ruficeps

A galinha-do-mato é uma ave de difícil visualização, pois apresenta hábito terrícola e plumagem escura, o que contribui para excelente camuflagem nas matas mais sombrias (pág.187). Entretanto, as altas vocalizações que emitem, um longo, ondulado e agudo trinado, denunciam a sua presença no interior da mata. Destaca-se por apresentar uma grande faixa laranja acima dos olhos. No dorso predomina o marrom, a região ventral é acizentada, e a face e a garganta são em negro. Possui porte ereto, as pernas são longas e a cauda fica constantemente empinada. Não apresenta dimorfismo sexual. Possui 17 cm de comprimento e peso em torno de 45 g.

Reprodução Como estratégia de cortejamento, o macho geralmente oferece alimento à fêmea antes da cópula. Para confecção do ninho, que possui o formato de uma tigela aberta, o macho e a fêmea utilizam materiais secos, como folhas e pequenos galhos. Normalmente, é construído sobre um galho largo próximo ao solo ou sobre um emaranhado de plantas junto ao chão. A fêmea põe dois ovos brancos que são incubados pelo casal. O macho participa dos cuidados parentais.

Alimentação Ao caminhar, sacode a serrapilheira com o bico em um movimento de vai e vem, buscando insetos, pequenos artrópodes (escorpiões e aranhas) e vertebrados que estejam no solo. Captura, de forma oportunista, diferentes insetos que fogem das formigas quando estas se organizam em grandes deslocamentos (correições).

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica e restinga em pleno desenvolvimento.

Distribuição A espécie *F. colma* ocorre nas Guianas, na Venezuela e no Brasil, ao norte do Mato Grosso, Pará e Maranhão. Entretanto, a subespécie *F. colma ruficeps* está dispersa desde Pernambuco até o Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina distribui-se ao longo do lado leste, sendo considerada comum nos locais onde ocorre.

Ilha Ave comum, porém, por ser muito arisca e ocupar o interior das áreas florestadas, é dificilmente observada. Pode ser avistada no Parque Municipal da Lagoa do Peri.

Classe Aves. **Ordem** Passeriformes. **Família** Formicariidae. **Nome científico** *Formicarius colma ruficeps*. **Nome comum em português** galinha-do-mato, pinto-do-mato, pinto-da-mata-coroado. **Espanhol** chululú Pollito. **Inglês** Rufous-capped Antthursh.

tesourinha

Tyrannus savana

A característica mais marcante da tesourinha é a longa cauda bifurcada, o que facilita a identificação (pág. 187). O comprimento total é de 40 cm, e somente a cauda chega a 29 cm. Possui coloração cinza na parte dorsal e branca na ventral, sendo negras a cabeça e a cauda. As asas são de um negro mais claro. No topo da cabeça há uma faixa em amarelo, que raramente se observa. Macho e fêmea são semelhantes, mas a cauda da fêmea pode ser mais curta.

Alimentação Alimenta-se de frutos e insetos os quais captura durante o voo.

Reprodução Na primavera os machos podem ser observados cortejando as fêmeas, dando voos em queda que formam uma espiral, muito evidentes em função do movimento provocado pela cauda. Durante o período reprodutivo há a formação de casais monogâmicos, e machos e fêmeas participam ativamente na defesa do território e na criação do ninhego.

Ambiente Restinga, áreas abertas com interferência antrópica – campos, pastos e áreas urbanas.

Distribuição Ocorre desde o sul do México até a Argentina. Encontra-se dispersa em todo o Brasil. É uma ave migratória, ocorrendo em Santa Catarina entre setembro e março.

Ilha Está presente apenas de setembro a fevereiro, período no qual pode ser observada em várias regiões, tais como Santo Antônio de Lisboa e Ribeirão da Ilha.

Classe Aves. **Ordem** Passeriformes. **Família** Tyrannidae. **Nome científico** *Tyrannus savana*. **Nome comum em português** tesourinha, tesoura, tesourinha-do-campo. **Espanhol** tijereta común, cazamoscas tijereta. **Inglês** Fork-tailed Flycatcher.

joão-de-barro

Furnarius rufus

Transportando no bico pequenas porções de barro e esterco o casal constrói um ninho com formato de forno, daí o nome comum para esta ave (pág. 157). O ninho é sempre construído em local aberto, sobre um galho exposto de uma árvore ou até mesmo em um poste onde há suporte. Como o ninho possui duração de poucos meses, o casal pode construir vários ninhos ao longo do ano, sempre que houver barro úmido à disposição (pág. 187). Cada ninho leva aproximadamente 15 dias para ser construído e é constantemente reformado. Macho e fêmea são semelhantes. A cabeça, o dorso e as asas são

em marrom; a cauda, marrom-avermelhado; a garganta, branca; o peito e a barriga, em marrom-claro. O tamanho médio é de 19 cm.

Reprodução Ao final da construção do ninho é erguida uma parede próxima à entrada, formando no seu interior uma câmara incubadora na qual os ovos e os filhotes ficam protegidos. Durante a primavera a fêmea põe de três a quatro ovos, que são incubados por 17 dias. O casal se alterna nos cuidados parentais e com 23 dias de idade as crias abandonam o ninho.

Alimentação Pode ser facilmente observado caminhando sobre o solo buscando insetos, pequenos invertebrados e sementes.

Ambiente Restingas, áreas urbanas – parques, jardins, quintais – e áreas antrópicas – áreas desmatadas, agrícolas e pastos.

Distribuição Está presente no Brasil, Bolívia, Argentina e Paraguai. No Brasil é originário da região Centro-Oeste. Porém, os crescentes desmatamentos e a preferência por locais abertos têm contribuído na expansão geográfica desta ave. O João-de-Barro ocorre desde Santa Catarina até parte do Nordeste e região Norte (Pará).

Ilha O João-de-Barro apresenta ampla distribuição na Ilha de Santa Catarina, sendo bastante comum observá-lo nas áreas urbanas – parques, jardins e quintais.

Classe Aves. **Ordem** Passeriformes. **Família** Furnariidae. **Nome científico** *Furnarius rufus*. **Nome comum em português** João-de-Barro, barreiro, forneiro. **Espanhol** hornero, hornero común. **Inglês** Rufous Hornero.

sabiá-poca

Turdus amaurochalinus

O canto do sabiá-poca é realizado quase exclusivamente pelo macho e lembra o do sabiá-laranjeira (*T. rufiventris*), sendo pausado, variado e melodioso. Na época reprodutiva canta até o escurecer e inicia o canto ainda de madrugada. Macho e fêmea são bastante similares. É pardo-oliva no dorso, na cabeça e na cauda. O peito é cinzento com o ventre esbranquiçado. A garganta é branca com estrias em pardo-escuro. Apresenta uma faixa escura entre o olho e o bico. O bico é amarelo-claro e as patas são cinzas. São anisodáctilos, isto é, possuem três dedos voltados para frente e um para trás. Na maioria das vezes é observado sozinho. O tamanho adulto oscila entre 21 e 23 cm de comprimento.

Alimentação É onívoro. O sabiá-poca alimenta-se de diferentes tipos de frutos, insetos e outros invertebrados. Busca o solo para se alimentar, onde revira com o bico as folhas e a terra.

Reprodução O período reprodutivo vai de outubro até dezembro. Durante este período o bico do macho se torna amarelo-vivo. Como na

maioria dos sabiás, o ninho é semiesférico, bastante profundo, construído com grossas fibras vegetais misturadas com barro. É construído entre os galhos grossos ou entre bromélias no alto das árvores. O interior é recoberto por um material mais fino como pequenas raízes. A fêmea coloca cerca de três ovos esverdeados ou azulados com pintas e manchas em castanho e cinza. Os filhotes permanecem 15 dias no ninho (pág. 224). O adulto alimenta os filhotes com pequenos insetos, realizando viagens frequentes (pág. 156).

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, manguezais, restingas, áreas com interferência antrópica – áreas desmatadas e pastos – e áreas urbanas – parques.

Distribuição O sabiá-poca ocorre no Brasil central e oriental, Peru, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. Encontra-se amplamente distribuído em Santa Catarina.

Ilha Entre as diferentes espécies de sabiá, o sabiá-poca é o mais abundante. É facilmente observado nos mais variados locais, tais como, bordas de florestas, capoeiras, bosques e parques, ocupando os estratos médios e baixos.

Classe Aves. **Ordem** Passeriformes. **Família** Muscicapidae. **Nome científico** *Turdus amaurochalinus*. **Nome comum em português** sabiá-poca, sabiá-branco, sabiá-pardo. **Espanhol** zorzal chalchalero, zorzal común, zorzal argentino. **Inglês** Creamy-bellied Thrush.

gralha-azul

Cyanocorax caeruleus

É uma ave territorial e vive em grupo com até 10 indivíduos. Para sinalizar a presença de outras espécies em seu território, emite uma alta vocalização. O deslocamento é feito através de voos baixos, uma a uma, avançando pelos estratos médio e alto da floresta. O macho e a fêmea são muito similares. Destaca-se facilmente no ambiente por possuir, na maior parte da plumagem, uma coloração de um forte azul-metálico, que contrasta com o negro da cabeça e do pescoço (pág. 160). Na cabeça há um pequeno e curto penacho frontal rígido. O bico é forte, curto e negro. O juvenil apresenta uma mancha amarelada na base do bico. Possui cerca de 38 cm de comprimento. Os dedos são anisodáctilos: três dedos voltados para frente e um para trás.

Alimentação É onívora. A gralha-azul consome uma grande variedade de itens, tais como ovos de outras aves, sementes, frutos, insetos e animais pequenos. Na Ilha apresenta hábito alimentar oportunista,

visitando pomares e até lixões. Muitos habitantes adquiriram o hábito de alimentar gralhas-azuis em seus quintais, disponibilizando frutos em plataformas de madeira afixadas em árvores. Esta ave apresenta o comportamento de enterrar grandes sementes, o que sugere seu armazenamento. Além disso, apresenta o hábito de desmanchar o cacho enquanto se alimenta do pinhão. Assim, exerce papel na dispersão de sementes do pinheiro-do-paraná (*Araucaria angustifolia*).

Reprodução O ninho é feito de galhos e palha, formando uma rasa concavidade que fica afixada nos galhos centrais da árvore. Nele a fêmea deposita de três a quatro ovos verde-azuis com manchas pardo-claras.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, floresta de araucária, restingas, manguezais, áreas com interferência antrópica e urbanas.

Conservação Pela IUCN apresenta *status Near Threatened species*, ou seja, espécie perto de estar ameaçada de extinção. As populações desta ave têm diminuído no país a oeste da sua distribuição, sendo hoje mais comum no Sudeste e Sul do Brasil. O avanço da agricultura, o desmatamento, a urbanização, a industrialização e a construção de estradas têm provocado a diminuição de seu habitat.

Distribuição A família Corvidae é cosmopolita, apresentando 102 espécies. Ocorre no Brasil, Argentina e Paraguai. No Brasil a gralha-azul é endêmica de alguns dos ambientes inseridos no Domínio da Mata Atlântica, ocorrendo desde o sul de São Paulo até o Rio Grande do Sul. Ocorre também no leste do Paraguai e nordeste da Argentina, cujas populações vêm diminuindo. Em Santa Catarina é frequente nas áreas com Floresta Pluvial da Encosta Atlântica e na floresta de araucária na região do planalto.

Ilha É uma espécie abundante durante todo o ano. Pequenos grupos são facilmente observados em vários locais, como em trechos de florestas contínuas ou em pequenos fragmentos de mata, inclusive onde a floresta é composta predominantemente por espécies exóticas, como o pinheiro (*Pinus* sp) e o eucalipto (*Eucalyptus* spp), por exemplo no Parque Municipal da Lagoa do Peri e no Parque Florestal do Rio Vermelho.

Classe Aves. **Ordem** Passeriformes. **Família** Corvidae. **Nome científico** *Cyanocorax caeruleus*. **Nome comum em português** gralha-azul. **Espanhol** urraca azul, urraca celeste. **Inglês** Azure Jay.

tangará-dançador

Chiroxiphia caudata

O macho se destaca pelo “boné” vermelho no topo da cabeça e pelo nítido padrão de distribuição das cores do corpo: a cabeça, incluindo a

garganta, e as asas são em negro; o restante do corpo é em azul-celeste. A ponta da cauda se une e forma um prolongamento “extra” de 2 cm (pág. 148). A fêmea é de um verde intenso. É um pássaro pequeno, com cerca de 15 cm de comprimento. Os machos formam pequenos grupos e dedicam grande parte do período de atividade, independentemente da época do ano, se exibindo para as fêmeas, através de coreografias específicas e fortes vocalizações. No macho juvenil o “boné” é laranja, tornando-se vermelho durante o segundo ano de vida.

Alimentação Come pequenos frutos e, com menor frequência pequenos insetos.

Reprodução O sistema de acasalamento caracteriza-se pela formação de *leks*, isto é, vários machos se reúnem em um determinado local para atrair e cortejar uma única fêmea. A exibição dos machos se resume da seguinte forma: após formarem uma organizada fila ao lado da fêmea, aquele que está mais perto dá um pequeno voo próximo a ela e se posiciona no final da fila. Então, o macho seguinte se posiciona ao lado da fêmea e também executa a mesma performance. Essa sequência permite a exibição de todos os machos à fêmea. A performance, entremeada por diferentes cantos, dura cerca de dois minutos ou menos. O macho dominante do grupo, através de vocalizações específicas, faz com que a coreografia termine, provocando a dispersão do grupo. Mais tarde, este mesmo macho, exibindo as penas do “boné”, torna a vocalizar, reunindo o grupo novamente. A cópula ocorre após a fêmea se afastar do grupo e ser seguida por alguns machos, dos quais ela escolhe um para o acasalamento, geralmente o dominante. Durante o período da nidificação um grupo de fêmeas constrói seus ninhos próximos umas das outras e neles depositam dois ovos que são incubados durante duas semanas. A fêmea também é responsável pela criação dos filhotes.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Distribuição Ocorre nas formações secundárias da Floresta Pluvial da Encosta Atlântica desde o sul da Bahia até o Rio Grande do Sul, incluindo Minas Gerais. Também está disperso no Paraguai e Argentina, nas áreas limítrofes com o Brasil. Em Santa Catarina encontra-se amplamente distribuído ao longo da costa leste.

Ilha Comum nas áreas com floresta, por exemplo, no Morro da Lagoa da Conceição.

Classe Aves. **Ordem** Passeriformes. **Família** Pipridae. **Nome científico** *Chiroxiphia caudata*. **Nome comum em português** tangará-dançador, dançarino, canto-de-macaco, pavãozinho, ticolão, tangará-dançarino, ticolão. **Espanhol** bailarín azul. **Inglês** Blue Manakin.

cambacica

Coereba flaveola

Assemelha-se ao bem-te-vi em miniatura, porém é mais irrequieta. É uma pequena ave (11 cm de comprimento) que se destaca pelo colorido vivo. Tem o peito amarelo, o dorso escuro, a garganta esbranquiçada e a sobrancelha branca.

Alimentação Come pequenos insetos, mas preferencialmente néctar das flores, nas quais se agarra com os pés e com o bico perfura o cálice. Costuma visitar bebedouros com água açucarada colocada para os beija-flores. Participa na polinização de algumas espécies de flores de bromélias. Passa grande parte do tempo de cabeça para baixo, forrageando, alimentando-se do fruto maduro da palmeira jerivá, como na fotografia da página 149.

Reprodução Utilizando musgos, fibras finas e plumas, a fêmea constrói um ninho arredondado no qual deposita de um a três ovos. Cuida do ninhego sem a participação do macho. Com duas ou três semanas de vida, os filhotes começam a voar.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, restingas, áreas urbanas (parques, quintais) e áreas com interferência antrópica.

Distribuição A cambacica ocorre desde o sul do México até o norte da Argentina. Ave extremamente comum, está dispersa em todas as regiões do Brasil. Em Santa Catarina ocupa a costa leste.

Ilha Espécie comum, podendo ser facilmente observada nas áreas urbanas, tais como praças e quintais.

Classe Aves. **Ordem** Passeriformes. **Família** Parulidae. **Nome científico** *Coereba flaveola*. **Nome comum em português** cambacica, sebinho, caga-sebo, papa-banana, tem-tem-coroado. **Espanhol** temtem, reinita-mielera, reinita común, saí amarillo. **Inglês** Bananaquit, Tropical Parula.

tico-tico

Zonotrichia capensis

O dorso é marrom e preto; a garganta, branca; a cabeça apresenta três listras pretas longitudinais; a nuca é na cor de ferrugem. A distribuição das cores é a mesma no macho e na fêmea. Trata-se de um pássaro de tamanho pequeno, com 15 cm de comprimento (pág. 148).

Alimentação Vive basicamente de grãos e sementes de capim.

Reprodução O tico-tico costuma fazer o ninho próximo ao chão, debaixo de touceiras de capim ou em arbustos. Muitas vezes os ninhos são parasitados pelo chopim (*Molothrus bonariensis*), pois a fêmea desta

espécie deposita seus ovos em ninhos de outras espécies de aves. Ao nascer os filhotes de ambas as espécies são alimentados pela fêmea do tico-tico. Nas duas espécies a taxa de sobrevivência do ninhego é similar. É de senso comum que o pardal (*Passer domesticus*) esteja invadindo os territórios do tico-tico, ocasionando com isso a sua diminuição. Entretanto, esta afirmativa é equivocada, uma vez que a preferência por habitat e o comportamento social são diferentes para ambas as espécies.

Ambiente Restingas, áreas urbanas – parques e quintais – e áreas com interferência antrópica – campos de cultura, paisagens abertas.

Distribuição Ocorre de forma descontínua desde o México até o sul da Argentina. Está amplamente disperso no Brasil e em Santa Catarina.

Ilha É considerada uma ave abundante, podendo ser facilmente observada nas áreas abertas.

Classe Aves. **Ordem** Passeriformes. **Família** Parulidae. **Nome científico** *Zonotrichia capensis*. **Nome comum em português** tico-tico, maria-é-dia, maria-judia. **Espanhol** chingolo, gorrión americano. **Inglês** Rufous-collared Sparrow.

bico-de-lacre

Estrilda astrild

Apesar do pequeno tamanho, apenas 11 cm, destaca-se no ambiente pelo vivo vermelho no bico e na máscara. A garganta é bege; o ventre, alaranjado; e o dorso e as asas são em bege mais escuro. Vive em grupo formado por dezenas de indivíduos. Forrageia próximo ao solo e, nessa situação, basta um indivíduo perceber e sinalizar a mínima perturbação no ambiente, para que o grupo levante voo em conjunto. Nesses eventos, o grupo vocaliza em fuga (pág. 149).

Alimentação É geralmente visto agarrado a hastes de capim alimentando-se exclusivamente das sementes de diferentes espécies de gramíneas.

Reprodução O casal constrói um pequeno ninho esférico entre a vegetação arbustiva utilizando basicamente fibras vegetais. A entrada é voltada para baixo e o acesso ocorre por um pequeno túnel, dificultando a predação dos ovos e dos filhotes. No seu interior a fêmea deposita de três a cinco ovos que são incubados pelo casal por 12 dias. Macho e fêmea partilham os cuidados parentais e os filhotes deixam o ninho com 17 a 19 dias de vida.

Ambiente Restingas, banhados, áreas urbanas (parques e quintais) e áreas com interferência antrópica.

Distribuição Originária da África (sul do Saara, Ilhas Maurício e Santa Helena), a espécie foi introduzida em São Paulo (Brasil) por volta de 1870,

e, em Santa Catarina, em 1928, onde apresenta baixa dispersão na faixa norte-leste.

Ilha Sempre observado em grupo, ocupando as paisagens abertas com capinzais e nos quintais das casas, mesmo nas áreas urbanas.

Classe Aves. **Ordem** Passeriformes. **Família** Estrildidae. **Nome científico** *Estrilda astrild*. **Nome comum em português** bico-de-lacre, beijo-de-moça. **Espanhol** pico de coral. **Inglês** Common Waxbill.

sanhaço-cinzento

Thraupis sayaca

Em voo é possível notar que as asas possuem uma forma aguda e comprida em relação ao corpo. É azul-cinzento, com a cauda e as asas em azul-esverdeado. A coloração do ventre é mais clara. O bico é cônico e forte. O macho e a fêmea são muito similares, e geralmente são observados em casais ou em grupo. Alcança 16 cm de comprimento. O canto do sanhaço-cinzento é contínuo e melodioso e pode ser escutado em todas as estações do ano. A atividade se concentra no estrato mais alto da floresta.

Alimentação O forrageamento ocorre geralmente em grupo. Alimenta-se de frutos pequenos, pedaços de frutos maiores, folhas, botões de flores e néctar (pág. 127). Menos ocasionalmente, alimenta-se de insetos que captura durante o voo.

Reprodução No cortejamento o macho exhibe as coberteiras inferiores das asas para a fêmea, abrindo-as e fechando-as ritmicamente. A construção do ninho é feita conjuntamente pelo casal, que utiliza pequenos gravetos e raízes, formando uma pequena cesta muito compactada. A fêmea põe até quatro ovos na cor creme com muitas manchas pardo-cinzentas e os incuba sozinha. A alimentação do ninhego é realizada pelo par, e os filhotes deixam o ninho com cerca de 18 dias de vida.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, restingas, áreas antrópicas e áreas urbanas.

Distribuição Ocorre em grande parte da América do Sul e no Brasil oriental e central (Maranhão ao Rio Grande do Sul, Goiás e Mato Grosso). Em Santa Catarina encontra-se amplamente disperso.

Ilha É abundante, facilmente observado nas mais variadas localidades, inclusive nas áreas urbanas.

Classe Aves. **Ordem** Passeriformes. **Família** Emberizidae. **Nome científico** *Thraupis sayaca*. **Nome comum em português** sanhaço-cinzento, sanhaço, sanhaço-de-mamoeiro. **Espanhol** celestino común, frutero celeste. **Inglês** Sayaca Tanager.

mariquita

Parula pitiayumi

Inquieta e agitada, esta ave é comumente observada saltando entre os galhos em busca do alimento. É bem pequena, com tamanho oscilando entre 9 e 11 cm de comprimento e peso em torno de 8 g. Há um forte contraste das cores do dorso, azul acinzentado, e do ventre, em diferentes tons de amarelo, chegando ao alaranjado. Entremeada no dorso azulado há uma região em amarelo-oliva. As asas são em parte mescladas em branco. O maxilar é escuro, apresentando a mesma coloração da cabeça. A parte inferior (mandíbula) é amarelada, dando à continuidade a coloração da garganta e abdômen (pág. 127). A fêmea difere do macho por apresentar coloração mais suave. Apresenta uma característica máscara preta na região dos olhos. É anisodáctila, isto é, possui três dedos voltados para frente e um para trás. Durante o inverno, pode ser observada sozinha, em pequenos grupos ou em grupos mistos com outras espécies (por exemplo, saíra, tié, sanhaço). Pode passar longos períodos cantando um melodioso e agudo trinado.

Alimentação Permanece a maior parte do tempo forrageando no estrato médio da floresta. Consome insetos que encontra na folhagem das árvores, flores e base das folhas (por exemplo, embaúba *Cecropia* spp), ou que captura no ar.

Reprodução O ninho é arredondado com uma entrada na parte lateral. Feito de musgos entre as bromélias que se fixam nas árvores, é também comum construí-lo preso nas plantas epífitas, que ficam penduradas sob os galhos das árvores (por exemplo, barba-de-velho *Tillandsia usneoides*, pág. 170). A fêmea coloca dois ou três ovos, que são brancos com manchas castanho-avermelhadas. Os filhotes são criados pelo casal.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, restingas, áreas com interferência antrópica e áreas urbanas.

Distribuição As espécies desta família destacam-se pelo tamanho pequeno e pelo colorido das penas. A mariquita ocorre desde o Sul da América do Norte, e vai até o Brasil central e oriental, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai. Em Santa Catarina se encontra dispersa em todo o estado.

Ilha É possível observá-la em todas as regiões da Ilha, mas, por ser pequena, é mais fácil localizá-la pelo canto.

Classe Aves. **Ordem** Passeriformes. **Família** Emberizidae. **Nome científico** *Parula pitiayumi*. **Nome comum em português** mariquita, figuinha-baiana, vira-folhas. **Espanhol** pitiayumí. **Inglês** Tropical Parula.

tié-preto

Tachyphonus coronatus

O tié-preto pode ser visto sozinho, em casais, formando grupos de três ou quatro indivíduos ou bandos maiores. É um pássaro de tamanho pequeno, apresentando cerca de 18 cm de comprimento e 29 g. O macho é negro, tendo a região do interior das asas branca, vista somente durante o voo. Uma listra vermelha, no topo da cabeça do macho, é exibida quando a plumagem desta região se eriça, como durante o cortejamento (pág. 126). A fêmea difere do macho por ser totalmente marrom, apresentando nas asas e cauda um marrom mais escuro (pág. 126).

Alimentação Utiliza os estratos intermediário e superior das matas secundárias para buscar pequenos frutos, sementes, flores e insetos.

Reprodução O ninho é uma pequena cesta confeccionada com ramos, cipós e folhas, forrado internamente com finas raízes. Seu diâmetro externo mede 13 cm, sendo construído geralmente em galhos a menos de 2 m de altura. No interior do ninho a fêmea deposita dois ou três ovos rosados com manchas vermelhas e marrons.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, áreas com interferência antrópica e áreas urbanas.

Distribuição No Brasil o gênero *Tachyphonus* apresenta oito espécies. O tié-preto ocorre no Brasil, Paraguai e nordeste da Argentina. No Brasil está disperso desde o Espírito Santo até o Rio Grande do Sul, além do sul do Mato Grosso do Sul. Em Santa Catarina é mais frequente ao longo da encosta atlântica.

Ilha O tié-preto é um pássaro de fácil observação em praticamente todas as regiões da Ilha.

Classe Aves. **Ordem** Passeriformes. **Família** Emberizidae. **Nome científico** *Tachyphonus coronatus*. **Nome comum em português** tié-preto. **Espanhol** frutero coronado. **Inglês** Ruby-crowned Tanager.

saí-azul

Dacnis cayana

O saí-azul possui penas brilhantes e de cores muito fortes. O macho é azul-brilhante, mas essa coloração muda para azul-turquesa quando exposta ao sol, facilitando a localização. Ao redor dos olhos, garganta e dorso a coloração é negra. As asas e a cauda são em preto com faixas azuis. O bico é fino, agudo e curvo (pág. 118). O corpo da fêmea é verde-brilhante, tornando-a mais críptica que o macho. A cabeça é azul-celeste e a garganta, cinza (pág. 118). As patas são rosadas em ambos os sexos. É uma ave pequena, apresentando

de 11 a 12 cm de comprimento. Habita os estratos médio e superior da floresta, sendo também comum na borda das matas. Pode ser observado sozinho, formando casais ou bandos mistos com saíras (*Tangara* sp).

Alimentação É predominantemente frugívoro. Alimenta-se de frutos silvestres e cultivados, e ocasionalmente de insetos.

Reprodução O ninho tem a forma de pequena xícara e é construído na bifurcação dos galhos mais altos das árvores ou entre as folhas das bromélias. A fêmea põe dois ou três ovos brancos com manchas escuras.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, restingas, áreas com interferência antrópica e áreas urbanas.

Distribuição Ocorre desde a América Central até o norte da Argentina, e em todas as regiões do Brasil. Em Santa Catarina encontra-se disperso ao longo da parte leste.

Ilha É uma ave comum e de fácil observação em todas as regiões.

Classe Aves. **Ordem** Passeriformes. **Família** Emberizidae. **Nome científico** *Dacnis cayana*. **Nome comum em português** saí-azul. **Espanhol** saí azul, saíra, mielero turquesa. **Inglês** Blue Dacnis.

canário-da-terra

Sicalis flaveola

Macho e fêmea apresentam evidente dimorfismo sexual. A fêmea e o juvenil possuem a plumagem em marrom-claro. As asas da fêmea são num marrom mais escuro com riscos em negro. Já o macho possui a cabeça amarelada, o dorso esverdeado com riscos escuros, e somente após o primeiro ano de vida a coloração definitiva é alcançada (pág. 119). São territoriais e o canto melodioso e contínuo, com rápidos trinos agudos, atua na atração da fêmea para o acasalamento e na defesa do território. Mede de 12 a 14 cm.

Alimentação O canário-da-terra normalmente é observado no chão forrageando. A dieta se baseia em ervas, sementes e pequenos insetos e artrópodes. Também se alimenta de forma oportunista em comedouros de aves.

Reprodução É comum observá-lo em pares e formando pequenos bandos. Normalmente utiliza cavidades disponíveis – ninho de João-de-Barro, ocos nas árvores, aberturas nos telhados – para construir o ninho. Também pode fabricar uma pequena cestinha, entre emaranhados de plantas epífitas. Nela a fêmea deposita até cinco ovos na cor creme ou esverdeados com manchinhas pardas e realiza sozinha a incubação. O casal se encarrega da segurança e alimentação dos filhotes, que ficam protegidos em pequenos ninhos (pág. 119).

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, restingas, áreas com interferência antrópica, tais como plantações e campos, e áreas urbanas – parques e jardins.

Conservação Embora, o canário-da-terra seja capturado para a comercialização e reprodução em cativeiro, o *status* de conservação desta espécie é considerado estável.

Distribuição Além do Brasil, encontra-se nas Guianas, Venezuela, Peru, leste da Bolívia, Paraguai, norte da Argentina e Uruguai. No Brasil, com exceção da região amazônica, este pássaro encontra-se amplamente disperso. Está presente em toda Santa Catarina.

Ilha É uma ave abundante, facilmente observada nas áreas abertas ou semiabertas.

Classe Aves. **Ordem** Passeriformes. **Família** Emberizidae. **Nome científico** *Sicalis flaveola*. **Nome comum em português** canário-da-terra, canário-da-terra-verdadeiro, chapinha, canário-do-telhado, canário-do-ceará, canário-cabeça-de-fogo, canarinho, canário-do-chão e chapim. **Espanhol** jilguero dorado, misto, canario del tejado, jilguero común. **Inglês** Saffron finch.

sagui

Callithrix geoffroyi, *Callithrix penicillata* e *Callithrix jacchus*

Os saguis pertencem ao grupo dos menores representantes dos primatas que habitam as Américas, com peso oscilando entre 200 e 400 g e o comprimento do corpo é cerca de 20 cm. Nas três espécies a coloração do dorso apresenta diferentes gradações de cinza, branco e marrom-enferrujado. As principais diferenças encontram-se na face. O sagui-de-cara-branca (*Callithrix geoffroyi*, pág. 214) possui toda a região frontal da cabeça e pescoço com pelagem branca e um par de tufos negros em forma de pincel. O sagui-do-cerrado (*Callithrix penicillata*, págs. 113 e 214) apresenta a face cinza, uma mancha branca na testa e os tufos negros. O sagui-do-nordeste (*Callithrix jacchus*) tem a face cinza, uma mancha branca na testa e os tufos brancos. Nas três espécies a cauda apresenta anéis em preto e branco, com comprimento aproximado de 30 cm.

Alimentação Alimentam-se preferencialmente de insetos (gafanhotos e grilos) e em menor quantidade de pequenos vertebrados (pererecas e lagartos), frutos e néctar de flores. A ingestão de frutos faz com que as espécies desta família exerça algum papel na dispersão de sementes e consequentemente na regeneração de florestas. Apesar do tamanho pequeno, o sagui é capaz de dispersar, através das fezes, sementes com até 2 cm de comprimento e 1 cm de diâmetro. Em função da baixa diversidade de mamíferos frugívoros de médio porte, que praticamente inexistem na

Ilha, a avaliação do tamanho máximo das sementes que estes pequenos primatas conseguem engolir se mostra importante. Os dentes incisivos inferiores estão adaptados para a exploração de gomas e exsudatos (tipo de seiva), que são expelidos por algumas espécies de árvores, quando as cascas são escavadas pelos sagüis. Na Ilha de Santa Catarina é comum a ingestão de goma da espécie *Roupala brasiliensis*, conhecida como carvalho. A goma, um suprimento alimentar rico em carboidrato, é mais utilizada durante os períodos de escassez de frutos.

Comportamento A frequente ocorrência de nascimento de gêmeos e o cuidado cooperativo dos filhotes por todos os indivíduos do grupo são as características mais marcantes dos saguis. O cuidado cooperativo evoluiu a partir dos elevados custos da reprodução da fêmea, tais como o peso dos gêmeos, que a impossibilita de transportá-los sozinha, a lactação e a possibilidade de nova gravidez poucos dias após o parto. Assim, a participação dos demais indivíduos do grupo no cuidado dos filhotes é condição essencial para que o casal possa atingir o sucesso reprodutivo. Nos saguis são observadas três diferentes formas de acasalamento: monogamia, poliginia e poliandria. Na monogamia apenas uma fêmea (dominante) se reproduz no grupo. Na poliginia duas fêmeas, normalmente parentes (mãe e filha), reproduzem simultaneamente com um único macho. Na poliandria dois ou três machos copulam com a fêmea dominante do grupo. Estes diferentes sistemas de acasalamento emergem em função de diferentes situações ecológicas. Por exemplo, a alta densidade

populacional em uma determinada área e a alta disponibilidade de alimento (especialmente gomas) estão em alguns casos associadas à ocorrência da poliginia.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, áreas urbanas – quintais próximos às bordas de floresta.

Conservação Não constam na lista da fauna ameaçada de extinção do IBAMA. Entretanto, as populações do sagui-de-cara-branca (*Callithrix geoffroyi*) encontram-se em crescente declínio por pos-



Partilha de alimento entre dois saguis-do-nordeste.

suírem pequena área de distribuição e por ocorrer severa fragmentação das áreas com floresta, estando, por isso, esta espécie listada pela IUCN com o *status* de vulnerável. Apesar de o sagui-do-cerrado e o sagui-do-nordeste ainda serem abundantes nas áreas de distribuição, a captura de indivíduos mais jovens, para a venda ilegal de animais silvestres, e a fragmentação do habitat podem acarretar a médio e longo prazo a diminuição populacional.

Distribuição A família dos calitriquídeos é representada por 40 espécies, distribuídas principalmente na América do Sul. O gênero *Callithrix* é composto por seis espécies que ocorrem apenas no Brasil. O sagui-de-cara-branca é endêmico dos estados de Minas Gerais, Bahia e Espírito Santo, principalmente na Floresta Pluvial da Encosta Atlântica em estágio secundário. O sagui-do-cerrado está presente nos estados do Maranhão, Bahia, Goiás, Minas Gerais e São Paulo, ocupando as matas de galeria nas áreas de cerrado e na Floresta Pluvial da Encosta Atlântica em estágio secundário. O sagui-do-nordeste ocorria originalmente em todos os estados da região Nordeste, ocupando áreas de Floresta Pluvial da Encosta Atlântica em estágio secundário, na restinga e na caatinga. Atualmente, tanto o sagui-do-cerrado, como o sagui-do-nordeste estão dispersos em vários locais das regiões Sudeste e Sul do país.

Ilha As três espécies de saguis foram introduzidos pelo homem na Ilha de Santa Catarina, sendo o sagui-de-cara-branca o menos comum das três formas. Os saguis ocorrem em diversas áreas do norte e na parte central da Ilha e em menor frequência no sul. Ao norte encontram-se dispersos entre Canasvieiras e Jurerê, descendo pela Vargem Grande, Rio Vermelho, Ratonas, Itacorubi e Agrônômica. São mais abundantes nas áreas com florestas no entorno do Maciço da Costeira: Canto da Lagoa da Conceição, Rio Tavares, Pantanal, Córrego Grande e na região do Morro da Lagoa. Ao sul encontram-se dispersos no Campeche, especialmente nas áreas com restinga. Diferentemente do que ocorre em outras regiões do Brasil, onde também foram introduzidos, na Ilha de Santa Catarina os saguis têm sido alvo de perseguição, pois sua presença é falsamente associada com a diminuição da avifauna. Entretanto, estudos realizados com várias espécies de saguis, tanto nas áreas de distribuição natural como na Ilha, têm revelado que o consumo de ovos e filhotes de aves são itens pouco frequentes na sua dieta. Possivelmente, os principais predadores dos saguis são o gato doméstico, devido às frequentes visitas aos quintais das casas, e as aves de rapina de maior porte capazes de capturar os filhotes e os juvenis.

Classe Mammalia. **Ordem** Primates. **Família** Callitrichidae. **Nome científico** *Callithrix geoffroyi*. **Nome comum em português** sagui-de-cara-branca. **Espanhol** tití de caba blanca. **Inglês** Geoffroy's Tufted-ear marmoset, White-fronted marmoset. – **Nome científico** *Callithrix penicillata*. **Nome comum em português** sagui-do-cerrado. **Inglês** Black Tufted-ear marmoset. – **Nome científico** *Callithrix jacchus*. **Nome comum em português** sagui-do-nordeste. **Inglês** Common marmoset.

macaco-prego

Cebus nigritus

Possui um tufo preto de pelos eretos no alto da cabeça, que se divide em duas partes, sendo mais proeminente nas laterais. O tufo é maior e mais denso nos indivíduos adultos, especialmente nos machos dominantes. Existe grande variabilidade individual na coloração da pelagem. Em geral é marrom-escuro, apresentando os membros e a cauda negros (pág. 215). Existe dimorfismo sexual quanto ao tamanho do corpo, sendo o macho um pouco maior que a fêmea. É um primata de porte médio: a fêmea pode atingir 3.400 g e o macho 4.800 g. O comprimento do corpo de um macaco-prego adulto é cerca de 45 cm e a cauda alcança até 48 cm. A cauda é semipreênsil, ou seja, serve como ponto de apoio, mas o macaco-prego não consegue sustentar o peso do próprio corpo. Os grupos apresentam em média 12 a 15 indivíduos.

Alimentação Apesar de ser um primata de hábito arborícola, desce frequentemente ao solo para forragear e buscar o alimento. Onívoro, a sua dieta é constituída de polpa de frutos maduros, insetos, ovos de pássaros, brotos, flores e sementes. Em épocas ou em áreas com menor oferta de frutos, o macaco-prego passa a utilizar com maior frequência os recursos alternativos mais abundantes, tais como frutos de palmeiras, néctar, brotos de diferentes plantas e a parte inicial das folhas das bromélias epífitas e terrestres. Ocasionalmente, pode predar pequenos vertebrados, incluindo filhotes de pássaros e mamíferos. Os primatas são considerados importantes dispersores de sementes de várias espécies de frutos. Após a ingestão das sementes, estas terminam por serem espalhadas aleatoriamente pelo ambiente através das fezes. Este comportamento aumenta a probabilidade de a semente encontrar condições ideais de umidade e iluminação para a germinação e crescimento inicial da planta. Vários estudos têm revelado que a maior parte das sementes permanecem viáveis à germinação após passarem pelo trato digestivo, sendo que em algumas espécies de plantas este processo acelera a germinação das sementes. Por ingerir frutos com sementes de diversos tamanhos, e em consequência da



socozinho
Butorides striatus



jaçaná
Jacana jacana
Juvenil



jaçaná
Jacana jacana
Adulto



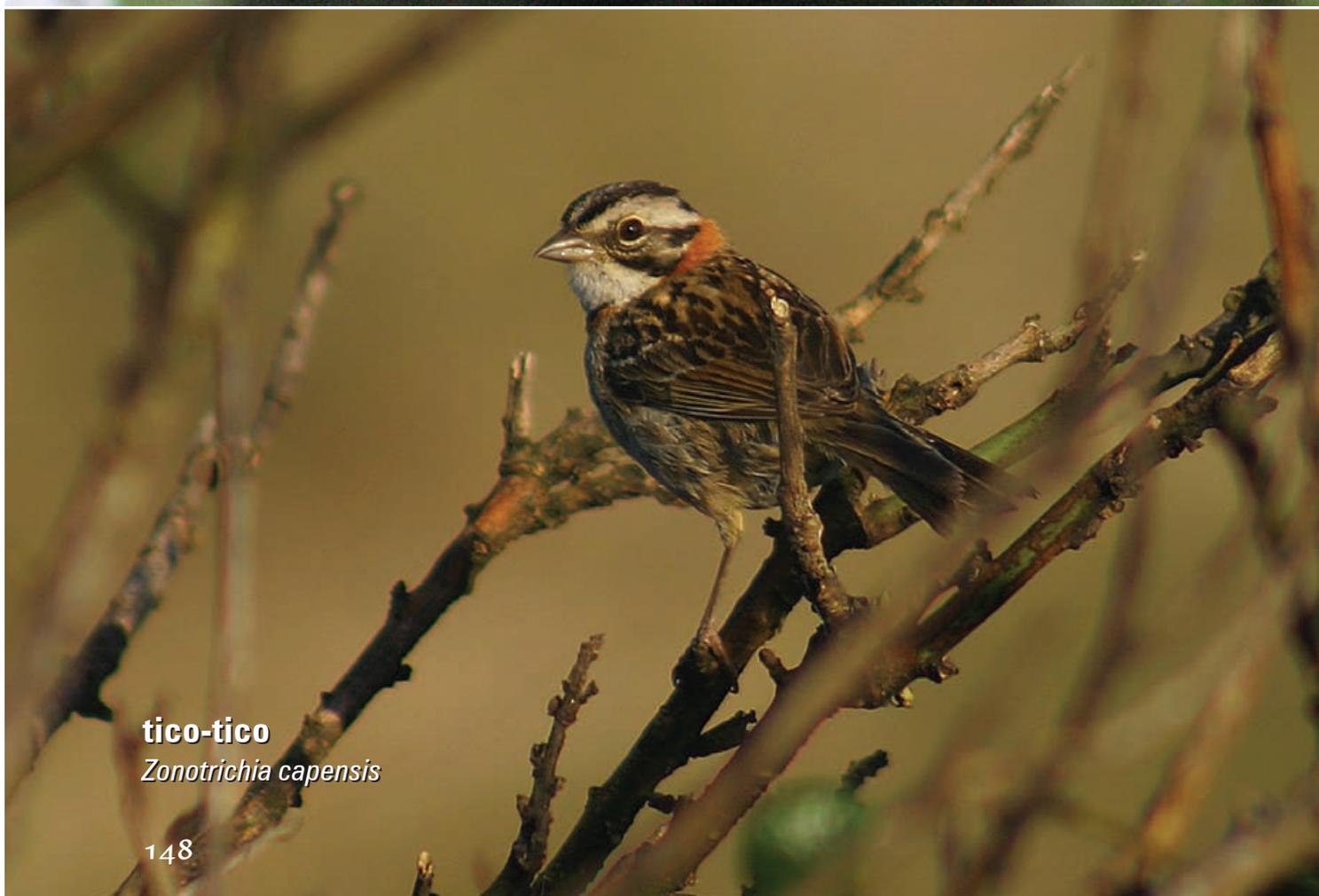
aracuã
Ortalis guttata



pernilongo-de-costas-brancas
Himantopus melanurus



tangará-dançador
Chiroxiphia caudata



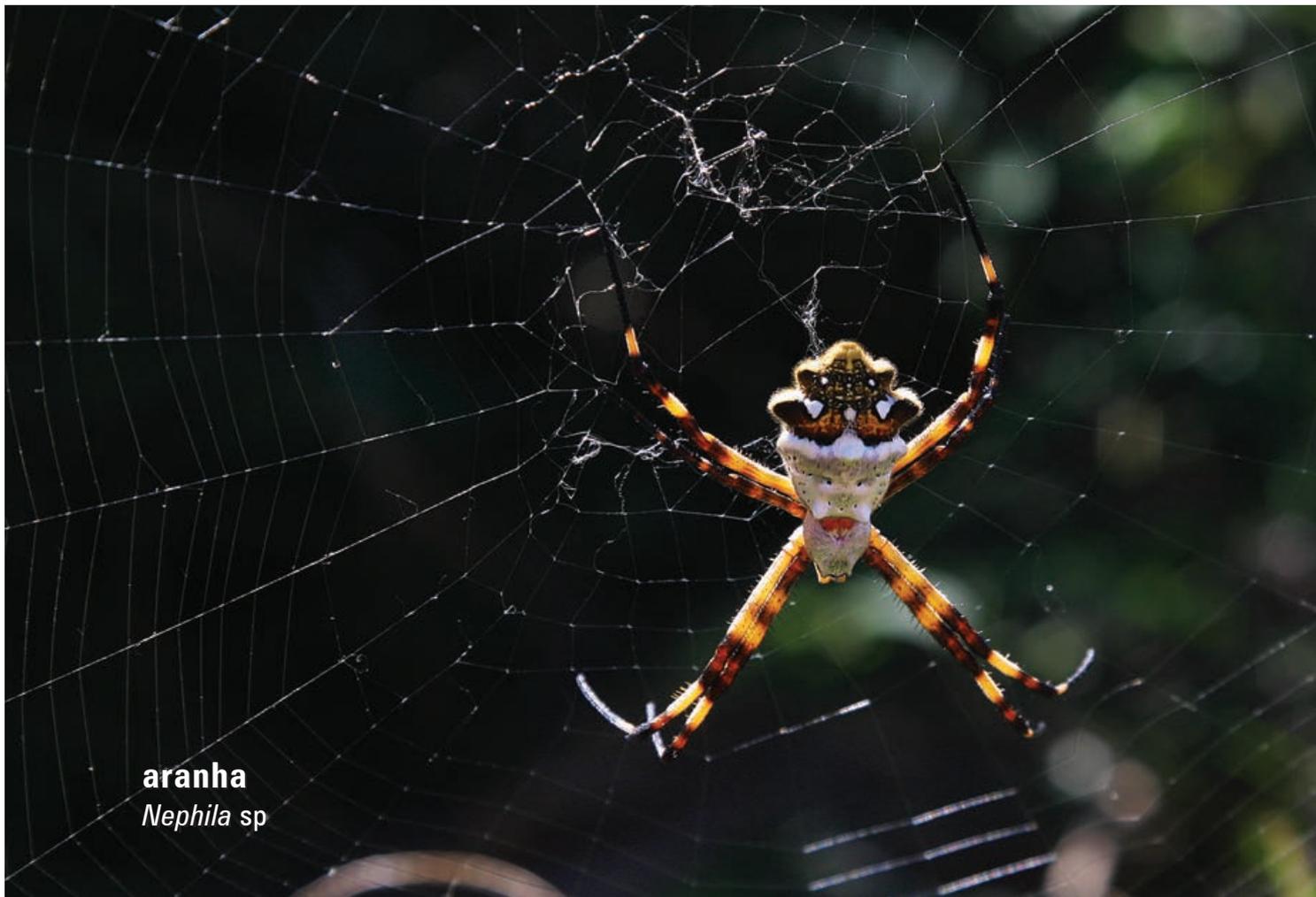
tico-tico
Zonotrichia capensis



cambacica
Coereba flaveola



bico-de-lacre
Estrilda astrild



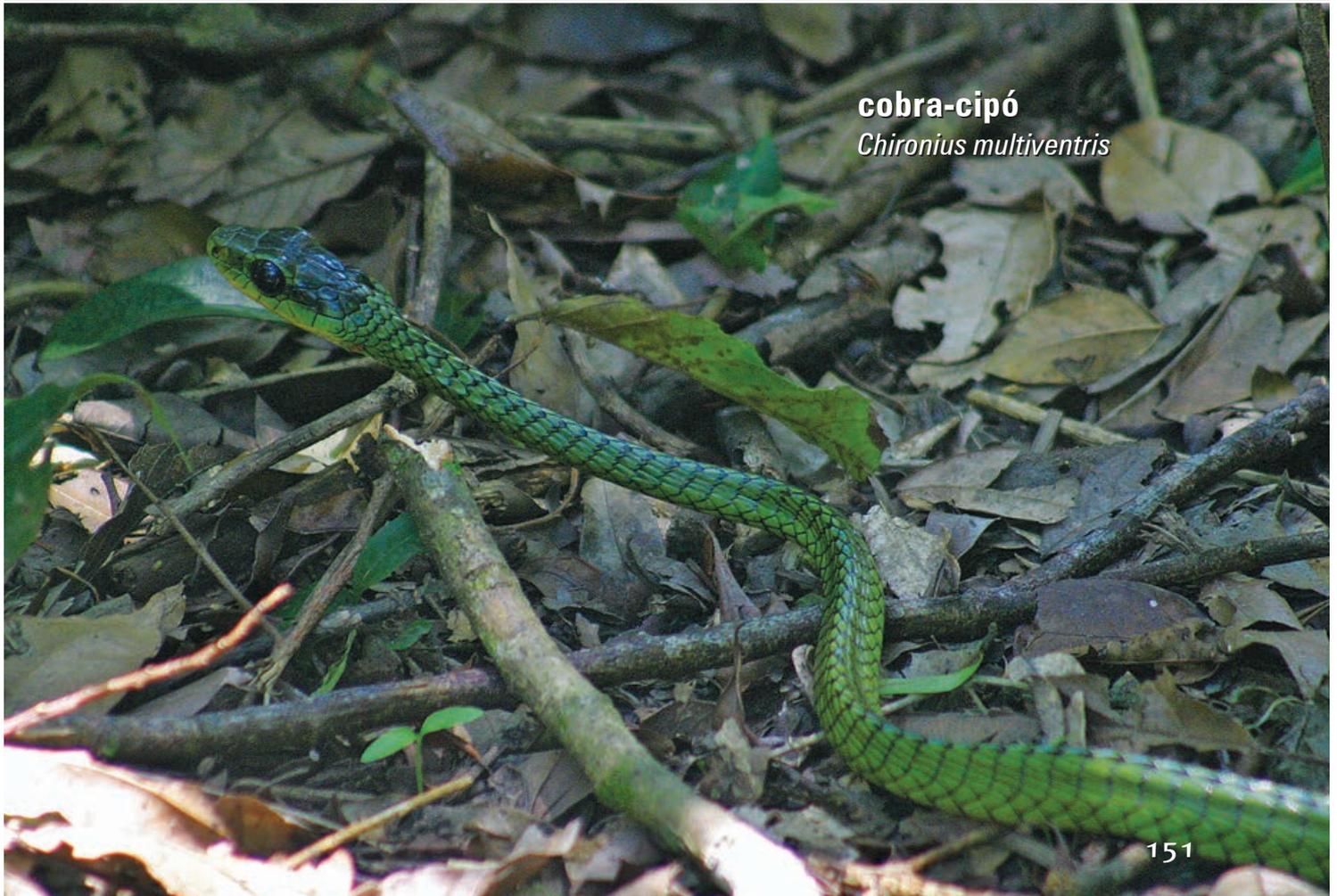
aranha
Nephila sp



jararaquinha
Xenodon neuwiedii



rã-da-floresta
Eleutherodactylus binotatus



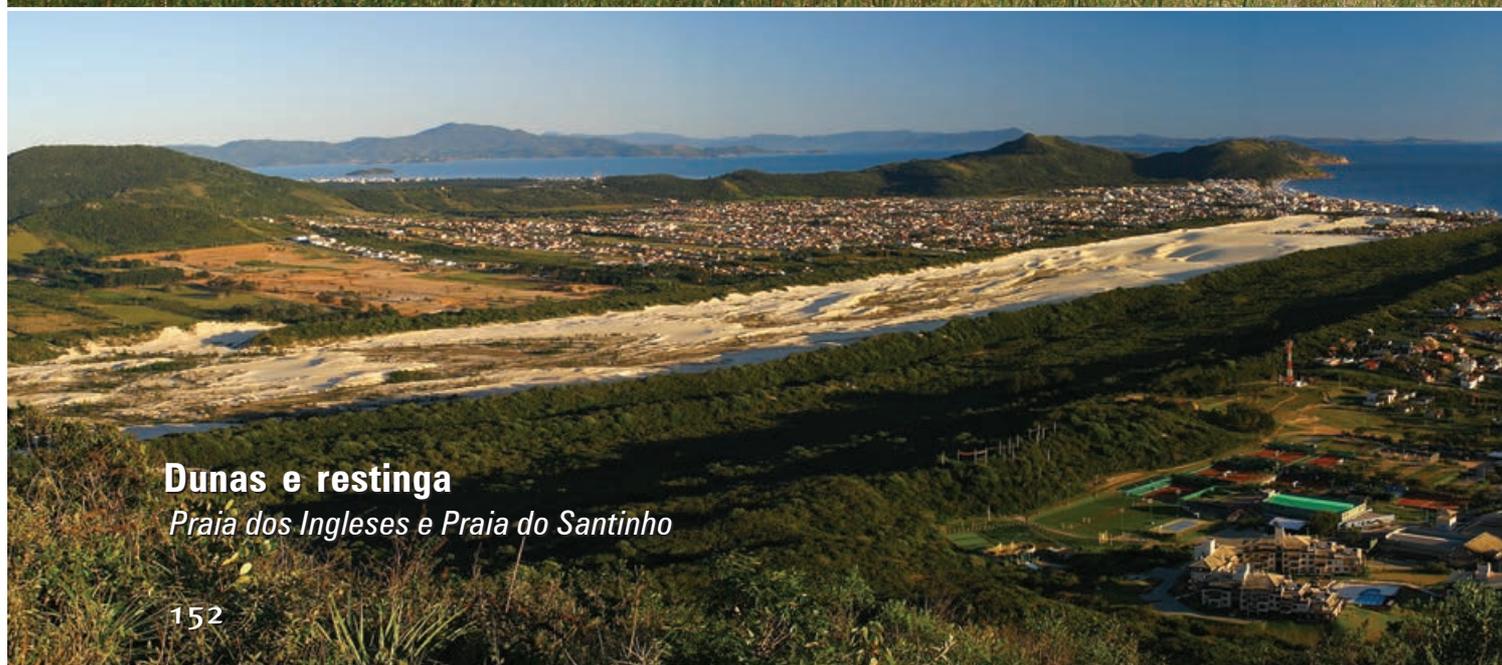
cobra-cipó
Chironius multiventris



Restinga, dunas e lagoa
Lagoa da Conceição



Lagoa, restinga e floresta
Parque Municipal da Lagoinha do Leste



Dunas e restinga
Praia dos Ingleses e Praia do Santinho





flamboyant
Delonix regia



flamboyant
Delonix regia



garapuvu
Schizolobium parahyba



garapuvu
Schizolobium parahyba



sabiá-poca
Turdus amaurochalinus



maçarico-grande-de-perna-amarela
Tringa melanoleuca



martim-pescador-grande
Ceryle torquata



joão-de-barro
Furnarius rufus

paineira-rosa
Chorisia speciosa



Lagoinha da Chica
Praia do Campeche



Banhado
Costa de Dentro



Dunas e banhados
Lagoa da Conceição



gralha-azul
Cyanocorax caeruleus

baixa densidade de animais frugívoros de médio porte na Ilha, é provável que o macaco-prego tenha participação importante na dispersão de sementes de diferentes espécies de plantas.

Comportamento Em geral não são primatas territoriais, e o tamanho da área de uso normalmente é determinado pela oferta dos recursos alimentares e densidade populacional. A estrutura social é comumente caracterizada como multi-macho/multi-fêmea. Apesar da presença de vários machos adultos no grupo, normalmente há apenas um dominante e somente ele se acasala com as fêmeas adultas do grupo. A cada dois anos, um grupo de fêmeas dá à luz um único filhote, normalmente durante a estação com maior abundância de frutos. O macho dominante exerce o cuidado parental de forma indireta, podendo, por exemplo, ficar próximo de um grupo de filhotes enquanto as fêmeas forrageiam. A atenção dada ao filhote pelas demais fêmeas do grupo pode variar, por exemplo, em função do *status* da fêmea (filhotes de fêmeas dominantes recebem mais atenção) e do parentesco (fêmeas aparentadas transportam mais os filhotes umas das outras). A mãe e as fêmeas adultas são as principais cuidadoras durante os primeiros 15 meses de vida do filhote.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Conservação Devido à grande fragmentação das áreas com florestas dentro do Domínio da Mata Atlântica, esta espécie está listada na IUCN no grupo de espécies com futuro risco de extinção.

Distribuição O gênero *Cebus* é composto por sete espécies distribuídas pelas Américas Central e do Sul. O macaco-prego (*Cebus nigritus*) encontra-se disperso no Brasil em toda a região Sul e em grande parte da região Sudeste. Ocorre na Floresta Pluvial da Encosta Atlântica em estágios primário e secundário, floresta estacional semidecídua e cerrado (estado de São Paulo). Ocupa principalmente os estratos médio e alto da vegetação.

Ilha É o único primata nativo da Ilha. A proximidade do macaco-prego às residências com pomares e plantações de milho, por exemplo, deve-se principalmente à pouca disponibilidade dos recursos alimentares na natureza. Muitas vezes, residências são construídas dentro da área de uso de um grupo, por exemplo, nos morros da Lagoa da Conceição, resultando na perda de habitat e numa maior proximidade com o homem. Vários indivíduos mantidos em cativeiro vêm sendo introduzidos em fragmentos de floresta através de solturas intencionais ou acidentais. Pela facilidade que este primata possui em sobreviver em áreas degradadas, além de apresentar dieta generalista, a prática da soltura pode contribuir no aumento da população, além de desestabilizar a estrutura social dos grupos já

existentes. Pode ser observado nas áreas florestadas da Vargem Grande (UCAD) e morros da Lagoa da Conceição.

Classe Mammalia. **Ordem** Primates. **Família** Cebidae. **Nome científico** *Cebus nigritus*. **Nome comum em português** macaco-prego. **Espanhol** cai, mono negro. **Inglês** Black-horned capuchin.

coati

Nasua nasua

A origem da palavra *nasua* vem do latim *nasus* e significa nariz. Já a palavra “coati” origina-se do tupi, onde *cua* significa cintura e *tim* nariz, em função da posição do coati ao dormir – o nariz fica encostado na barriga. O comprimento do corpo varia entre 43 e 66 cm e a cauda entre 22 e 68 cm, com peso oscilando de 3,5 a 6,0 kg. O macho é maior que a fêmea e entre os indivíduos há grande variabilidade na coloração. Em geral nas partes superiores do corpo a cor varia de cinza-escuro a marrom-avermelhado, e o peito e o abdômen são amarelados. A cauda apresenta anéis pretos intercalados pela pelagem clara. Possui focinho alongado no qual a extremidade final é móvel, o que possibilita remover partes do solo para localizar o alimento (pág. 177). As patas possuem fortes garras, que o auxilia tanto a subir nos troncos das árvores, como a escavar.

Alimentação É onívoro, alimentando-se de frutos, flores, sementes, ovos, filhotes de pássaros, pequenos anfíbios e mamíferos e uma grande variedade de invertebrados – moluscos e crustáceos de água doce, aranhas, besouros, larvas de insetos. É considerado dispersor de sementes de algumas espécies de frutos dos quais se alimenta. Forrageia tanto nas árvores como no solo. Na Floresta Pluvial da Encosta Atlântica também realiza a busca por insetos e pequenos vertebrados no interior das bromélias.

Comportamento O período de atividade é predominantemente diurno. Utiliza o estrato arbóreo para dormir, acasalar e cuidar dos filhotes. A estrutura social dos grupos varia. Pode ser observado na natureza em grupos de apenas fêmeas adultas acompanhadas de seus filhotes subadultos e juvenis; grupos mistos com machos e fêmeas adultos e subadultos; ou apenas o macho de forma solitária.

Reprodução O sistema de acasalamento é poligínico, isto é, um macho se acasala com um pequeno número de fêmeas. Durante a primavera, após uma gestação que dura entre 74 e 77 dias, a fêmea dá à luz de três a cinco filhotes, que ao nascer são totalmente dependentes da mãe. Durante cinco a seis semanas a fêmea se isola para criar seus filhotes em um ninho construído por ela no alto de uma árvore, formado por folhas e ramos. O desenvolvimento dos filhotes pode ser resumido da seguinte

forma: com cerca de 10 dias de vida abrem os olhos e com quase um mês conseguem explorar os galhos próximos ao ninho. Quando os filhotes atingem seis semanas as fêmeas voltam a viver em grupo com suas respectivas ninhadas. O tamanho adulto é atingido aos 15 meses e a maturidade sexual aos dois anos de vida.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Conservação Está protegido através do Apêndice III do CITES apenas no Uruguai. Não se encontra na lista da fauna brasileira ameaçada de extinção do IBAMA ou na lista da IUCN.

Distribuição A família dos procionídeos engloba 19 espécies inseridas em sete gêneros. Apenas três espécies ocorrem no Brasil (*Nasua nasua*, *Procyon cancrivorus* e *Potos flavus*). O gênero *Nasua* possui duas espécies (*Nasua nasua* e *Nasua narica*). O coati está amplamente distribuído na América do Sul, não ocorrendo apenas no sul da Argentina e no Chile.

Ilha Pode ser observado sozinho ou em pequenos grupos nas áreas de floresta de encosta e planície mais conservadas e contínuas. Infelizmente é caçado por esporte ou quando ataca plantações, sendo a carne muitas vezes consumida. Foi introduzido na Ilha do Campeche, local onde pode ser facilmente observado junto à casa dos pescadores, em função do habitual convívio com o homem (pág. 214).

Classe Mammalia. **Ordem** Carnivora. **Família** Procyonidae. **Nome científico** *Nasua nasua*. **Nome comum em português** coati ou quati. **Espanhol** cochinigo, coati. **Inglês** Brown-nosed Coati.

Lontra

Lontra longicaudis

O período de atividade da lontra é predominantemente crepuscular e noturno, sendo por isso difícil observá-la no ambiente natural. É considerada de hábito semiaquático, pois se alimenta e se desloca na água e utiliza o ambiente terrestre para o descanso e a criação dos filhotes. Possui corpo alongado e fino, pernas curtas, cabeça alongada, orelhas pequenas e arredondadas. Mede de 1,0 a 1,3 m, com peso entre 5 a 14 kg. A coloração é marrom com pelos mais claros na garganta (pág. 177). Está adaptada a passar longos períodos na água e pode se deslocar por grandes distâncias num curto espaço de tempo. Além disso, as membranas interdigitais nas patas e a cauda longa e forte auxiliam a lontra num eficiente deslocamento aquático.

Alimentação A dieta é predominantemente composta por peixes e crustáceos. Para otimizar o forrageio, normalmente alimenta-se de espécies de mais fácil captura e menor mobilidade. Também pode consumir de forma oportunista pequenos mamíferos, aves, anfíbios e insetos.

Os dentes são ferramentas importantes na alimentação. Os longos caninos e as patas dianteiras auxiliam na captura da presa. Os largos molares, com cúspides afiadas, ajudam no corte e na trituração do alimento.

Comportamento A escolha do território se baseia na oferta de recursos alimentares e na disponibilidade de locais para abrigo, que podem ser tocas formadas pelo costão rochoso ou cavidades escavadas em barrancos ao longo dos rios ou sob raízes. A toca é um importante local para o descanso, refúgio e criação dos filhotes. Por ser um animal de hábito solitário, normalmente a toca é utilizada por apenas um indivíduo ou pela fêmea e suas crias, que, enquanto a utiliza, deixa marcas odoríferas para sinalizar que aquele local está sendo utilizado. Pouco se sabe sobre o comportamento reprodutivo da lontra. É provável que o território de um macho reprodutivo se sobreponha ao território de algumas fêmeas (uma a três), com as quais ele se acasala. Na Ilha de Santa Catarina o período de nascimento dos filhotes parece ocorrer principalmente durante o inverno. As fezes e o muco anal, por serem depositados em locais visíveis e possuírem forte odor característico (doce almiscarado), são utilizados na marcação odorífera, além de exercer importante papel na comunicação. Podem, por exemplo, sinalizar o status reprodutivo da fêmea e o status hierárquico do macho. O depósito de fezes e muco, quando em grande quantidade nos locais de maior atividade e/ou próximo das tocas, é um indicador de territorialidade.

Ambiente Aquáticos de água doce, tais como rios, lagos e banhados e ambientes marinho-costeiros, tais como costões rochosos, baías e manguezais e Ilhas costeiras.

Conservação No Brasil apresenta o status vulnerável na lista das espécies ameaçadas da IUCN. Encontra-se protegida através do Apêndice I do CITES. Foi recentemente retirada da lista da fauna brasileira ameaçada de extinção do IBAMA. Atualmente as principais ameaças para a lontra são a perda e a alteração do habitat e a poluição das águas. Na região Sul do Brasil os chamados pesque-pagues são a sua principal ameaça, pois, por estarem, em geral, localizados próximos ao ambiente da lontra, ela utiliza esses locais para se alimentar, e como resultado muitas são caçadas.

Distribuição A subfamília Lutrinae é composta por 13 espécies distribuídas em quase todos o mundo, exceto Austrália, Nova Zelândia e Madagascar. Na América do Sul ocorrem quatro espécies desta subfamília, sendo apenas duas encontradas no Brasil: a lontra (*Lontra longicaudis*) e a ariranha (*Pteronura brasiliensis*). Segundo a IUCN, a lontra encontra-se comprovadamente distribuída em alguns países da América Central (México e Costa Rica) e da América do Sul (Bolívia, Argentina, Brasil e Uruguai). Ocorre em todo o território brasileiro, exceto nas regiões áridas nordestinas. Em Santa Catarina está presente em vários ambientes, tanto de água

doce como marinho, incluindo as ilhas costeiras, como a Ilha do Campeche e o arquipélago Ilhas Moleques do Sul.

Ilha Sendo seu período de atividade predominantemente noturno, a presença da lontra é normalmente detectada por sinais (pegadas em associação com as latrinas – pequenas pilhas de excrementos). Existem registros de lontras na Lagoa do Peri, Lagoa da Conceição, Lagoinha do Leste, Naufragados, Vargem do Bom Jesus, Vargem Grande, Praia da Daniela, Santo Antônio de Lisboa, Cacupé, Estação Ecológica de Carijós, Manguezal do Itacorubi, Rio Vermelho e Campeche. A retirada da cobertura vegetal das margens dos ambientes aquáticos e a canalização dos rios têm sido os principais responsáveis pelo seu declínio na Ilha. Na Lagoa do Peri está a base do Projeto Lontra Brasil, que realiza pesquisas de ecologia e conservação desta espécie.

Classe Mammalia. **Ordem** Carnivora. **Família** Mustelidae. **Sub-família** Lutrinae. **Nome científico** *Lontra longicaudis*. **Nome comum em português** lontra. **Espanhol** gato de agua, lobito de río, lobito del Plata. **Inglês** Neotropical river Otter, South American River Otter.

jerivá

Arecastrum romanzoffianum

O nome dado à espécie – *romanzoffianum* – é uma homenagem ao Conde N. Romanzoff, chanceler do Império da Rússia que em 1815 patrocinou a expedição brasileira na qual esta planta foi coletada para identificação. O jerivá é uma palmeira ornamental caracterizada não apenas pela beleza, mas também pela facilidade no cultivo e transplante. No Sul do Brasil é a palmeira nativa mais cultivada e utilizada no paisagismo. Os frutos são comestíveis e constituem um importante recurso alimentar para as aves e outros animais. As abelhas buscam as flores para produção do mel. Facilmente observada nas áreas de mata secundária em regeneração, é, portanto, considerada uma espécie pioneira. Sendo uma planta heliófita, necessita estar exposta ao sol para o crescimento. Pode se desenvolver em locais com solos úmidos e até inundáveis, sendo chamada, assim, de higrófito seletiva. O jerivá possui um tronco longo e de coloração clara, que chega a alcançar cerca de 25 m de altura e 50 cm de diâmetro, o que torna fácil a identificação desta palmeira a distância (pág. 81). A casca tem cor castanho-acinzentada e apresenta delgados anéis transversais marcados por finas fissuras longitudinais. É comum a presença de raízes adventícias finas e retas na base do tronco. Possui entre oito e 15 grandes folhas arqueadas medindo de dois a três metros de comprimento, ficando os folíolos dispostos em diferentes planos. As flores são minúsculas em amarelo-claro e se agrupam formando um enorme cacho (pág. 84). A floração ocorre

durante a primavera e o verão. Os frutos também ficam dispostos em um grande cacho, muito ramificado, superando um metro de comprimento (pág. 84). O fruto é pequeno (2 a 2,5 cm de diâmetro), arredondado e amarelo quando maduro. Um grande envoltório em formato de espiga, denominado bráctea, quando se parte, libera o cacho que dá origem às flores e aos frutos. Possui uma única semente (coco), também arredondada, na cor marrom-amarelada. A maturação dos frutos predomina entre fevereiro e agosto.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Distribuição O gênero *Arecastrum* é constituído por apenas esta única espécie. O jerivá é uma palmeira originária da América do Sul, ocorrendo no Brasil, Paraguai, Uruguai e Argentina. No Brasil, ocorre em parte do Sudeste, no Centro-Oeste e no Sul, em diferentes formações vegetais, tais como Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, matas de altitude, floresta latifoliada semidecídua da bacia do Rio Paraná. Em Santa Catarina, é encontrado na Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Ilha Muito comum nos morros que dividem as praias, como entre a Praia dos Ingleses e a Praia Brava.

Classe Angiosperma. **Família** Palmae. **Nome científico** *Arecastrum romanzoffianum*. **Nome comum em português** jerivá, coqueiro, coqueiro-jerivá, coco-catarro, baba-de-boi. **Espanhol** pindó. **Inglês** Queen palm.

palmito

Euterpe edulis

A palavra *edulis* vem do latim e significa comestível. O tronco ou estipe, reto e cilíndrico, alcança 10 a 20 metros de altura, mas o diâmetro é reduzido, com cerca de 8 a 15 cm. A cor é castanho-acinzentada e a casca apresenta delgados anéis transversais. A copa é composta de 10 a 20 folhas alternas e pinadas, sendo as pinas longas, estreitas e flexíveis (pág. 117). As folhas medem aproximadamente dois metros de comprimento. As flores estão reunidas numa grande inflorescência de 50 a 70 cm de comprimento que fica envolta e protegida por uma grande bráctea. O fruto, uma drupa esférica de aproximadamente 10 mm de diâmetro, tem casca pouco espessa, e o seu desenvolvimento completo leva seis meses. No início a casca é verde, passando gradativamente ao roxo-violáceo e negro, e pardo-escuro após o amadurecimento. O mesocarpo é carnoso e se encontra entre a casca e a semente (coquinho). A semente ou coquinho constitui-se de um endosperma de parte carnosa e branca. Os frutos amadurecem de julho a agosto.

Utilização O palmiteiro é bastante utilizado no paisagismo, especialmente nas regiões Sudeste e Sul do Brasil. É na extremidade superior

do tronco, ou meristema apical, que se encontra a parte comestível – o palmito. O meristema leva cerca de 10 anos para se formar.

Conservação Em tempos passados foi uma espécie arbórea extremamente abundante e comum, mas hoje, devido à intensa exploração, sua distribuição encontra-se bastante reduzida. A extração predatória do palmito em geral resulta no corte de todos os indivíduos adultos (produtores de sementes) e das plantas jovens com mais de dois metros de altura. A planta leva em torno de oito anos para produzir as primeiras sementes e o corte das plantas mais jovens é feito antes mesmo da primeira frutificação. A exploração feita de forma predatória impede a regeneração natural, resultando na eliminação quase completa da planta nas áreas de extração. Os frutos do palmito alimentam inúmeras espécies de animais, como por exemplo o tucano-de-bico-preto (*Ramphastos vitellinus*) e o sabiá (*Turdus* sp).

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Distribuição Este gênero possui aproximadamente 17 espécies, todas distribuídos nas Américas Central e do Sul. Ocorre desde o sul da Bahia, passando pelo Espírito Santo, até Osório, no Rio Grande do Sul, ocupando a faixa das encostas da Serra do Mar voltadas para o litoral e cobertas pela Floresta Pluvial da Encosta Atlântica. Sua distribuição é frequente tanto nos trechos com floresta primária como secundária, sendo no passado uma das espécies mais dominantes do segundo estrato arbóreo. Na face oeste do país chega a Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul. Em São Paulo ocorre no Vale do Rio Ribeira, alcançando altas altitudes.



Esta palmeira necessita de sombra para a germinação da semente, crescendo sempre no interior da floresta.

Em Santa Catarina é exclusiva da Floresta Pluvial da Encosta Atlântica. Também ocorre na Argentina e no Paraguai.

Ilha Presente naturalmente na UCAD e no Parque Municipal Maciço da Costeira. Extensos plantios de recomposição podem ser observados no Parque Municipal do Córrego do Grande, como na foto da página 167.

Classe Angiosperma. **Família** Palmae. **Subfamília** Areaceae. **Nome científico** *Euterpe edulis*. **Nome comum em português** palmito, içara, ensarova, ripeira, juçara, ripeira, palmitreiro. **Espanhol** palmito. **Inglês** Assai Palm.

Família Bromeliaceae

As bromélias são conhecidas no Brasil pelo termo indígena “caraguatá”, pela corruptela “craguatá” ou pela palavra “gravatá”. No Nordeste são chamadas de macambira. Esta família congrega mais de 50 gêneros e cerca de 3 mil espécies, sendo endêmica das Américas, principalmente da América do Sul, com algumas poucas espécies na África. No Brasil há uma ampla diversidade de bromélias que se adaptam às diversas regiões climáticas – desde a região litorânea até a floresta de altitude, passando pelos climas secos aos mais úmidos.

Em geral não possuem caule. As folhas se caracterizam por apresentar bainhas sempre livres, nunca formando um tubo fundido, embora muitas vezes as margens se sobreponham constituindo uma roseta. A flor é hermafrodita e a floração ocorre na primavera e no verão.

As bromélias epífitas normalmente se desenvolvem fixas em árvores e outras plantas, e preferem a luz difusa sem a influência direta dos raios solares. Absorvem pelas raízes apenas os sais minerais que escorrem com a água da chuva, pelo tronco nas quais estão fixadas. As bromélias terrestres e rupícolas (fixas nas rochas) preferem locais com luz direta para desenvolverem-se (pág. 254).

A roseta forma uma espécie de copo central que retém água e detrito vegetal, e a decomposição do material depositado fornece substrato nutritivo à planta. Na Mata Atlântica, existem cerca de 250 espécies, principalmente insetos, que utilizam as bromélias para algum fim. A polinização, em geral, é realizada por aves e insetos. A Mata Atlântica possui a maior diversidade de espécies de bromélias no mundo, apresentando 40% das espécies existentes.

Tillandsia

Entre as bromeliáceas, o gênero *Tillandsia* é o que possui o maior número de espécies – cerca de 400 –, que se encontram distribuídas nas Américas. Típicas do território brasileiro, elas se estendem por todas as

regiões do país. Em Santa Catarina ocorrem cerca de 12 espécies, sendo também as bromélias de menor tamanho. Este gênero congrega espécies epífitas e terrestres. São plantas xerófilas, isto é, preferem locais ensolarados e suportam bem a baixa umidade. Em geral as inflorescências ficam protegidas por brácteas coloridas. O fruto forma uma cápsula deiscente, que se abre ao alcançar a maturidade.

Aechmea

O nome do gênero – *Aechmea* – vem do grego *aichmé*, que significa ponta de lança. Este gênero congrega cerca de 172 espécies, distribuídas desde o México e Antilhas, descendo pelos países da América do Sul até o norte da Argentina. Em Santa Catarina ocorrem cerca de 17 espécies, incluindo as epífitas e terrestres. São de estatura média e sem caule. As folhas formam em geral uma densa roseta, com borda serrada. As flores são hermafroditas, dispostas em uma vistosa inflorescência com forma de espiga, com brácteas coloridas. O fruto forma uma baga.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica e restinga.

Ilha Na Ilha de Santa Catarina diferentes espécies de *Aechmea* podem ser observadas com facilidade em várias regiões.

Vriesea

O gênero *Vriesea* reúne cerca de 260 espécies dispersas desde o México até o nordeste da Argentina. Em Santa Catarina ocorrem cerca de 31 espécies. O tamanho em geral é grande, variando entre 30 e 90 cm de diâmetro, mas algumas espécies ultrapassam este tamanho. São em geral epífitas. Não possuem caule, as folhas se dispõem em roseta, as flores são hermafroditas e dispostas em uma inflorescência vistosa em forma de espiga, e o fruto é capsular.

cravo-do-mato

Tillandsia stricta

O porte é pequeno, oscilando entre 12 e 20 cm (pág. 241). Não possui caule e as folhas são muito numerosas e ficam dispostas em roseta. O formato da folha é triangular e estreito, ou seja, é um pouco mais largo na base. A inflorescência forma um pequeno cacho, no qual pequenas flores roxas ficam envoltas por grandes e vistosas brácteas cor-de-rosa ou amareladas. É epífita e com frequência se fixa nos ramos e no tronco das árvores, até mesmo muros, formando densos agrupamentos (pág. 52). Floresce de junho a março e a frutificação ocorre no mês de julho.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, restingas, manguezal e áreas urbanas.

Distribuição O cravo-do-mato é uma bromélia que ocorre desde a Bahia, passando por Minas Gerais, até o Rio Grande do Sul. Na América do Sul se encontra na Venezuela, Guianas, Suriname, Paraguai, Uruguai e norte da Argentina. Apresenta ampla distribuição em Santa Catarina, bem como em todo o Sul do Brasil.

Ilha Amplamente disperso, inclusive nas áreas urbanas bem arborizadas.

barba-de-velho

Tillandsia usneoides

A barba-de-velho é uma planta epífita, em geral desprovida de raízes, com caule muito fino – apenas 1 mm de diâmetro – ficando pendente nos galhos das árvores e atingindo um metro ou mais de comprimento. O que mais chama a atenção nesta bromélia é o emaranhado de ramos cinzentos que podem ser vistos à distância (pág. 117). Várias espécies de aves utilizam esta planta para construção do ninho, como por exemplo a mariquita (*Parula pitiayumi*, pág. 138) ou o gavião-tesoura (*Elanoides forficatus*, pág. 76). Existem inúmeros registros apontando que a planta permanece viva no ninho, o que revela que algumas espécies de pássaros são dispersoras desta bromélia. A folha é estreita e possui cerca de 2 a 5 cm de comprimento. A flor é solitária, amarelo-esverdeada e minúscula, com 11 mm de comprimento e dois milímetros de largura. Floresce de outubro a março. O fruto é uma cápsula de 11 cm de comprimento com até cinco milímetros de diâmetro, cilíndrica e pontiaguda nas extremidades, que se abre ao alcançar a maturidade. No interior do fruto existem pequenas sementes parcialmente cobertas por pelos. Frutifica entre agosto e março.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Distribuição A barba-de-velho ocorre desde o sudeste dos Estados Unidos até o norte da Argentina e Chile. No Brasil está distribuída no Pará, Maranhão, Ceará, Paraíba, Pernambuco, Bahia, e nas regiões Sudestes e Sul. Em Santa Catarina ocorre predominantemente ao longo da faixa leste coberta pela Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, especialmente nas áreas mais úmidas.

Ilha Amplamente dispersa, como nas florestas de planícies quarternárias entre as Praias da Daniela e de Jurerê.

Classe Angiosperma. **Família** Bromeliaceae. **Nome científico** *Tillandsia usneoides*. **Nome comum em português** cravo-do-mato, gravatazinho, bromélia. **Espanhol** clavel del aire. **Inglês** Air Plant.

Aechmea nudicaulis

Bromélia terrícola e epífita, que ocorre de forma contínua desde as restingas até a Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, sendo encontrada em até 800 m de altitude. Apresenta de 40 a 100 cm de altura, com cerca de 10 folhas dispostas em roseta, sendo ereta até a metade e curvando-se em seguida. A folha é verde forte com contorno esbranquiçado próximo ao ápice, e a borda, fortemente cerrada. O eixo floral é ereto com ápice encurvado. A inflorescência é formada por uma espiga multifloral em tons amarelo-esverdeados (págs. 32 e 85). Possui brácteas, folhas modificadas que funcionam como estruturas de proteção, alongadas em vermelho-vivo.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica e restinga.

Distribuição Encontra-se dispersa desde a Bahia até a região Sul. Em Santa Catarina está bem distribuída ao longo da faixa leste.

Ilha Comum nas restingas e em áreas de Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Classe Angiosperma. **Família** Bromeliaceae. **Nome científico** *Aechmea nudicaulis*.

Aechmea lindenii lindenii

No interior da floresta esta bromélia ocorre como epífita e na restinga é terrestre. Está dispersa desde o nível do mar (nas restingas) até 400 m de altitude (áreas florestadas das encostas). A altura é de 50 cm e apresenta cerca de 20 folhas dispostas em roseta, muito unidas na base. O comprimento da folha é de 24 cm e a largura de 8 cm. A folha é verde, a bainha é violeta-escura e com base em branco. As folhas têm as laterais cobertas por espinhos, e a extremidade final é arredondada e bem marcada por um espinho. A inflorescência é ereta, mais alta que as folhas, possuindo formato de espiga (pág. 85). As flores são bem unidas entre si e cada uma possui 20 mm de comprimento. A sépala é alaranjada e a pétala em amarelo vivo. Floresce em julho, setembro e novembro. O fruto amadurece em janeiro.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica e restingas.

Distribuição Encontra-se dispersa apenas em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul (região próxima a Torres).

Ilha Tem distribuição bastante expressiva na Ilha, principalmente nos costões entre as praias e nos municípios litorâneos adjacentes: Palhoça e Paulo Lopes.

Classe Angiosperma. **Família** Bromeliaceae. **Nome científico** *Aechmea lindenii lindenii*.

Vriesea rodigasiana

É uma espécie epífita que busca locais ensolarados no alto das árvores para o pleno desenvolvimento. Possui cerca de 36 cm de altura e as folhas medem de 20 a 30 cm de comprimento. Quando expostas à luz as folhas se tornam avermelhadas, mas quando se fixam em locais mais sombreados ficam mais esverdeadas e apresentam manchas roxas na parte posterior. A inflorescência é multifloral, o eixo floral é avermelhado e a flor predominantemente amarelo-esverdeada, com 4,5 cm de comprimento (pág. 85). Esta bromélia floresce em janeiro, março e maio. Frutifica em setembro e outubro.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica e restingas.

Distribuição Encontra-se dispersa em alguns estados do Nordeste (Ceará e Bahia), do Sudeste (Rio de Janeiro e São Paulo) e do Sul (Santa Catarina e Paraná).

Ilha Amplamente distribuída nas florestas da Ilha.

Classe Angiosperma. **Família** Bromeliaceae. **Nome científico** *Vriesea rodigasiana*.

Vriesea friburgensis

Bromélia terrícola do ambiente de restinga e epífita e rupícola no interior da floresta. Caracteriza-se pela marcante inflorescência amarelada com eixo floral avermelhado e de grande altura, variando de 50 a 230 cm (pág. 85). A folha apresenta borda lisa, é verde com manchas roxeadas, mas nos indivíduos expostos ao sol as folhas se tornam avermelhadas, medindo cerca de 35 cm de altura.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica e restingas.

Distribuição Encontra-se dispersa nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina está presente na parte leste do estado.

Ilha Bem distribuída, principalmente nas restingas, como na Estação Ecológica de Carijós.

Classe Angiosperma. **Família** Bromeliaceae. **Nome científico** *Vriesea friburgensis* variedade paludosa.

Orchidaceae

A família das orquídeas é a maior entre os Angiospermas, englobando cerca de 25.000 espécies já descritas. As orquídeas são encontradas em todo o mundo, mas o maior número de espécies e gêneros ocorre nas regiões tropicais, onde há predominância das formas epífitas e rupículas.

Nas regiões temperadas as espécies terrestres são as que predominam. A hibridação entre as diferentes espécies ocorre naturalmente através da polinização. Em função dessa característica natural, o homem vem criando diversas variedades de orquídeas, o que dificulta ainda mais a identificação de muitas plantas, mesmo para os orquidófilos mais experientes.

O grande número de espécies propicia a existência de uma vasta variedade de formas e tamanhos. A folha é tipicamente alongada, mais ou menos suculenta. Em geral as flores podem se apresentar isoladas ou em vistosos racemos. Na flor o cálice e a corola, indistinguíveis, são compostos por seis elementos: três externos e semelhantes, e três internos, sendo um deles, o mais desenvolvido, denominado labelo. No centro se encontram os órgãos sexuais fundidos numa única estrutura, a coluna. O fruto é capsular e deiscente, ou seja, naturalmente se abre ao alcançar a maturidade.

As coloridas flores das orquídeas coevoluíram com polinizadores específicos. A cor e a forma da flor têm a função de atrair uma grande variedade de insetos e diferentes espécies de beija-flores. As flores brancas são polinizadas durante a noite, atraindo o polinizador pelo odor, enquanto nas coloridas a polinização ocorre durante o dia. Em apenas 3% das orquídeas ocorre a autopolinização.

Entre os inúmeros gêneros que ocorrem no Brasil, podemos citar *Cattleya*, *Laelia*, *Epidendrum*, *Brassavola*, *Catasetum*, *Cyrtopodium*, *Miltonia* e *Oncidium*. As orquídeas são procuradas para fins ornamentais, exceto algumas espécies do gênero *Vanilla*, planta da qual se extrai a baunilha.

Status de conservação Encontram-se listadas no Apêndice II do CITES todas as espécies da família das orquídeas, dada a procura para comercialização com fins ornamentais.

Epidendrum fulgens

A palavra *epidendrum* vem do grego, onde *epi* significa em cima e *dendron* árvore. O gênero *Epidendrum* abrange cerca de 800 espécies que se encontram distribuídas desde a América Central até a Argentina. A maioria das espécies é epífita, e poucas podem crescer sobre as rochas ou no solo (pág. 53). *Epidendrum fulgens* se caracteriza por crescer desordenadamente entre outras plantas rasteiras. A folha, verde-escura, com até 5 cm de comprimento, tem o formato estreito e levemente arredondado no ápice, e fica disposta alternadamente no comprido caule (pág. 117). Embora o tamanho da flor seja pequeno, apenas 1 cm de diâmetro (pág. 27), ela é muito atraente, pois se agrupa formando um conjunto de pequenas flores coloridas em tons de amarelo, laranja e vermelho (pág. 27). A inflorescência surge no ápice do pseudobulbo. As pétalas e sépalas são lanceoladas, e o labelo,

que fica em posição vertical, é trilobado na cor amarela ou vermelha, independentemente da cor das demais pétalas. Floresce o ano inteiro, mas principalmente nos meses de calor, primavera e verão.

Ambiente Restingas.

Distribuição *Epidendrum fulgens* se distribui na orla marítima atlântica, especialmente nas restingas do Sul do Brasil.

Ilha É comum observar nas restingas da Ilha de Santa Catarina agrupamentos desta orquídea com a lantana (*Lantana* spp, pág. 230), fazendo com que, em função das similaridades entre o tamanho e as cores da flor, o observador desatento tenha a impressão de estar observando flores de uma única espécie. Charles Darwin já havia observado a semelhança entre as flores do *Epidendrum radicans*, muito parecidas com as do *E. fulgens*, e as da *Lantana* spp (pág. 117) e os possíveis benefícios desta interação – ou possível co-evolução – para esta espécie de orquídea. A lantana é uma planta arbustiva que produz inúmeras flores; por outro lado, o *Epidendrum radicans* e o *E. fulgens* produzem poucas inflorescências. Assim, a ocorrência destas espécies de *Epidendrum* próximo a um conjunto de flores de lantana atrai as abelhas em busca do néctar, possibilitando a polinização. Curiosamente, a lantana não produz néctar; apenas o *Epidendrum*.

Classe Angiosperma. **Família** Orchidaceae. **Nome científico** *Epidendrum fulgens*.

Laelia

O gênero *Laelia* foi descrito em 1831 por John Lindley, quando descobriu no México uma nova orquídea denominada *Laelia grandiflora* (hoje designada *L. speciosa*). Em 1852, Lindley e Joseph Paxton desceveram no Brasil uma nova espécie de orquídea – *Laelia purpurata*. No Brasil ocorrem aproximadamente 5 espécies de *Laelia* (*L. purpurata*, *L. crispa*, *L. lobata*, *L. grandis* e *L. tenebrosa*) que, segundo alguns autores, diferem geneticamente em vários aspectos das orquídeas do gênero *Laelia* encontradas no México. Na verdade, as lélis brasileiras se assemelham muito às catléias, no que diz respeito à forma e ao tamanho das flores e folhas, o que sugere, para alguns, uma nova denominação do gênero *Laelia* para as orquídeas brasileiras.

Laelia purpurata

É uma orquídea epífita originária do Brasil, com distribuição na faixa atlântica das regiões Sudeste e Sul. É a flor-símbolo do Estado de Santa Catarina, mas em função da extração predatória e do desmatamento está praticamente extinta na Ilha. Pela beleza, a *Laelia purpurata* pertence ao grupo das orquídeas mais cultivadas no mundo pelos colecionadores.

É composta por pseudobulbos de 20 cm de altura contendo uma única folha coriácea e oblonga. A flor se destaca pelo tamanho (15 a 20 cm de diâmetro) e pela grande variedade de padrão de cores. Produz de quatro a cinco flores simultaneamente por haste, compondo um buquê com inúmeras flores (pág. 53). A floração ocorre durante o final da primavera e início do verão.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, florestas de planícies quarternárias e restingas.

Ilha Raramente ocorre. Poucos exemplares sobreviveram à exploração predatória e à diminuição das áreas de habitat original.

Classe Angiosperma. **Família** Orchidaceae. **Nome científico** *Laelia purpurata*. **Nome comum em português** lélia, laélia. **Inglês** Purple-stained, Orchid Laelia.

Vanilla spp

O gênero *Vanilla* abrange cerca de 50 espécies distribuídas nas regiões tropicais e subtropicais de todo o mundo (Indonésia, Américas do Sul e Central, México e África). No Brasil cerca de 30 espécies se encontram dispersas, ocorrendo quatro delas em Santa Catarina – *V. chamissonis*, *V. edwallii*, *V. organensis* e *V. diestschian*.

São consideradas as orquídeas de maior tamanho, podendo atingir cerca de 30 metros de comprimento. Nascem no solo, mas o crescimento contínuo do caule, com o auxílio das grossas raízes adventícias, possibilita que a planta escale e se fixe nos galhos mais altos das árvores dos quais se utiliza como suporte. As espécies do gênero *Vanilla* se caracterizam por não possuírem pseudobulbo e as folhas serem mais ou menos suculentas, coriáceas, verde-escuras alternadas e (às vezes de tamanho muito reduzido ou até mesmo ausente). A inflorescência é grande e vistosa, e brota a partir das axilas das folhas. As pétalas e sépalas são livres e iguais. O formato do fruto, uma vagem pequena, deu origem ao nome do gênero – onde *vaina* significa “vagem” em espanhol.

Algumas espécies de orquídeas do gênero *Vanilla* são plantadas em função de um interesse comercial muito específico, tornando mínima a importância ornamental destas plantas. É a partir do fruto de algumas espécies que se extrai a essência da baunilha (*V. planifolia*, *V. pompona*,



V. trigonocarpa – todas ocorrem no Brasil). Esta descoberta foi feita pelas civilizações maias e astecas mexicanas, que obtinham a essência da baunilha através da fermentação dos frutos e a utilizavam para dar sabor e aroma às bebidas feitas a partir do cacau. Por volta de 1500, quando da colonização espanhola no México, a *Vanilla* foi rapidamente introduzida na Europa para o cultivo. Entretanto, em função da ausência de seu polinizador natural, a reprodução dessas orquídeas fora da área de distribuição natural – México – se tornou inviável. Apesar de o princípio ativo e essência serem produzidos artificialmente, até hoje, nas grandes culturas de *Vanilla*, a polinização é feita manualmente, em especial nos cultivos fora do México – como em Madagascar –, onde não ocorre o polinizador natural.

Classe Angiosperma. **Família** Orchidaceae. **Nome científico** *Vanilla* spp.

bananeira-do-mato

Heliconia velloziana

Uma das poucas plantas que a população em geral conhece pelo nome científico – *Heliconia*. Em função do belo colorido da inflorescência, é bastante utilizada como planta ornamental em toda a América do Sul. Possui pseudocaulé que pode atingir até quatro metros de altura, e as folhas são grandes, destacando-se por apresentar uma grande nervura central de onde saem várias nervuras paralelas. Pela semelhança com a folha da bananeira, recebeu o nome comum de bananeira-do-mato. O pecíolo é longo, formando uma bainha na base que tem a função de envolver o caule. A inflorescência é ereta, ficando disposta no meio da folhagem (pág. 53). O fruto forma uma cápsula com três lóculos, contendo no seu interior sementes ovóides.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Distribuição A bananeira-do-mato pertence à mesma família das bananas. O gênero *Heliconia* encontra-se distribuído nas Américas do Sul e Central. No Brasil são encontradas cerca de 45 espécies, ocorrendo na região Sul apenas três espécies, a *Heliconia velloziana*, endêmica da região litorânea, a *Heliconia subulata* e a *Heliconia hirsuta*, ambas distribuídas na Bacia do Rio Paraná. A *Heliconia velloziana* pode ser facilmente encontrada nas áreas com Floresta Pluvial da Encosta Atlântica desde o sul da Bahia até o Rio Grande do Sul, especialmente nas depressões sombreadas e úmidas.

Ilha Facilmente encontrada no interior das florestas, como na Lagoa da Conceição, e em fragmentos de mata, como na Praia da Galheta (pág. 27).

Classe Angiosperma. **Família** Musaceae. **Nome científico** *Heliconia velloziana*. **Nome comum em português** bananeira-do-mato, caeté, bananeirinha-do-mato, bananeira-brava, pacova-brava. **Inglês** Golden False Bird of Paradise, Golden Lobster Claw.



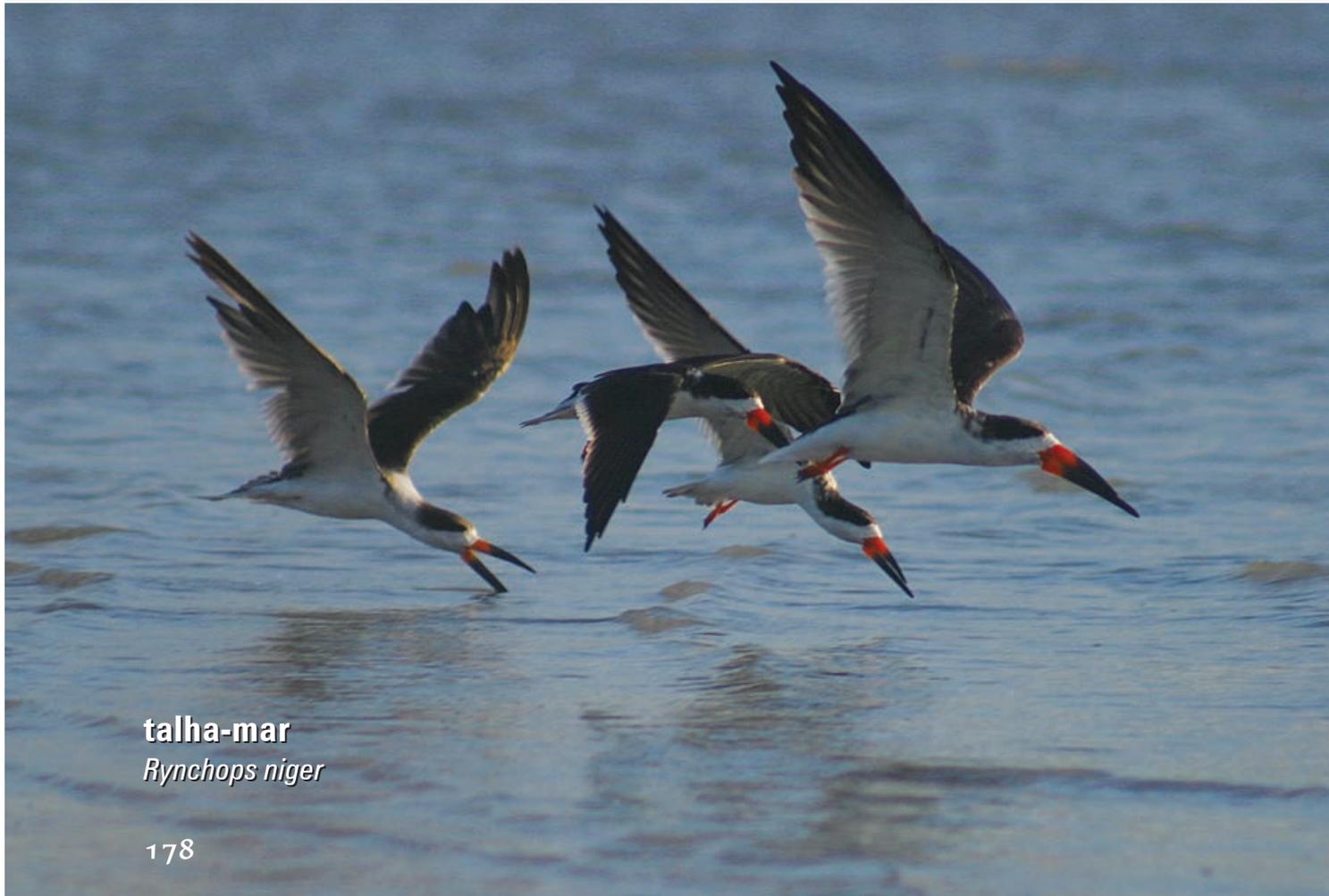
coati
Nasua nasua
Ilha de Campeche



lontra
Lontra longicaudis
Filhote
Lagoa do Peri



aracuã
Ortalis guttata



talha-mar
Rynchops niger



garça-azul
Egretta caerulea



pica-pau-do-campo
Colaptes campestris



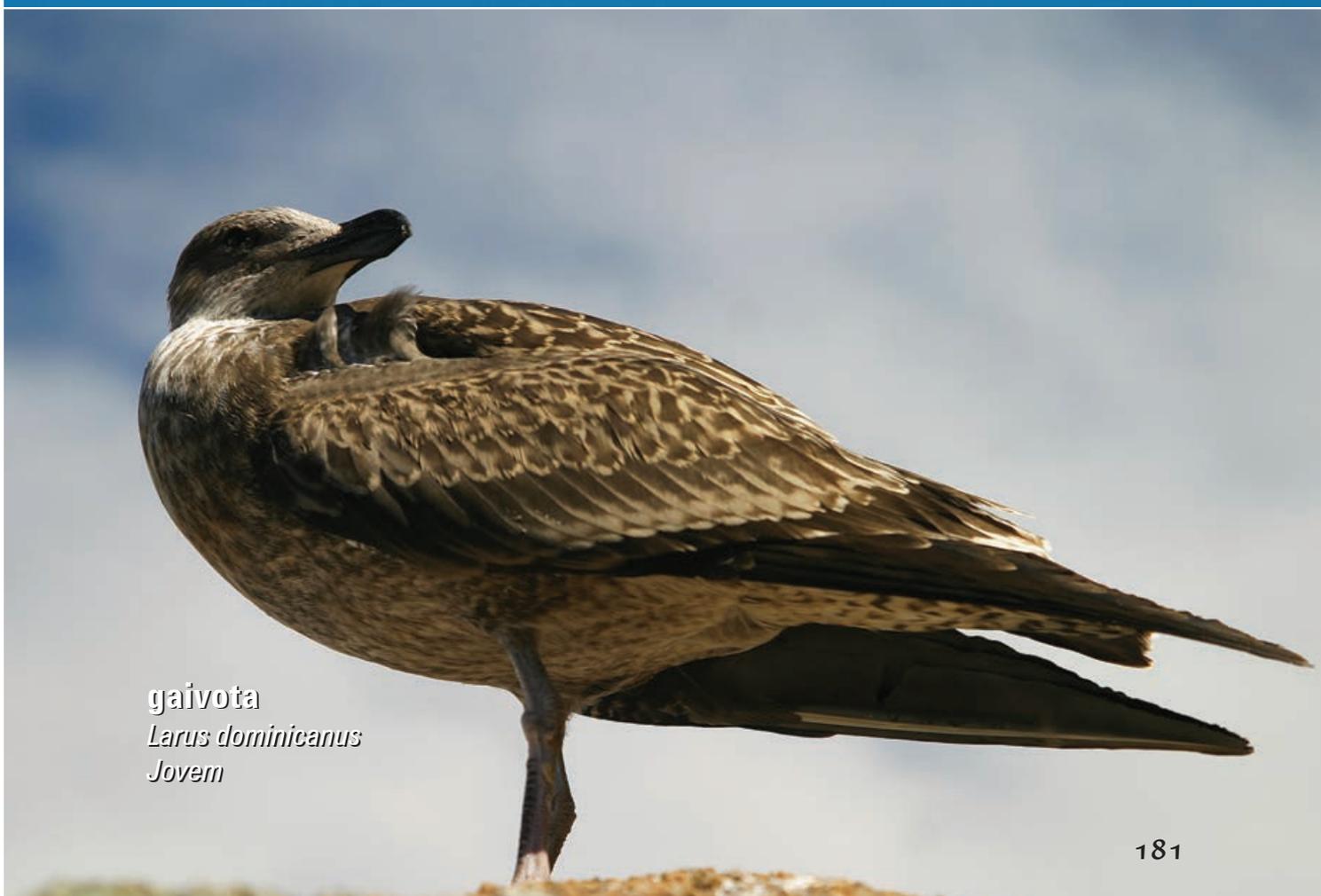
trinta-réis-de-bico-vermelho
Sterna hirundinacea



trinta-réis-real
Sterna maxima



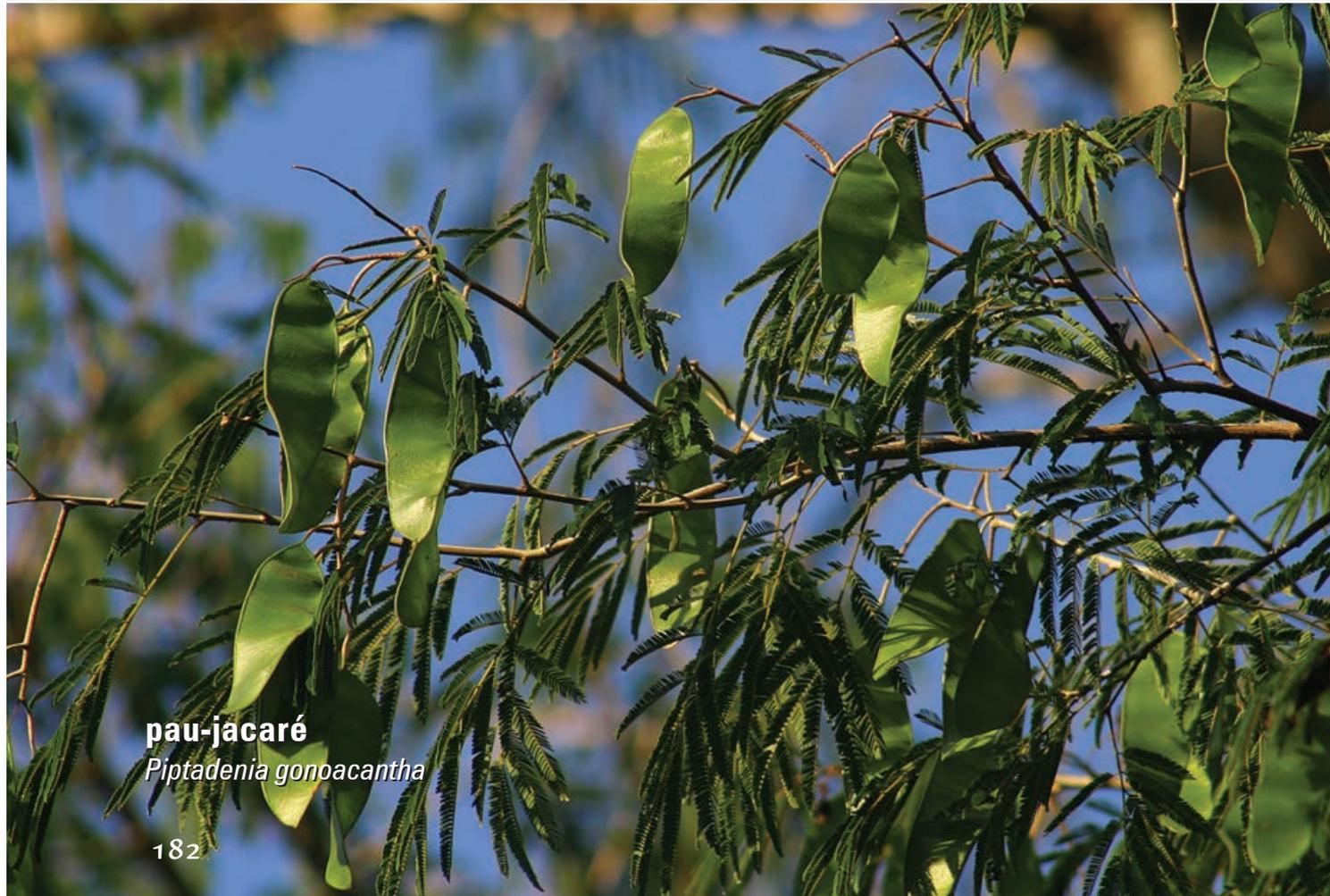
gaivota
Larus dominicanus
Adulto



gaivota
Larus dominicanus
Jovem



cedro
Cedrela fissilis



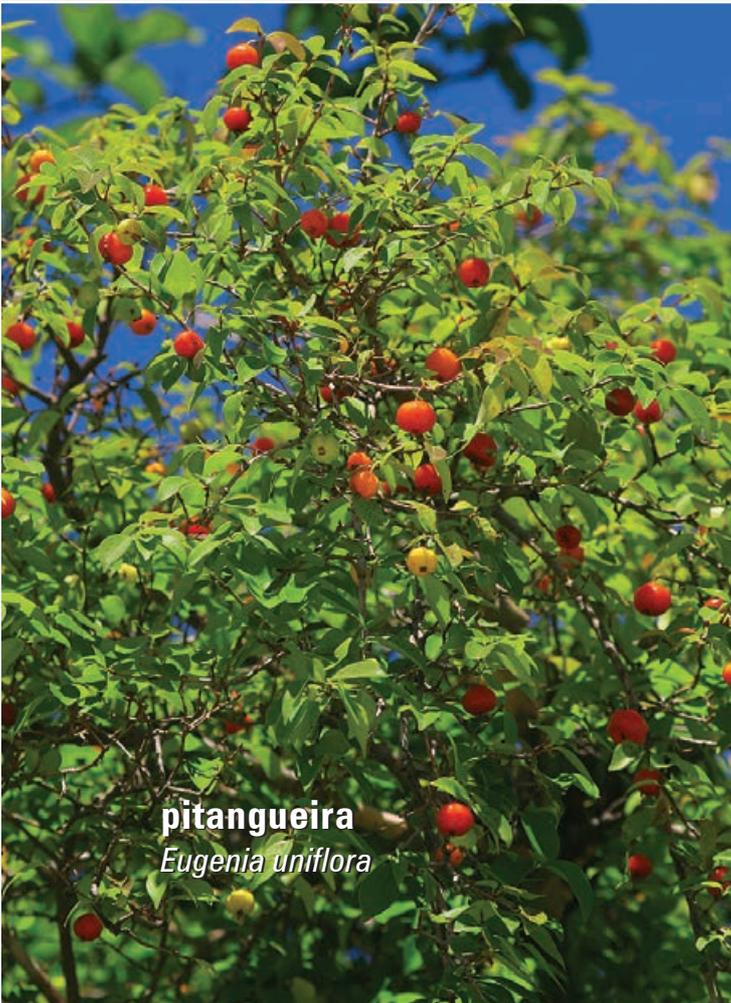
pau-jacaré
Piptadenia gonoacantha



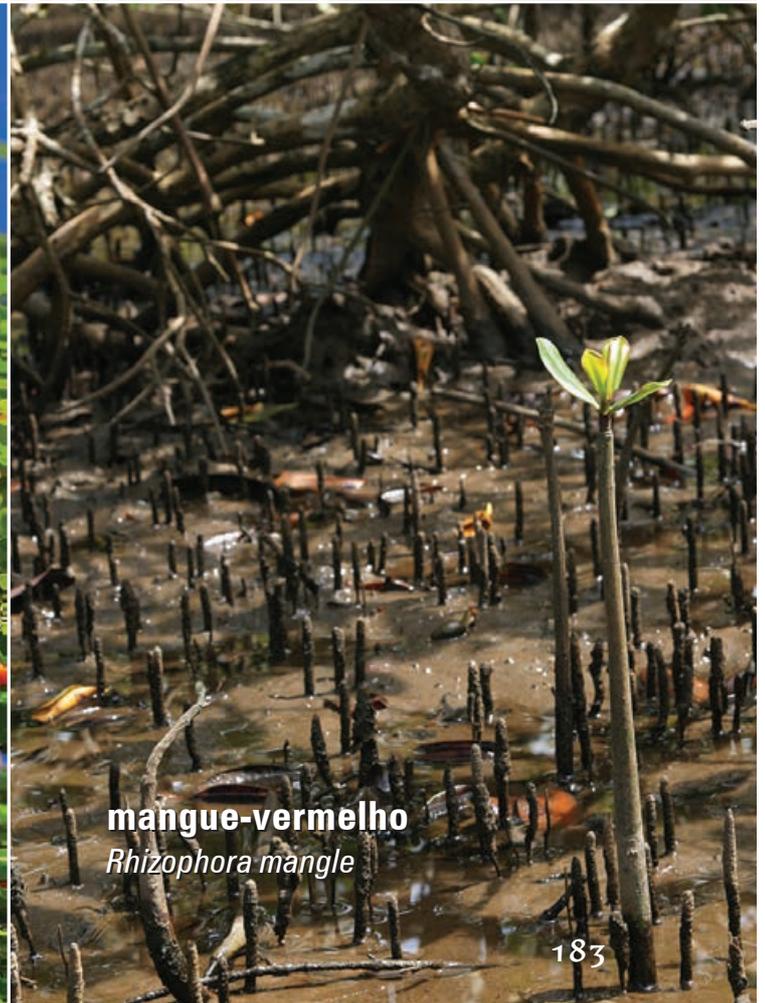
pau-jacaré
Piptadenia gonoacantha



mangue-vermelho
Rhizophora mangle



pitangueira
Eugenia uniflora



mangue-vermelho
Rhizophora mangle



garça-azul
Egretta caerulea





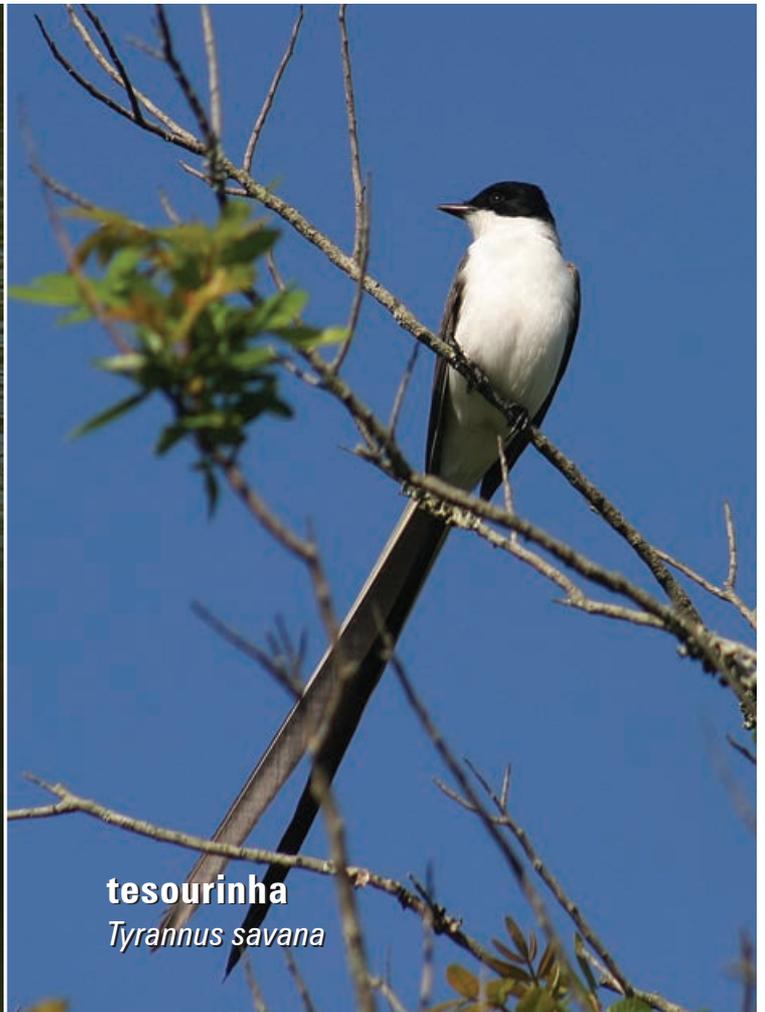
anu-branco
Guira guira



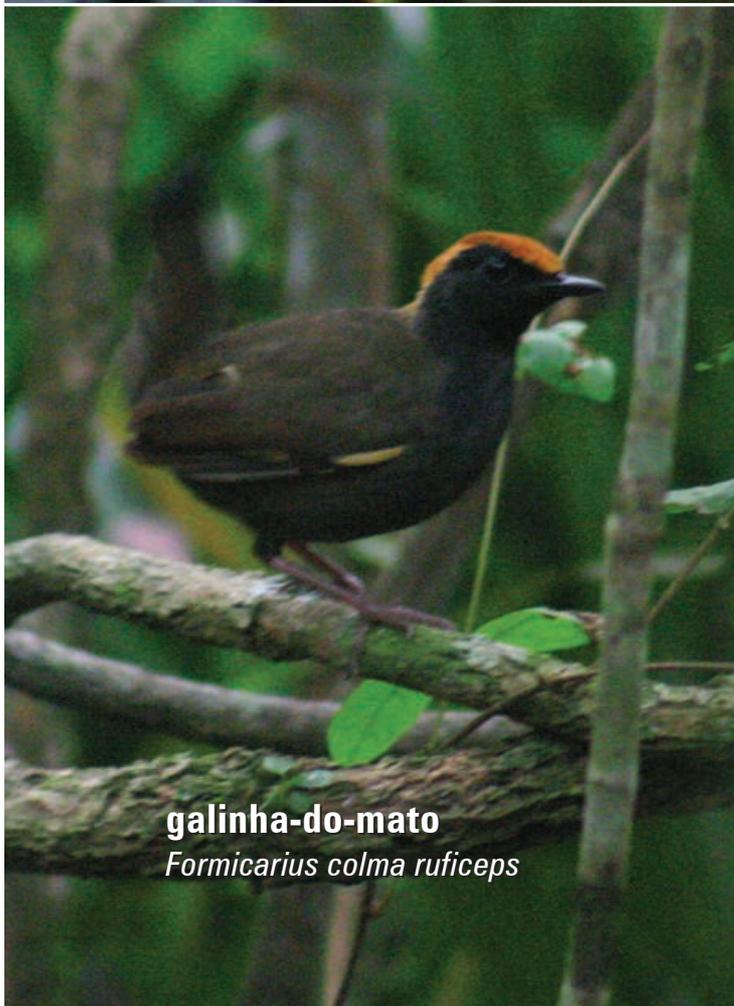
anu-branco
Guira guira
Ninho



colhereiro
Ajaia ajaja



tesourinha
Tyrannus savana



galinha-do-mato
Formicarius colma ruficeps



joão-de-barro
Furnarius rufus



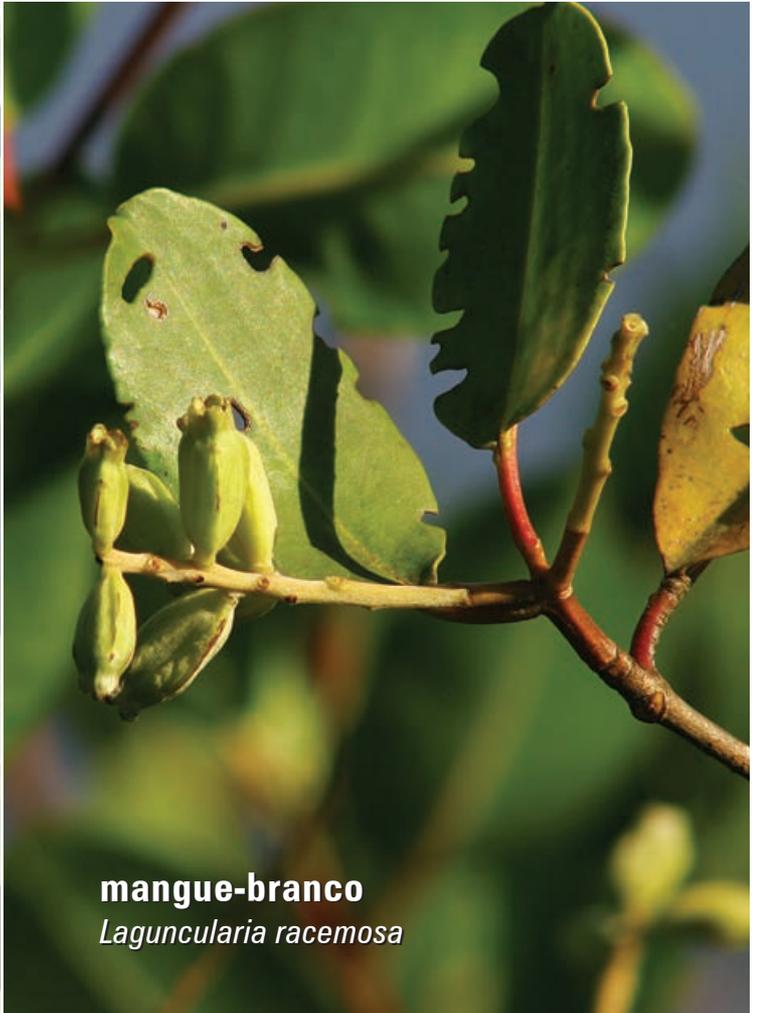
ingá-feijão
Inga marginata



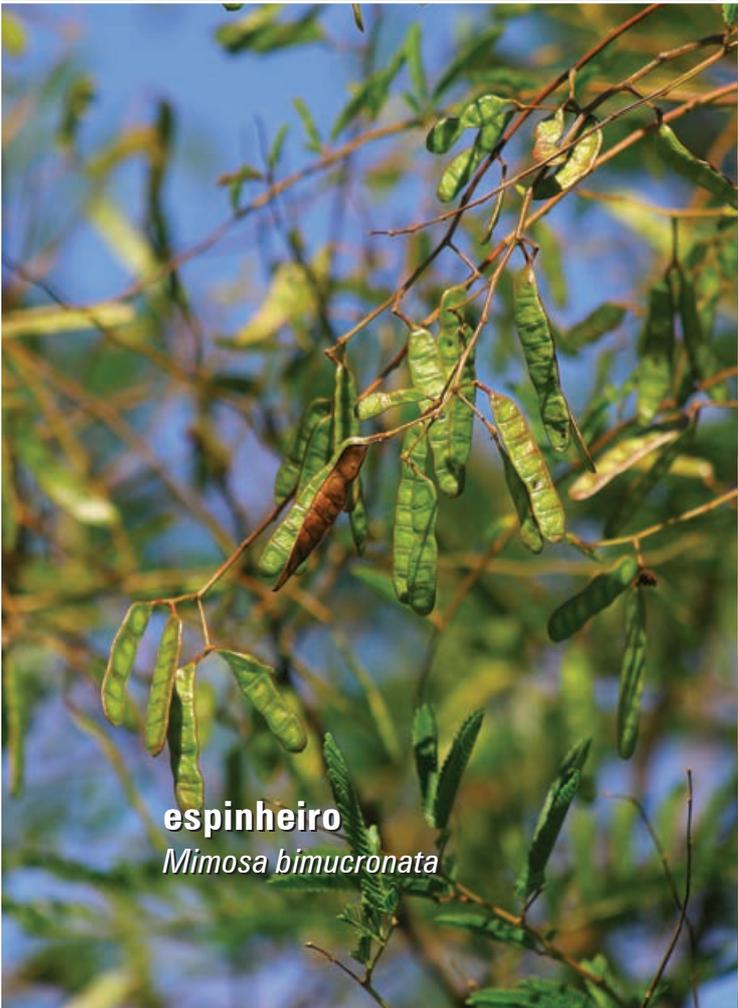
quaresmeira
Tibouchina urvilleana



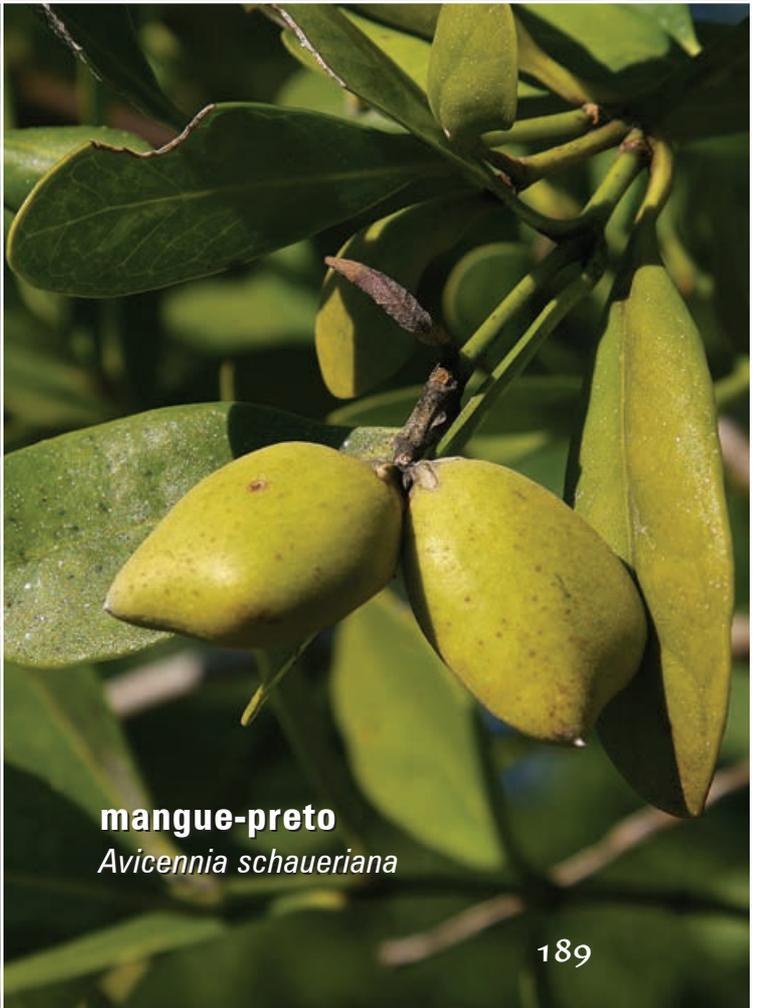
amendoeira
Terminalia catappa



mangue-branco
Laguncularia racemosa



espinheiro
Mimosa bimucronata



mangue-preto
Avicennia schaueriana



quero-quero
Vanellus chilensis



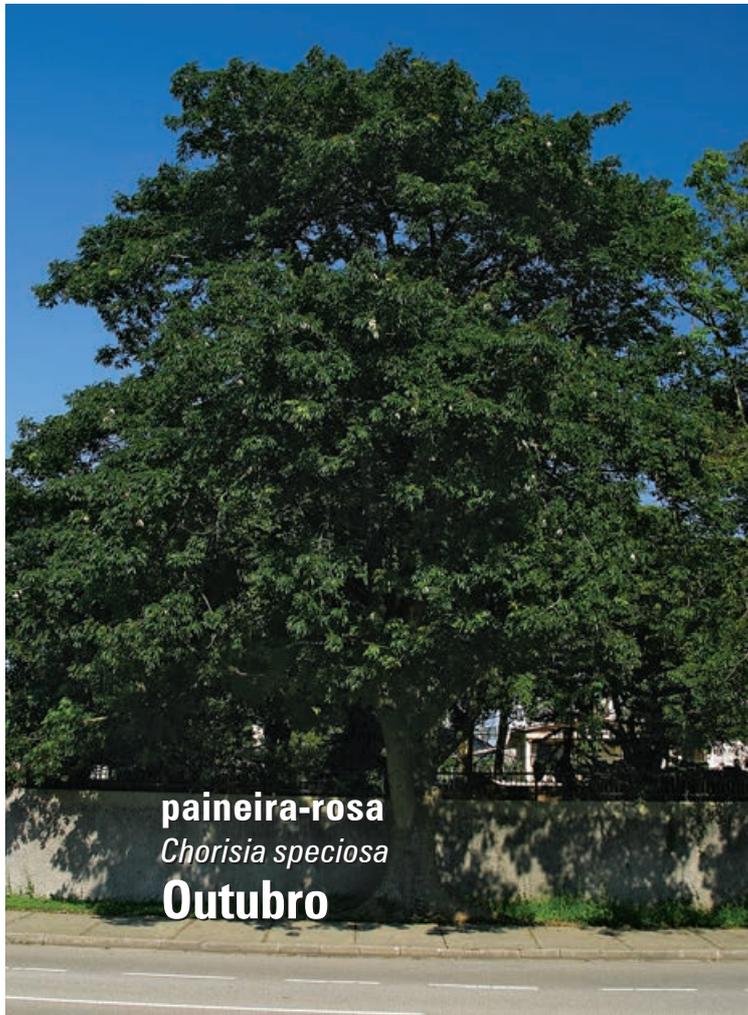
quero-quero
Vanellus chilensis



tiriba-da-testa-vermelha
Pyrrhura frontalis



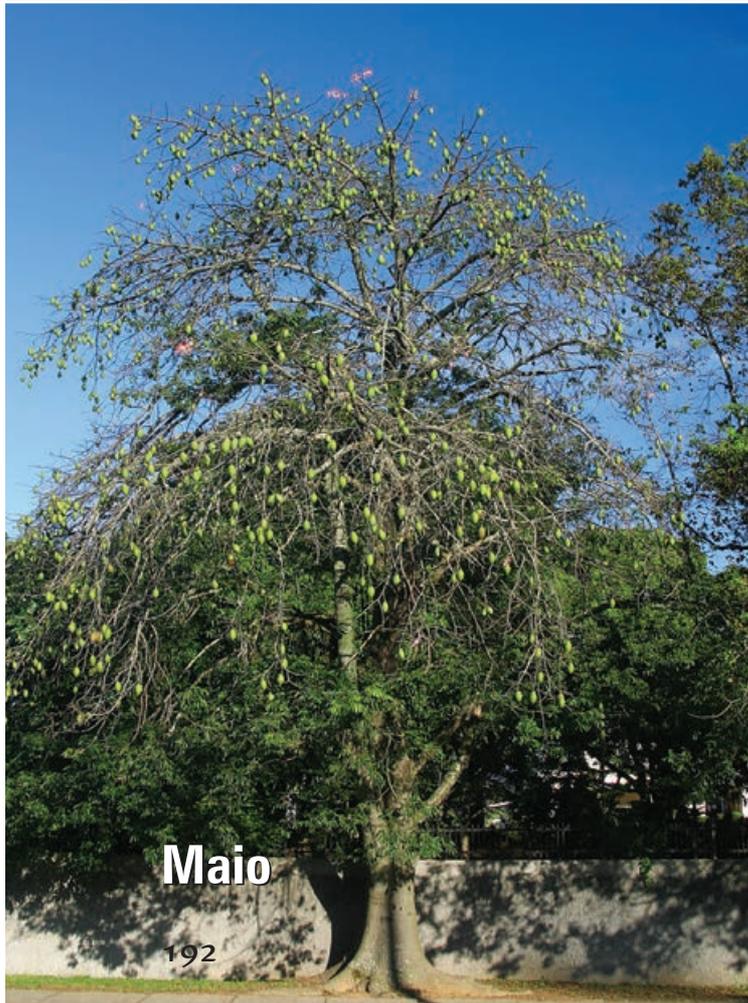
tiriba-da-testa-vermelha
Pyrrhura frontalis



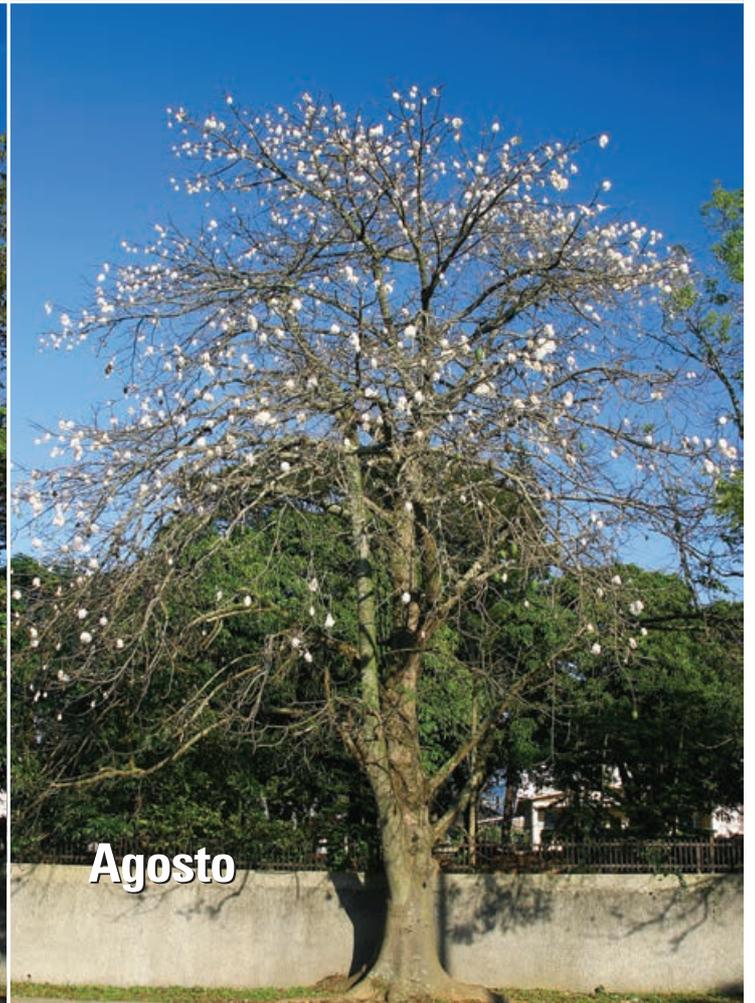
paineira-rosa
Chorisia speciosa
Outubro



Março



Maio



Agosto

embaúba

Cecropia glazioui

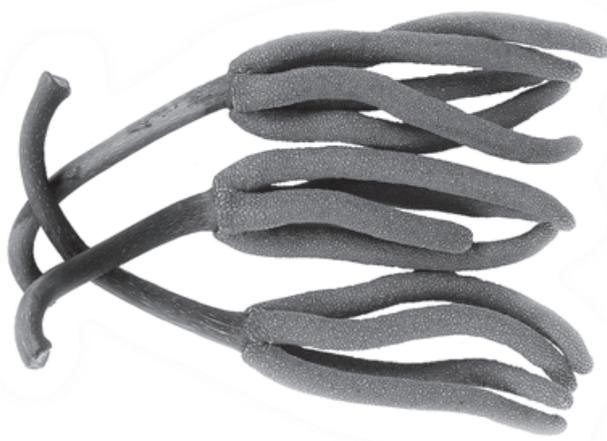
É uma planta de rápido crescimento, estando completamente desenvolvida em até 10 anos. Por se tratar de uma árvore pioneira, a embaúba ocorre na mata secundária em diferentes estágios de sucessão, tais como capoeira e capoeirão, sendo, portanto, raramente encontrada em uma floresta bem desenvolvida. Também é comum encontrar vários exemplares da embaúba ao longo das depressões de solos úmidos e ricos em matéria orgânica, sendo higrófita seletiva. É heliófita, isto é, exige intensa radiação solar para o pleno desenvolvimento. Caracteriza-se também por não perder completamente as folhas ao longo do ano – perenifólia. A altura oscila entre 12 e 18 metros. O tronco é cinza-esbranquiçado, bem reto e cilíndrico, com diâmetro entre 30 e 40 cm. É comum nesta espécie a presença de raízes adventícias que se ramificam na base do tronco (pág. 115). A casca é lisa, apresentando pequenas marcas apenas nos locais em que as folhas se desprendem. No ápice do tronco existem poucas ramificações que dão origem a uma pequena quantidade de folhas. A folha de grande tamanho, que chega aos 40 cm de diâmetro, destaca-se tanto pela forma como pela coloração, tornando esta árvore facilmente identificável mesmo a distância (pág. 115). As folhas são lobadas, apresentando várias subdivisões ou recortes (entre 7 e 11); podem ser alternas, ou duas ou três folhas saírem do mesmo nó cauliar; são simples e o pecíolo é muito comprido. A superfície é muito áspera e a coloração difere, sendo a face anterior mais escura que a posterior. As flores são muito pequenas, com sexo separado. A embaúba floresce principalmente entre agosto e dezembro. Várias infrutescências cilíndricas, com cerca de 15 cm de comprimento, reúnem-se em uma mesma haste ou pedúnculo. Os frutos, pequenos e carnosos na cor marrom-

Numerosos exemplares podem ser encontrados no Parque Municipal do Córrego Grande



**Detalhe da infrutescência reunindo
inúmeros frutos.**

avermelhado, ficam reunidos em um receptáculo digitado e não se abrem. Assim, as sementes são liberadas através da putrefação natural do fruto. O amadurecimento dos frutos ocorre entre novembro e fevereiro. As sementes, em marrom-claro, são muito pequenas, com apenas dois a três mm de comprimento.



Utilização Considerada uma árvore ornamental, é indicada no paisagismo. O fruto é utilizado como recurso alimentar por diversas espécies de aves, morcegos e outros mamíferos, que terminam por auxiliar na dispersão das sementes. Por ser uma planta pioneira, a embaúba também é indicada nos reflorestamentos que visam à recuperação de áreas degradadas de encosta. As espécies do gênero *Cecropia* são consideradas mirmecófilas, isto é, possuem estruturas especializadas no caule para abrigar algumas espécies de formiga, que constroem o ninho no seu interior. Essas formigas alimentam-se de depósitos de proteína localizados na base do pecíolo.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Distribuição O gênero *Cecropia* possui entre 30 e 40 espécies originárias das Américas tropical e subtropical. No Brasil a distribuição da embaúba inicia-se na Bahia e termina no Paraná. Entretanto, é uma árvore que também pode ser encontrada em Santa Catarina. Esta é a única espécie de *Cecropia* que ocupa a Floresta Pluvial da Encosta Atlântica tanto nas regiões de encosta como nas de planície.

Ilha Amplamente dispersa.

Classe Angiosperma **Família** Moracea **Nome científico** *Cecropia glaziovii*
Nome comum em português embaúba, embaúva, embaúva-vermelha, imbaúva
Inglês Red Cecropia.

flamboyant

Delonix regia

A palavra “flamboyant” em francês significa flamejante, brilhante e ardente. O flamboyant é uma árvore frondosa de copa plana e ampla. A folha é grande, composta e bipenada, com aproximadamente 20 pares de

pinas. Cada pina comporta de 10 a 30 folíolos com 5 a 8 mm de comprimento (pág. 154). O nome dado ao gênero – *Delonix* – vem do grego *delos*, que significa visível, evidente, fazendo referência às flores. O sufixo *onyx* significa garra, unha, uma sugestão à forma das pétalas. A flor é vermelha e grande e fica disposta em racimos (pág. 52). É hermafrodita e constituída por cinco pétalas de até cinco centímetros de comprimento, e no interior da corola existem 10 estames. O fruto é formado por uma grande vagem que possui cerca de 60 centímetros de comprimento e cinco centímetros de largura (pág. 213). No seu interior existem inúmeras sementes marrons (dois centímetros de comprimento) dispostas no sentido transversal ao longo de toda a vagem.

Utilização A beleza do formato da copa – amplo e espaçado – e as grandes flores vermelhas fazem com que o flamboyant seja uma árvore bastante utilizada para fim ornamental em muitas cidades das Américas do Sul e Central.

Ambiente Espécie exótica – ambiente urbano.

Distribuição Apesar de ser uma espécie exótica originária de Madagascar, pertence à mesma subfamília do garapuvu.

Ilha Bastante comum nos quintais das casas e praças públicas.

Classe Angiosperma. **Família** Leguminosae. **Subfamília** Caesalpinioideae.

Nome científico *Delonix regia*. **Nome comum em português** flamboyant.

Espanhol samboyán, flamboyana, chivato, framboyo. **Inglês** Royal Poinciana, Flamboyant Tree, Peacock Flower.

garapuvu

Schizolobium parahyba

De acordo com lei municipal, desde 1992, o garapuvu é a árvore-símbolo de Florianópolis. O nome dado ao gênero *Schizolobium* vem do grego, onde *skizo* significa dividir e *lobion*, bainha, fazendo referência à maneira como se abre o fruto. O garapuvu é uma espécie pioneira característica dos estágios menos desenvolvidos das florestas. É uma árvore que perde as folhas durante o inverno, sendo denominada por isso decídua. É heliófita e higrófito seletiva, necessitando, portanto, de sol e solos úmidos para o pleno desenvolvimento. Quando adulta apresenta grande tamanho, podendo alcançar entre 20 e 40 metros de altura, e o diâmetro do tronco pode atingir 80 cm. O tronco é bastante característico, sendo cilíndrico, reto e alto. A casca é quase lisa, apresentando marcas ovaladas em cinza que indicam os pontos em que as folhas foram perdidas. A copa é grande e aberta. As folhas são compostas, isto é, formam partes distintas reunidas em um conjunto, alcançando um metro de comprimento. São bipenadas, apresen-

tando de 30 a 50 pinas opostas. Cada pina comporta entre 40 e 60 pequenos folíolos opostos, com formato elíptico-oblongo, com dois a três centímetros de comprimento. As flores são em amarelo-vivo e ficam distribuídas em cachos com 25 a 40 cm de comprimento (pág. 155). O pico da floração ocorre durante o mês de novembro. O fruto



A semente do garapuvu é bastante utilizada na confecção de colares pelos índios guarani e artesãos.

é um legume de forma plana e ovalada, coriáceo e de cor marrom-clara, possuindo de 10 a 15 centímetros de comprimento e quatro a seis centímetros de largura. Cada fruto é formado por duas valvas, que se abrem despreendendo uma única semente, envolta por uma fina e sedosa membrana, que, levada pelo vento, realiza rápidos movimentos helicoidais, permitindo, assim, um longo percurso. A semente possui cerca de 3 cm de comprimento e 2 cm de largura e apresenta formato elíptico. Os frutos ficam maduros a partir de abril e permanecem na árvore até julho ou agosto. Durante o outono o garapuvu perde todas as folhas, permanecendo apenas as valvas secas remanescentes dos frutos que se destacam nas pontas dos galhos (pág. 155).

Utilização É uma árvore que apresenta potencial ornamental, pois a ramificação ocorre em grande altura e a florada permanece por mais de um mês, deixando-a completamente coberta por flores amarelas. O garapuvu é indicado no reflorestamento de áreas de preservação permanente que estejam degradadas. Por ser bem leve, o tronco desta árvore foi bastante



utilizado pelos pescadores da Ilha de Santa Catarina, que o esculpam para a confecção de canoas.

Tronco jovem apresentando sinais ovóides nos locais em que as hastes foram perdidas. À medida que a planta cresce, os sinais se alongam e o tronco fica acinzentado.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Distribuição Ocorre desde o sul do México, passando pela América Central. No Brasil, o garapuvu encontra-se amplamente distribuído desde a Bahia até Santa Catarina. É uma árvore exclusiva da Floresta Pluvial da Encosta Atlântica localizada nas encostas dos morros, incluindo as áreas das planícies aluviais ao longo dos rios, e na encosta da Serra do Mar até 700 metros de altitude. Em Santa Catarina ocorre até o município de Criciúma, no sul do Estado.

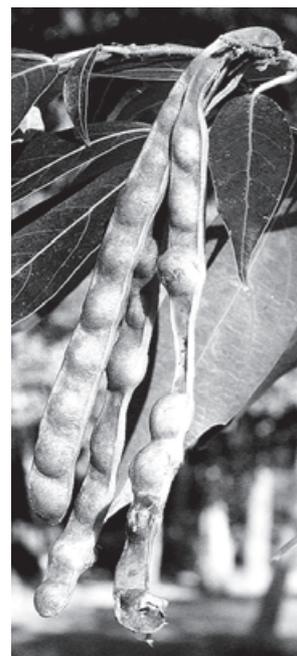
Ilha A floração amarela faz com que esta árvore, abundante na Ilha, se torne bastante evidente nas encostas dos morros durante a primavera (pág. 242).

Classe Angiosperma. **Família** Leguminosae. **Subfamília** Caesalpinoideae. **Nome científico** *Schizolobium parahyba*. **Nome comum em português** garapuvu, guapuruvu, garapivu, guaburuvu, guarapuvu, pau-de-vintém, ficheira, faveira, pataqueira, bandarra. **Espanhol** bacurubu, guapuruvú. **Inglês** Tower Tree.

ingá-feijão

Inga marginata

Muitas vezes o plantio desta árvore é feito objetivando o enriquecimento do solo, pois suas raízes propiciam a fixação do nitrogênio, que por sua vez é assimilado por outras espécies de plantas. O arilo, ou seja, a parte que envolve a semente, é adocicado e comestível, sendo, portanto, o ingá-feijão também utilizado em pomares. É uma planta heliófita, pois necessita estar exposta ao sol para que haja completo desenvolvimento. Semidecídua, perdendo parte da folhagem durante a época mais seca do ano, e por ser higrófito seletivo, é observada nas matas com solos mais úmidos. O ingá-feijão pode atingir 5 a 15 metros de altura. A copa é ampla, com farta ramificação. O tronco possui entre 30 e 50 cm de diâmetro e a casca é lisa na cor cinza clara. Em um pecíolo alado se dispõem dois a três pares de folíolos (pág. 188). O par de folíolos terminal possui comprimento maior (7 a 18 cm) que o par basal (4 a 12 cm), e é mais clara na superfície inferior que a superior. As inflorescências formam vistosas espigas axilares com 4 a 11 centímetros de comprimento, podendo ser solitárias ou formar pequenos grupos (pág. 188). A flor, branca, apresenta agradável perfume. O período da floração é longo, iniciando-se em outubro e terminando em março. O fruto é uma vagem cilíndrico-compressa com 10 a 20 centímetro de comprimento (foto ao lado).



As sementes são revestidas por uma grossa camada de arilo comestível na cor branca. Externamente é possível visualizar a vagem bem demarcada pelas sementes arredondadas envoltas pelo denso arilo. O amadurecimento dos frutos ocorre de abril a maio.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Distribuição O ingá-feijão está amplamente disperso no Brasil, em especial nas matas ciliares. Também está presente nos demais países da América do Sul e Central. Em Santa Catarina a dispersão ocorre na floresta pluvial da encosta atlântica, especialmente nas formações secundárias.

Ilha Está presente na Floresta Pluvial da Encosta Atlântica e em pomares na zona urbana, como no Campus Universitário (UFSC).

Classe Angiosperma. **Família** Leguminosae. **Subfamília** Mimosoideae. **Nome científico** *Inga marginata*. **Nome comum em português** ingá-feijão, ingá, ingá-dedo, ingá-mirim.

espinheiro

Mimosa bimucronata

Caracteriza-se por apresentar muitos espinhos nos galhos, conferindo-lhe o nome comum de espinheiro. É uma árvore pioneira, comum nas áreas em processo sucessional. Desenvolve-se em locais abertos e ensolarados, sendo decídua, ou seja, perde as folhas durante o período seco. Nos solos úmidos e brejosos é comum encontrar agrupamentos puros no estrato superior. O porte é médio, variando entre 6 e 10 metros de altura. É muito ramificada, podendo formar vários troncos desde a parte mais baixa. A copa arredondada inicia-se na parte mais baixa da planta. O tronco apresenta cerca de 20 a 30 cm de diâmetro, é tortuoso, e a casca é rugosa e de cor clara. As folhas são compostas bipenadas e estão organizadas de forma oposta em uma haste única com 2 a 12 centímetros de comprimento. As pinas são opostas, em número de quatro a nove com dois a oito centímetros de comprimento. Os pequenos folíolos possuem entre 5 e 12 milímetros de comprimento. A inflorescência forma um cacho de flores brancas com 15 a 40 centímetros de comprimento (pág. 114). O fruto é formado por uma vagem com formato achatado, que ao secar se abre liberando as sementes (pág. 189). Os frutos amadurecem nos meses de abril a junho. Caracteriza-se pela abundância na produção de frutos, fornecendo uma grande quantidade de sementes viáveis à germinação.

Utilização O espinheiro é uma planta ornamental muito usada como cerca viva em divisas de terrenos e sítios (pág. 114). É utilizada pela garça-branca-grande (*Egretta alba*) para construção do ninho. As flores desta planta são frequentemente visitadas pelas abelhas para a produção de mel.

A grande produção de mudas, que ocorre naturalmente nas áreas com várzeas brejosas, faz com que o espinheiro também seja utilizado no reflorestamento de encostas.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Distribuição O nome do gênero, *Mimosa*, foi dado em razão da sensibilidade das folhas, que em algumas espécies se fecham à noite, com o vento ou quando são tocadas. É um gênero que engloba cerca de 400 espécies, estando a maioria distribuída na América do Sul. O espinheiro está disperso desde Pernambuco até o Rio Grande do Sul. É uma espécie exclusiva da Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, nas áreas de planície e encosta, e da floresta latifoliada semi-decídua (nas bacias do Paraná e Uruguai).

Ilha É uma planta muito comum, ocorrendo em vários ambientes.

Classe Angiosperma. **Família** Leguminosae. **Subfamília** Mimosoideae.

Nome científico *Mimosa bimucronata*. **Nome comum em português** espinheiro, silva, espinheiro, maricá, angiquinho, unha-de-gato. **Espanhol** marica, yuquerí, espinillo. **Inglês** Giant Mimosa.



A disposição oposta dos espinhos inspirou o nome científico desta planta *Mimosa bimucronata*.

pau-jacaré

Piptadenia gonoacantha

O tronco possui como característica asas lenhosas longitudinais, conferindo o nome comum da espécie: pau-jacaré (pág. 183). Os ramos e o tronco também são cobertos por espinhos. É uma árvore semidecídua, pois perde as folhas durante o período mais seco do ano. É heliófita, necessitando de intensa radiação solar para o completo desenvolvimento. Considerada uma árvore de rápido crescimento, pode atingir entre 20 e 30 metros de altura quando adulta. O tronco é cilíndrico e reto, atingindo cerca de 40 a 60 centímetros de diâmetro. Possui grande ramificação, mas, apesar da formação de uma ampla copa esta é esparsa e rarefeita. As inflorescências ficam localizadas nos finos ramos terminais e são formadas por diminutas flores amarelas. O fruto é uma vagem achatada e alongada, com 15 a 18 centímetros de comprimento, que abriga cerca de 10 pequenas sementes marrom-escuras de formato arredondado irregular (pág. 182). Entre setembro e outubro as vagens ficam amareladas e o amadurecimento resulta na abertura do fruto e liberação natural das sementes.

Utilização As flores do pau-jacaré são procuradas pelas abelhas para produção de mel. Por ser uma planta pioneira e de rápido crescimento, o plantio do pau-jacaré é indicado na recomposição de áreas degradadas.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Distribuição Ocorre desde o Rio de Janeiro até Santa Catarina, e a oeste está presente em Minas Gerais e Mato Grosso do Sul. Na faixa atlântica o pau-jacaré é encontrado nas áreas de encostas cobertas pela Floresta Pluvial da Encosta Atlântica. Já em São Paulo é mais frequente na floresta semidecídua com altitudes entre 500 e 700 m. É uma árvore dos primeiros estágios de sucessão. Em Santa Catarina ocorre nas áreas de capoeira e capoeirões.

Ilha Está amplamente dispersa.

Classe Angiosperma. **Família** Leguminosae. **Subfamília** Mimosoideae. **Nome científico** *Piptadenia gonoacantha*. **Nome comum em português** pau-jacaré, casco-de-jacaré, angico-branco, jacaré, monjoleiro, icarapé. **Espanhol** yacare.

cedro

Cedrela fissilis

Em tupi-guarani o cedro é chamado de acaicá, cujo significado é árvore piramidal, ou ygaribá, que significa árvore-das-canoas. O cedro é uma árvore comum tanto na floresta primária, compondo parte do estrato superior, como na floresta secundária em estágio final de formação, ocorrendo nesta situação em grande densidade. Foi uma das árvores de madeira de lei mais comuns no estado de Santa Catarina. Apesar de ter sido intensamente explorada, ainda podemos encontrar exemplares nas matas da Ilha. É uma espécie higrófito, que necessita de solos com bastante água, o que a torna mais comum nas áreas mais baixas e úmidas dos vales e planícies aluviais. Planta decídua que perde as folhas nos períodos mais secos do ano, também é heliófito, necessitando estar exposta ao sol para desenvolver-se. A altura fica em torno dos 20 a 35 m, e nos exemplares maiores o tronco pode alcançar 90 a 150 cm de diâme-



Frutos encontrados no solo, sendo que alguns estão abertos e liberaram as sementes.

tro. O tronco é muito reto e comprido, e as ramificações dos galhos têm início na metade superior da árvore, sendo grossos e tortuosos. A casca possui a cor castanho-esbranquiçada, apresentando sulcos profundos e cristas no sentido vertical. A copa é arredondada e semiaberta. As folhas são grandes e compostas, com 60 a 120 cm de comprimento e 20 a 30 cm de largura, apresentando 12 a 15 pares de folíolos lanceolados (pág. 182). Os folíolos podem ser alternos ou opostos, medindo entre 8 e 15 cm de comprimento e 3 a 4 cm de largura. O cedro apresenta inflorescência amarela que fica distribuída em um cacho com comprimento que pode variar entre 5 e 30 cm. A flor é pequena, apresentando 7 a 12 milímetros de comprimento, e floresce de setembro a dezembro. O fruto é castanho-escuro e ao tornar-se seco se abre abaixo da metade, liberando as sementes. É de tamanho grande, podendo alcançar 10 centímetros de comprimento por quatro centímetros de largura. As sementes são aladas, planas, lateralmente compridas, com aproximadamente quatro centímetros de comprimento. A dispersão das sementes é feita pelo vento. Os frutos amadurecem de julho a agosto, período que coincide com a perda das folhas.

Utilização O cedro é bastante utilizado para compor o paisagismo de parques e grandes jardins. É uma das plantas indicadas em reflorestamentos de áreas de preservação permanente, visando à recomposição.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Conservação Está na lista da IUCN com o *status* de ameaçado em função da perda de habitat e da redução populacional pela exploração da madeira através da extração e corte seletivo.

Distribuição O gênero *Cedrela* possui cerca de 18 espécies de origem tropical e subtropical, sendo encontradas nas Américas Central e do Sul, Ásia e Oceania. O cedro ocorre desde a Costa Rica até o sul do Brasil, Argentina e Peru. Apesar de ocorrer em todo o Brasil, é mais frequente nos estados entre Minas Gerais e o Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina está presente na Floresta Pluvial da Encosta Atlântica ao longo da faixa leste e na região do planalto.

Ilha É possível encontrá-lo nas florestas secundárias, como nas encostas dos morros da Lagoa da Conceição.

Classe Angiosperma. **Família** Meliaceae. **Nome científico** *Cedrela fissilis*. **Nome comum em português** cedro, cedro-branco, cedro-da-várzea, cedro-rosa, cedro-batata. **Espanhol** cedro misionero, cedro blanco, cedro.

aroeira

Schinus terebinthifolia

A aroeira é uma planta tipicamente pioneira, pois geralmente está presente naqueles ambientes em processo de regeneração para recomposição da mata secundária – capoeira e capoeirão. É uma espécie heliófita, preferindo

lugares expostos à radiação solar, e perenifólia, isto é, as folhas permanecem na planta o ano inteiro. É uma árvore de altura média, podendo chegar a 10 metros de altura em determinados locais. O tronco é tortuoso e muito ramificado, e a casca, marrom com grande quantidade de fissuras (pág. 116). É comum liberar resina que possui um forte odor de terebintina. Floresce no início do outono e as flores são brancas e muito pequenas, formando cachos ou racimos axilares com 5 a 10 cm de comprimento. As flores são procuradas pelas abelhas para produção do mel (pág. 53). Os frutos, bem arredondados com 0,5 centímetro de diâmetro e em vermelho-vivo, formam cachos (pág. 116). As sementes, marrons, um pouco menores que os frutos (0,3 centímetro de diâmetro), são também bem arredondadas. A maturação dos frutos ocorre no final do outono.

Utilização O fruto é consumido e comercializado como pimenta, daí também o nome comum de aroeira-pimenteira. A aroeira é uma planta ornamental, especialmente na época de frutificação, pois os frutos em vermelho-vivo permanecem por um longo período na árvore. Várias espécies de aves, como o aracuã (*Ortalis guttata*, pág. 97), consomem o fruto desta planta e terminam por dispersar as sementes em outros locais. Algumas pessoas podem desenvolver urticária quando as folhas desta planta entram em contato com a pele.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica e restingas.

Distribuição O gênero *Schinus* possui aproximadamente 28 espécies, sendo a maioria de origem sul-americana. No Brasil a distribuição da aroeira inicia-se em Pernambuco e termina no Rio Grande do Sul, estando também dispersa no Mato Grosso do Sul. É uma planta que pode ser encontrada em várias formações vegetais. É muito comum nas várzeas úmidas, nas margens de córregos e rios, embora também seja frequente encontrá-la em locais com solos secos e pobres e em diferentes ambientes. Em Santa Catarina é encontrada na Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, restingas, bordas de manguezais e na região do planalto.

Ilha Abundante nas restingas como na Praia do Moçambique e na Lagoa da Conceição, e áreas em processo natural de regeneração.

Classe Angiosperma. **Família** Anacardiaceae. **Nome científico** *Schinus terebinthifolia*. **Nome comum em português** aroeira, aroeira-vermelha, aroeira-da-praia, aroeira-pimenteira, aroeira-do-brejo, aroeira-do-campo, coração-de-bugre, aguaraiaba. **Espanhol** chichita. **Inglês** Brazilian Pepper Tree, Christmas Berry Tree.

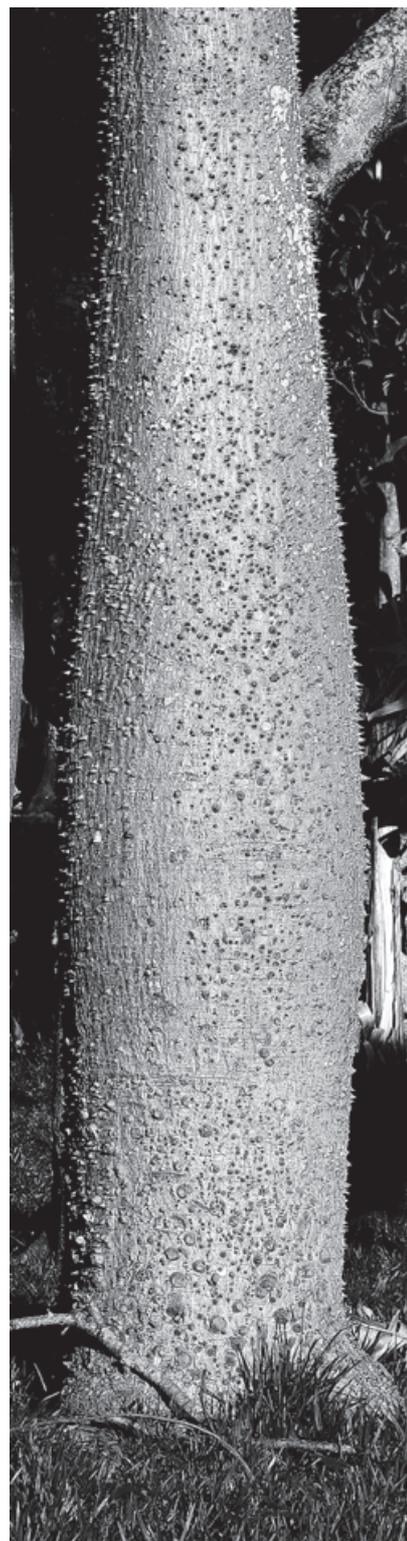
paineira-rosa

Chorisia speciosa

É uma árvore decídua, perdendo as folhas durante o período mais seco do ano (pág. 192). É heliófita, necessitando de radiação solar direta

para o seu pleno desenvolvimento. A árvore adulta possui galhos grossos e ramagem frondosa, e sua altura pode variar entre 15 e 30 m. O tronco é cilíndrico e largo, alcançando de 80 a 120 cm de diâmetro. A casca do tronco, lisa em um tom esverdeado, é coberta por pequenos acúleos (espinhos). As folhas são alternas, compostas, digitadas com cinco a sete folíolos na cor verde-escura e fixadas ao ramo por um longo pecíolo. Os folíolos variam de tamanho, medindo entre 6 e 12 centímetros de comprimento e dois a seis centímetros de largura. A flor hermafrodita (possui os órgãos masculinos e femininos – estames e pistilos) é grande e vistosa (pág. 124). Está disposta em pares ou solitária, possui cinco pétalas longas de margem ondulada com 6 a 11 centímetros de comprimento, sendo branca a parte inicial e central da pétala, tornando-se cor-de-rosa até a extremidade. Possui cinco estames totalmente unidos formando um tubo. O período da floração inicia-se em dezembro e vai até abril. O fruto é uma cápsula cilíndrico-ovóide esverdeada, com 9 a 15 centímetros de comprimento e cinco centímetro de diâmetro, que se abre ao alcançar a maturidade. Cada fruto abriga várias sementes envoltas por filamentos sedosos denominados “paina”, que facilitam a dispersão pelo vento (pág. 210). A semente é marrom, arredondada e de tamanho pequeno (1,5 centímetro de diâmetro). A maturação do fruto ocorre de agosto a outubro, e durante parte deste período a árvore fica completamente desprovida de folhas (pág. 210).

Utilização A paineira-rosa é uma árvore bastante utilizada para fim ornamental devido à intensa floração e seu grande porte. A grande produção de sementes, facilmente dispersas pelo vento, faz com que seu plantio seja indicado na recuperação de áreas de preservação permanente que foram degradadas.



O tronco chama a atenção pela forma de garrafa. Em espanhol esta árvore se chama *palo borracho*, que significa “pau bêbado”.

Ambiente Urbano.

Distribuição A paineira-rosa ocorre em Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em Santa Catarina distribui-se no sudoeste do estado, na floresta latifoliada da bacia do Rio Uruguai. Pode ser encontrada tanto no interior da floresta primária quanto na secundária em término de processo de sucessão. Ocorre predominantemente nos fundos dos vales e nas planícies aluviais, pois prefere solos mais úmidos e ricos em matéria orgânica.

Ilha A ocorrência da paineira-rosa na Ilha de Santa Catarina é resultado de plantios para fins ornamentais. Hoje se encontra dispersa e quando em floração se destaca na paisagem do Morro da Queimada, atrás do Hospital de Caridade (pág. 158).

Classe Angiosperma. **Família** Bombacaceae. **Nome científico** *Chorisia speciosa*. **Nome comum em português** paineira-rosa, paineira, árvore-de-paina, paineira-branca, paina-de-seda, árvore-de-lã. **Espanhol** palo borracho. **Inglês** Floss Silk Tree, Kapok Tree.

vassoura-vermelha

Dodonaea viscosa

Esta planta é frequentemente observada onde predominam os solos arenosos, nos quais a vegetação original foi retirada, sendo, portanto, uma planta colonizadora. É heliófita, ou seja, necessita da exposição solar para o desenvolvimento, e decídua, pois as folhas caem nas épocas mais secas do ano. O porte varia entre arbustivo e arvoretado, alcançando entre 3 e 8 m de altura. A copa é geralmente arredondada e o tronco estreito com cerca de 25 cm de diâmetro. A casca caracteriza-se pelas numerosas e pequenas fissuras no sentido vertical. A folha é simples com disposição alterna. Apresenta forma lanceolada, isto é, é estreita com uma terminação aguda na base e no ápice, as margens laterais são lisas e a nervura central é bem visível. A face anterior é mais escura e brilhante que a posterior. O comprimento da folha varia de 4 a 8 cm, enquanto a largura oscila entre 8 e 16 mm. A inflorescência for-



No ambiente aberto das dunas da Lagoa da Conceição a vassoura-vermelha adquire um porte mais arbustivo e galhos com distribuição mais tortuosa.

ma um cacho, cuja haste se origina no ponto de inserção de duas folhas. A flor é hermafrodita, muito pequena e pouco vistosa, alcançando apenas cinco milímetros de diâmetro. A floração ocorre durante todo o ano, mas com maior frequência entre maio e agosto. O fruto é capsular com dois centímetros de comprimento, apresentando 2 a 6 facetas de textura bem fina e abrindo-se quando maduro. Os frutos são muitas vezes confundidos com as flores pela beleza e coloração vermelho-vivo, o que deu origem ao nome comum desta planta (pág. 213). A semente é negra, arredondada e possui apenas três mm de diâmetro. O fruto amadurece entre setembro e novembro.

Utilização A vassoura-vermelha é uma importante árvore pioneira, pois proporciona ambiente ideal no processo de sucessão às espécies que necessitam de sombra para crescer, como a peroba (*Aspidosperma* sp) ou o cedro (*Cedrela fissilis*, pág. 200). A grande produção de sementes faz com que esta planta seja indicada no reflorestamento, especialmente na contenção de dunas próximas ao litoral. A flor é amplamente utilizada pelas abelhas para produção do mel.

Ambiente Restingas, Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Distribuição Com ampla distribuição, a vassoura-vermelha ocorre nas regiões tropicais e subtropicais. Nas Américas, está dispersa desde os Estados Unidos, sendo encontrada também na América Central, Peru, Bolívia, Uruguai e Argentina. No Brasil, a distribuição tem início em São Paulo e vai até o Rio Grande do Sul. É facilmente encontrada na faixa litorânea, ocorrendo nas áreas de restingas alteradas pelo homem e nas áreas de encostas, podendo também alcançar as regiões mais altas da Serra do Mar.

Ilha Abundante nas restingas, como na região do Campeche e da Praia da Daniela.

Classe Angiosperma. **Família** Sapindaceae. **Nome científico** *Dodonaea viscosa*. **Nome comum em português** vassoura-vermelha, vassourão, vassoura-do-campo, faxina-vermelha, erva-de-veado. **Espanhol** chirca de monte, matagusano, cachoveano. **Inglês** Hopseed bush.

olandi

Calophyllum brasiliense

Uma característica do olandi é a natural exsudação de látex, comum nas árvores da família Guttiferae. Cresce em locais com alta exposição solar (heliófita), sendo a folhagem perene. O tronco é reto e cilíndrico, e relativamente largo (50 a 70 cm de diâmetro). A casca pode ser marrom ou parda, com muitas fissuras irregulares. É uma árvore alta, podendo alcançar até 30 metros de altura, com galhos grossos e bastante ramificados, favorecendo a formação de uma copa larga e densamente foliada. As folhas

são de um verde intenso, espessas, rígidas, de formato elíptico e de grande tamanho, variando entre 10 e 13 cm de comprimento e 5 a 6 cm de largura. A observação das folhas permite a fácil identificação desta árvore, pois se caracteriza por possuir numerosas nervuras paralelas. Na primavera, o olandi se destaca na floresta das demais espécies, pois a folhagem mais nova apresenta coloração de um marrom bem característico. As flores são pequenas (5 a 6 mm) e se distribuem formando um pequeno cacho multifloral branco (pág. 210). A floração ocorre nos meses de setembro a novembro.

Utilização É uma espécie ornamental, sendo seu uso indicado no paisagismo. O fruto do olandi é consumido pelas aves e por diferentes espécies de animais frugívoros, que terminam por dispersar suas sementes. Assim, a produção de grandes quantidades de sementes viáveis pela árvore, aliada à dispersão pelos animais, faz com que o olandi seja indicado no reflorestamento para recuperação de matas ciliares.

Ambiente Floresta das planícies quaternárias, restingas, Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Distribuição O olandi possui grande distribuição no Brasil, ocorrendo na Amazônia, nos estados do Centro-Oeste e nas planícies litorâneas ao longo de toda a costa atlântica até o norte de Santa Catarina. Está presente em diferentes formações vegetais, tais como floresta amazônica, cerrado e Floresta Pluvial da Encosta Atlântica. Em Santa Catarina ocorre predominantemente nas áreas das florestas das planícies quaternárias com solos úmidos e inundáveis, onde chega a formar populações puras. É uma espécie colonizadora, podendo ser encontrada tanto na floresta primária como nas capoeiras e capoeirões da floresta secundária em diferentes estágios de sucessão.

Ilha Sua distribuição é limitada. Encontra-se, por exemplo, nos poucos remanescentes da floresta das planícies quaternárias entre as Praias da Daniela e Jurerê.

Classe Angiosperma. **Família** Guttiferae. **Nome científico** *Calophyllum brasiliense*. **Nome comum em português** olandi, landim, landi, olandim, guanandi, galandi-carvalho, guanandi-cedro. **Espanhol** barí, leche amarilla, Santa María, cedro cimarrón.

O fruto é verde, bem arredondado e duro, medindo até 3 cm de diâmetro e apresentando uma única semente também arredondada na cor amarelo-escura. A maturação dos frutos ocorre durante o outono e o inverno.



mangue-vermelho

Rhizophora mangle

Nas regiões nas quais ocorre, o mangue-vermelho alcança entre 6 e 10 metros de altura. Porém, em Santa Catarina, devido ao clima mais frio da região Sul, alcança apenas 4 metros de altura. Esta planta se caracteriza pela grande quantidade de raízes aéreas ou de suporte, formadas por vários feixes encurvados, que saem do tronco. Assim, as raízes ficam parcialmente expostas e dão sustentação à planta. Uma vez que o solo lodoso dos manguezais possui pouca drenagem e aeração, a função da exposição parcial das raízes é possibilitar a captação de oxigênio pela planta durante a maré baixa. As folhas são opostas, com formato oval lanceolado, coriáceas, em verde-escuro na face superior e verde-claro na inferior, com 8 a 10 centímetros de comprimento e 4 a 5 centímetros de largura. A inflorescência é formada por flores hermafroditas e muito pequenas, com quatro sépalas coriáceas e quatro pétalas na cor branco-esverdeada. O fruto é alongado e



A palavra para o gênero *Rhizophora* vem do grego e significa portador de raízes (rhiza= raiz e horós=portador), por causa da exposição das raízes acima do solo. Acima, mangue-vermelho na Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé.

coriáceo, na cor cinza, com 2 a 2,5 centímetro de comprimento. Com o fruto ainda na planta, a semente germina gerando uma raiz, por vezes comprida (pág. 183), para logo cair no chão e continuar seu desenvolvimento abaixo da planta-mãe (pág. 183). Floresce e frutifica de setembro a março.

Ambiente Manguezais.

Distribuição O mangue-vermelho possui ampla distribuição ao longo da costa do Atlântico e do Pacífico, desde o sul da América do Norte até o sul do Brasil, na África, do Senegal até Nigéria e Angola, e na Melanésia e Polinésia. No Brasil está disperso ao longo da costa atlântica, desde o Amapá até Santa Catarina.

Ilha É onde ocorre o limite meridional de dispersão desta espécie, pois mais ao sul não há mais áreas com manguezais. Pode ser facilmente observado na Reserva Extrativista Marinha do Pirajubaé.

Classe Angiosperma. **Família** Rhizophoraceae. **Nome científico** *Rhizophora mangle*. **Nome comum em português** mangue-vermelho, apareíba, guaparaíba, guapereíba, mangue-mangue. **Espanhol** mangle rojo. **Inglês** Red Mangrove.

amendoeira

Terminalia catappa

É uma árvore decídua, pois no outono as folhas ficam avermelhadas e, posteriormente, amarronzadas, caindo em seguida. Alcança cerca de 10 metros de altura e os galhos são dispostos em camadas horizontais, razão pela qual também é conhecida por sete-copas. O tronco é curto com casca rugosa e acinzentada. As folhas apresentam disposição alterna e se caracterizam pelo grande tamanho (20 a 30 centímetros de comprimento). É coriácea, inteira e simples, com nervuras bem visíveis. A inflorescência é pouco vistosa, de cor branco-esverdeada, unissexual, porém flores de ambos os sexos ficam dispostas no mesmo ramo. Floresce de novembro a março. O fruto é uma drupa elipsóide bi-angulada, de 3 a 5 centímetros de comprimento, com polpa carnosa contendo no seu interior uma semente (castanha) arredondada e rica em óleo (pág. 189). As sementes são liberadas apenas após a putrefação do fruto. A frutificação ocorre a partir de fevereiro, indo até setembro.

Utilização É cultivada em quase todas as regiões tropicais do mundo, sendo bastante utilizada nas praias urbanas, pois a copa fornece amplo sombreamento. Entretanto, anualmente a amendoeira perde completamente as folhas, tornando necessária a constante limpeza do terreno. O fruto e a castanha (semente) são comestíveis.

Ambiente Espécie exótica – ambiente urbano.

Distribuição É originária da África e de algumas ilhas da costa da Índia e da Malásia, locais nos quais cresce próximo à orla marítima. No Brasil a



savacu
Nycticorax nycticorax



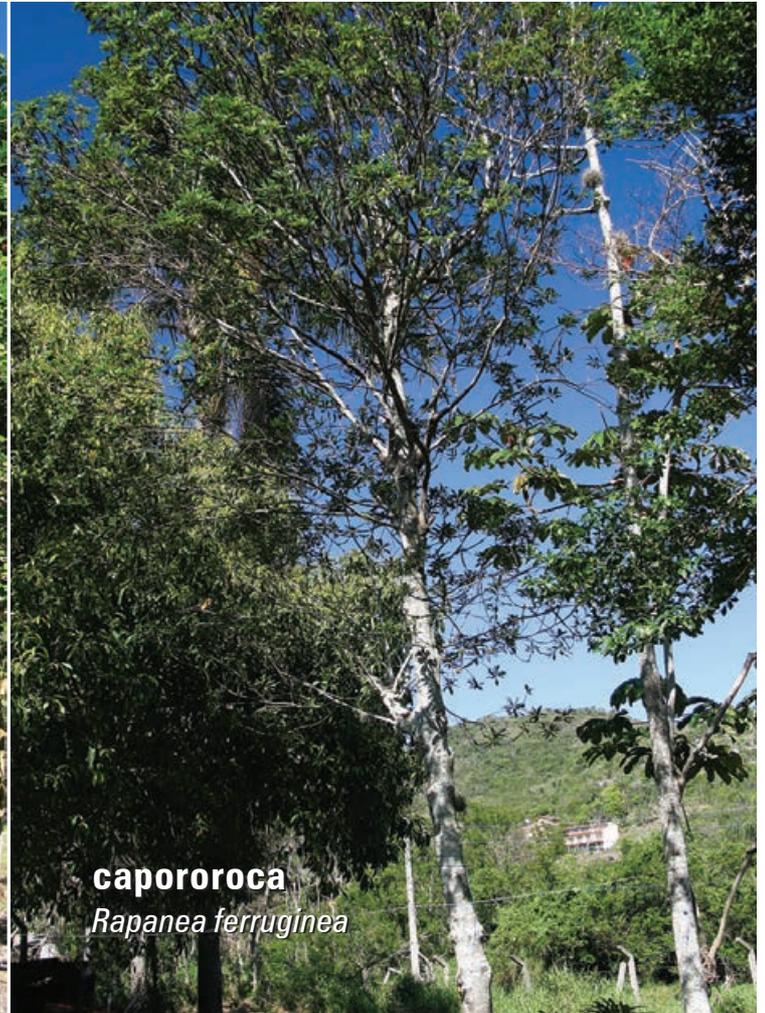
paineira-rosa
Chorisia speciosa



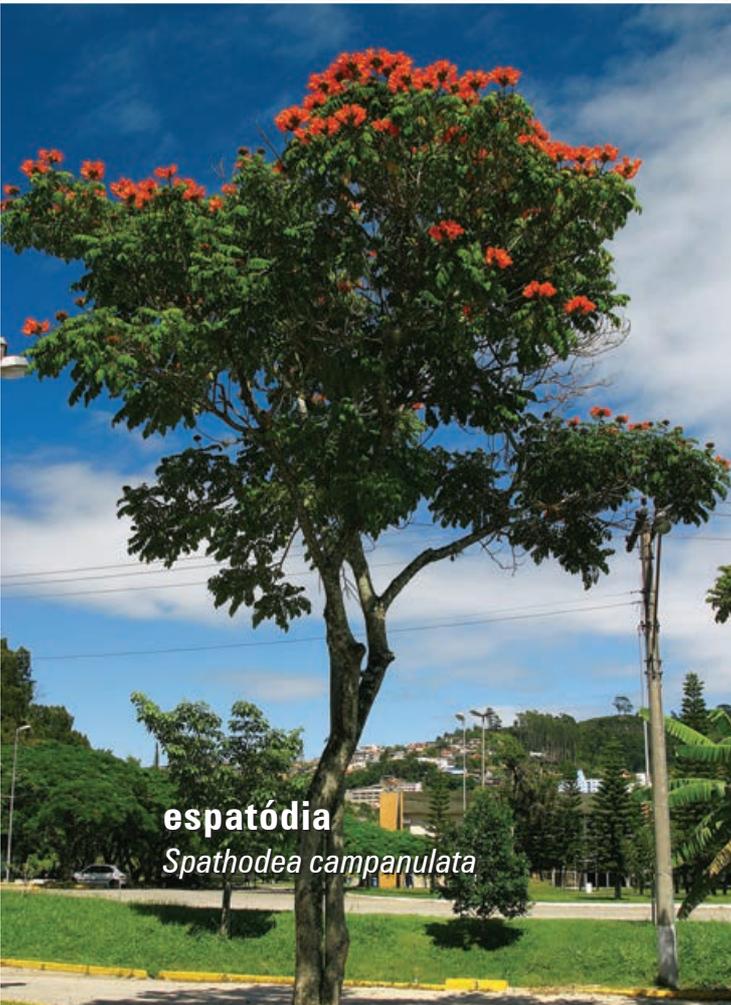
olandi
Calophyllum brasiliense



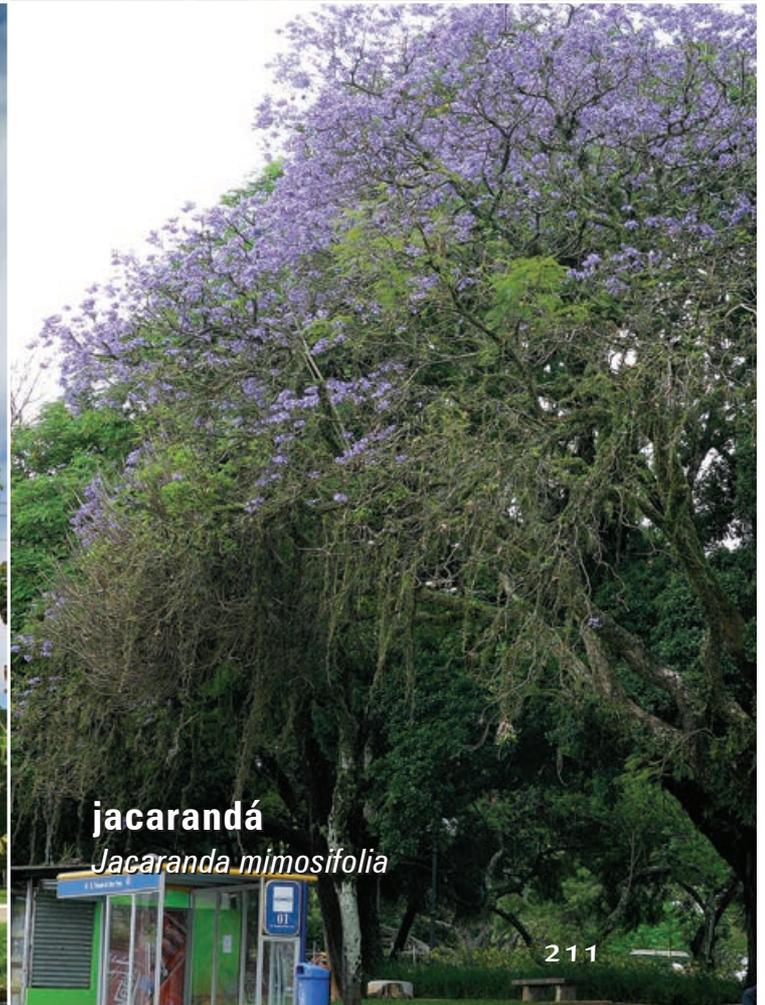
araçá
Psidium cattleianum



capororoça
Rapanea ferrugínea



espatódia
Spathodea campanulata



jacarandá
Jacaranda mimosifolia



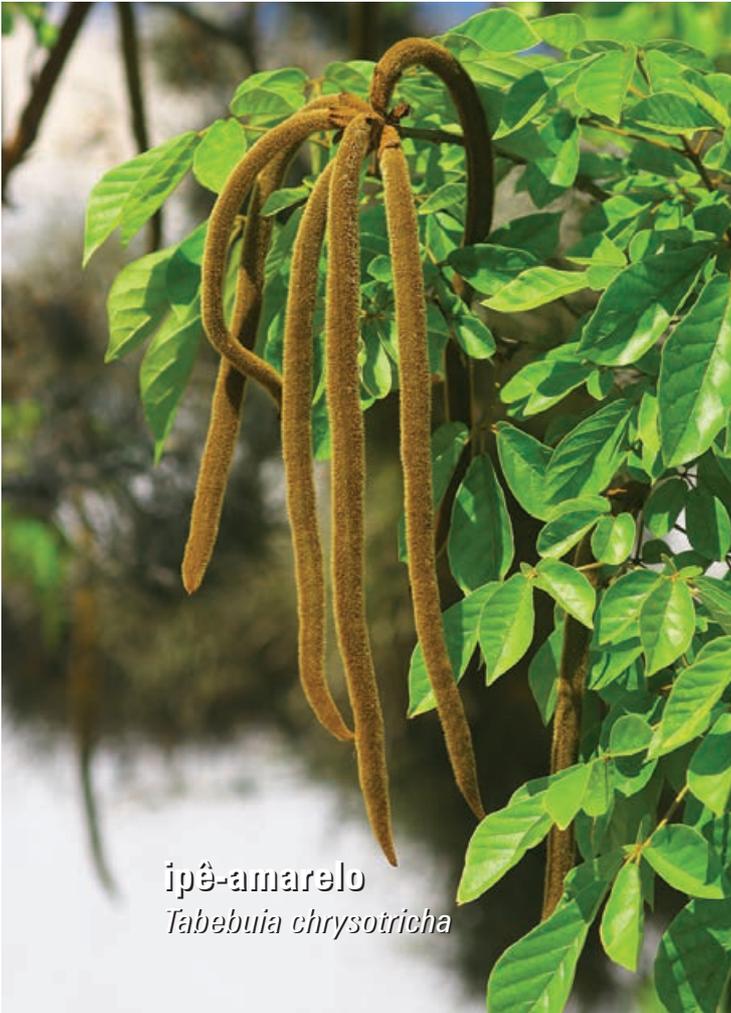
jacatirão

Miconia cinnamomifolia

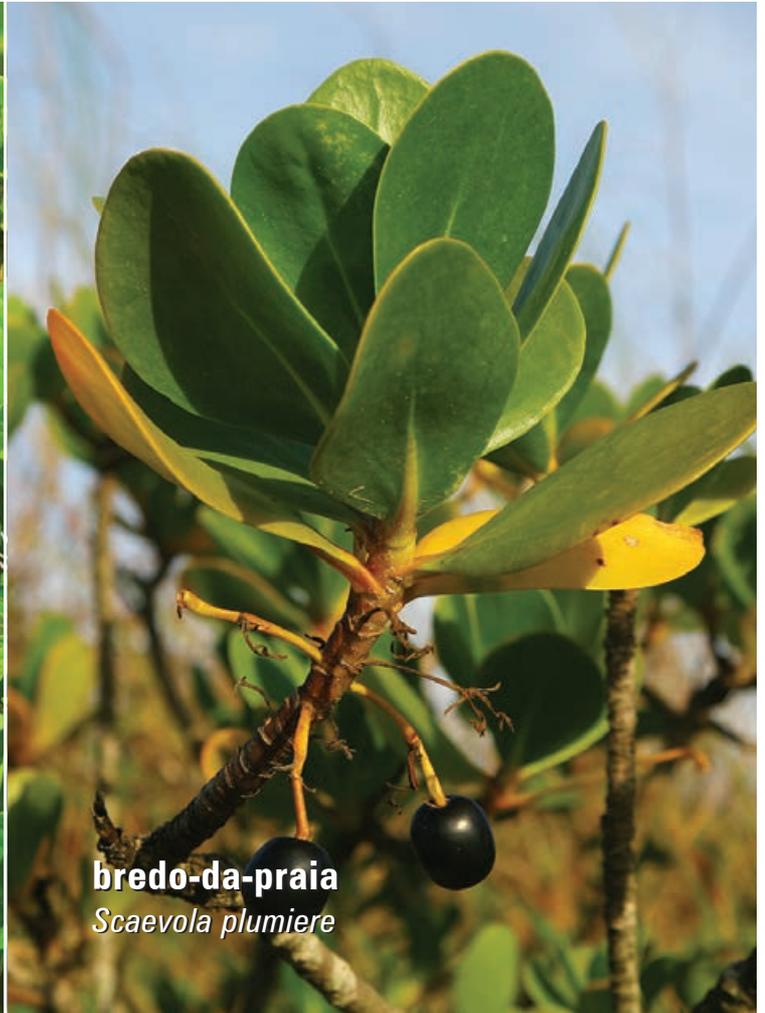


araçá

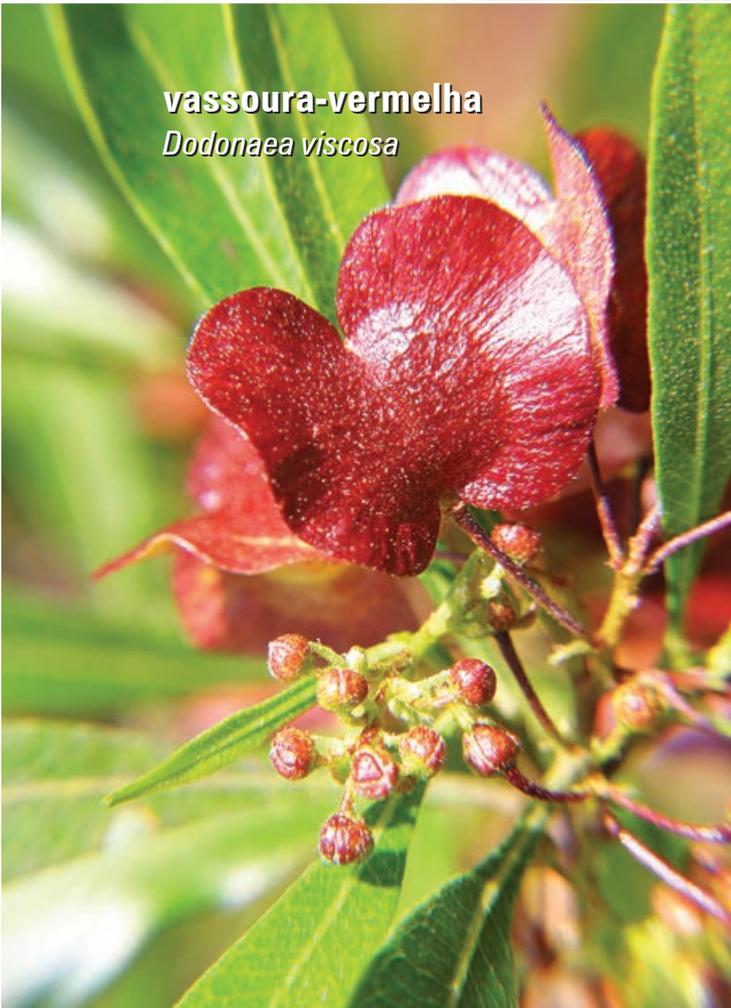
Psidium cattleianum



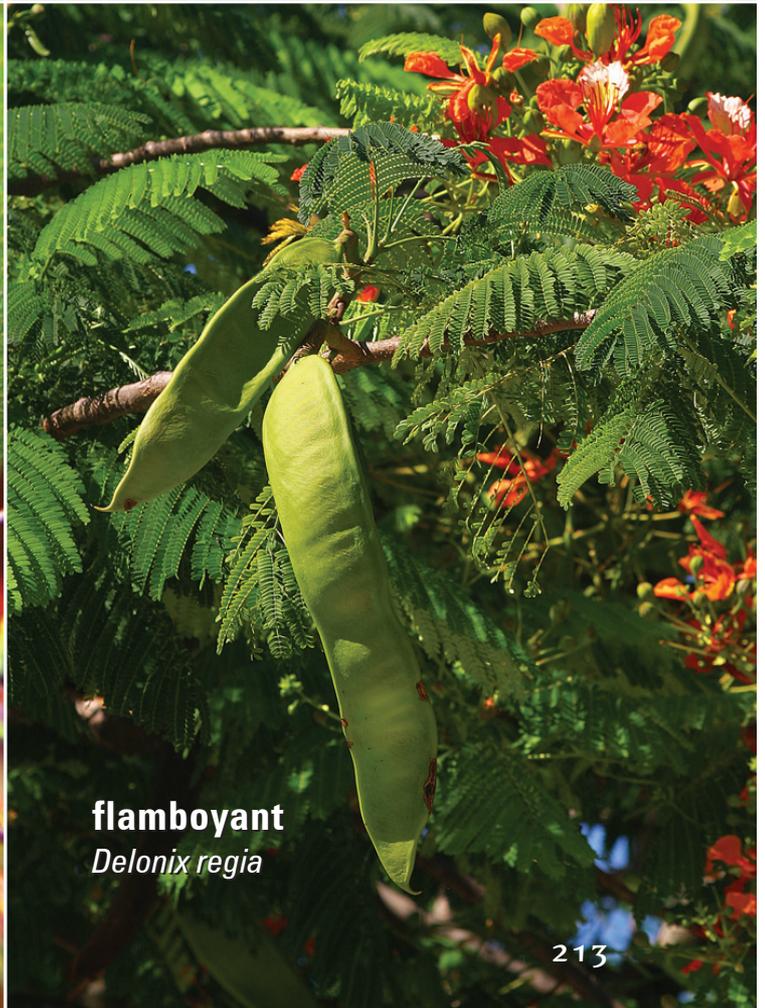
ipê-amarelo
Tabebuia chrysotricha



bre-do-da-praia
Scaevola plumiere



vassoura-vermelha
Dodonaea viscosa



flamboyant
Delonix regia



sagui-do-cerrado
Callithrix penicillata
Lagoa da Conceição



sagui-de-cara-branca
Callithrix geoffroyi



coati
Nasua nasua
Ilha do Campeche



macaco-prego
Cebus nigritus
Lagoa da Conceição



lontra
Lontra longicaudis
Lagoa do Peri

martim-pescador-grande
Ceryle torquata



Floresta e Lagoa
Lagoa da Conceição



garça-azul
Egretta caerulea





sabiá-do-campo
Mimus saturninus



joão-de-barro
Furnarius rufus



saracura-três-potês
Aramides cajanea



marreca-parda
Anas georgica



tapicuru-de-cara-pelada
Phimosus infuscatus



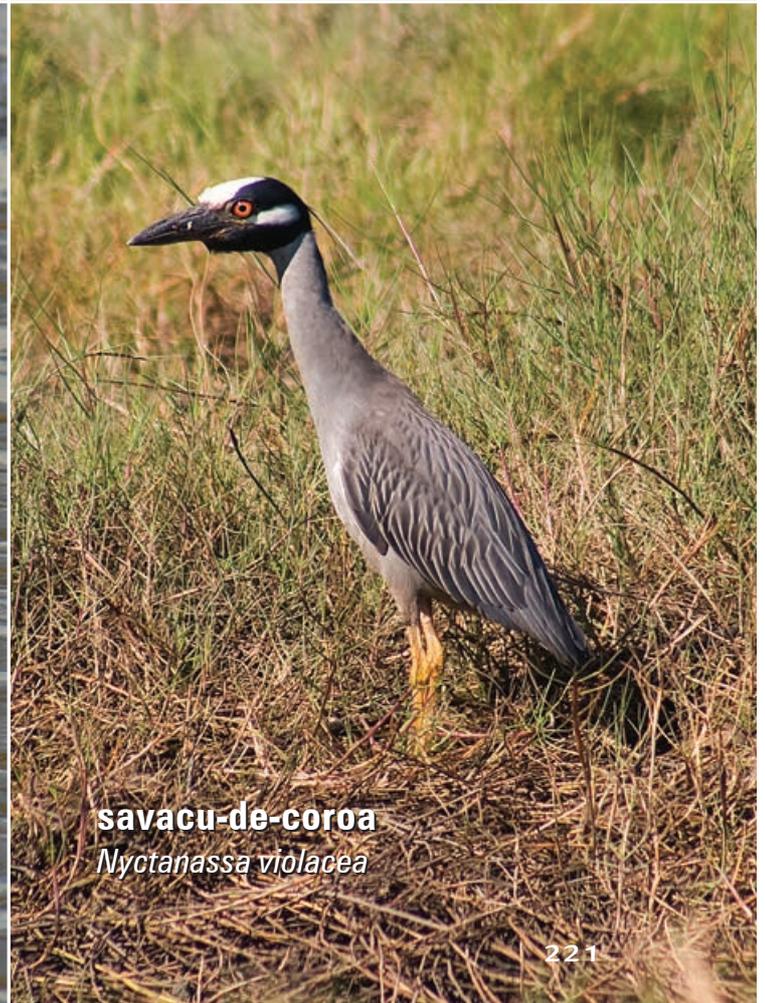
savacu
Nycticorax nycticorax
Jovem



beija-flor-de-garganta-verde
Amazilia fimbriata



batuíra-de-bando
Charadrius semipalmatus



savacu-de-coroa
Nyctanassa violacea



biguá

Phalacrocorax brasilianus



gaivota

Larus dominicanus



coruja-buraqueira

Speotyto cunicularia



garça-branca-pequena

Egretta thula



fragata
Fregata magnificens



**garça-branca-pequena, garça-branca-grande,
garça-azul e garça-vaqueira**
Egretta thula, Ardea alba, Egretta caerulea e Bubulcus ibis
Ninhal misto
Estação Ecológica de Carijós



sabiá-poca
Turdus amaurochalinus

amendoeira foi introduzida na metade do século passado, sendo bastante utilizada no paisagismo urbano devido à tolerância a ambientes salinos.

Ilha Amplamente dispersa, podendo ser observada em grande quantidade no Campus Universitário (UFSC), na orla da antiga beira-mar da Costeira do Pirajubaé e na Avenida das Rendeiras, na Lagoa da Conceição.

Classe Angiosperma. **Família** Combretaceae. **Nome científico** Terminalia catappa. **Nome comum em português** amendoeira, amendoeira-da-praia, amendoeira-da-índia, sete-copas, chapéu-de-sol, guarda-sol, castanhola. **Espanhol** sombrero. **Inglês** Tropical Almond Tree.

mangue-branco

Laguncularia racemosa

O mangue-branco é menor que o mangue-preto (*Avicennia schaueriana*, pág. 231). A porção final da raiz fica exposta acima do solo, e é denominada pneumatóforo ou raiz de aeração. Estas protuberâncias são mais grossas e curtas que as do mangue-preto, apresentado ainda um formato arredondado na sua extremidade. A casca é irregularmente fissurada. As folhas possuem coloração verde-clara e o pecíolo nitidamente avermelhado. São opostas, coriáceas, simples, com formato oval lanceoladas, apresentando 9 centímetros de comprimento e 5 centímetros de largura. As flores são bissexuais e muito pequenas, ficando dispostas ao longo da ramagem terminal da planta. Floresce de setembro a janeiro. O fruto é pequeno com 11 milímetros de comprimento e 6 milímetros de largura, de formato alongado e apresentando uma única semente. O nome do gênero (*Laguncularia*) vem do latim – *laguncula* – que significa “pequeno frasco para vinho”, referindo-se ao formato do fruto (pág. 189). Frutifica de fevereiro a maio.

Ambiente Manguezais.

Distribuição O mangue-branco ocorre na América tropical e subtropical e na África Ocidental. No Brasil se distribui ao longo de toda a costa atlântica. Em Santa Catarina está presente, além da Ilha de Santa Catarina, nos municípios de Garuva, Laguna, Palhoça e São Francisco do Sul.

Ilha O mangue-branco ocupa as áreas mais secas dos manguezais, que são inundáveis apenas nos períodos em que ocorrem as marés mais altas. Pode ser facilmente observado na Estação Ecológica de Carijós.

Classe Angiosperma. **Família** Combretaceae. **Nome científico** *Laguncularia racemosa*. **Nome comum em português** mangue-branco, mangue-amarelo, mangue-de-sapateiro, mangue-manso. **Espanhol** mangle blanco. **Inglês** White Mangrove.

araçá

Psidium cattleianum

O nome vem da palavra grega *psidion*, que significa granada, fazendo referência ao fruto. O tronco em geral é fino e tortuoso. Nos indivíduos de maior tamanho a circunferência do tronco é de aproximadamente 25 centímetro de diâmetro. Outra característica típica desta família é a casca lisa avermelhada, sendo comum a liberação de placas finas e irregulares. Nos locais em que a casca se solta, o tronco apresenta manchas esbranquiçadas. O araçá prefere locais ensolarados (planta heliófita), podendo o solo ser úmido ou seco. A altura varia de 3 a 10 m, sendo a copa irregular e esparsa (pág. 211). As folhas possuem pequenas cápsulas oleosas, que produzem um odor característico, outra particularidade das plantas desta família. São opostas, ou seja, duas folhas estão inseridas no mesmo ponto da ramagem. O formato é ovóide, e o tamanho varia entre 5 e 8 centímetros de comprimento e 3 a 6 centímetros de largura. Apresentam uma visível nervura central e várias nervuras secundárias menos visíveis (6 a 8 pares) distribuídas paralelamente. A flor é branca, com perfume agradável, e surge solitária nas axilas das folhas sobre um curto pedúnculo. Possui até 2,5 centímetros de diâmetro e apresenta um grande número de estames. A floração do araçá começa em junho e termina em dezembro. O fruto é arredondado, com cerca de 3 centímetros de diâmetro (pág. 212), e quando maduro, dependendo da variedade, pode ser amarelado ou vermelho. É comestível, com polpa branca ou avermelhada e adocicada. Cada fruto contém muitas sementes amarelas e duras, com aproximadamente 0,3 cm de diâmetro. A frutificação começa no mês de setembro e termina em março. O araçá é da mesma família da goiabeira, por isso é comum que as pessoas associem as duas plantas, ainda que haja diferenças marcantes entre os dois frutos.

Utilização Por possuir um fruto saboroso, o araçá é bastante cultivado nos pomares domésticos. Os frutos fornecem importante recurso alimentar para aves e mamíferos, sendo as aves os principais dispersores naturais desta planta. O araçá é indicado no reflorestamento que visa à recomposição de áreas degradadas de preservação permanente.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica e restingas.

Distribuição *Psidium* é um gênero que possui aproximadamente uma centena de espécies originárias das Américas do Sul e Central. O araçá apresenta ampla distribuição no Brasil, desde a Bahia até o Rio Grande do Sul, ocupando a Floresta Pluvial da Encosta Atlântica e a mata de altitude. Em Santa Catarina é encontrado na Floresta Pluvial da Encosta Atlântica, nas áreas com vegetação de restinga e nos campos do planalto.

Ilha Amplamente dispersa.

Classe Angiosperma. **Família** Myrtaceae. **Nome científico** *Psidium cattleianum*. **Nome comum em português** araçá, araçá-vermelho, araçá-amarelo, araçá-manteiga. **Espanhol** arazá. **Inglês** Strawberry guava, Cherry guava, Catty guava, Chinese guava.

pitangueira

Eugenia uniflora

A pitangueira é bastante cultivada em jardins, pois produz um saboroso fruto. Prefere locais com muita radiação solar, sendo portanto heliófita, comum em solos úmidos (higrófito), embora também seja frequente nos solos mais arenosos e secos. É uma planta semidecídua, isto é, perde parcialmente a folhagem durante os períodos secos. É muito ramificada, formando uma copa com formato esférico e semipiramidal. A altura varia de 5 a 15 m, e o diâmetro do tronco oscila entre 30 e 50 cm. O tronco e os galhos são tortuosos, lisos e descascados, destacando-se pela cor marrom-avermelhada com manchas brancas nos locais sem a casca. As folhas da pitangueira, assim como todas as folhas das plantas da família das Mirtáceas, possuem óleos essenciais, que exalam um forte cheiro, sobretudo ao serem quebradas. As folhas são opostas, com formato ovóide-lanceolado, possuindo em média 6 centímetros de comprimento e 3 centímetros de largura. São simples, com um verde-escuro-brilhante na face superior e verde mais claro na face inferior. As flores são brancas, pequenas, com 1 a 1,5 centímetros de diâmetro, e possuem um agradável perfume. Localizam-se nas extremidades dos ramos, de forma solitária ou formando grupos de dois ou três. A floração ocorre entre agosto e novembro (pág. 124). O fruto é vermelho-vivo e carnosos, com forma arredondada achatada e sulcada longitudinalmente, e seu tamanho varia entre 2 e 2,5 centímetros de diâmetro. No interior do fruto há uma ou duas sementes arredondadas na cor verde-clara. A frutificação ocorre de outubro a janeiro (pág. 183).

Utilização As aves são os principais dispersores naturais desta planta. É indicada nos reflorestamentos que visam à recomposição de áreas degradadas, além de propiciar alimento à avifauna.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica e restingas.

Distribuição O gênero *Eugenia* é muito amplo, possuindo cerca de mil espécies, todas originárias de regiões tropicais e subtropicais. A distribuição tem início em Minas Gerais, descendo até o Rio Grande do Sul. É abundante nas regiões de floresta semidecídua dos planaltos do sul e nas bacias dos rios Paraná e Uruguai.

Ilha Na faixa litorânea com vegetação de restinga existem locais com populações quase puras de pitangueiras.

Classe Angiosperma. **Família** Myrtaceae. **Nome científico** *Eugenia uniflora*.
Nome comum em português pitanga, pitangueira, pitanga-roxa, pitanga-branca, pitanga-do-mato. **Espanhol** ñangapirí, pitanga. **Inglês** Surinam cherry.

jacatirão

Miconia cinnamomifolia

Uma das maneiras de identificar o jacatirão é através do aspecto do tronco. A casca é marrom e completamente marcada por finas fissuras no sentido longitudinal. O jacatirão é uma árvore heliófita, que necessita de sol para o crescimento, e higrófila, ocupando os locais com solos úmidos para se desenvolver. O tronco é reto, e a copa arredondada fica disposta em uma densa ramificação dos galhos. A altura do jacatirão varia de 15 a 20 m, e o diâmetro do tronco alcança entre 30 e 40 centímetros. A folhagem é verde-clara, densa e perene, ou seja, permanece na árvore durante todo o ano. As folhas são simples, brilhantes, coriáceas e sem pelos. A disposição é oposta, com 6 a 10 cm de comprimento e com formato oblongo, isto é, a base e o ápice possuem formato quase igual e o comprimento da folha é superior à largura. Uma característica do jacatirão, assim como das melastomatáceas, é a presença de 3 a 5 nervuras longitudinais na folha. As flores se dispõem em cachos com 5 a 8 cm de comprimento nas pontas dos galhos. São brancas e muito pequenas, com pétalas arredondadas. A floração inicia-se em novembro e termina em janeiro. O fruto é muito pequeno, uma baga carnosa e preta, bem arredondado com cerca de 0,3 centímetro de diâmetro (pág. 212). Amadurece entre abril e junho.

Utilização É uma árvore indicada no paisagismo. O fruto do jacatirão é bastante apreciado pelas aves, que se tornam seus principais dispersores naturais. É uma das plantas indicadas nos trabalhos de reflorestamento para a recomposição de áreas degradadas.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Distribuição O gênero *Miconia* está entre os quatro gêneros que apresentam o maior número de espécies da Floresta Pluvial da Encosta Atlântica. O jacatirão ocorre desde a Bahia até Santa Catarina, onde a distribuição tem início na parte norte, indo em direção sul até Tubarão. Está presente ao longo do litoral, nas encostas com pequenas altitudes preenchidas por florestas de formação secundária, nas quais chega a ser dominante.

Ilha Pode ser facilmente observado na Unidade de Conservação Ambiental do Desterro/UFSC.

Classe Angiosperma. **Família** Melastomataceae. **Nome científico** *Miconia cinnamomifolia*. **Nome comum em português** jacatirão, jacatirão-açu, jacatirão-de-copada, carvalho-vermelho, casca-de-arroz. **Inglês** Miconia.

quaresmeira

Tibouchina urvilleana

A quaresmeira é uma árvore indicada para o uso paisagístico por causa da intensa floração, que ocorre várias vezes ao ano. É uma planta heliófita, que necessita de radiação solar direta para completo desenvolvimento, e perenifólia, ou seja, não perde as folhas durante o inverno. Dependendo do ambiente, pode apresentar a forma arbustiva ou uma arvoreta de pequeno porte, com 1 a 4 metros de altura. As folhas são opostas com formato ovado-lanceolado, com 4 a 12 centímetros de comprimento e 2 a 5 centímetros de largura. Assim como em todas as espécies da família das Melastomatáceas, as folhas possuem nervuras longitudinais (3 a 5), que se iniciam na inserção com o pecíolo e terminam na extremidade. As inflorescências formam cachos terminais, medindo de 8 a 15 cm. A floração é intensa, e o colorido das flores, de um roxo-vivo. A flor é hermafrodita, pois possui os órgãos masculinos e femininos – estames e pistilos. Floresce durante o início do inverno e no verão. O fruto é uma cápsula seca arredondada com um centímetro de diâmetro, aproximadamente. O interior do fruto é preenchido por diminutas sementes com formato irregular. A *Tibouchina urvilleana* é facilmente diferenciada das demais espécies de quaresmeiras por formar extensos agrupamentos arbustivos nas restingas, nas áreas recém-desmatadas e nas dunas (pág. 188).

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica e restingas.

Distribuição O gênero *Tibouchina* engloba cerca de 350 espécies, sendo muitas nativas do Brasil. A *Tibouchina urvilleana* ocorre do Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul, ao longo da costa atlântica.

Ilha Ocorre naturalmente nos ambientes de restinga – em especial na região



O nome comum desta planta se refere à Quaresma, período religioso que coincide com a época da intensa floração.

de entredunas que se estende da Lagoa da Conceição (pág. 246) até a Praia do Campeche –, nos costões entre praias e nos estágios iniciais de sucessão da Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Classe Angiosperma. **Família** Melastomataceae. **Nome científico** *Tibouchina urvilleana*. **Nome comum em português** quaresmeira, quaresma. **Espanhol** planta de lo gloria, tibuchina **Inglês** Glory bush, Princess flower, Lasiandra.

capororoca

Rapanea ferruginea

É uma árvore pioneira que está presente em diferentes estágios de sucessão de formação de uma mata secundária. Por exemplo, nas áreas de encostas chega a ser dominante nos primeiros estágios de formação dos capoeirões. É heliófita, necessitando da radiação solar direta para o pleno desenvolvimento. Não perde as folhas durante o período mais seco do ano. É uma árvore de médio porte, atingindo entre 7 e 15 metros de altura. O tronco é reto e possui entre 30 e 40 centímetros de diâmetro. A ramificação ascendente favorece a formação de uma copa espaçada (pág. 211). A folha é espessa e rígida, com formato estreito e alongado, cujo comprimento varia de 7 a 9 cm. Assim como a flor, o fruto é diminuto (cerca de 3 mm) e fica aderido aos ramos mais finos, preenchendo-os quase por completo. É arredondado e preto. O amadurecimento do fruto ocorre de outubro a dezembro.

Utilização Em função da beleza do formato da copa e do rápido crescimento, pode ser utilizada para fins paisagísticos. A grande produção de frutos desta árvore fornece recurso alimentar para várias espécies de aves, que auxiliam na dispersão das sementes. Estes dois atributos conferem a esta planta uso indicado ao reflorestamento. Além disso, a capororoca propicia um microclima importante para o sucesso no plantio de árvores com crescimento mais lento, que necessitam de um ambiente sombreado e mais úmido, tais como cedro, louro, canela e a peroba.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Distribuição A capororoca está presente em todo o país em diferentes formações vegetais, sendo uma das espécies mais frequentes nas áreas de Floresta Pluvial da Encosta Atlântica no Sul do país.

Ilha Abundante nas florestas das encostas dos morros.

Classe Angiosperma. **Família** Myrsinaceae. **Nome científico** *Rapanea ferruginea*. **Nome comum em português** capororoca, azeitona-do-mato, camará, capororocaçu, capororoca-vermelha, pororoca, capororoca-mirim. **Espanhol** canelón.

Iantana

Lantana camara

Esta planta forma um arbusto bem ramificado com flores pequenas e atraentes. As folhas são opostas e simples, com formato arredondado na base, ápice agudo e borda serrada, com comprimento que varia de 5 a 10 cm. As flores são muito pequenas, com aproximadamente 8 milímetros de diâmetro. Uma única haste sustenta um conjunto de pequenas flores coloridas, em amarelo e vermelho, que ficam arrançadas em formato circular.

As flores são hermafroditas, pois possuem os órgãos masculinos e femininos – estames e pistilos (pág. 117). O fruto é uma drupa preta com 7 mm de diâmetro. Existem outras variedades de lantana em outras cores, todas muito utilizadas para fins ornamentais.

Ambiente Restingas.

Distribuição O gênero *Lantana* possui cerca de 50 espécies distribuídas nas Américas Central e do Sul.

Ilha Cresce nas restingas e dunas em associação com *Epidendrum fulgens* (pág. 173), uma orquídea cujas flores se parecem com as da lantana. Esta mistura de flores provoca a ilusão da presença de uma única espécie.

Classe Angiosperma. **Família** Verbenaceae. **Nome científico** *Lantana camara*. **Nome comum em português** lantana. **Espanhol** lantana, camará. **Inglês** Lantana.

mangue-preto

Avicennia schaueriana

Esta planta se destaca pela exposição da porção final das raízes, formando inúmeras protuberâncias verticais chamadas pneumatóforos ou raízes de aeração (pág. 54). Estas raízes auxiliam a planta na captação de oxigênio e também atuam na fixação do solo lodoso dos mangues, através da deposição e fixação dos sedimentos em suspensão nas águas. O mangue-preto apresenta uma estratégia de eliminação do sal pelas folhas, que permite o seu desenvolvimento em lugares com maior salinidade. Assim, é possível observar uma fina camada de sal, que normalmente se deposita na parte superior das folhas. As folhas são verde-escuras, coriáceas, com formato oval, lanceoladas, e nervura central bem nítida. São opostas e geralmente surgem em verticilos de três, com comprimento variando de 4,5 a 11 cm. As flores são hermafroditas, muito pequenas, brancas, com cinco pétalas, e surgem agrupadas na terminação dos galhos. O fruto é verde, com aproximadamente um centímetro de comprimento, é aplainado lateralmente e possui uma única semente (pág. 189). A germinação da semente começa quando o fruto ainda está preso à árvore, característica denominada viviparidade. A evolução deste mecanismo permite a sobrevivência e crescimento da plântula em um ambiente mais salino.



Entre as espécies de plantas dos manguezais é a que alcança maior altura (8 m) e tronco com maior diâmetro.

Ambiente Manguezais.

Distribuição O mangue-preto possui ampla distribuição na América tropical: do lado atlântico encontra-se nas Bermudas, sul dos Estados Unidos, México e Brasil; e pelo lado do pacífico no Peru e Equador, incluindo Galápagos.

Ilha Nos manguezais é a planta mais abundante e está presente em 3/4 deste ambiente. Distribui-se tanto nas áreas mais inundadas pelo mar como nas mais secas. Facilmente observada na Estação Ecológica de Carijós.

Classe Angiosperma. **Família** Verbenaceae. **Nome científico** *Avicennia schaueriana*. **Nome comum em português** mangue-preto, siriúba. **Espanhol** mangle negro. **Inglês** Black Mangrove.

espatódia

Spathodea campanulata

O gênero *Spathodea* possui poucas espécies, sendo todas de origem africana. O nome do gênero vem da palavra grega *spatha*, que significa espada. A espatódia é uma árvore de porte médio. As folhas são compostas, apresentando entre 9 e 19 folíolos lanceolados com 10 cm de comprimento. As flores são num vermelho-alaranjado muito intenso e se dispõem em cachos (pág. 125). O cálice é irregular e a corola, ampla, com forma de sino, possui 5 lóbulos. No interior da corola sobressaem 4 estames. A floração ocorre no inverno. O fruto é uma grande cápsula achatada lateralmente com 20 centímetros de comprimento e 5 centímetros de largura. No seu interior existem inúmeras sementes aladas.

Utilização De origem africana, é uma árvore ornamental bastante utilizada no paisagismo urbano. Seu uso se deve à intensa produção de grandes e belas flores e à densa folhagem.

Ambiente Espécie exótica – ambiente urbano.

Ilha É comum nas áreas urbanizadas, como no Campus Universitário (UFSC, pág. 211).

Classe Angiosperma. **Família** Bignoniaceae. **Nome científico** *Spathodea campanulata*. **Nome comum em português** espatodia. **Espanhol** tulipero del Gabón. **Inglês** African Tulip Tree, Flame of the Forest, Fountain Tree, Firebell.

ipê-amarelo

Tabebuia chrysotricha

A floração do ipê-amarelo é tão exuberante que, popularmente, é uma das árvores mais conhecidas. A beleza, associada à baixa estatura, faz com que esta árvore ornamental seja uma das mais utilizadas nas áreas urbanas.

Durante a época da floração, que ocorre entre setembro e outubro, a árvore fica temporariamente sem folhas e completamente tomada pelas flores em amarelo-vivo. É, portanto, uma árvore decídua. Necessita de intensa radiação solar para o completo desenvolvimento. Normalmente atinge altura entre 4 e 10 m. O tronco é cilíndrico e levemente tortuoso, alcançando 30 a 40 centímetros de diâmetro. Os galhos são finos, ascendentes, atingindo alturas similares. A casca é espessa e com fissuras largas, de cor marrom-clara. Os ramos mais novos são revestidos por pelos na cor marrom-avermelhada. A inflorescência forma um cacho com várias flores grandes e amarelas unidas por uma única haste (pág. 125). O fruto é alongado formando uma cápsula bivalve, com 15 a 20 cm de comprimento (pág. 213). É preenchido por inúmeras sementes aladas. Entre novembro e dezembro os frutos amadurecem e se abrem, liberando as sementes que são cobertas por uma fina e sedosa membrana, o que possibilita ampla e fácil dispersão pelo vento.



As folhas são alternas e compostas, apresentando 5 folíolos com formato oval-oblongo e recobertos por pêlos curtos e macios. O comprimento do folíolo varia de 5 a 10 cm e a largura de 3 a 5 cm.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Distribuição O ipê-amarelo encontra-se disperso de forma irregular e descontínua ao longo das encostas da vertente atlântica cobertas pela Floresta Pluvial da Encosta Atlântica. A distribuição do ipê-amarelo tem início no Espírito Santo, indo até Santa Catarina, onde ocorre até a altura do Parque Estadual da Serra do Tabuleiro, próximo a Florianópolis.

Ilha Está presente tanto nas formações florestais secundárias como no ambiente urbano. É facilmente observado no Campus Universitário da UFSC, onde existem diversos exemplares.

Classe Angiosperma. **Família** Bignoniaceae. **Nome científico** *Tabebuia chrysotricha*. **Nome comum em português** ipê-amarelo, ipê, ipê-do-morro, ipê-tabaco, aipé, pau-d'arco-amarelo, ipê-amarelo-cascudo, ipê-do-morro. **Espanhol** lapacho. **Inglês** Yellow Trumpet Tree.

jacarandá

Jacaranda mimosifolia

A beleza e a abundância das flores fazem com que o jacarandá mimoso seja bastante utilizado para fins paisagísticos, especialmente em parques e



O fruto é uma cápsula bivalve achatada que ao secar se abre liberando inúmeras sementes aladas revestidas por uma sedosa membrana.

avenidas (pág. 211). Espécie pioneira e heliófita, necessita da radiação solar para o pleno desenvolvimento. Quando adulta alcança entre 12 e 15 metros de altura e apresenta vasta ramificação. A casca é cinza-clara com grande quantidade de pequenas fissuras longitudinais. As folhas são opostas, compostas bipenadas, com comprimento aproximado de 25 cm, com número ímpar de folíolos de pequeno tamanho (3 a 5 centímetros de comprimento). Os folíolos possuem formato oval-lanceolado e com borda serrada.

A inflorescência, roxo-violácea, fica disposta em cachos, sendo bastante atrativa (pág. 125). O cálice é brevemente tubular, enquanto a corola forma um tubo alongado com 5 a 7 cm de comprimento, terminando em cinco lóbulos. No interior da flor podem ser observados cinco estames, sendo um de tamanho mais reduzido. Na Ilha de Santa Catarina, a floração ocorre entre outubro e novembro, juntamente com o surgimento da nova folhagem. O fruto forma uma cápsula bivalve achatada, muito dura, com formato largo alongado, com 5 a 8 centímetros de comprimento e 3 a 5 centímetros de largura. Inicialmente é verde, tornando-se marrom após o amadurecimento. Ao amadurecer o fruto se abre liberando inúmeras diminutas sementes, cobertas por uma fina e sedosa membrana, que facilmente se dispersam com a ação do vento.

Utilização O jacarandá é indicado no reflorestamento para recuperação de áreas degradadas, devido ao rápido crescimento, à grande produção de sementes ao longo do ano e à fácil dispersão destas pelo vento.

Ambiente Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Distribuição Esta espécie encontra-se dispersa nos estados de São Paulo e Minas Gerais. Na Ilha de Santa Catarina é exótica. Ocorre na Floresta Pluvial da Encosta Atlântica.

Ilha Muito frequente no paisagismo urbano.

Classe Angiosperma. **Família** Bignoniaceae. **Nome científico** *Jacaranda mimosifolia*. **Nome comum em português** jacarandá, jacarandá-mimoso, carola-guaçu, palissandra, jacarandá-caroba. **Espanhol** jacarandá, palisandro.

batateira-da-praia

Ipomea pes-caprae

Nas praias ocupa a faixa de areia não alcançada pelo mar (pág. 253). É uma planta rasteira adaptada para tolerar o alto teor de sal e a insolação

intensa. Por ser amplamente ramificada, com raízes em diversos pontos, há uma boa fixação no solo arenoso. As folhas são simples e alternas. O nome da espécie – *pes-caprae* – foi dado em sugestão ao formato da folha, que lembra a forma da pata da cabra. As flores são hermafroditas (possuem ambos os sexos), grandes e vistosas na cor púrpura ou rosa, abrindo pela manhã e murchando no final do dia. As pétalas, unidas entre si, apresentam simetria radial (pág. 125). O fruto é capsular e se abre ao amadurecer liberando quatro sementes cobertas por pelos na cor marrom-escura.

Utilização As folhas e as flores são utilizadas como recurso alimentar por várias espécies herbívoras.

Ambiente Faixa de restinga próxima à praia.

Distribuição Apresenta distribuição pantropical.

Ilha É uma planta extremamente comum nas praias do leste da Ilha.

Classe Angiosperma. **Família** Convolvulaceae. **Nome científico** *Ipomea pes-caprae*. **Nome comum em português** batateira-da-praia, salsa-da-praia, cipó-da-praia. **Espanhol** batatilla, churristate de playa. **Inglês** Beach Morning-glory, Bayhops, Goat's Foot Creeper.

bre-do-da-praia

Scaevola plumiere

Nas praias ocupa a faixa de areia não alcançada pelo mar (pág. 26) e é totalmente adaptado para tolerar o alto teor de sal e a insolação intensa. Tais adaptações incluem o porte rasteiro ou subarbustivo e a presença de folhas carnosas e coriáceas. As flores são pequenas e brancas, com cinco pétalas e hermafroditas. O fruto é arredondado e arroxeadado quando maduro (pág. 213).

Ambiente Faixa de restinga próxima à praia.

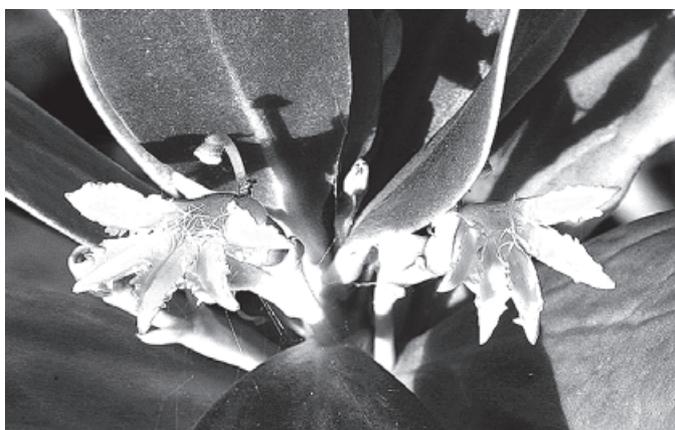
Distribuição O bre-do-da-praia possui ampla distribuição tropical e subtropical.

Ilha Presente em diversas praias, principalmente as localizadas no leste da Ilha, como a Praia do Campeche, da Joaquina e do Moçambique.

Classe Angiosperma.

Família Goodeniaceae. **Nome científico** *Scaevola plumiere*.

Nome comum em português bre-do-da-praia. **Inglês** Half flower, Inkberry, Waxy bush.



Em inglês o nome "Half Flower" (meia flor) faz referência ao aspecto da flor.

Glossário

Áglifa Tipo de denteção nas serpentes, especializada para a inoculação de veneno.

Anisodáctilos Aves que possuem três dedos voltados para frente e um para trás.

Antrópica Ação do homem que causa modificação na natureza.

Aráceas Plantas que ocorrem nas matas com pouca iluminação, mais fechadas e úmidas. As flores são muito pequenas e dispostas em espigas, em geral envoltas por brácteas coloridas ornamentais.

Arborícola Planta ou animal que vive nas árvores.

Baga Fruto carnoso que não se abre ao atingir a maturidade (indeiscente), em geral com muitas sementes.

Bainha Base alargada da folha que abraça parcial ou totalmente o ramo ou o caule da planta.

Bipenada Folha com o pecíolo que se divide duas vezes, sendo cada porção chamada de pina.

Bivalve Fruto formado por duas metades que se separam, em geral com formato de capsula.

Bráctea Folha da inflorescência, podendo ser verde ou em um colorido vivo.

Cálice Conjunto externo das peças florais, denominadas sépalas, geralmente verdes.

Capoeira Vegetação secundária que sucede à derrubada das florestas pluviais, por exemplo, após as queimadas. É composta por plantas arbustivas até arbóreas, com árvores finas e distribuição ordenada.

Capoeirão Capoeira formada de árvores altas, com maior riqueza florística.

Capoeirinha Capoeira baixa e rala, configurando a vegetação típica dos primeiros 10 anos de formação após o desmatamento.

Ciperáceas Plantas que se assemelham às gramíneas, que tipicamente crescem em terrenos brejosos e alagadiços, caracterizando-se pela formação de densos agrupamentos. O caule é ereto e rígido, com formato triangular, as folhas são estreitas e compridas e as flores possuem formato de espiga formando inflorescências compostas.

Coriácea Folha não suculenta, com consistência de couro, espessa e rígida.

Corola Conjunto de peças florais (pétalas) que estão imediatamente após o cálice, sendo maiores que as sépalas. Pode ser formada por pétalas livres (corola dialipétala) ou fundidas (corola gamopétala).

Correição Deslocamento das formigas, formando uma longa fila.

Críptica Em geral diz respeito à coloração de um animal que dificulta a sua identificação e localização no seu ambiente.

Cúspide Saliência dos dentes molares, que auxilia a cortar, dilacerar ou moer o alimento.

Decídua Espécie vegetal que perde todas as folhas em algum período do ano, como na época seca ou durante o inverno.

Deiscente Fruto que se abre ao alcançar a maturidade.

Dimorfismo Diz respeito a diferenças físicas entre os sexos.

Drupa Fruto meio seco e meio carnoso que possui uma única semente.

Elíptica Folha com a base e o ápice arredondados, sendo o comprimento um pouco maior que a largura.

Endocarpo Camada interna do pericarpo dos frutos, geralmente delgada, podendo ser espessa ou fina.

Endosperma Tecido nutritivo rico em substâncias alimentares que envolve o embrião em muitas plantas, como na parte comestível do grão de milho.

Epífita Planta que cresce sobre as outras, apenas apoiando-se, sem se alimentar das substâncias destas.

Estame Órgão masculino da flor (androceu), formado por um filamento que sustenta a antera, que por sua vez é o local onde se formam os grãos de pólen.

Estuarino Ambiente próximo à foz de um rio.

Folha composta Folha formada de partes distintas, que se mostram reunidas num conjunto bem individualizado de folíolos.

Folíolo Porção individualizada em que se subdivide uma folha composta.

Forrageio Vem de forragear, procurar pelo alimento.

Frugívoro Aquele que se alimenta de frutos e outras partes vegetais.

Helicoidal Movimento no ar que a semente realiza ao se desprender do fruto.

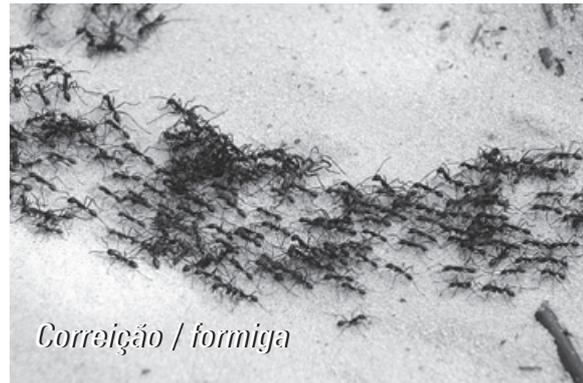
Heliófita Planta que necessita da irradiação solar para o seu pleno desenvolvimento.

Hermafrodita Que apresenta os órgãos reprodutores masculino e feminino.

Higrófita Planta que cresce em solos muito úmidos.

Infanticídio Matar um filhote, normalmente recém-nascido.

Inflorescência Quando uma flor ou mais se reúnem nos ramos ou pedúnculo.



Infrutescência Frutificação em massa de várias flores, que naturalmente se dispõem muito unidas entre si, formando um único fruto (por exemplo, jaca, abacaxi, fruto da embaúba), com soldadura de todas as partes florais contíguas, e cujo resultado é um fruto.

Labelo Nas orquídeas é a pétala de maior tamanho e de coloração distinta das demais.

Lanceolada Folha estreita com ápice agudo.

Liana Designação comum das plantas epífitas, de caule extenso (até 70m), comuns nas florestas tropicais.

Lóbulos Recortes arredondados que demarcam as pétalas de uma flor, sem separá-las totalmente.

Mesocarpo Segunda camada intermediária do pericarpo dos frutos.



Mirmecófila Associação entre uma determinada planta com as formigas. Essas plantas possuem estruturas especializadas para abrigá-las. Na Floresta Pluvial da Encosta Atlântica o gênero *Cecrópia* se especializou neste tipo de associação.

Nidífugo Filhote de ave capaz de caminhar logo após a eclosão do ovo.

Ninhego Filhotes das aves.

Ovíparo Animal que põe ovos.

Pantropical Que apresenta distribuição nos trópicos.

Pecíolo Haste que sustenta o limbo da folha.

Pedúnculo Haste que sustenta a inflorescência.

Perenifólia Planta que não perde todas as folhas durante a estação mais seca do ano.

Pétalas Peças que formam a corola das flores, podendo ser brancas ou coloridas.

Pina Segmento de uma folha bipenada, formado pelo pecíolo secundário e seus folíolos.

Piperáceas Plantas tropicais da ordem Piperales, na qual estão incluídas ervas, arbustos e algumas trepadeiras. As inflorescências formam densas espigas e os frutos são bagas ou nozes.

Pistilo Unidade do gineceu (órgão feminino das flores) formada de ovário, estilete e estigma.

Pneumatóforo Raiz dos mangues branco e preto, cuja ponta fica exposta para exercer função respiratória.

Poliândrico Sistema de acasalamento no qual uma única fêmea se acasala com dois ou três machos do grupo social.

Poligínico Sistema de acasalamento no qual o macho se acasala com duas fêmeas do grupo social.

Proteróglifa Pequeno par de dentes anteriores das serpentes, localizados na arcada superior, capazes de injetar veneno.

Pseudobulbo Porção do caule das orquídeas.

Racemo Cacho de flores.

Receptáculo Porção superior, alargada, do pedúnculo da flor (haste que sustenta a flor).

Rupícola Planta que se fixa nas rochas.

Semidecídua Planta que perde as folhas durante a época mais seca do ano.

Semipreênsil Cauda capaz de segurar um galho ou alimento, mas não consegue sustentar o peso do próprio corpo (neste caso seria preênsil).

Sépala Ver cálice.

Silvado Canto alto e agudo das aves.

Solenóglifa Longo par de dentes anteriores das serpentes, localizados na arcada superior, especializados em injetar veneno. O interior destes dentes é oco, permitindo que o veneno escorra no ato da mordida.

Taxonômica Classificação científica dos seres vivos.

Terrícola Planta ou animal que vive no solo.

Trilobado Que possui três lóbulos, labelo.

Trinado Tipo de canto suave dos pássaros.

Valva Parte da cápsula do fruto que se destaca quando este se abre.

Vértice Topo da cabeça da ave.

Vivípara Que pare filhotes.

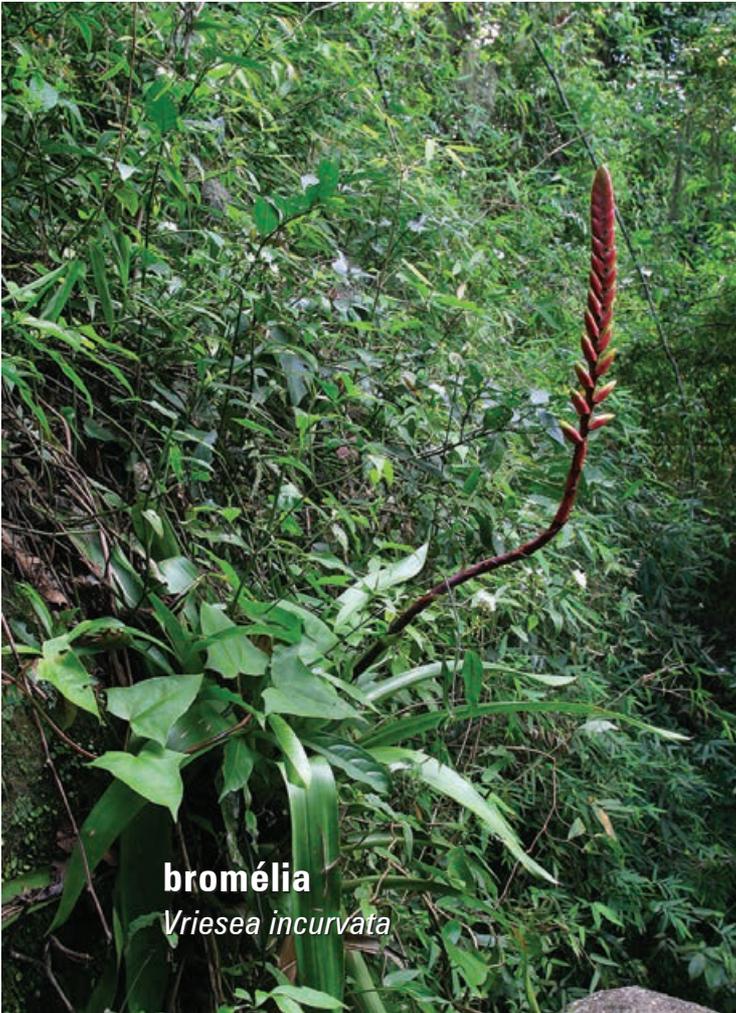
Xerófila Planta adaptada às regiões mais secas.

Zigodáctila Ave que possui os dois dedos centrais voltados para frente e os dois externos para trás, o que facilita o deslocamento vertical.

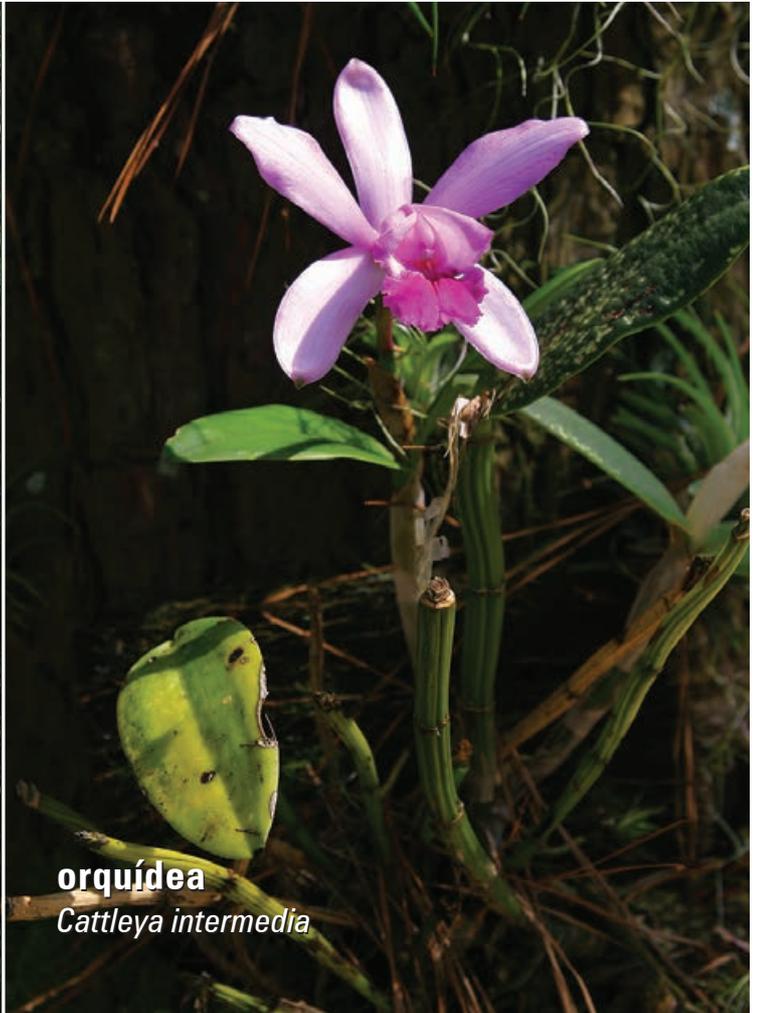


Índice de Nomes Científicos

<i>Achyrocline</i> spp.....	35
<i>Acicarpa spathulata</i>	33
<i>Aechmea</i>	169
<i>Aechmea lindenii lindenii</i>	35, 85, 171, 247
<i>Aechmea nudicaulis</i>	32, 85, 171, 247
<i>Aechmea ornata</i>	32, 247
<i>Aeschrion crenata</i>	35
<i>Ajaia ajaia</i>	13, 21, 74, 75, 187
<i>Amazilia fimbriata</i>	221
<i>Amazona aestiva</i>	11
<i>Amazonetta brasiliensis</i>	35
<i>Anas georgica</i>	219
<i>Aramides cajanea</i>	219
<i>Aramides saracura</i>	39
<i>Araucaria angustifolia</i>	133
<i>Ardea alba</i>	35, 64, 70, 71, 74, 86, 223, 240
<i>Ardea cocoi</i>	13, 68, 69, 94
<i>Arecastrum romanzoffianum</i>	81, 84, 165, 166
<i>Aspidosperma</i> sp.....	205
<i>Avicennia schaueriana</i>	5, 14, 189, 225, 231, 232
<i>Bactris lindmaniana</i>	37
<i>Bothrops jararaca</i>	42, 43, 63
<i>Bubulcus ibis</i>	223, 244
<i>Butorides striatus</i>	24, 35, 71, 72, 145
<i>Byrsonima</i> sp.....	77
<i>Caiman latirostris</i>	13, 44, 45, 46, 47, 59, 68
<i>Callithrix geoffroyi</i>	14, 142, 144, 214
<i>Callithrix jacchus</i>	141, 144
<i>Callithrix penicillata</i>	113, 141, 144, 214
<i>Callithrix</i> spp.....	11
<i>Calophyllum brasiliense</i>	36, 205, 206, 210
<i>Casearia silvestris</i>	38
<i>Cathartes aura</i>	251
<i>Cattleya intermedia</i>	241
<i>Cebus nigrinus</i>	39, 144, 161, 162, 215
<i>Cecropia adenopus</i>	38
<i>Cecropia glaziovii</i>	115, 193, 194
<i>Cecropia</i> sp.....	97, 138
<i>Cedrela fissilis</i>	182, 200, 201, 205



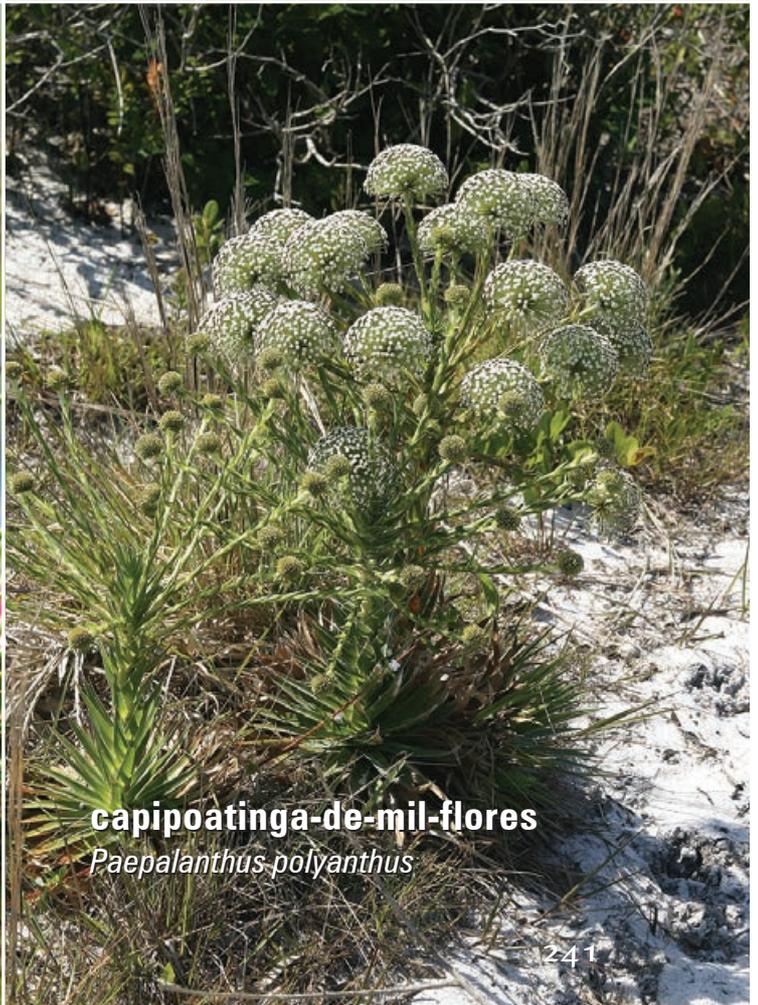
bromélia
Vriesea incurvata



orquídea
Cattleya intermedia



cravo-do-mato
Tillandsia stricta



capipoatinga-de-mil-flores
Paepalanthus polyanthus



Floresta Pluvial da Encosta Atlântica

Morro da Represa, Rio Tavares

Parque Municipal Maciço da Costeira

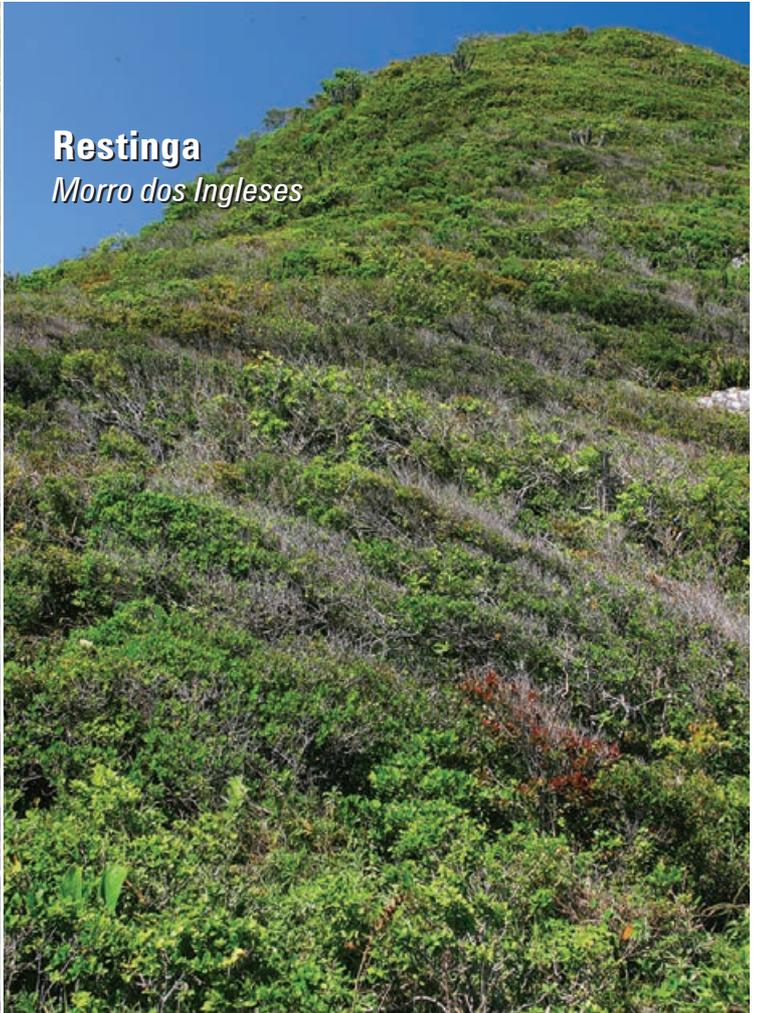


Banhado, restinga e duna

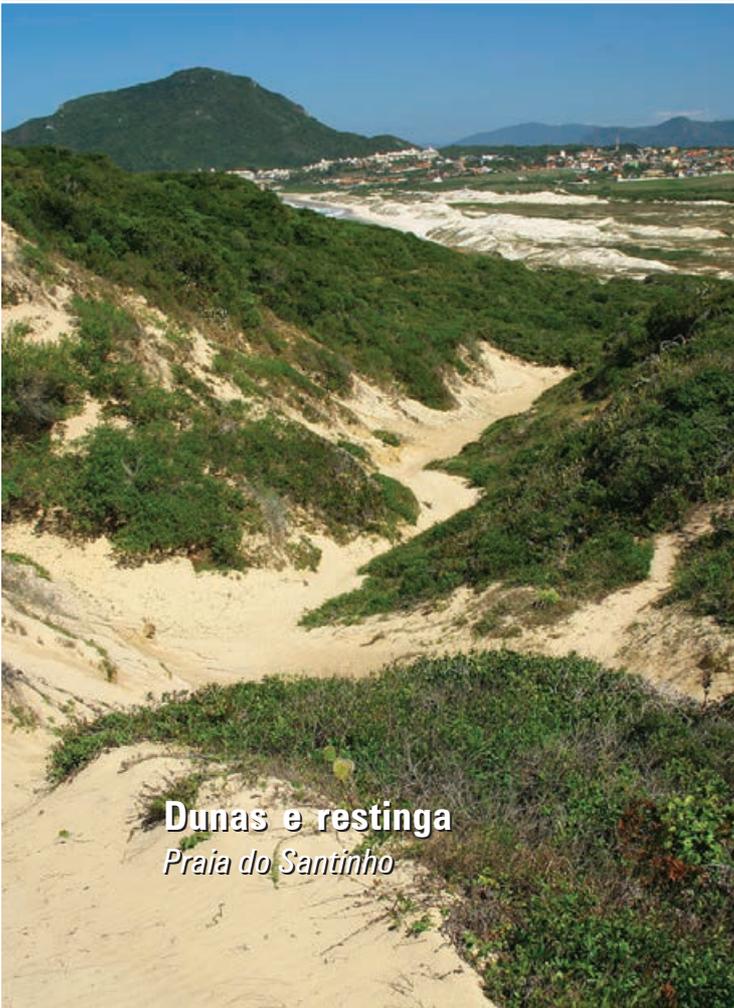
Lagoa da Conceição



bromeliário
Floresta Pluvial da
Encosta Atlântica
Unidade de Conservação
Ambiental do Desterro



Restinga
Morro dos Ingleses



Dunas e restinga
Praia do Santinho



bromeliário
Floresta de Planícies Quaternárias
Estação Ecológica de Carijós



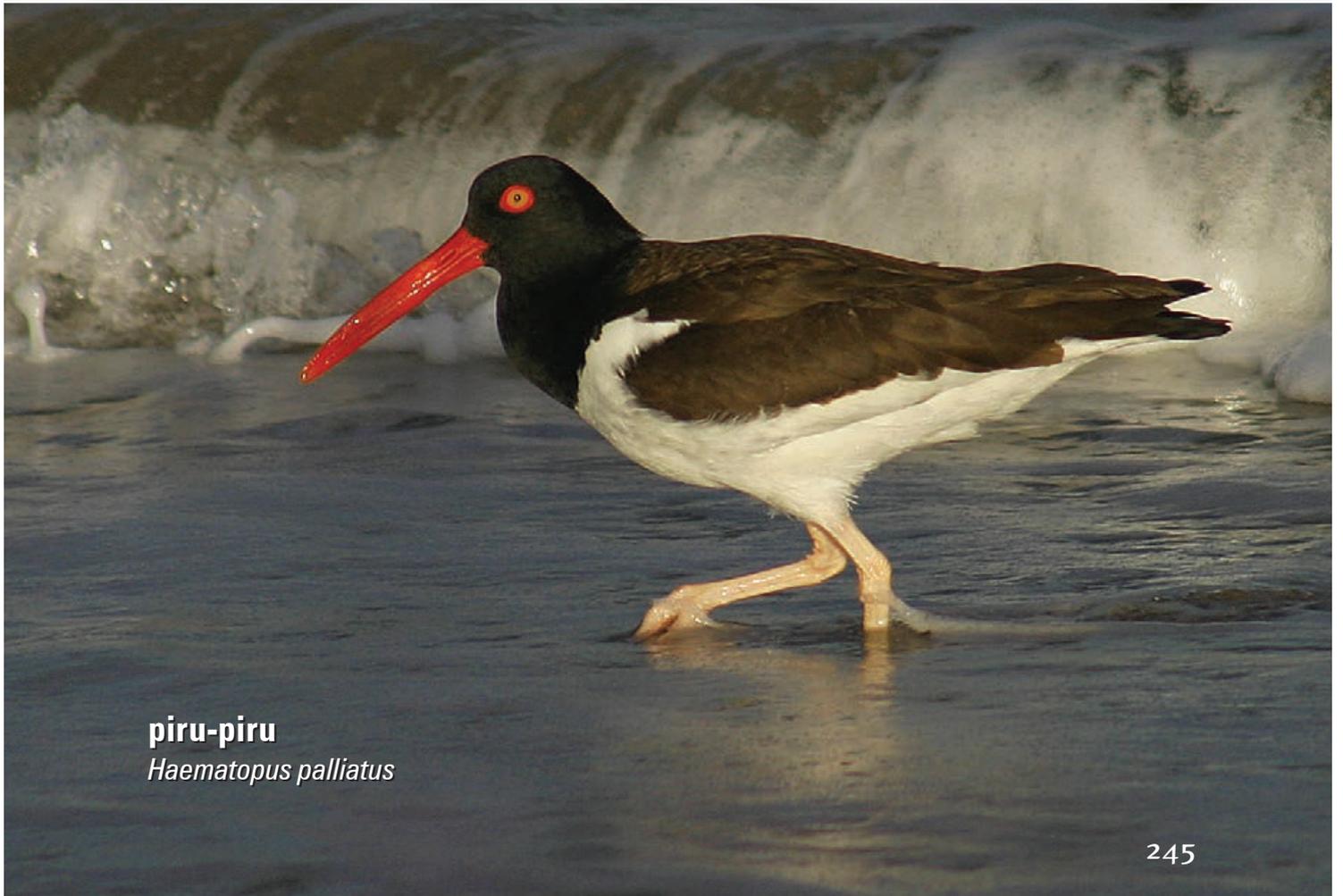
garça-vaqueira
Bubulcus ibis



pica-pau-anão-de-coleira
Picumnus temminckii
Fêmea



picapauzinho-verde-carijó
Veniliornis spilogaster



piru-piru
Haematopus palliatus



Restinga e dunas
Lagoa da Conceição



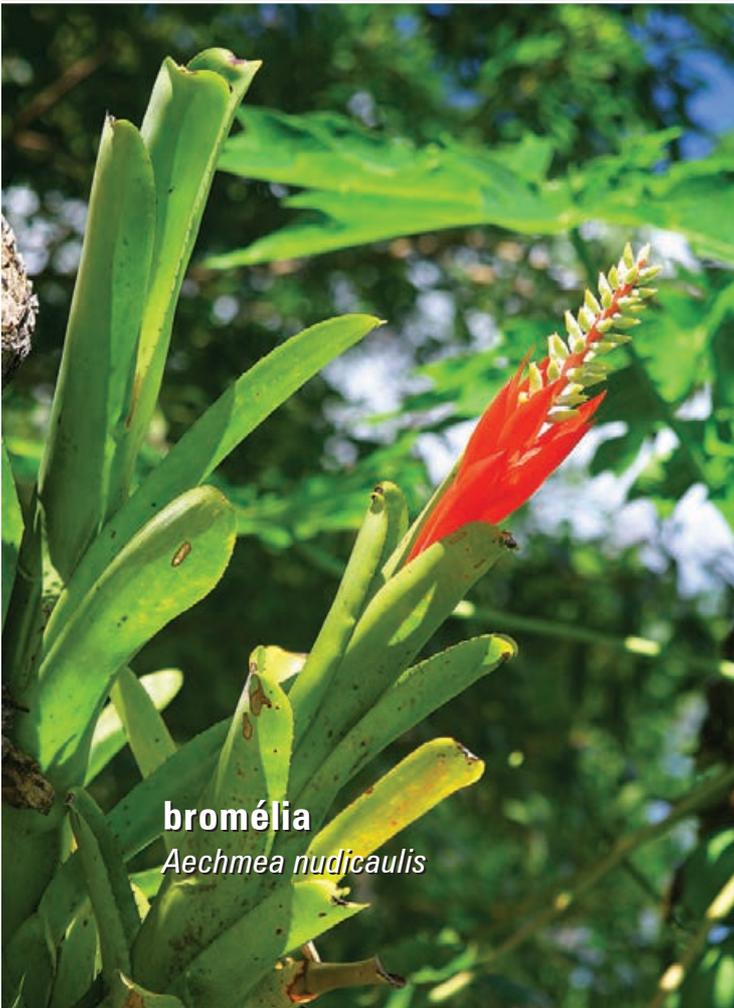
quaresmeira
Tibouchina urvilleana



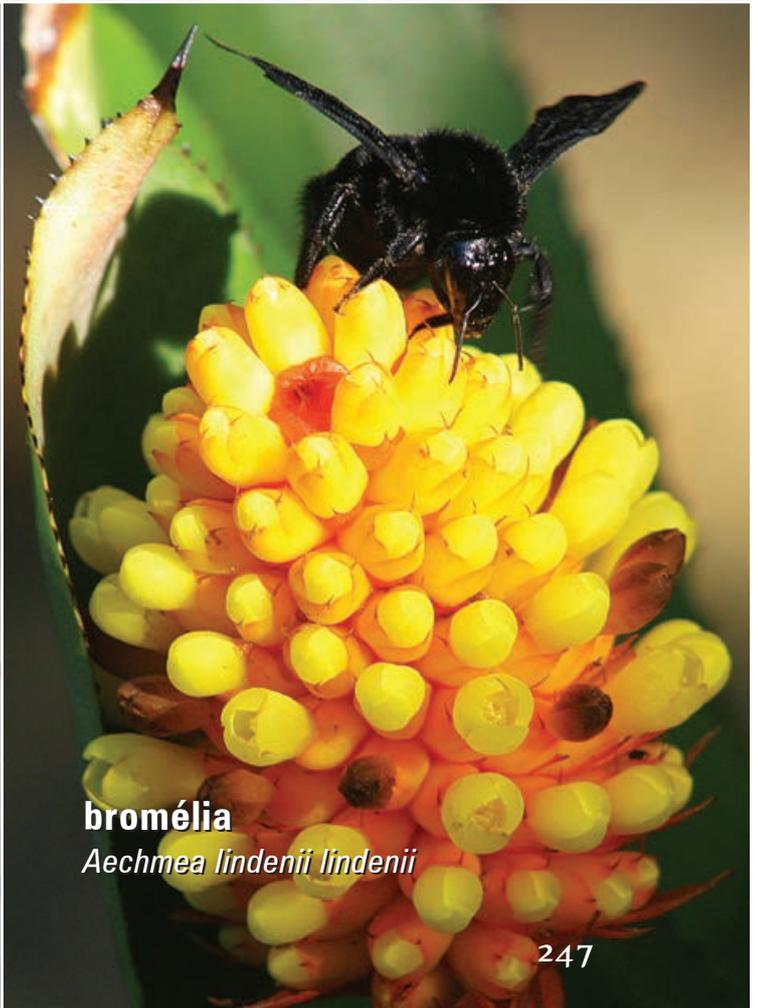
bromélia
Aechmea ornata



bromélia
Vriesea friburgensis



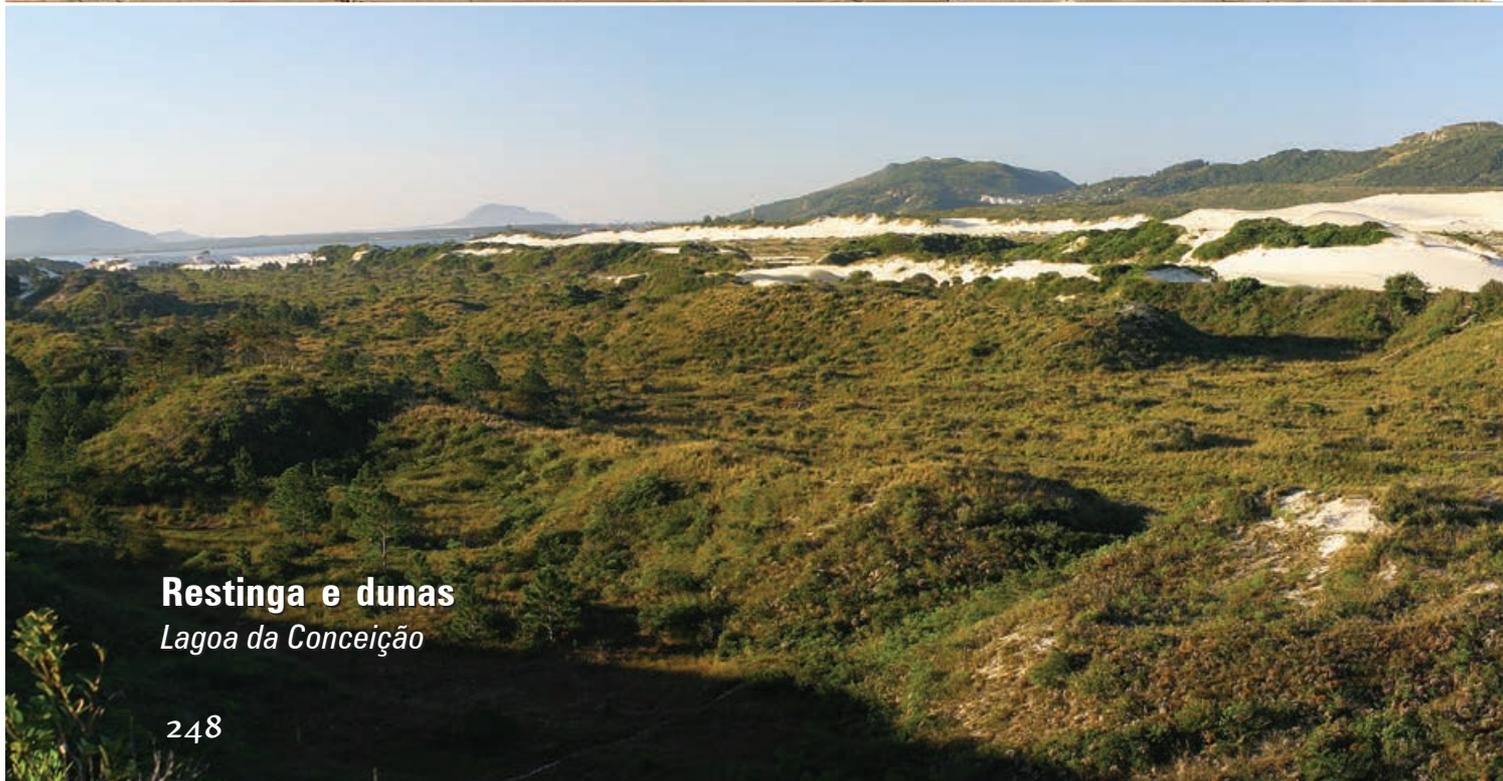
bromélia
Aechmea nudicaulis



bromélia
Aechmea lindenii lindenii



Lagoa e floresta
Lagoa do Peri



Restinga e dunas
Lagoa da Conceição



Lagoa
Praia da Lagoinha da Ponta das Canas





biguá
Phalacrocorax brasilianus



maria-faceira
Syrigma sibilatrix



urubu-de-cabeça-vermelha
Cathartes aura



talha-mar
Rynchops niger



olho-de-boi
Mucuna urens



planta carnívora
Drosera sp



bromélia
Vriesea inflata



gravatá
Dyckia spp



gravatá
Dyckia spp

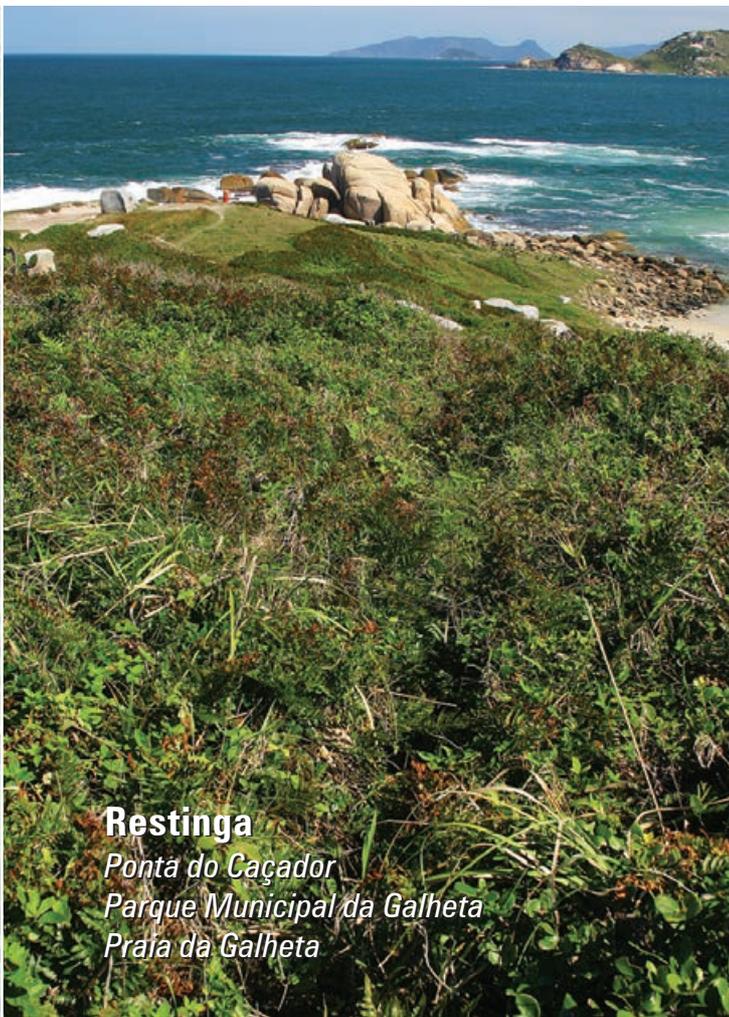


batateira-da-praia
Ipomea pes-caprae



Bromeliário

Estação Ecológica de Carijós



Restinga

*Ponta do Caçador
Parque Municipal da Galheta
Praia da Galheta*

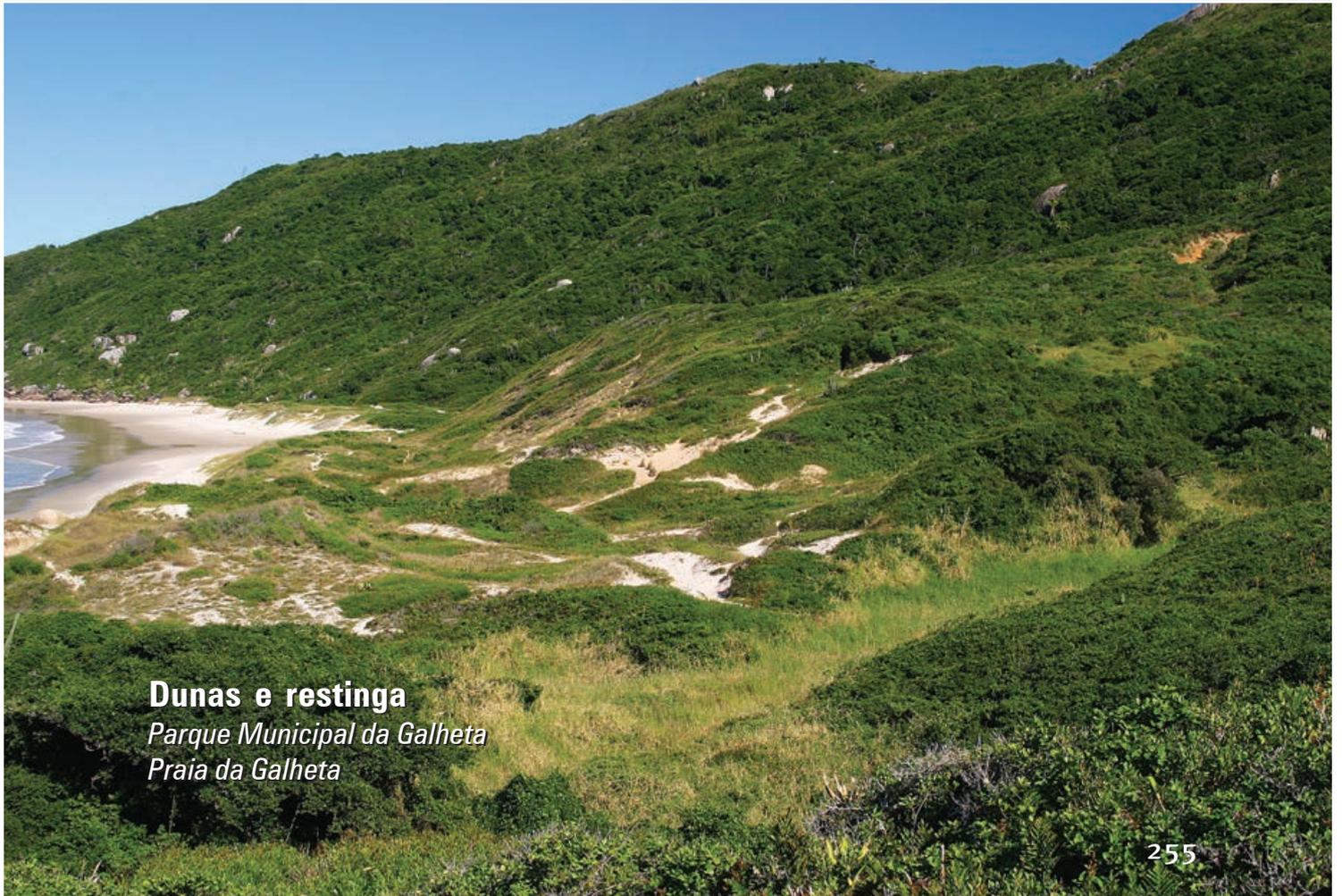


Banhado e dunas

Praia do Santinho



**Floresta Pluvial da Encosta Atlântica,
dunas, lagoa e restinga**
Parque Municipal da Lagoinha do Leste



Dunas e restinga
*Parque Municipal da Galheta
Praia da Galheta*



<i>Cenchrus</i> spp.....	33
<i>Ceryle torquata</i>	13, 94, 110, 111, 157, 216
<i>Charadrius semipalmatus</i>	221
<i>Chironectes minimus</i>	39
<i>Chironius multiventris</i>	151
<i>Chiroxiphia caudata</i>	39, 133, 134, 148
<i>Chorisia speciosa</i>	124, 158, 192, 202, 204, 210
<i>Chrysophyllum viride</i>	38
<i>Cinnamomum glaziovii</i>	38
<i>Clusia criuva</i>	35, 38
<i>Coereba flaveola</i>	35, 95, 135, 149
<i>Colaptes campestris</i>	111, 112, 179
<i>Coussapoa schottii</i>	37
<i>Coragyps atratus</i>	48
<i>Crotophaga ani</i>	109, 110, 120
<i>Crypturellus obsoletus</i>	39
<i>Cyanocorax caeruleus</i>	12, 132, 133, 160
<i>Cyrtopodium polyphyllum</i>	35
<i>Cupania vernalis</i>	77
<i>Dacnis cayana</i>	35, 118, 139, 140
<i>Delonix regia</i>	11, 52, 154, 194, 195, 203
<i>Dodonaea viscosa</i>	35, 38, 204, 205, 213, 238
<i>Drosera</i> sp.....	252
<i>Dyckia</i> spp.....	252, 253
<i>Egretta alba</i>	64, 70, 71, 86, 198
<i>Egretta caerulea</i>	13, 75, 76, 128, 179, 184, 217, 223
<i>Egretta thula</i>	20, 35, 64, 69, 70, 222, 223
<i>Eichornia crassipes</i>	34
<i>Eira barbara</i>	39
<i>Elanoides forficatus</i>	21, 76, 78, 90, 170
<i>Eleutherodactylus binotatus</i>	151
<i>Epidendrum radicans</i>	174
<i>Epidendrum fulgens</i>	27, 35, 53, 117, 173, 174, 238
<i>Estrilda astrild</i>	11, 136, 149, 173
<i>Eucalyptus</i> spp.....	11, 133
<i>Eugenia catharinae</i>	35
<i>Eugenia kleinii</i>	39
<i>Eugenia umbeliflora</i>	35
<i>Eugenia uniflora</i>	35, 124, 183, 227, 228
<i>Eupatorium casarettoi</i>	35
<i>Euterpe edulis</i>	36, 38, 97, 117, 166, 168
<i>Ficus organensis</i>	36

<i>Formicarius colma ruficeps</i>	39, 129, 187
<i>Fregata magnificens</i>	66, 68, 81, 87, 88, 120, 223
<i>Fuirena robusta</i>	34
<i>Furnarius rufus</i>	130, 131, 157, 187, 218
<i>Geonoma schottiana</i>	37
<i>Gomidesia palustris</i>	35
<i>Gomidesia schaueriana</i>	38
<i>Guappira opposita</i>	35
<i>Guira guira</i>	109, 110, 121, 186
<i>Haematopus palliatus</i>	245
<i>Heliconia hirsuta</i>	176
<i>Heliconia subulata</i>	176
<i>Heliconia velloziana</i>	27, 53, 176
<i>Heliocharis geniculata</i>	34
<i>Himantopus melanurus</i>	101, 102, 122, 123, 147
<i>Hydrocotyle bonariensis</i>	33
<i>Hydropsalis torquata</i>	36
<i>Inga estriata</i>	38
<i>Inga marginata</i>	188, 197, 198
<i>Inga sessilis</i>	38
<i>Ipomea pes-caprae</i>	33, 125, 234, 235, 253
<i>Jacana jacana</i>	35, 98, 99, 146
<i>Jacaranda mimosifolia</i>	125, 211, 233, 234
<i>Laelia crispa</i>	174
<i>Laelia grandiflora</i>	174
<i>Laelia purpurata</i>	6, 53, 174, 174, 175
<i>Laelia lobata</i>	174
<i>Laelia tenebrosa</i>	174
<i>Laguncularia racemosa</i>	14, 189, 225
<i>Lantana spp</i>	174
<i>Lantana camara</i>	35, 117, 230, 231
<i>Larus dominicanus</i>	48, 67, 78, 102, 181, 103, 222
<i>Lonchocarpus guilleminianus</i>	38
<i>Lontra longicaudis</i>	13, 163, 164, 165, 177, 215
<i>Lutreolina crassicaudata</i>	39
<i>Lythraea brasiliensis</i>	35
<i>Matayba guianensis</i>	38
<i>Melinis minutiflora</i>	11, 38
<i>Miconia cabuçu</i>	38
<i>Miconia cinnamomifolia</i>	38, 212, 228
<i>Micrurus corallinus</i>	44, 62
<i>Milvago chimachima</i>	31, 48, 79, 80, 90

<i>Milvago chimango</i>	33, 78, 79, 91, 272
<i>Mimosa bimucronata</i>	26, 114, 189, 198, 199
<i>Mimus saturninus</i>	218
<i>Mucuna urens</i>	252
<i>Myrcia dichrophylla</i>	37
<i>Myrcia multiflora</i>	35
<i>Myrcia richardiana</i>	38
<i>Myriophyllum brasiliense</i>	34
<i>Nasua nasua</i>	8, 39, 162, 163, 177, 214
<i>Nectandra rigida</i>	38
<i>Nephila sp</i>	150
<i>Noticastrum spp</i>	35
<i>Nyctanassa violacea</i>	221
<i>Nycticorax nycticorax</i>	73, 74, 209, 220
<i>Nymphoides indica</i>	34
<i>Ocotea teleiandra</i>	39
<i>Ortalis guttata</i>	39, 97, 98, 147, 178, 202
<i>Oxypetalum spp</i>	33
<i>Paepalanthus polyanthus</i>	241
<i>Panicum racemosum</i>	33
<i>Parula pitiayumi</i>	127, 138, 170
<i>Paspalum vaginatum</i>	33
<i>Passer domesticus</i>	11, 136
<i>Phalacrocorax brasilianus</i>	13, 49, 65, 66, 222, 250
<i>Phimosus infuscatus</i>	220
<i>Piaya cayana</i>	30, 108
<i>Picumnus temminckii</i>	244
<i>Pinus elliottii</i>	10, 36
<i>Pinus sp</i>	133
<i>Piptadenia gonoacantha</i>	182, 183, 199, 200
<i>Polyborus plancus</i>	20, 80, 97
<i>Polygala cyparissias</i>	33
<i>Psidium cattleianum</i>	211, 212, 226, 227
<i>Pteridium aquilinum</i>	38
<i>Pteronura brasiliensis</i>	164
<i>Pyrrhura frontalis</i>	105, 106, 191
<i>Ramphastos vitellinus</i>	39, 167
<i>Rapanea ferruginea</i>	38, 211, 230
<i>Rapanea venosa</i>	35
<i>Remirea maritima</i>	33
<i>Rheedia guardneriana</i>	38
<i>Rhizophora mangle</i>	14, 183, 207, 208

<i>Rupornis magnirostris</i>	48
<i>Rynchops niger</i>	30, 99, 100, 122, 178, 251
<i>Scaevola plumiere</i>	26, 213, 235
<i>Schinus terebinthifolia</i>	16, 35, 53, 97, 116, 201, 202
<i>Schizolobium parahyba</i>	38, 155, 195
<i>Scirpus californicus</i>	34
<i>Sicalis flaveola</i>	119, 140, 141
<i>Spartina ciliata</i>	16, 33
<i>Spartina montividentis</i>	14, 50
<i>Spathodea campanulata</i>	11, 125, 211, 232
<i>Speotyto cunicularia</i>	21, 33, 106, 107, 222
<i>Spilotes pullatus</i>	41, 42, 62
<i>Sporobolus virginicus</i>	33
<i>Sterna eurygnatha</i>	95
<i>Sterna hirundinacea</i>	103, 180
<i>Sterna maxima</i>	104, 180
<i>Sterna spp</i>	67, 102
<i>Sula leucogaster</i>	47, 49, 65, 67, 102
<i>Synalaxis spixi</i>	36
<i>Syrigma sibilatrix</i>	250
<i>Tabebuia chrysotricha</i>	125, 213, 232
<i>Tabebuia pulcherrima</i>	35
<i>Tabebuia umbellata</i>	37, 39
<i>Tachyphonus coronatus</i>	39, 126, 139
<i>Tangara sp</i>	140
<i>Tapirira guianensis</i>	36, 38
<i>Terminalia catappa</i>	11, 189, 208, 225
<i>Thalurania glaucopis</i>	39
<i>Thraupis sayaca</i>	127, 137
<i>Tibouchina urvilleana</i>	35, 188, 229, 246
<i>Tillandsia</i>	168
<i>Tillandsia stricta</i>	52, 169, 241
<i>Tillandsia usneoides</i>	77, 117, 138, 170
<i>Tringa flaviceps</i>	122, 123
<i>Tringa melanoleuca</i>	31, 100, 101, 156
<i>Tupinambis merianae</i>	40, 41, 44, 58, 271
<i>Turdus sp</i>	167
<i>Turdus amaurochalinus</i>	13, 131, 132, 156, 224
<i>Turdus rufiventris</i>	131
<i>Tyrannus savana</i>	35, 130, 187
<i>Usnea sp</i>	77
<i>Vanellus chilensis</i>	21, 33, 78, 104, 105, 190

<i>Vanilla</i> spp.....	175, 176
<i>Vanilla chamissonis</i>	175
<i>Vanilla edwallii</i>	175
<i>Vanilla organensis</i>	175
<i>Vanilla dietschian</i>	175
<i>Vanilla planifolia</i>	175
<i>Vanilla pompona</i>	175
<i>Vanilla trigonocarpa</i>	176
<i>Veniliornis spilogaster</i>	245
<i>Vigna longifolia</i>	33
<i>Vriesea</i>	169
<i>Vriesea friburgensis</i>	35, 85, 172, 247
<i>Vriesea incurvata</i>	241
<i>Vriesea inflata</i>	252
<i>Vriesea rodigasiana</i>	85, 172
<i>Xenodon neuwiedii</i>	150
<i>Zonotrichia capensis</i>	135, 136, 148

Nomes comuns em português

acariçoba.....	33
aguapé.....	34
alma-de-gato.....	30, 108
amendoeira.....	11, 189, 208, 225
anu-branco.....	6, 109, 110, 121, 186
anu-preto.....	109, 110, 120
araçá.....	211, 212, 226, 227
aracuã.....	39, 97, 98, 147, 178, 202
aranha.....	150
ariranha.....	164
aroeira.....	16, 35, 53, 97, 106, 116, 201, 202
aroeira-brava.....	35
aroeira-vermelha.....	202
atobá.....	8, 47, 48, 49, 65, 67, 102
bacopari.....	38
bacurau-tesoura.....	36
bananeira-do-mato.....	27, 53, 176
baguaçu.....	35
barba-de-velho.....	77, 117, 138, 170
batateira-da-praia.....	33, 125, 234, 235, 253
batuíra-de-bando.....	221

beija-flor-de-fronte-violeta.....	39
beija-flor-de-garganta-verde.....	221
bico-de-lacre.....	8, 11, 136, 137, 149
biguá.....	13, 49, 65, 66, 222, 250
bredo-da-praia.....	26, 213, 235
bromélia...32, 35, 37, 85, 132, 135, 138, 140, 144, 168, 169, 170, 171, 172, 241, 247, 252	
cafezeiro-do-mato.....	38
cambacica.....	35, 95, 135, 149
camboatá-vermelho.....	38, 77
cambuí.....	35, 37
canário-da-terra.....	119, 140, 141
canela-garuva.....	38
canela-papagaio.....	38
canela-pimenta.....	39
caninana.....	8, 41, 42, 62
capim-melado.....	11, 38
capim-praturá.....	14, 50
capim-roseta.....	33
capipoatinga-de-mil-flores.....	241
capororoca.....	38, 211, 230
capororoca-da-praia.....	35
caracará.....	20, 80, 97
caxeta-amarela.....	38
cedro.....	182, 200, 201, 205, 230
chimango.....	33, 78, 79, 91
cipó-leiteiro.....	33
coati.....	8, 39, 162, 163, 177, 214
cobra-cipó.....	151
cobra-coral.....	44, 62
colhereiro.....	13, 21, 74, 75, 187
copiúva.....	36, 38
coruja-buraqueira.....	6, 21, 33, 106, 107, 222
cravo-do-mato.....	52, 169, 170, 241
cuíca-de-cauda-grossa.....	39
embaúba.....	38, 97, 115, 138, 193, 194, 238
espatódia.....	11, 125, 211, 232
espinheiro.....	26, 114, 189, 198, 199
eucalipto.....	11, 133
feijão-da-praia.....	33
flamboyant.....	11, 52, 154, 194, 195, 213
figueira-da-folha-miúda.....	36
figueira-do-brejo.....	36

fragata.....	8, 66, 67, 68, 81, 87, 88 120, 223
gaiivota.....	48, 67, 78, 102, 103, 181, 222
galinha-do-mato.....	39, 129, 187
gambá-d'água.....	39
garapuvu.....	38, 155, 195, 196, 197
garça-azul.....	13, 75, 76, 128, 179, 184, 217, 223
garça-branca-grande.....	35, 64, 70, 71, 74, 86, 223
garça-branca-pequena.....	20, 34, 35, 64, 69, 70, 222, 223
garça-moura.....	13, 68, 69, 94
garça-vaqueira.....	223, 244
garuva.....	38
gavião-carijó.....	48
gavião-carrapateiro.....	31, 48, 79, 80, 90
gavião-tesoura.....	21, 76, 77, 78, 90, 170
gralha-azul.....	12, 132, 133, 160
grama-da-praia.....	33
gravatá.....	168, 252, 253
guamirim.....	35
guamirim-araçá.....	38
guamirim-de-facho.....	37
guamirim-de-folhas-miúdas.....	35, 38
ingabaú.....	38
ingá-de-quatro-quinas.....	38
ingá-feijão.....	188, 197, 198
ingá-macaco.....	38
inhambuguaçu.....	39
ipê-amarelo.....	39, 125, 213, 232, 233
ipê-da-praia.....	35
ipê-da-várzea.....	37
irara.....	39
jaçanã.....	8, 35, 98, 99, 146
jacarandá.....	125, 211, 233, 234
jacaré-de-papo-amarelo.....	6, 8, 13, 44, 45, 46, 59
jacatirão.....	38, 212, 228
jararaca.....	8, 42, 43, 63
jararaquinha.....	150, 271
jerivá.....	81, 84, 135, 165, 166
joão-de-barro.....	130, 131, 157, 187, 218
joão-teneném.....	36
junco.....	34, 97
lagarto.....	40, 41, 44, 58, 271
lantana.....	35, 117, 174, 230, 231

lélia.....	174, 175
líquen.....	77
lontra.....	6, 13, 163, 164, 165 177, 215
macaco-prego.....	39, 144, 161, 162, 215
maçarico-da-perna-amarela.....	122, 123
maçarico-grande-de-perna-amarela.....	31, 100, 156
mangue-branco.....	14, 189, 225
mangue-de-formiga.....	35, 38
mangue-preto.....	14, 189, 225, 231, 232
mangue-vermelho.....	14, 183, 207, 208
marcela.....	35
margaridinha.....	35
maria-faceira.....	250
maria-mole.....	35
mariquita.....	127, 138, 170
marreca-de-pé-vermelho.....	35
marreca-parda.....	219
martim-pescador-grande.....	13, 94, 110, 111, 157, 216
murici.....	77
olandi.....	36, 205, 206, 210
olho-de-boi.....	252
orquídea.....	6, 27, 35, 37, 53, 117, 172, 173, 174, 175, 176, 231, 238, 241
paineira-rosa.....	124, 158, 192, 202, 203, 204, 210
palmito.....	38, 97, 117, 166, 167, 168
papagaio-verdadeiro.....	11
pardal.....	11, 136
pau-amargo.....	35
pau-jacaré.....	182, 183, 199, 200
pernilongo-de-costas-brancas.....	101, 122, 123, 147
peri.....	34
peroba.....	205, 230
picapauzinho-verde-carijó.....	245
pica-pau-anão-de-coleira.....	244
pica-pau-do-campo.....	111, 112, 179
pinheiro.....	10, 36, 133
pinheirinho-d'água.....	34
pinheirinho-da-praia.....	33
pinheiro-do-paraná.....	133
piru-piru.....	245
pitangueira.....	35, 124, 183, 227, 228
pixirição.....	38
planta carnívora.....	252

quaresmeira.....	35, 188, 229, 246
quero-quero.....	6, 21, 33, 78, 104, 105, 190
rã-da-floresta.....	151
rabo-de-macaco.....	38
rosetão.....	33
sabiá.....	132,167
sabiá-poca.....	13, 131, 132, 156, 224
sabiá-do-campo.....	218
sabiá-laranjeira.....	131
sagüi-de-cara-branca.....	8, 141, 142, 143, 144, 214
sagüi-do-cerrado.....	11, 113, 141, 143, 144, 214
sagüi-do-nordeste.....	141, 143, 144
saí-azul.....	35, 118, 139, 140
saíra.....	138, 140
samambaia-das-taperas.....	38
sanhaço-cinzento.....	127, 137
saracura-do-mato.....	39
saracura-três-potes.....	219
savacu.....	73, 74, 209, 220
savacu-de-coroa.....	221
socozinho.....	24, 35, 71, 72, 145
soldanela-da-água.....	34
talha-mar.....	30, 99, 100, 122, 178, 251
tangará-dançador.....	39, 133, 134, 148
tapicuru-de-cara-pelada.....	220
tesourinha.....	8, 35, 130, 187
tico-tico.....	135, 136, 148
tiê-preto.....	39, 126, 139
tiriba-da-testa-vermelha.....	105, 106, 191
tiririca.....	34
trinta-réis.....	102, 103
trinta-réis-de-bico-amarelo.....	95
trinta-réis-de-bico-vermelho.....	103, 180
trinta-réis-real.....	104, 180
tucano-de-bico-preto.....	39, 167
tucum.....	37
urubu.....	48
urubu-de-cabeça-vermelha.....	251
vassoura-vermelha.....	35, 38, 204, 205, 213
vassourinha.....	35

Bibliografia

- ALARCON**, G. G. *Ecologia e conservação da Lontra Lontra longicaudis (Olfers, 1818) (Carnivora:Mustelidae) na Área de Proteção Ambiental de Anhatomirim, Santa Catarina, SC.* 2002. Trabalho de conclusão do curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- ALCOCK**, J. *Animal Behavior: an evolutionary approach.* 5a ed. Sinauer Associates. Massachusetts: Inc Publishers, 1993.
- AZEVEDO**, J. C. N. de. *Crocodilianos: biologia, manejo e conservação.* João Pessoa: Arpoador Editora, 2003.
- AZEVEDO**, M. A. G. de. *Aves de rapina (Falconiformes e Strigiformes) na Ilha de Santa Catarina, SC.* 1998. Trabalho de conclusão do curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- BASTOS**, Maria das Dores de Almeida (Coord.). *Atlas do Município de Florianópolis.* Florianópolis: IPUF, 2004.
- BEISIEGEL**, B. M. Notes on the coati, *Nasua nasua* (Carnivora:Procyonidae) in an Atlantic forest area. *Brazilian Journal of Biology*, v.61, n.4, p.688-692, 2001.
- BESSA**, E. Estratégias de defesa: uso de ferrões, dentes e veneno é precedido de sinais de aviso. *Scientific American Brasil*, n. 14, p. 10-11, 2003.
- BLACHER**, C. A lontra: aspectos de sua biologia, ecologia e conservação. Florianópolis: Projeto Larus, 1992.
- BRANCO**, J. O. Reprodução das aves marinhas nas ilhas costeiras de Santa Catarina, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia*. v. 20, n.4, p.619-623, 2003.
- BRANCO**, J. O. Reprodução de *Sterna hirundinacea* Lesson e *S. eurygnatha* Saunders (Aves, Laridae), no litoral de Santa Catarina, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia*, v.20, n.4, p. 655-659, 2003.
- BRESOLIN**, A. Flora da restinga da Ilha de Santa Catarina. *Insula*, n.10, p. 1-54, 1979.
- CARPEGIANI**, B. P. Estudo das atividades da lontra neotropical *Lontra longicaudis* no Manguezal de Ratoões – Estação Ecológica de Carijós, Florianópolis, SC, Brasil. 2003. Trabalho de conclusão do curso de Ciências Biológicas, UFSC, Florianópolis.
- CARUSO**, M. M. L. *O desmatamento da Ilha de Santa Catarina de 1.500 aos dias atuais.* Florianópolis: Editora UFSC, 1990.
- CARVALHO JÚNIOR**, O. No rastro da lontra brasileira. Florianópolis: Bernúncia, 2007.

- CECCA.** *Uma cidade numa ilha: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da Ilha de Santa Catarina.* Florianópolis: Editora Insular, 1997a.
- CECCA.** *Unidades de conservação e áreas protegidas da Ilha de Santa Catarina: caracterização e legislação.* Florianópolis: Editora Insular, 1997b.
- DEL HOYO J.; ELLIOTT A.; & SARGATAL J.** *Handbook of the Birds of the World: Ostrich to Ducks.* Barcelona: Lynx Edicions, 1992.
- DEL HOYO J.; ELLIOTT A.; & SARGATAL J.** *Handbook of the Birds of the World: New World Vultures to Guineafowl.* Barcelona: Lynx Edicions, 1994.
- DIEFENBACH, C. O. da C.** Regurgitation is normal in crocodylia. *Ciência e Cultura.* v.33, n.1, p. 82-83, 1981.
- DIEFENBACH, C. O. da C.** Thermal and feeding relations of *Caiman latirostris* (Crocodylia:Reptilia). *Comparative Biochemistry and Physiology.* v.89A, n.2, p.149-155, 1998.
- DUNNING, J. S.; BELTON, W.** *Aves silvestres do Rio Grande do Sul.* 3. ed., Porto Alegre: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul, 1993.
- FRISH, J. D.** *Aves Brasileiras.* Ed. São Paulo: Dalgas-Ecoltec Ecologia, 1981.
- FURTADO, F.** Exótico invasor. *Ciência Hoje,* n.195, p. 60-61, 2003.
- GOMPPER, M. E.; DECKER, D. M.** *Nasua nasua.* *Mammalian Species,* n.580, p.1-9, 1998.
- HOELTGEBAUM, M. P.; QUEIROZ, M. H. de.** *Bromélias de Santa Catarina.* Florianópolis: Editora da UFSC, 2006. CD-rom.
- IZAR, P.** *Análise da estrutura social de um grupo de macacos-prego (Cebus apella) em condições de semi-cativeiro.* 1994. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- Izar, P.** Aspectos de ecologia e comportamento de um grupo de macacos-prego (*Cebus apella*) em área de Mata Atlântica, São Paulo. 1999. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
- LORENZI, H.** *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil.* Piracicaba, SP: Plantarum, 1992. v.1
- LORENZI, H.** *Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil.* Piracicaba, SP: Plantarum, 1992. v.2
- LUZ, K.P.** *Uso de ninhos artificiais para avaliar a predação de ovos pelos sagüis na Ilha de Santa Catarina (Florianópolis-SC).* 2001. Trabalho de conclusão do curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

- MARQUES**, O. A. V.; **ETEROVIC**, A.; **SAZIMA**, I. *Serpentes da Mata Atlântica: guia ilustrado para a Serra do Mar*. Ribeirão Preto, SP: Holos Editora, 2001.
- MARTINS**, F. de C.; **DIAS**, M. M. Cuidado parental de *Sula leucogaster* (Boddaert) (Aves, Pelecaniformes, Sulidae) nas Ilhas dos Currais, Paraná, Brasil. *Revista Brasileira de Zoologia*, v.20, n.4, p.583-589, 2003.
- NAKA**, L. N.; **RODRIGUES**, M. *As aves da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2000.
- NASCIMENTO**, L.B.; **BERNARDES**, A. T.; **COTTA**, G. A. *Herpetologia no Brasil*. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas: Fundação Ezequiel Dias, 1994.
- OLIMPIO**, J. Conservação da fauna de mamíferos silvestres da Ilha de Santa Catarina: aspectos biogeográficos, históricos e sócio-ambientais. 1995. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- PARDINI**, R.; **TRAJANO**, E. Use of shelters by the neotropical river otter (*Lontra longicaudis*) in an Atlantic Forest stream, southeastern Brazil. *Journal of Mammalogy*, v.80, n.2, p.600-610, 1999.
- PARDINI**, R. Feeding ecology of the neotropical river otter *Lontra longicaudis* in an Atlantic Forest stream, southeastern Brazil. *Journal of Zoology*, n.245, p.385-391, 1998.
- POUGH**, F.H.; **ANDREWS**, R.M.; **CADLE**, J. E.; **GRUMP**, M.L.; **SAVITZKY**, A. H.; **WELLS**, K.D. *Herpetology*. New Jersey: Prentice-Hall, Inc, 1998.
- REITZ**, R. Bromeliáceas e a malária-bromélia endêmica. *Flora Ilustrada Catarinense*, 1983.
- REITZ**, R.; **KLEIN**, R.M.; **REIS**, A. *Projeto Madeira do Rio Grande do Sul*. Itajaí: Sudesul/IBDF, 1988.
- REITZ**, R.; **KLEIN**, R.M.; **REIS**, A. *Projeto Madeira de Santa Catarina*. Itajaí: Sudesul/IBDF, 1978.
- RIZZINI**, C.T. *Árvores e madeiras úteis do Brasil: manual de dendrologia brasileira*, 2.ed. São Paulo: Edgard Blücher, 1990.
- ROSÁRIO**, L. A. do. *Aves em Santa Catarina: distribuição geográfica e meio ambiente*. Florianópolis: FATMA, 1996.
- ROSÁRIO**, L. A. do. *Um outro olhar da Via Expressa Sul*. Florianópolis: Floriprint, 2004.
- ROWE**, N. *The pictorial guide to living primates*. New York: Pogonias Press, 1996.
- RUSCHI**, A. *Beija-flores do Estado do Espírito Santo*. Vitória: Editora Rios, 1982.

RYLANDS, A.B.; SCHEIDER, H.; LANGGUTH, A.; MITTERMEIER, R.A.; GROVES, C.P.; RODRIGUES-LUNA, E. An assessment of the diversity of new world primates. *Neotropical Primates*, v.8, n.2, p.61-93, 2000.

SANT'ANNA, F. S. *Comportamento alimentar e identificação das árvores produtoras de goma utilizadas pelo Callithrix penicillata na Ilha de Santa Catarina (Florianópolis-SC)*. 2000. Trabalho de conclusão do curso de Ciências Biológicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SANTOS, C.V. *Aspectos Sociais e Hormonais do Comportamento Reprodutivo de Callithrix kuhlii (Primates) criados em cativeiro*. 1998. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

SANTOS, C.V. Sistema monogâmico de acasalamento e estratégias reprodutivas dos pequenos primatas neotropicais. *Revista de Ciências Humanas*, n.34, p.335-363, 2003.

SANTOS, C.V.; LUZ, K.; SANT'ANNA, F. Espécies de primatas calitriquídeos introduzidos na Ilha de Santa Catarina: propostas de pesquisas e manejo. Porto Alegre: Anais do X Congresso Brasileiro de Primatologia, 2005.

SICK, H. *Ornitologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

SIGRIST, T. *Aves do Brasil: uma visão artística*. São Paulo, 2006.

SOARES, M.; SCHIEFLER, A.F; XIMENEZ, A. Hábitos alimentares de *Athene cunicularia* (Molina, 1782) (Aves:Strigidae) na restinga da Praia da Joaquina, Ilha de Santa Catarina, SC. *Biotemas*, v.9, n.1, p.85-89, 1992.

SOBRINHO, R. J. de S.; BRESOLIN, A.; KLEIN, R. M. Os manguezais da Ilha de Santa Catarina. *Insula*, n.2, p.1-21, 1969.

SOLTATELI, M.; BLACHER, C. Considerações sobre o número e distribuição espaço/temporal de sinais de *Lutra longicaudis* (Olfers, 1818) (Carnivora:Mustelidae) nas lagoas da Conceição e do Peri, Ilha de Santa Catarina, SC, Brasil. *Biotemas*, n.1, p. 38-64, 1996.

VERDADE, L. M.; SANTIAGO, M. E. B. Anais do I Workshop sobre Conservação e Manejo do Jacaré-de-papo-amarelo, Piracicaba, 1990.

VERDADE, L. M.; LAVORENTI, A.; PACKER, I. U. Manejo reprodutivo do jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*) em cativeiro. Anais do III Workshop sobre Conservação e Manejo do Jacaré-de-papo-amarelo. Piracicaba, 1992.

Sites da Internet

<http://ag.arizona.edu/~spmcl/ECOL572/Engler.pdf> (INSERI)
<http://animaldiversity.ummz.umich.edu>
<http://ar.geocities.com/pajarosargentinos/index1.html>
<http://bss.sfsu.edu/geog/>
<http://pss.uvm.edu/pss123/brovries.html>
<http://www.agro.uba.ar/aves/lista.htm>
<http://www.ambientebrasil.com.br>
<http://www.arthurgrosset.com>
<http://www.atibaia.com.br/grota/index.htm>
<http://www.avesdechile.com>
http://www.avesdelima.com/aves_pantanos.htm
<http://www.avisbrasilis.com.br>
<http://www.bdt.fat.org.br/zoologia/repteis/anais1>
<http://www.bdt.fat.org.br/zoologia/repteis/ws3.manejo>
http://www.bibvirt.futuro.usp.br/especiais/aves_no_campus/index.html
<http://www.cites.org/eng/disc/species.shtml>
<http://www.damisela.com/zoo/ave/otros/index.htm>
<http://www.damisela.com/zoo/registracion.htm>
<http://www.delfinadearaujo.com>
<http://www.faunacps.cnpm.embrapa.br/ave/macpeam.html>
<http://www.ibama.gov.br/fauna/extinção.htm>
<http://www.iucn.org>
<http://www.iucn.org/themes/ssc/pubs/policy/invasivesEng.htm>
<http://www.manezinhodailha.com.br/>
<http://www.mbr.nbs.gov/id/htmid/h2020id.html>
http://www.mec.gub.uy/natura/guia_aves.htm
<http://www.mma.gov.br/port/sbf/fauna/lista.html>
<http://www.patagonia.com.ar/index.php>
http://www.pbs.org/wgbh/nova/orchid/gall_10.html
<http://www.rainforestflora.com/Vriesea.htm>
http://www.redlist.org/info/cagories_criteria1994.html
http://www.sms.si.edu/irlspec/Cl_Aves3.htm
<http://www.unb.br/ib/zoo>
<http://www.zoologico.sp.gov.br>

Agradecimentos

Na realização de um projeto é imprescindível a participação e colaboração de diversas pessoas e instituições. Apesar do exaustivo trabalho e do esforço para a obtenção das melhores informações e imagens, a publicação deste livro só é possível com a inestimável contribuição de vários colegas profissionais e instituições. Somos, assim, integralmente gratos a todos que colaboraram durante as diversas etapas da preparação desta obra.

Agradecemos às seguintes instituições pela permissão em fotografar alguns de seus animais: o Parque Zoobotânico de Brusque, em especial a Fabrício Ulber; o Zoológico de Pomerode; o Parque Estadual Serra do Tabubeiro (Palhoça); a Estação Ecológica de Carijós (ICMBio), o Parque Malwee (Jaraguá do Sul) e o Hotel da Praia Mole, em especial ao Sr. Luis Augusto Gonzaga.

Diversos profissionais, especialistas nas áreas da zoologia e da botânica, prestaram importante auxílio na identificação de várias espécies de animais e plantas fotografados. São eles: Ademir Reis (UFSC), Daniel de Barcellos Falkenberg (UFSC), Marcos Tortato (CAIPORA – Cooperativa para Conservação da Natureza), Silvia T.S. Miotto (UFRS), Teresa Cristina Ávila Pires (Museu Paraense Emílio Goeldi), Tânia Tarabini Castellani (UFSC), Ivan Sazima (Unicamp), Cristina Maria Henrique Pinto (UFSC), Alexandre Lemos (ICMBio/RS), Silvanio (UCAD/UFSC), Oldemar Carvalho Junior (Projeto Lontra – Instituto Ekko Brasil) e Alex Sneider Iabrude (Instituto Carijós). Outros profissionais nos auxiliaram no acesso a diversas informações, através de sugestões, envio e empréstimos de material bibliográfico: Marcos Tortato (CAIPORA), Paulo César Simões-Lopes (UFSC), Jorge Albuquerque e Beatriz Beisiegel (ONG Espaço Animal, Instituto Florestal), Marcelo Marcelino de Oliveira (ICMBio/PB), Patrícia Izar (USP) e Ângela Guimarães (IFRJ).

Agradecemos a vários amigos e familiares que nos informaram da presença de animais e ninhos nas suas residências ou na região. São eles, seguidos do nome do animal: Roberto “Jardineiro” Medeiros (quero-quero), Patrick e Valerie Kuo-Peng (sagui-do-cerrado), Elcinho e Cristina Dionizio (canário-da-terra), Sérgio e Lélia Medeiros (tiriba-da-testa-vermelha), Rodrigo Castelan Carlson (lagarto), Gustavo e Aline Cabral (jacaré-do-papo-amarelo), Annye Cristiny Tessaro (jararaquinha), Renato Carlson (chimango) e Frederico Minatto (bico-de-lacre).

Para as fotos das fragatas, realizadas na Ilha do Raton Grande, agradecemos ao José Luiz Lima, proprietário do veleiro Vento Sul, pela carona. Pelo empréstimo de uma lente macro agradecemos João Pedro Assumpção Bastos.

Currículo dos Autores

Cristina Santos, bióloga, mestre e doutora em Comportamento Animal pela Universidade de São Paulo. Recebeu treinamento em pesquisa no Centro de Primatologia do Rio de Janeiro e na University of Nebraska at Omaha, EUA. Realizou pesquisas com abordagem na ecologia comportamental e comportamento reprodutivo em diferentes espécies de primatas da Mata Atlântica. Autora e coautora de vários artigos científicos em periódicos nacionais e internacionais. Coautora em capítulo do livro intitulado “The Lion Tamarins of Brazil”, publicado pela Smithsonian, que reúne resultados de 20 anos de pesquisas com micos-leões da Mata Atlântica. Escreve livros de divulgação científica para crianças sobre a natureza brasileira, tendo publicado mais de uma dezena de títulos. Seus livros já foram selecionados pelo MEC para o Programa Nacional Biblioteca na Escola, utilizados no Instituto Ayrton Senna Educação e recomendado pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. É colaboradora da Revista Ciência Hoje das Crianças na preparação de artigos. Realiza formações para professores de Ciências ensinando práticas de observação do mundo natural. www.cristinasantos.com

Principais livros publicados:

No céu o no mar: as aves das nossas praias (2019), Lagoa Editora

Eu produzo menos lixo! (2015), Cortez Editora

Abecedário da natureza brasileira (2014), Cortez Editora

A união faz a força: a vida das abelhas sociais, (2014) Cortez Editora

Um por todos, todos por um: a vida em grupo dos mamíferos,
(2013) Cortez Editora

A vida secreta das formigas (2011), Cortez Editora

Florianópolis, a capital em uma Ilha (2011), Cortez Editora

O que dizem os animais (2009), Cortez Editora

Cada macaco com seu filhote (2007), Cortez Editora

Maria Victoria Bisheimer, bióloga formada pela Universidade CAECE em Buenos Aires. Mestre pela Universidade Internacional de Andaluzia, Espanha. Trabalha como pesquisadora e consultora independente em projetos e na produção de livros de divulgação científica. Autora dos

livros didáticos “Biologia 1”, “Biologia 2”, “Biologia 3” da Editorial Doceorcas. Autora e editora, junto a Eduardo Fernández, do livro “Árboles de los Parques Nacionales del Sur” e do livro “Parques Nacionales de la Patagonia Argentina”. Atualmente trabalha como consultora ambiental e como autora e coordenadora de edição para livros de natureza nativa.

Victor Emmanuel Carlson, jornalista e administrador, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina. Também atua como fotógrafo e editor de livros e revistas. Autor dos livros ilustrados “Ilha de Santa Catarina”, “Garopaba & Região”, “Litoral de Balneário Camboriú a Bombinhas”, “Nova Trento”, “Jaraguá do Sul”, “Porto Alegre” e coautor dos livros “Aventura Arqueológica na Ilha de Santa Catarina”, “Caminhos e Trilha da Ilha de Santa Catarina” e “Florianópolis, Dois Olhares”.

Identificação das fotografias da contra-capa

